

**NOTA:** este resumo é o do CC (IM) Marques com poucos ajustes. O original foi confeccionado à luz da leitura dos livros “Uma Breve História do Século XX”, “História das Guerras”, “Guerra no Mar” e “Marinha do Brasil: Uma Síntese Histórica”. Aproveitou-se, também, os resumos do CC (IM) Mello, CC Lázaro e do CC (FN) Pessanha.

## LIVRO – UMA BREVE HISTÓRIA DO SÉCULO XX (2<sup>a</sup> edição, 2010)

### A) HISTÓRIA GERAL

#### PARTE I - AS PRIMEIRAS DÉCADAS DO SÉCULO XX

##### CAP 1 - UMA AURORA RESPLANDESCENTE

A evolução dos acontecimentos fazia com que esperássemos que o século XX fosse muito melhor do que havia sido os séculos anteriores. Isso levou as pessoas a acreditarem que o mundo estaria em um caminho que superaria todos os desastres. Enquanto a vida melhorava de forma surpreendente, era possível ver que os conflitos entre as nações na Europa pareciam se extinguir. Contudo, não era difícil perceber uma série de instabilidades que sacudiriam o mundo do decorrer do século. Mas antes vamos ver como estava a Europa no início do século XX. O século se iniciava de modo promissor e ao mesmo tempo perigoso.

#### A Europa em pleno auge: os vastos impérios

Europa dominava uma grande porção do mundo incluindo áreas consideráveis da Ásia e da África. A maior parte da frota mercante e de guerra navejava sob bandeira inglesa, francesa ou alemã e a Europa concentrava alguma das maiores cidades do mundo. Além disso, a maioria das estradas de ferro e linhas telegráficas eram construídas ou financiadas por companhias europeias. **Na Ásia, os únicos grandes países não colonizados pela Europa eram a China e o Japão.**

Naquela altura, no império britânico já era o maior até então existente, mas ainda não havia atingido o seu auge. Ele era diferente dos anteriores por ter evoluído de modo acelerado (*talvez fruto da Revolução Industrial e dos grandes avanços que ela trouxe*).

No ano de 1900, dominava os mares, com barcos carvoeiros no Mar do Norte, navios de passageiros rumo a portos distantes e embarcações sem rotas estabelecidas, com "suas chaminés cobertas de sal". O Império Britânico e a China tinham, cada um, aproximadamente 400 milhões de habitantes, abrigando, em conjunto, metade da população mundial.

Era possível perceber países como Canadá, Austrália e Nova Zelândia com grande autonomia, e seus parlamentos representavam mais fielmente o povo do que o parlamento britânico, mas não eram independentes em termos de política internacional. A Inglaterra permitia ser ignorada ou desafiada pelas colônias sobre assuntos de política externa de vital importância para as colônias, embora tais colônias ainda aceitassem a liderança britânica em caso de guerra.

Em situação diametralmente oposta, estavam as colônias da África e da Ásia, que não possuíam parlamento, juízes locais ou oficiais de alta patente e dependiam em grande parte, em termos econômicos, da Grã-Bretanha.

Nesse mesmo período, o Império Russo cresceu sobremaneira, estendendo-se do mar Báltico até o Oceano Pacífico, materializando-se pela ferrovia transiberiana, que se estendia para o leste e chegava até o lago Baikal, na Sibéria. Ainda no início do século XX, **toda essa abrangência fazia com que muitos analistas chegassem à conclusão de que o país do século XX seria a Rússia.**

A Alemanha era um império muito recente, que em pouco tempo ocupou porções da África, Nova Guiné e algumas ilhas do pacífico tendo em vista que havia se tornado **uma potência Colonial tardia**, sendo necessário

que tivesse uma marinha forte. Essa **poderosa força naval foi fator de instabilidade na Europa no início do século XX** (*pois devemos lembrar que a maior Marinha do mundo aquela época era britânica, além disso, esse avanço rápido comprometia a política de equilíbrio de poder, que até então era vigente na Europa*).

A França era o império mais antigo, fruto de mais de 300 anos de colonização. Detinha grande parte da África, incluindo uma série de províncias na costa sul do Mediterrâneo, e de ilhas do pacífico, além de pequenas colônias da América do Norte, do Sul e da Indochina. Embora com metade do tamanho do Império Russo, o **Império Francês alcançava todos os grandes oceanos do mundo.**

Com relação ao **Império Turco Otomano**, por muitos considerado em declínio, ele fazia fronteira com os mares Mediterrâneo, Mar Negro e Mar Vermelho, além do Golfo Pérsico. É **importante verificar que o caso específico do enfraquecimento do Império Turco Otomano iria ensejar situações que determinariam a eclosão da Primeira Guerra Mundial.**

**2024** A **China, prodiga em recursos, parecia adormecida e era alvo de ambição de diplomatas e negociantes europeus**. Importante salientar que europeus e americanos ainda não tinham chegado a um acordo sobre as formas de anexar e controlar o território chinês, embora alguns portos como **Xangai, Macau e Hong Kong** já estivessem sob controle da Europa, e **Taiwan recentemente anexado pelo Japão**.

**Tais impérios europeus pareciam poderosos em 1900 e continuavam ávidos por expansão. Tudo entraria em colapso ao longo do século.**

### **A Ascensão da Bandeira Estrelada**

Àquela altura, todos esses impérios pressionavam-se entre si pelos mercados consumidores e as matérias-primas necessárias ao impulsionamento econômico. Todo esse gigantismo iria fazer com que em algum momento houvesse um colapso em muito pouco tempo.

É interessante perceber a extensão do papel dos Estados Unidos tanto em questão política quanto militar. Os EUA possuíam uma população maior do que a Alemanha e despontavam como os maiores produtores de aço. Entre outros produtos, de tabaco a minerais, eram os maiores ou um dos maiores produtores. Às vésperas da Primeira Guerra Mundial, seus produtos manufaturados alcançavam a quantidade total produzida pela Grã-Bretanha, Alemanha e França juntas.

*É importante perceber todo esse avanço relacionado à produção dos Estados Unidos permitiu suprir a Europa, sendo esta última o palco das I e II GM, deixando a salvo o território dos Estados Unidos, fato esse que originaria, mais tarde, a ascensão meteórica dos Estados Unidos como maior potência global, juntamente à URSS, fazendo com que a ordem bipolar fosse a principal característica do século XX, principalmente na sua segunda metade.*

Os Estados Unidos eram o centro da criatividade, fosse em forma de religião, como a ciência cristã, fundada por Mary Baker Eddy, ou em forma de música, como o jazz, criado por afrodescendentes. A Nação prosperava em todas as áreas.

Os Estados Unidos haviam se tornado um império, e sua ascensão foi bastante percebida ao longo do século XIX como pode ser visto com a expansão para o oeste, além da negociação do Alasca com a Rússia em 1867 e a conquista de Cuba e Filipinas após a vitória sobre a Espanha. A expansão territorial impulsionou o crescimento de sua marinha, fato esse que fez com que os Estados Unidos chegassem ao posto de terceira maior marinha do mundo, em 1914, contrastando com um exército reduzido.

**2023** Os Estados Unidos, que tinham até então preferido viver em isolamento, começaram a olhar para fora no início do século XX. Planejaram o canal do Panamá, enviaram tropas à China junto a outros países no estabelecimento da ordem após a Rebelião dos *Boxers* e lideraram negociações para a paz entre a Rússia e o Japão.

## **Monarcas e Anarquistas**

É importante perceber que a monarquia estava presente em quase todos os lugares. O Czar, na Rússia, detinha quase todo poder, enquanto na Alemanha e no império Austro-Húngaro, os imperadores eram mais poderosos que seus parlamentos, principalmente em questões de política externa. Na Itália, o rei respeitava o Parlamento embora acreditasse poder passar por ele algumas vezes. No caso da Inglaterra, a rainha embora governasse mais de um quarto dos povos no mundo era menos poderosa do que a maioria dos Monarcas europeus. Ela aconselhava, mas raramente decidia

Enquanto era visível a monarquia na Europa, na África o número de reis diminuía em vistas do processo de colonização. As poucas regiões independentes que restavam na Ásia tinham seus monarcas.

Contudo, naquela época, as monarquias europeias tinham grande inimigo: **os anarquistas**<sup>1</sup>. Eles estavam presentes em países como Itália, França e Espanha e outrora aliados dos socialistas, consideravam os soberanos um grande problema. É importante mencionar que a maioria dos anarquistas não acreditava em parlamentos, desprezava a propriedade privada e guardava grande rancor dos líderes nacionais. Acreditavam que todos tinham o direito de compartilhar o poder e a riqueza. Sua primeira arama era, literalmente, a anarquia.

Para fazer pressão nos regimes constituídos **organizavam greves gerais, extremamente perturbadoras e também o assassinato de grandes líderes nacionais**. Os membros da ala mais radical dos anarquistas, chamados **terroristas**, estavam prontos para morrer pela sua causa da mesma forma que é possível verificar com relação aos terroristas islâmicos de hoje em dia. Os ataques eram voltados aos regimes constituídos e soberanos em geral e não contra símbolos de religiões tais como igrejas, mesquitas templos e sinagogas.

O terrorismo é uma velha atividade que aparece, desaparece e reaparece. Quando uma nova onda de terrorismo atingiu a Europa e o Oriente Médio durante a segunda metade do século 20, os anarquistas, com suas pistolas e facas, já haviam desaparecido da memória das pessoas.

## **Os sinos das igrejas serão silenciados?**

Igrejas, mesquitas, templos, pagodes e sinagogas tinham importância vital para a vida cotidiana, ainda que ocasionalmente estivessem sob ataque. Em praticamente todos os países ocidentais, os adultos se casavam e as crianças eram batizadas - recebendo quase sempre um nome cristão - em igrejas.

O budismo e o cristianismo, religiões mundiais com maior número de adeptos, continuavam a pregar que a vida na Terra era imperfeita. A maior parte das pessoas acreditava, profunda ou superficialmente, que a morte não era o fim da vida e que a vida após a morte poderia ser, para muitos, infinitamente mais gratificante.

No início do século XX, o cristianismo estava crescendo enquanto o Islamismo estava enfraquecido, muito devido aos **cristãos ocuparem a maior parte das regiões islâmicas**. O Império Otomano, com base em Constantinopla, permanecia como o único defensor poderoso do Islã, dominando boa parte da Ásia Menor, a Península Arábica, um pedaço modesto do norte da África e os Balcãs. A Primeira Guerra Mundial despedaçaria esse império. Esse quadro foi reforçado pela participação de missionários cristãos enviados aos quatro cantos do mundo.

As religiões mais importantes tiveram de enfrentar inimigos poderosos. O avanço vertiginoso da **ciência**, considerada por muitos como outra religião, capaz de desafiar dogmas e empreender verdadeiros milagres, levava as pessoas a questionarem sua fé usando a sua contraproposta da razão.

<sup>1</sup> Anarquia é uma teoria política que rejeita a existência de um governo. Trata-se de uma ideologia que não é a favor de nenhum tipo de hierarquia ou dominação imposta. A ideia central da anarquia é a de que sem a opressão do autoritarismo, a sociedade passaria a ser mais fraterna e igualitária, como resultado do esforço de cada cidadão.

Outro aspecto a mencionar é a perda de influência do papado, principalmente em situações de conflito, além de que, as principais potências econômicas tais como os Estados Unidos, a Grã-Bretanha e Alemanha já começavam a abrigar maior número de protestantes do que cristãos católicos.

### **Ao Balançar do Berço**

Um fato curioso é que as personalidades que mudariam os contornos da primeira metade do século XX, no início do século, estavam nascendo ou eram crianças com menos de 10 anos de idade. Nenhuma dessas crianças era capaz de perceber aonde a combinação dos eventos mundiais ou os riscos da guerra e da paz poderiam levá-las.

Foi possível observar um grande avanço na educação, até porque no início do século XX, a grande maioria das crianças não frequentava a escola, pois eram necessárias nos trabalhos nos campos ou nas fábricas recém-criadas. Entretanto, foi possível observar uma mudança de padrão de vida nos países mais desenvolvidos os quais **acabaram com o trabalho infantil e instituíram a educação compulsória, iniciando em países com padrão de vida mais alto**. Esse fato foi marcante para mudança dos paradigmas educacionais na vida do homem.

## **CAP 3 – UMA TEMPESTADE DE MUDANÇAS**

Os avanços provenientes da revolução industrial permitiriam que inventores e pessoas inovadoras moldassem ideias disruptivas, que mudariam de vez a história do homem do século XX.

Na revolução industrial predominavam os ingleses e escoceses com essas ideias, já na segunda era inventiva, entre 1850 até a Primeira Guerra Mundial foi possível ver um predomínio absoluto dos americanos. Algumas das ideias que mais mudaram a vida das pessoas foram: Dos EUA - energia elétrica, redes de transmissão de energia, elevador, técnicas de extração e refino do petróleo, arranha-céus com estrutura de aço, o telefone, o avião e a manufatura do alumínio; Da Europa – transmissão por ondas de rádio, raio-X, explosivos, motor de combustão interna, rifles e metralhadoras, além de melhorias em máquinas, dispositivos e fórmulas que já existiam.

Era uma verdadeira **tempestade de mudanças!** Neste caso, o termo tempestade cai muito bem, uma vez que tudo acontecia muito rapidamente. Para se ter uma ideia, o século XX produziu mais informações do que toda a história da humanidade junta.

As mudanças tenderiam a acontecer mais rapidamente em questões que envolviam materiais – armas que aniquilavam a vida e remédios que a prolongavam, transporte, energia e modos de poupar o esforço humano.

Contudo, com relação à questão ideológica, essas transformações não eram facilmente previsíveis e analisáveis. Algumas novas ideias no campo da religião, da política, da economia e da filosofia avançavam mais lentamente. Não era possível ver uma ordenação dos fatos, sendo normal ver o choque do novo com o velho e o surgimento de enclaves à ordem por socialistas e anarquistas, mulheres reivindicando direitos iguais e as queixas das minorias étnicas. Tais medos e esperanças seriam profundamente afetados pela Primeira Guerra Mundial. De fato, alguns desses elementos formaram o pano de fundo do conflito.

### **Uma época de apertos de mão**

Os primeiros anos do século 20 marcaram uma época notável de apertos de mãos internacionais. O que era possível ver nos primeiros anos do século XX era que o mundo parecia menor. Os meios de transportes mais rápidos, o telégrafo, as linhas de comunicação, os navios, as ferrovias, enfim todos os canais possíveis de ligação de pessoas faziam com que ficasse cada vez mais presente a ideia de que as pessoas estavam mais próximas, mesmo aquelas separadas por continentes. As informações fluíam de maneira acelerada. O homem vivia uma verdadeira revolução da informação por meio do jornal.

As atividades extractivas, a mineração, a agricultura para atender a cada vez mais pessoas, a necessidade de matéria-prima, tudo isso fez com que as cidades fossem cada vez mais para o interior, as viagens para os países se tornando mais frequentes. As pessoas não nasciam e morriam num lugar só. Não é difícil perceber que esses avanços são para o bem e para o mal, pois era possível ver com frequência que criminosos conseguiam se movimentar muito mais rapidamente. Isso levou à necessidade de uma fiscalização das fronteiras de forma mais efetiva por meio de passaporte, antes considerado supérfluo.

**O século XX, em seu início, também testemunhou um grande avanço das conferências internacionais (a era dos apertos de mãos), bem como a assinatura de muitos tratados e pactos entre as potências.**

O início do século XX significou de maneira paradoxal uma ideia de avanço progressivo da humanidade sem que outras questões tivessem sido resolvidas. Se por um lado a tecnologia era cada vez mais presente na vida das pessoas, questões ideológicas ainda pairavam como um grande problema para o desenvolvimento do homem. Definitivamente, o “primado da razão” não substituiria o pensamento militarista, mesmo com todos os avanços percebidos no início do século XX.

**O fato de o mundo estar se tornando menor não significava que necessariamente estava se tornando mais amigável.** Cada vez mais nações estabeleciam tarifas sobre importações (o declínio da ideologia do livre comércio), o protecionismo, a corrida colonial e o aumento no orçamento destinado às forças armadas. Com o aumento desse movimento, está preparado quadro para grandes fatores geradores de tensão, desequilíbrio e discórdia.

Muito embora o início século XX parecesse para muitos como um momento de paz, fazendo com que houvesse o otimismo para a existência de uma paz duradoura, houve muitas guerras travadas. Contudo, elas eram de pequena escala o que redundava em baixas reduzidas. No período de 1815 a 1914 (quando é iniciada a I GM), houve apenas um conflito armado envolvendo mais de três grandes nações, qual seja a guerra da Crimeia (durante a década de 1850), a primeira guerra onde foi possível observar a cobertura da imprensa, que opôs a Turquia apoiada pela França e a Grã-Bretanha, contra Rússia.

A tecnologia moderna, assim parecia, tornaria os embates mais curtos, especialmente aqueles travados entre nações industrializadas.

Chamou atenção, porém, no início do século XX, o conflito que envolveu a Rússia e o Japão (Guerra da Manchúria), pois ambos estavam plenamente determinados em expandir seus domínios na Ásia Oriental. A derrota da Rússia nesse conflito ampliou uma revolução popular de esquerda que mais tarde, em 1917, iria promover a Revolução Russa, mudando o destino da humanidade no século XX, uma vez que permitiria a ascensão do socialismo com suas ideias revolucionárias, além de ter demonstrado que a época da Ásia Oriental, esquecida há muito tempo, poderia voltar.

### **A ascensão do socialismo**

O socialismo parecia um grande rio no qual inúmeras correntes desaguavam. O próprio cristianismo tinha uma vertente socialista. O próprio capitalismo, com sua capacidade de produzir um aumento de bens, década após década, involuntariamente lançou a questão: por que mais pessoas não podem se beneficiar da multiplicação da riqueza?

O socialismo se aproveitou da crescente percepção das pessoas das injustiças e da inveja do capitalismo, que buscava de forma desenfreada a riqueza. Naquela época, apesar dos críticos apontarem para essa situação, não era possível afirmar que estavam aumentando as diferenças entre ricos e pobres. *Karl Marx* o profeta e estudioso da Economia, chamou a religião de "*das Opium des Volkes*" - o ópio do povo. Mas o próprio socialismo parecia

uma religião poderosa e bastante persuasiva, com tecnologia própria e textos sagrados, além de um conceito particular de **mal e pecado (chamado de capitalismo)**, bem como a crença no destino triunfal da humanidade. Muitos líderes do movimento trabalhista fundiram sua versão de socialismo com o cristianismo. Os metodistas se destacaram na fundação do Partido Trabalhista britânico.

Os norte-americanos estavam bastante adiantados no que dizia respeito à importância conferida à igualdade. **Sua busca por oportunidades econômicas e sua opção pelo individualismo**, além do fato de terem abolido a figura de reis e barões na revolução da década de 1770, **tinha funcionado como um caminho próprio rumo à igualdade**, muito tempo antes que se ouvisse a marcha dos socialistas europeus.

No início do século XX, o socialismo não contava com a maioria de partidários em nenhum país, embora um deles tenha sido convidado a compor o gabinete francês em 1839 e na Alemanha um terço dos votos na eleição de 1912 tenha sido para o partido socialista. **Acreditava-se que o socialismo poderia chegar ao poder apenas por via pacífica, e não pela revolução armada**. Houve uma sangrenta (e malfadada) revolução em Paris no ano de 1871. O mesmo aconteceu com uma tentativa de revolução na Rússia em 1905.

É curioso observar que cientistas políticos da época apontavam que a **Nova Zelândia** seria o primeiro país a adotar o socialismo devido ao seu regime de educação gratuita, ao governo administrar muitas indústrias e quase todas as estradas de ferro, pagamento de pensão a idosos, salário mínimo estipulado, reduzido número de horas de trabalho, decisão compulsória de questões trabalhistas e a proibição de grandes propriedades rurais. Um especialista em socialismo canadense defendeu que a Rússia seria menos preparada para o experimento do socialismo, pois na “ausência de um governo democrático, as perspectivas seriam duvidosas”.

### **Quem merece votar?**

Uma questão relevante do século XX era a questão do voto, uma vez que a **democracia ainda era muito jovem**, embora vigorosa, e a maioria das pessoas não podia votar. Para se ter uma ideia, na Europa quase todos os homens com mais de 21 anos, bem como as mulheres, ainda não podiam exercer esse direito. No Brasil, que havia se tornado uma das poucas democracias da América do Sul, indígenas, membros de ordens monásticas e soldados rasos também não votavam. Os regimes Democráticos ainda eram um grande desafio para humanidade.

A Rússia – o mais populoso país da Europa – não possuía parlamento até a criação da Duma (Assembleia Nacional), após a frustrada revolução de 1905, embora esta fosse um local em que mais se discursava do que se governava. Na Alemanha, algumas decisões importantes não eram da competência do parlamento eleito, o Reichstag. O Império Otomano tentava, sem muito empenho, uma forma bastante tímida de democracia.

Nesse contexto, os Estados Unidos apareciam como a mais pura democracia no mundo, embora ainda proibisse pobres e afrodescendentes de votar. Também é interessante observar que a China chegou passar por uma experiência democrática após a derrubada da dinastia Manchu, liderada pelo dr. Sun Yatsen, um cantonês cristão. Mas esse período durou pouco tempo, porque logo depois foram estabelecidos os governos controlados por militares.

Chega a ser estarrecedor o fato de que naquela época 3/4 do mundo viviam sobre liberdades civis frágeis ou precárias. Mesmo na Europa, com o nível civilizatório mais avançado, os grandes impérios ainda relutavam em garantir direitos individuais. Um exemplo disso eram os milhões de camponeses russos que precisavam de passaporte para viajar dentro do próprio país e dos judeus daquele país que somente podiam realizar seus cultos em locais restritos. **Aliás, a Rússia, vista por muitos como um país civilizado, sendo uma referência em**

**literatura, música, balé e outras artes, na verdade proporcionava a sociedade muito pouca liberdade, o que permitiu que a revolução russa tivesse êxito.**

### **A ala feminina**

Como havia comentado, ainda havia muito pouca liberdade, principalmente para as mulheres. Na Europa, as mulheres buscavam a igualdade pedindo direitos como o divórcio, o voto e a entrada na faculdade.

**No início do século XX, a maioria desses direitos estava sendo alcançada, especialmente nos países protestantes. No entanto, em nenhum lugar da Europa, havia uma mulher ocupando altos postos como juíza, política, general ou chefe de uma grande empresa.** Curiosamente, uma das instituições mais antigas, a monarquia, permitia de tempos em tempos que uma mulher estivesse acima de todos os homens.

Poucas mulheres no mundo já haviam votado em uma eleição. A **Nova Zelândia**, em 1893, tinha sido o primeiro país a permitir que elas votassem em uma eleição nacional; em três pequenos estados norte-americanos, as mulheres tinham o direito de votar quando se tratava de assuntos estaduais, porém não nacionais. Grupos de mulheres e homens, no início do século XX, tentavam diligentemente aprovar leis que permitissem o sufrágio feminino, em parte por acreditarem que elas ajudariam a purificar a vida nacional ao combater a prostituição, o hábito de beber em excesso e outros males sociais.

A primeira eleição nacional em que mulheres puderam votar e também concorrer para o parlamento aconteceu na **Austrália**, em 1903. Na China e na Índia, os direitos das mulheres, com poucas exceções, eram quase invisíveis. Considerando o mundo como um todo, pode-se dizer que as novas atitudes europeias em relação ao patrimônio das mulheres, ao casamento e às crianças é que eram exceções em 1900.

### **Conflitos étnicos**

Era possível observar também tensões e conflitos cada vez maiores onde as potências europeias tradicionais enfrentavam minorias étnicas, fosse dentro do próprio país ou de outro lado da fronteira. Se a minoria étnica seguisse uma religião diferente, era provável que as tensões aumentassem ainda mais. Entre essas áreas de conflito estavam a Irlanda britânica; os Balcãs e o **Mar Negro**, de onde os **turcos se retiravam lentamente; a Europa Central, em que os Eslavos enfrentavam os alemães; e os Alpes, onde os italianos enfrentavam os austriacos.** Ambas as guerras mundiais teriam início em regiões nas quais grandes potências europeias defendiam sua soberania e prestígio, enfrentando grupos étnicos mais fracos.

O **território austro-húngaro** era o mais densamente povoado dos grandes impérios e o mais diverso deles, com 11 etnias principais. Fazia fronteira com quatro estados poderosos, em três dos quais viviam grupos que também habitavam seu território. A situação nem sempre era harmônica.

**Nos Balcãs, três povos e suas respectivas religiões competiam.** Embora os **turcos** não detivessem mais o controle da região, grandes populações de **muçulmanos** haviam permanecido nela. A cidade de **Sarajevo** fazia parte do grande Império Austro-Húngaro e com metade da população de muçulmanos que ali habitavam eram governados por **austriacos católicos** sediados em Viena. Na mesma cidade e província, vivia uma grande população **sérvia**, de religião **ortodoxa**, leal ao novo reinado da Sérvia no outro lado da fronteira.

Desta feita, muitos **jovens sérvios se achavam pertencentes a uma Irmandade Eslava especial** e queriam recuperar o local supostamente usurpado pelos austro-húngaros, dentre eles estava **Gavrilo Princip**, que em conjunto com outros compatriotas **sérvios**, estava envolvido em uma **sociedade secreta chamada Mão Negra**.

**Em 28 de junho de 1914, Princip assassinou o arquiduque Francisco Ferdinando, herdeiro do trono austro-húngaro, e sua esposa Sofia.** Ao saber da morte do herdeiro, a maior parte dos austriacos ficou revoltada e contaram com o apoio do Imperador **Wilhelm**, da Alemanha.

A Sérvia chegou a apresentar o pedido de desculpas, embora este tenha vindo de forma tardia. Foi percebido também, mais tarde, que uma facção do exército sérvio proveu armas e explosivos aos conspiradores. Esse quadro fez com que um mês após o assassinato do Arquiduque, em 29 de julho de 1914, a primeira bala austriaca fosse disparada contra a capital sérvia.

Não é difícil imaginar nesse quadro de tensões cada vez mais crescentes, principalmente com relação à religião e aos conflitos étnicos, além da corrida colonial para expansão de mercados, que um grande conflito pudesse chegar e de fato ele chegou com a chamada Grande Guerra. A grande guerra estava a ponto de começar.

## PARTE II – A GUERRA DAS GUERRAS

### CAP 4 - A GUERRA DAS GUERRAS

A Primeira Guerra Mundial (I GM), o evento mais significativo do século, não foi apenas traumático enquanto durou, mas também teve efeitos profundos:

- para impulsionar a Revolução Russa;
- foi uma das causas da depressão financeira da década de 1930;
- estimulou, direta ou indiretamente, a ascensão de Hitler e da Alemanha nazista, ajudando a provocar a Segunda Grande Guerra;
- acabou com o apogeu da Europa ocidental e seu domínio mundial; e
- acelerou a ascensão dos Estados Unidos e da União Soviética.

Uma boa parte do potencial inventivo que teve origem no final do século XIX e do século XX, incluindo aeronaves, energia atômica, exploração do espaço sideral, inovações na medicina e mesmo o primeiro computador tiveram como pano de fundo as necessidades geradas nas duas grandes guerras. Essas guerras produziram profundas modificações na sociedade que conhecemos hoje, o que veremos mais à frente

#### O Cronograma da Guerra

Com relação especificamente à I GM, os combates começaram ainda em 1914 com uma dicotomia estranha entre otimismo e pessimismo, uma vez que era possível perceber que haveria grande perda de vidas. Em compensação, presumia-se que o conflito seria breve, com a crença de que a nova contenda terminaria antes do Natal ou menos. Tal previsão, amplamente disseminada, surgiu em parte pelo fato de que todas as últimas guerras ocorridas na Europa terem sido rápidas (Ex. França x Prússia – 1870). Essa crença foi acentuada pela sensação de que o sofisticado sistema bancário e financeiro não aguentaria sustentar uma guerra longa. Além disso, era imaginado que as pessoas não iriam tolerar um conflito extenso, o que poderia gerar escassez de comida e outros traumas sociais. Como veremos, esse pensamento seria enganoso.

O breve espaço entre a declaração de guerra e o envio dos exércitos à fronteira e das esquadras ao mar é considerado por alguns historiadores mais uma das causas do conflito. Entretanto tal cronograma foi resultado da crença de que o combate era quase inevitável e de que seria curto: os retardatários pagariam um alto preço, sendo subjugados antes que tivessem tempo de se preparar. O conflito iniciou com tensões de pequena e média proporção entre a Áustria e a Sérvia, supostamente com a culpa da Sérvia pela leniência com relação ao assassinato do arquiduque Francisco Ferdinando. Entretanto, nos dias seguintes, aliados foram se juntando a esses países. A Alemanha juntou-se à Áustria. Do outro lado, a França, a Rússia e a Grã-Bretanha formaram outra aliança. Esse sistema fez com que a guerra fosse desde o Mar do Norte até as planícies da Polônia, que ainda não era um país constituído.

Além disso, era possível observar batalhas navais em locais longínquos como o **mar da China**, nas **extremidades frias da América do Sul e nos portos das ilhas pacíficas**. Ainda no primeiro mês após a eclosão do conflito e o aumento na escala das agressões, o Japão se posicionou contra Alemanha, empregando a Marinha, mas recusando o envio de um exército para Europa. Já em novembro de 1914, o império Turco-Otomano se juntou à Alemanha. Já em maio de 1915, a Itália, para surpresa de muitos, se juntou à França e à Grã-Bretanha.

Quanto mais países se juntavam à luta mais difícil se tornava a tarefa de reunir todos eles para uma negociação de paz. Além disso, o patriotismo que era visto tornou-se agressivo. O sentimento de unidade nacional era cada vez mais visível. A França tinha um exército com pouca munição para grande quantidade de armas de fogo. Nesse conflito foi possível observar certo grau de improviso principalmente com relação a parte logística e o auxílio médico aos feridos em combate. Os soldados franceses feridos em ação eram levados em vagões de trem que eram utilizados outrora para o transporte de gado e cavalos. Observou-se também um avanço veloz dos alemães pela Bélgica. Pelo norte da França, a resistência feroz de franceses e de ingleses fez com que Paris não fosse invadida. Os exércitos rivais, então, se atacavam no *front* ocidental (francês), sem que nenhuma das partes obtivesse uma vitória decisiva.

Ficou claro no início das hostilidades os arroubos de **NACIONALISMO**. Sindicatos e partidos trabalhistas, que se imaginava ficarem de fora do conflito, fizeram-se presentes, com membros mais jovens se alistando nas fileiras das forças armadas contendoras. Minorias étnicas – que também se esperava que ficassem de fora – juraram fidelidade às suas pátrias, em eventos até então inéditos.

Como exemplo a família real Russa, que tinha fortes conexões com a Alemanha, demonstrou vigorosamente seu nacionalismo ao alterar o nome de sonoridade germânica de sua capital, São Petersburgo, para o mais eslavo Petrogrado.

O avanço rápido da Alemanha nas primeiras semanas do conflito foi ficando cada vez mais lento até se estagnar. O conflito que, inicialmente, caracterizou-se por dinamismo marcante depois ficou definido como um conflito “sujo de trincheiras”, pois eram como escudos para tropa. Cada metro de terreno ganho acontecia às custas de muitos mortos e feridos, à medida que era descarregado imenso e massivo poder de fogo contra o oponente. Esse *estatismo* (*guerra de trincheiras*) da guerra, **além do grande número de participantes fez com que o conflito perdurasse por muito mais tempo do que era esperado**. Alia-se a isso, **o parco tempo de preparação das tropas e das esquadras**.

Foi possível verificar também a grande possibilidade de recursos humanos para reposição de pessoal e combate. Em 1914, a maioria das nações europeias obrigava quase todos os seus homens jovens e de meia-idade a passar por treinamento militar. Além disso, boa parte das mulheres foi transferida para trabalhos associados ao conflito, tais como em fábricas de munições e hospitais.

Enquanto que nas guerras napoleônicas era possível se dispor de no máximo 12% do “produto nacional” para as atividades bélicas, na I GM esse percentual poderia chegar a quase 50%. As modificações vivenciadas nos 100 anos anteriores melhoraram sobremaneira o aproveitamento de energia e mão de obra. o que permitiu nos meses iniciais do conflito que enorme quantidade de pessoas desempenhassem as tarefas de produzir e manejar armas. **A evolução na logística da guerra contribuiu para o seu prolongamento.**

O número de mortos e feridos nos primeiros quatro meses de guerra foi muito mais alto do que o esperado. Os mortos só aumentavam, quando em 1915 os fogos de barragem proveniente da artilharia e as metralhadoras faziam cada vez mais vítimas e favoreciam ao **estatismo** cada vez maior das tropas.

## Gallipoli – Um Prêmio Desaparecido

Como não poderia deixar de ser, um conflito com essa magnitude foi composto por reviravoltas e oportunidades. Uma dessas foi **Gallipoli**, que era uma península turca que permitia o controle para a curta e estreita rota marítima do Estreito de Dardanelos, reunindo o mar Mediterrâneo ao mar Negro pelo Estreito de Bósforo. Antes da guerra, os alemães percebendo a importância dessa rota marítima tentaram controlar buscando aliança junto à Turquia. Menos de uma semana antes da guerra começar, a Alemanha e a Turquia assinavam secretamente uma Aliança Militar. Tal aliança propiciava um ganho duplo, uma vez que o Império Otomano se estendia até próximo ao **Canal de Suez**, outra importante rota marítima.

**2013** O Estreito de Dardanelos também era vital para Rússia, pois esta não podia usar o Mar Báltico, uma vez que essa saída era controlada por navios e submarinos alemães. O Mar Negro era, portanto, essencial para a Marinha e os navios cargueiros russos, os quais levavam os grãos que alimentavam alguns de seus aliados ocidentais. A Rússia estava semiestrangulada por sua geografia peculiar, bem como pelo fato de a marinha alemã controlar a foz do Báltico e, com a ajuda da Turquia, o Mar Negro. A desarticulação econômica provocada pelo longo bloqueio de guerra também ajudou o desencadear da Revolução Russa, três anos mais tarde.

No início de 1915, o Estreito de Dardanelos tornou-se crucial. A Grã-Bretanha e a França necessitavam urgentemente de uma maneira de enviar armas e munições para Rússia que tinha abundância de soldados, mas uma escassez terrível de armamento pesado, metralhadoras leves, rifles, munição e mesmo uniformes para inverno. O Colossal exército Russo era comparado a um rolo compressor gigante, que no primeiro ano de guerra começou a andar, mas depois foi parando porque não possuíam as ferramentas adequadas para o combate.

A Grã-Bretanha com toda sua força naval começou a considerar a ideia de ocupar o Estreito de Dardanelos, e depois poderia conquistar Constantinopla, a capital da Turquia e centro da indústria de armamentos, e assim reabrir a rota marítima para Rússia. A Marinha inglesa, excessivamente confiante, fez planos ambiciosos, bombardeando inicialmente os fortes turcos próximos à entrada do Estreito. O ataque foi um fracasso e custou muito caro à Inglaterra.

Naquela altura, os turcos decidiram inicialmente transferir a capital de Constantinopla para o terminal Ferroviário de **Ankara**, no interior do país. Enquanto isso, a guarnição turca no Dardanelos, que inicialmente era de duas Divisões, passou para seis. Finalmente, em 25 de abril de 1915, as forças britânicas, francesas, australianas e neozelandesas chegaram às praias da península de Gallipoli e montaram uma perigosa base de operações perto Dardanelos. Os ataques seguintes levaram a um elevado número de mortos e feridos. Os reforços foram intempestivos e não resolveram o impasse gerado. Ao mesmo tempo, o exército Russo se reuniu no porto de Odessa, no Mar Negro, em prontidão para um ataque independente a Constantinopla, que nunca ocorreria.

Não é difícil perceber que os turcos estavam sob grande pressão. Atacados pelas forças anglo-francesas perto do Dardanelos, também enfrentavam a ameaça de um significativo regimento Russo próximo às montanhas do Cáucaso. Em 27 de maio de 1915, apenas 1 mês após a invasão de Gallipoli, o governo turco concluiu que seu país também abrigava o inimigo interno perigoso. Decidiu deportar os **cristãos armênios**, exceto os que viviam nas cidades portuárias de Constantinopla e **Izmir**, onde a sobrevivência era mais fácil. Os deportados foram para o deserto sírio. No caminho, homens, mulheres e crianças foram assassinadas por soldados e civis turcos e muitos outros morreram de doenças e fome. Chegou-se a falar inclusive em genocídio, pelo fato de números não oficiais darem conta de mais de um milhão de mortos.

**Depois de lutar contra os turcos em uma faixa de praias e colinas próximas ao mar, os britânicos e franceses concluíram que a vitória no Estreito de Dardanelos era impossível.** Perto do final de 1915, seus soldados foram silenciosamente retirados dali e enviados para outros lugares. **Gallipoli finalmente foi abandonada, lá permanecendo apenas as fortificações turcas e os túmulos.**

Se os aliados tivessem tido sucesso em tomar o estreito e Constantinopla, poderiam ter mandado comboios semanais de suprimentos para os mal-armados russos. O resultado da guerra para a Rússia poderia ter sido diferente. Mas essa reviravolta em potencial não se realizou.

Antes de prosseguir é importante fazer uma pequena reflexão sobre os motivos do fracasso em Gallipoli. Como comentado anteriormente, o Estreito de Dardanelos era um ponto focal para os contendores naquela guerra. Os britânicos queriam controlar o Estreito, pois assim teriam um posto avançado para proteger o Canal de Suez, no Egito, tendo em vista a exploração de petróleo e o controle da região como uma forma de aumentar sua influência sobre a Síria e o Líbano. Já a Rússia precisava do controle do Bósforo e Dardanelos para ter acesso ao Mediterrâneo, pois o seu controle por outra nação poderia gerar um gargalo que tornaria inútil toda sua frota no Mar Negro, os únicos portos com águas quentes do país. Já o império otomano queria manter a posição por ser território deles mesmos, ou seja, havia questões de soberania.

A concepção do ataque britânico contemplava o primeiro desembarque anfíbio da história moderna. Por ser o primeiro, muitas dificuldades teriam que ser superadas: havia fortificações naturais e uma concentração de tropas turcas muito bem armadas para defender a Península. Essa combinação fez com que dos 489 mil soldados, originais de ambos lados, gerassem 302 mil baixas. Tantas dificuldades minaram a vontade de lutar de ambos os lados. O que seguiu foi uma retirada das tropas invasoras, em muitos utilizando de meios inovadores, a fim de conter o fogo turco. De fato, Gallipoli foi uma das campanhas mais desastrosas da I GM.

### **Um rio tingido de sangue**

Já em continente europeu, perto da fronteira entre a França e a Bélgica, corria o **rio Somme**. Um vasto exército de britânicos e franceses foi reunido de forma silenciosa em trincheiras e abrigos. Dali soldados, muitos dos quais vindos da abandonada Gallipoli, esperavam abrir caminho entre as fortificações e trincheiras alemãs, vencendo o estatismo reinante naquele *front* da guerra. O que estava por vir era um dos combates mais sangrentos da história das guerras.

No nascer do sol de primeiro de julho de 1916, o ataque britânico começou com dezenas de milhares de soldados que estavam escondidos nas trincheiras e abrigos começando a avançar contra as linhas germânicas. Essa batalha durou mais de quatro meses e foi composta de ondas de soldados que emergiram das trincheiras para renovar cada vez mais o ataque. A batalha só terminou formalmente em 18 de novembro de 1916, com o número de baixas, por parte dos ingleses de 420 mil. Somando-se franceses e alemães a contagem de mortos e feridos chegaria perto de um milhão. É curioso perceber que esse total poderia ser ainda mais alto se não fosse o fato de haver **falta de munição** em alguns dias de combate.

Essa questão faz emergir a ideia de que o resultado da Guerra dependia parcialmente do que as fábricas de munição poderiam oferecer. A título de informação, a Alemanha, no momento de início dos conflitos, era a maior produtora europeia de produtos químicos, máquinas e uma série de itens tais como rolamentos e velas de ignição. A Grã-Bretanha e a França, incapazes de igualar-se ao poder industrial da Alemanha, precisavam importar muitos produtos dos Estados Unidos. **Assim, conclui-se que sem o suprimento dos norte-americanos, a Grã-Bretanha e a França teriam perdido a guerra em seu primeiro ano.**

**Mais do que qualquer conflito anterior, a I GM seria vencida em fábricas, siderúrgicas, minas de carvão, fábricas de material bélico e em estaleiros de construção naval.**

É fácil concluir que os cargueiros americanos seriam alvo da Alemanha. Tornou-se frequente a prática germânica de interceptar navios cargueiros que transportavam materiais bélicos norte-americanos para Europa por meio de seus submarinos equipados com motores a diesel capazes de lançar torpedos mortais sobre navios próximos, que não tinham tempo de alterar a rota. Em setembro de 1914, o Submarino alemão U9 afundou 3 cruzadores britânicos. Essa prática alemã tinha por base impedir que suprimentos chegassem à Grã-Bretanha. Assim sendo, navios de passageiros e cargas, mais do que embarcações britânicas de guerra, eram o alvo principal dos alemães.

Foi marcante o ataque de submarinos alemães contra o Transatlântico Lusitania quando se aproximava do fim de sua viagem procedente dos Estados Unidos, em maio de 1915, que ocasionou a morte de 1.198 pessoas. Esse evento causou protestos intensos em todo mundo. A partir de então, os alemães decidiram poupar embarcações de transporte de passageiros ou de bandeira neutra que, no entanto, eram ocasionalmente afundadas. Nada motivou mais Estados Unidos a deixar de ser na nação neutra e entrarem na guerra do que os alemães e seus ataques intermitentes aos navios norte-americanos, especialmente nos primeiros meses de 1917.

Além disso, epidemias severas como o tifo chegaram ao leste europeu e o gás começou a ser utilizado como arma de guerra afetando centenas de milhares de pessoas. Os traumas de guerra apareciam como nunca antes na história. A disenteria amebiana era comum no norte da África, mas até então não havia atingido a Europa, até que no verão de 1915, se espalhou pelas trincheiras em Gallipoli, que para o especialista em medicina tenente-coronel Arthur F. Hurst, foi um dos fatores decisivos para o fracasso da campanha. No verão de 1916, na Macedônia, quase todos os soldados sofreram com nuvens de mosquito de malária. É importante observar que nos quatro anos da primeira guerra mundial, um soldado morria de alguma doença para cada 4 soldados mortos por munição, estilhaços ou explosivos de alta potência.

### O dilema das nações neutras

A “Grande Guerra” não havia envolvido ainda muitas nações europeias, que permaneciam neutras. Os três países escandinavos não estavam lutando, além disso, a Holanda permaneceu neutra, enquanto a Bélgica estava subjugada. A Espanha permaneceu neutra, enquanto Portugal fazia malabarismos para ser metade isento e metade aliados da Grã-Bretanha. Esse quadro permaneceu até 1916, quando finalmente recebeu uma declaração de guerra da Alemanha. Já a Itália manteve a neutralidade por algum tempo, mas entrou na guerra em 1915, ao lado da Grã-Bretanha, França e Rússia.

Os Estados Unidos e a China não se juntaram à Contenda até 1917, mesmo assim o papel da China no conflito foi muito pequeno. América Latina também tinha muitos países neutros, até que o conflito chegasse perto do fim.

Essencialmente, a I GM foi uma guerra travada com bloqueios tão poderosos quanto as armas, afetando também as nações neutras. Considere o caso da Suíça que tem no turismo fonte de suas maiores receitas e que viu recursos diminuírem drasticamente no decorrer da Guerra.

A Guerra deu chance que os reformistas sociais esperavam, gerando movimentos entre as mulheres. O movimento pela temperança, forte entre as mulheres, ganhou milhões de aliados e persuadiu Estados Unidos e Austrália a limitar a venda de bebidas alcoólicas. Muitas famílias reais passaram a fazer seus brindes patrióticos com limonada. A Rússia proibiu a venda de vodca.

No mundo ocidental, a campanha em prol do voto feminino ganhou força a partir da Guerra. As mulheres argumentavam que estavam trabalhando nas fábricas de munições e produtos químicos e que seus filhos,

irmãos, namorados ou maridos estavam morrendo no *front* e ainda assim elas não possuíam o direito de votar e decidir pela guerra ou pela paz.

Como resultado, em 1919, o voto foi concedido para as mulheres na **Alemanha**, na **Suécia** e na **Polônia**. No ano seguinte, mulheres americanas receberam permissão para votar em uma eleição presidencial. Para maioria ou para todas as mulheres da Grã-Bretanha, da França e de diversas outras democracias consolidadas o direito ao voto feminino ainda não tinha sido obtido, mas a guerra havia fortalecido essa campanha.

## CAP 5 - REVOLTA EM PETROGRADO, PAZ EM PARIS

No final de 1916, o número de baixas aumentava sobremaneira. As trincheiras eram abomináveis, principalmente no inverno. Não era vislumbrada uma vitória absoluta por nenhuma das partes e isso ocasionava o moral extremamente baixo entre as partes e que contaminava a população civil.

### As Revoluções

Esse quadro fez com que muitas forças se enfraquecessem. Dentre elas, as russas foram as primeiras. Não conseguiam receber suprimentos necessários devido **ao bloqueio nos Bálcãs e no Dardanelos**.

O enfraquecimento do exército agravava a atmosfera de medo e descontentamento no país, uma vez que o povo russo, por característica, sempre foi muito patriótico. Nesse sentido, ver a nação sob a perspectiva de ser derrotada no terceiro conflito seguido seria um grande golpe. Após perder a guerra da Crimeia, na década de 1850, e a guerra contra o Japão, em 1905, a Rússia enfrentava uma situação ainda mais difícil.

A família real Russa, que sempre foi foco de tradicional lealdade, desapontou até as pessoas que eram mais leais a ela. O Czar Nicolau II perdia cada vez mais popularidade. Nas cidades, os suprimentos de comida e combustível eram irregulares. No final de 1916, levantes ocorridos nas indústrias eram frequentes. A inflação atingiu níveis inimagináveis. Muitas famílias entraram em pobreza extrema passando muito mais fome do que nos períodos de paz, porque as estradas de ferro não davam conta dos carregamentos de comida e suprimentos de guerra. A comida era escassa também na Alemanha e na Grã-Bretanha, porém nesses países o sistema de racionamento deu certo o que não foi observado na Rússia, em muito devido a inaptidão administrativa dos governantes.

Em março de 1917, Nicolau II foi obrigado a abdicar. Naquela altura uma coalizão de cidadãos, incluindo um dos homens mais ricos da Rússia, formou um novo Ministério na esperança de vencer a guerra e revitalizar a nação. Reformistas, e não revolucionários, ofereceram esperança. No entanto seus principais oponentes, membros do extremamente organizado partido **bolchevique**, haviam decidido que eram os únicos que podiam dar esperança ao povo.

O líder dos bolcheviques, o intelectual conhecido como **Lenin** - pseudônimo adotado em 1901 - estava exilado, tendo vivido por períodos variados na Inglaterra, na França, na Áustria e na Suíça. Lenin traçou estratégias astutas para seu partido e tirou vantagem das poucas oportunidades que se lhe apresentaram. Porém ainda não ousava retornar à Rússia em carne e osso.

**2020** Em abril de 1917, **com dinheiro e o apoio oficial da Alemanha**, Lenin e outros companheiros viajaram em um vagão ferroviário protegido, chegando de trem a São Petersburgo. Lá foram recebidos alegremente pelos bolcheviques, iniciando um trabalho diligente para fundar o que ele chamava de **“uma ditadura revolucionária-democrática do proletariado e da classe camponesa”**. Seu desejo era realizar uma revolução em seu país natal para depois iniciá-la em outros países. Prosseguir com a guerra não era de seu interesse. Na verdade, ele a via com uma distração perigosa, **por isso o governo alemão secretamente lhe dera dinheiro e o mandaram para casa, pois sucesso de Lenin serviria aos seus interesses**.

Na França e na Grã-Bretanha havia a preocupação de que bolcheviques pudessem tomar o controle da Rússia e retirar as suas forças da guerra. Mas talvez a balança pudesse ser desequilibrada se os **judeus russos**, em grande número e em alguns dos quais poderosos dentro do novo movimento político, fossem convencidos a continuar lutando contra Alemanha. Em **2 de novembro de 1917**, logo antes dos bolcheviques tomarem o poder, o secretário do exterior britânico **Arthur Balfour** declarou que, depois que a guerra terminasse, seu país iria se posicionar a favor do incentivo a construção **de uma nova pátria Judaica na Palestina**. Delegados judeus foram enviados a São Petersburgo para anunciar o que mais tarde viria a ser conhecido como “**Declaração Balfour**”. O Oriente Médio jamais seria o mesmo, pois Balfour cumpriu sua promessa.

Iremos falar sobre isso mais tarde, mas por agora é importante notar que isso seria a fonte de uma das fortes e grandes tensões do final do século XX e início do século XXI.

Em 6 de novembro de 1917, Lenin regressou disfarçado à São Petersburgo, ajudado por *Leon Trotsky* e seus homens tomaram estações de trem, correios, a companhia telefônica, bancos, centrais elétricas, pontes cruciais sobre canais e rios e todos os centros nervosos da capital. Em Moscou, o Kremlin foi dominado. No controle de muitas cidades, Lenin tornou-se oficialmente o líder do primeiro **Conselho de Comissários do Povo**.

O caos criado pelos bolcheviques começou a surtir efeito. Os revolucionários tomavam as ruas. Esse clima abrirá cada vez mais o caminho para a ação dos revolucionários para a tomada do poder. Lenin também se preparou para ofensivas posteriores, principalmente dos **camponeses** que poderiam rechaçar a revolução que estava nascendo. Nesse sentido, prometeu terras gratuitas para os camponeses. Embora por ideologia não acreditasse na propriedade privada, ao oferecer terras - ao mesmo tempo em que não pagava nenhuma compensação aos grandes latifundiários, cujas propriedades eram confiscadas - agradava camponeses e radicais da cidade. **Os Comunistas, como passaram a se denominar, tornaram-se promotores do capitalismo rural.**

Com poder cada vez mais consolidado, Lenin estava determinado a tirar a Rússia da Guerra, **pois queria a paz para que pudesse construir uma sociedade revolucionária que inspirasse os socialistas de toda Europa**. Mesmo assim, a **assinatura de um Tratado de Paz com a Alemanha e a Turquia, em março de 1918**, seria um duro golpe aos patriotas russos. Parte do território do país passou às mãos da **Alemanha, da Romênia e da Turquia**. Por algum tempo, até mesmo Ucrânia e a Geórgia foram perdidas, embora tenham sido retomadas mais tarde. Logo, a **Polônia, a Finlândia e as três províncias bálticas da Letônia, Estônia e Lituânia** tornaram-se nações independentes (**Tratado de Brest-Litovsk**). **Uma vasta extensão de terras produtoras de grãos, agora, fora do domínio de Lenin agravou a escassez de comida na nova terra dos experimentos.**

Falando sobre movimentos sociais é importante perceber o maior de todos daquela época e o que ocasionou a retirada da Rússia do conflito. Mais à frente, veremos como os revolucionários superaram essas dificuldades.

### **Os norte-americanos desequilibram a balança**

A revolução na Rússia agradou à Alemanha. A paz no leste permitiria que um enorme número de soldados alemães se deslocasse para o *front* ocidental. Lá, finalmente poderiam vencer a França, onde o entusiasmo inicial pela guerra vinha se esgotando.

**Em abril de 1917, o presidente dos Estados Unidos, Woodrow Wilson, com a concordância do congresso, declarou guerra contra os alemães.** O exército norte-americano àquela altura era pequeno e foram necessários muitos recrutamentos e treinamentos, quando, no começo de 1918, que seria o último ano da guerra, apenas 175 mil soldados americanos haviam chegado à França.

A Alemanha, ainda podia vencer no conflito. Apesar de apelar por paz, o país transferiu os soldados do *front* Leste para Oeste, onde lançou uma ofensiva feroz, que chegou a 70 km de Paris antes de parar. Talvez nenhum fator isolado tenha colaborado tanto para convencer os alemães de que a guerra estava perdida **quanto à**

**presença de um exército norte-americano que agora totalizava 1,5 milhão de soldados em meados de 1918**, sendo fator decisivo para a derrota da Alemanha não pelo que fez, mas pelo que poderia ter feito. Esse é um grande efeito da dissuasão!

Em setembro 1918, os aliados da Alemanha decidiram que estavam fartos. A Bulgária assinou um armistício separado. Em outubro foi a vez do Império Turco-Otomano firmar uma trégua e, alguns dias mais tarde, o pedido de rendição do Império Austro-Húngaro foi aceito. A monarquia Austro-Húngaro estava esfacelada, e a Lugoslávia, a Tchecoslováquia e Hungria formavam suas próprias nações.

A Alemanha sozinha no conflito. Seus soldados ainda lutavam bravamente no *front* ocidental, mas nos primeiros 10 dias de novembro de 1918 a vida civil na Alemanha estava se rompendo diante de tensões, privações e perda de esperança. Isso era percebido pelo motim de marinheiros alemães no porto de Kiel, pela bem-sucedida revolução socialista na Bavária e pela abdicação do Imperador Guilherme II.

No dia 11 de novembro – um dia de humilhação para Alemanha, porém muito desejado por muitos países – um armistício foi assinado. É inegável que os Estados Unidos desequilibraram a balança da Guerra.

### A batalha nas negociações de paz

O que se seguiu depois foi uma batalha nas negociações de paz. Já em janeiro de 1918, o Presidente Wilson apresentou em Washington seus 14 pontos, com destaque para um parlamento mundial permanente e uma Liga das Nações que atuasse como futuro pacificador e sanador de problemas. Wilson queria uma paz branda e não cruel para o perdedor.

Mais próximo do fim da guerra, Wilson apresentou uma opinião, deixando implícito que a França, em especial, deveria perdoar e esquecer os sentimentos de vingança oriundos de confrontos anteriores com Alemanha. Wilson conclamou as grandes nações vitoriosas a oferecer “**justiça imparcial**” e rejeitar o egoísmo econômico.

Um mês após o fim da Guerra, Wilson partiu para a Europa, sendo bem recepcionado na França e na Inglaterra. Ao chegar à Itália, em Roma, viu cartazes de boas-vindas que dizia bem-vindo ao “deus da paz”, por fim, Wilson chegou à Conferência de Paz de Paris. Por outro lado, Clemenceau, “a voz da França”, então com 77 anos, apesar de tratar Wilson de forma cortês, achava que sua mensagem não tinha nada a dizer ao povo sofrido da França.

Líderes das nações vencedoras queriam e conseguiram dividir a área central da Alemanha, tomaram suas colônias, confiscaram sua Marinha e dispersaram o seu exército, impuseram uma imensa multa à Alemanha, chamando-a de reparações, como reembolso aos custos da guerra. **Como, em 1871, a Alemanha tinha imposto uma paz cruel à derrotada França, esse novo tratado de paz - assinado em Versalhes, em 1919 - repetia o mesmo espírito punitivo. A pena de 1919, no entanto, foi ainda mais severa.**

O Tratado de paz insistia que Alemanha e o imperador *Wilhelm* II eram os únicos culpados pela guerra. Da mesma forma, **alemães se sentiram traídos por Wilson, que havia lhes prometido uma paz justa, mas que, de mãos atadas, não poderia cumprir**.

A guerra havia prejudicado o comércio e arruinou milhares de vilarejos, devastando pasto e terras agrícolas, além de matar milhões de cabeças de gado e avariado inúmeras ferrovias e rodovias. Ademais, a guerra afundou mais navios cargueiros do que existiam no mundo em 1900.

Alia-se a isso que, naquele momento, o mundo sofreu um novo surto de gripe, iniciado nos campos de batalha da França em 1918. Esse surto matou milhões de pessoas na Índia e se alastrou para todo mundo, tendo recebido o nome de gripe espanhola. De fato, ela matou mais pessoas do que a primeira guerra mundial.

Uma vez assinado o Tratado de Paz em Versalhes, desenhado por muitas mãos, tornou-se um labirinto de meios-termos e fonte de inúmero de outros conflitos. Além disso, Wilson teve a tarefa de convencer seu próprio povo a acatá-lo. Wilson tentava persuadir a população de que a Liga das Nações, prestes a ser constituída, seria benéfica para os Estados Unidos, para Europa e para o resto do mundo.

Wilson voltou para casa confiante de que seu país seria o mais influente na Liga das Nações. A opinião pública estava em seu favor, bem como 33 governadores o apoiavam, mas os céticos multiplicavam-se. **O legado de Wilson foi uma Liga das Nações da qual seu país se recusou a participar.**

A Liga, cujo primeiro encontro se deu em 1920, parecia ser o farol do mundo. Seu objetivo era prevenir guerras e impor a justiça social. Pretendia proteger os povos que viviam sob o domínio europeu, acabar com os resquícios da escravidão e suavizar o fardo dos que trabalhavam duro todos os dias.

O conselho inaugural era composto de quatro membros regulares: Grã-Bretanha, França, Itália e Japão, complementado pelos representantes eleitos pela própria Assembleia. **A ausência dos Estados Unidos, da China, da União Soviética e da Alemanha** foi um golpe prejudicial no prestígio e na influência do Conselho.

Dois desses quatro países estavam ausentes simplesmente porque os derrotados na Guerra não tinham o direito de participar da nova Liga.

Soma-se a isso o fato de que os representantes da Assembleia não eram representativos do mundo todo, sendo predominantemente países europeus. O império britânico era particularmente proeminente, pois os 29 membros iniciais da Liga incluíam Grã-Bretanha, Canadá, Austrália, Nova Zelândia, África do Sul e Índia britânica.

A Liga tinha como objetivo solucionar desavenças que do contrário poderiam resultar em guerra. Foi possível observar nesse período conhecido pela história mundial como entre guerras, que o papel da Liga foi cada vez mais sendo esvaziado, pois ela não refletia uma representação fidedigna do cenário mundial. Os finlandeses e os suecos, que disputavam algumas ilhas bálticas, concordaram que a liga deveria resolver o problema e, consequentemente, aceitaram que tais ilhas fossem anexadas à Finlândia.

**2022** A questão mais preocupante era se as grandes potências aceitariam tais decisões. **Em 1923, a Itália de Mussolini deu a resposta esclarecedora e desconsiderou inicialmente a sentença da Liga das Nações na disputa pela ilha grega de Corfu.**

### **Um balanço da Grande Guerra**

Servia foi a que mais perdeu homens entre 15 e 49 anos, cerca de 25%. Países como a Turquia, a França, a Romênia e a Alemanha sofreram gravemente, perdendo até 15% de todos os seus homens pertencentes à mesma faixa etária vulnerável.

A guerra enfraqueceu muito a Europa. Mesmo os vencedores perderam muito financeiramente. A Grã-Bretanha, que concedera a maior parte dos empréstimos até 1914, entregou boa parte de sua supremacia financeira aos Estados Unidos, que até então haviam estado em débito com a Europa.

**O fato é que os Estados Unidos foram o grande beneficiário financeiro da Guerra**, pois viram suas indústrias aumentarem, enquanto os competidores europeus foram totalmente absorvidos pelas batalhas. Do outro lado do mundo, o Japão também tirou vantagem da Guerra. Pela primeira vez em muitos séculos, um país do Leste asiático foi saudado como líder Mundial. Na Conferência de Paz de Paris, o Japão tomou seu posto entre os cinco países principais. Seus ganhos territoriais foram pequenos, o país também lutou para inserir uma cláusula na convenção da Liga das Nações que prometesse tratamento justo a todos os cidadãos estrangeiros que vivessem em qualquer das nações participantes.

A grande Guerra foi nesse contexto um duro golpe ao otimismo material e espiritual do Ocidente, bem como em sua crença no progresso humano que havia sido defendida tão apaixonadamente em muitos círculos do século XIX. Porém, de alguma forma o conflito aumentou a fé no progresso, uma vez que **a jovem Rússia socialista se tornou uma fonte de esperança para centenas de milhões de pessoas em diversos países. Era um dos experimentos sociais mais inusitados da história da humanidade.** Na África, na América do Sul e na Ásia, muito jovens radicais se maravilhavam com experimentos da Rússia do pós-guerra.

### PARTE III – A REVOLUÇÃO RUSSA DE 1917

#### CAP 6 - UTOPIA E PESADELO

Pessoas no mundo todo abriam os jornais e procuravam saber o que estava acontecendo na Rússia. Com o avanço do ideário comunista, muitas pessoas viam o regime como **futuro da humanidade**. No início, novos líderes bolcheviques, controlando uma nação dividida, tiveram que enfrentar desafios, sendo o maior deles a guerra civil entre os exércitos dos russos brancos e dos russos vermelhos. Tiveram contra si tropas britânicas, japonesas e francesas investindo contra os portos de Murmansk e Archangel, no norte do país, e Odessa no mar Negro, a fim ajudar os russos brancos. A tentativa de recuperação da Rússia não foi adiante.

#### Espantalhos e comissários

Durante a guerra civil, muitos cidadãos russos deixaram a cidade em direção ao campo onde havia comida e segurança. Aquelas pessoas que apoiavam o velho regime czarista saíram do país na primeira oportunidade.

A guerra civil trouxe também um aumento vertiginoso nos preços, além de uma hiperinflação muito superior ao período da Grande Guerra. A inflação era uma medida involuntária da incompetência financeira do governo instalado à época. A nova e grande sociedade sonhada pelo comunismo seria precedida inicialmente pela necessidade de reconstrução de antigas ferrovias, estradas, cidades e fábricas. **O regime bolchevique, tendo assumido o nome de comunista, declarou guerra à antiga classe média, a burguesia, e instalou o medo com armas.** Quando o governo suspeitava que cidadãos pudesse ter pensamentos subversivos a respeito de assuntos como política, religião, economia, literatura e artes, tirava-os à força de seus lares ou locais de trabalho, e os suspeitos ficavam desaparecidos durante anos.

**Na Rússia, após a primeira guerra, o regime comunista iniciou o extermínio da antiga classe média, a burguesia.** Era possível, entretanto, perceber o contraste veemente entre a pobreza na cidade e a vida luxuosa dos dirigentes do partido comunista.

Muitas justificativas, algumas legítimas, foram criadas para o surgimento da nova Rússia, tais como: metade do país ficou destruído na guerra; o Czar também tinha uma polícia secreta própria; e o comunismo era uma experiência ainda em fase de ajustes.

O ano de 1920 foi decisivo para a vitória dos Comunistas na guerra civil, até que em 1922, a província do extremo leste, localizada no porto de *Vladivostok*, foi reintegrada à mãe Rússia.

#### Com alguns golpes de caneta vermelha

A partir daquele momento, com alguns golpes de caneta foi **feito o maior confisco de propriedades registrado na história.** Fábricas, bancos, ferrovias e estaleiros que foram todos nacionalizados. Somente a pequena propriedade rural familiar prevaleceu. Ressalta-se que, na opinião da maior parte dos conservadores e dos que se situavam no centro da política daquela era, a propriedade privada representava o bastião da ordem civil e da liberdade. Uma onda de reformas sociais tomou conta da Rússia principalmente pelo controle da educação, da imprensa e do material didático. A liberdade religiosa acompanhou a revolução, mas logo foi

atacada e a Igreja Ortodoxa perdeu seu status, terras e renda. Bispos e padres ortodoxos foram assassinados ou presos por crimes, reais ou imaginários, contra o governo.

Em relação ao cultivo de alimentos, a União Soviética ficou defasada. Todos os incentivos foram retirados dos camponeses, que se viam obrigados a vender seu excedente de alimentos para o governo em troca de notas de dinheiro de pouco valor. Percebendo a crise, Lenin abrandou as normas e em 1921, foi criada a “Nova Política Econômica” que devolveu incentivos retirados dos camponeses permitindo que eles plantassem mais e pudessem vender parte do excedente do mercado aberto. Na verdade, uma velha política, temporariamente restabelecida a fim de evitar a fome e acalmar a inquietação.

Em 1923, após superação da grande seca de 1921, quando a Rússia recebeu comida, sementes e medicamentos dos EUA, Cruz Vermelha e associações cristãs, os russos passaram a exportar a sua produção. A Nova Política Econômica acabou causando uma explosão temporária de liberdade, embora **a classe artística não acreditasse que essa liberdade pudesse lentamente retornar**.

Lenin era alçado ao posto de líder da Revolução e sua morte em 1924 não causou abalo no regime, trazendo ao poder outra figura de destaque Joseph Stalin.

### **O homem de aço entra em cena**

Lenin havia triunfado graças a ações pragmáticas e correção ideológica. Seu sucessor, Joseph Stalin, acreditava ser o momento de reacender a chama do comunismo. Enquanto Lenin fez da Rússia uma terra comunista, Stalin a transformou novamente em potência mundial.

Em 1917, quando a agitação estava no ar, *Stalin* voltou rapidamente a São Petersburgo e atuou como editor do principal jornal bolchevique. Depois da morte de Lenin, em janeiro de 1924, *Stalin* tomou o poder supremo, do qual tinha se aproximado. *Leon Trotsky*, que parecia ser o mais provável sucessor de Lenin, foi afastado e expulso da Rússia cinco anos depois, até ser assassinado na Cidade do México, em 1940, por ordem de Stalin.

**Durante seu governo, o domínio dos camponeses aos poucos foi desfeito, e foram criadas as fazendas coletivas as quais produziam mais comida com menos trabalho devido a mecanização.** Muitos dos fazendeiros autônomos, os *kulaks*, cuja eficiência tanto havia contribuído para a nova União Soviética na época da fome, foram punidos em 1929. **Devido a uma mistura de más condições climáticas e desordem rural, no início da década de 1930, a fome se instalou. Cerca de 10 milhões de pessoas morreram.**

As forças armadas foram reforçadas, dado que quase todo mundo considerava a União Soviética potencialmente hostil, o que era recíproco. Em 1928, foi lançado o “Plano Quinquenal”, que primava pelo avanço da infraestrutura e produção de mais eletricidade, maquinário pesado, ferro, aço e carvão. Esse plano também beneficiou os militares pois diminui a dependência externa para lutar em uma guerra. Atingiu suas metas em menos de cinco anos e foi sucedido por outro Plano Quinquenal. Já que a União Soviética não conseguia empréstimos de outros países com facilidade - era improvável que saldasse suas dívidas -, teve de fazer sacrifícios, reduzindo porções da população, para sustentar sua prosperidade industrial.

**É interessante notar que 1939, a União Soviética era a terceira maior potência industrial do mundo, alcançando avanços nos campos da economia, saúde e artes.** No entanto, o país era uma ditadura implacável, que silenciava ou punia seus críticos. Servidores leais da revolução de outubro de 1917 foram enviados para o pelotão de fuzilamento.

Enquanto numerosos cidadãos aprenderam a temer o ditador, incontáveis outros o respeitavam por ter reconstruído a nação e renovado seu orgulho. **O patriotismo que persistia na alta União Soviética era um dos principais aliados de Stalin.**

Os sucessos, reais e aparentes, do comunismo soviético afetaram a política de outros países. Embora os partidos comunistas da França, da Itália, da Alemanha e de diversas outras nações não tenham chegado ao governo, todos conquistaram um grande grupo de seguidores, que certamente tomariam o poder nacional à força se houvesse oportunidade.

**A ascensão dos fascistas na Itália e dos nazistas na Alemanha** - partidos políticos com exércitos de rua - fez parte de uma **reação** ao crescimento do comunismo e do forte apelo que este exercia sobre dezenas de milhões de mentes na Europa.

## PARTE IV - O IMPÉRIO OTOMANO

### CAP 7 – O VELHO SULTÃO E O JOVEM TURCO

A Rússia e a Turquia eram inimigos de longa data, porém, após a I GM, **seguiram novos caminhos** com determinação semelhante. Enquanto a Rússia adotava o comunismo, a Turquia realizava um experimento que mudou a vida turca em relação ao Islã, o qual não foi abolido e sim domado. Embora o comunismo tivesse apresentado durante algum tempo maior influência, no final do século, era o Islã que demonstrava vigor.

Em 1900, o Império Otomano alcançava três continentes. Embora não dominasse mais completamente o norte da África e a região dos Balcãs, ainda era uma força predominante na Ásia Menor, governando a maior parte das cidades que figuram no Velho e no Novo Testamento. O império estava sob o domínio do sultão, cujo prestígio era ainda maior pelo fato de ser também o califa, ou seja, o representante do profeta Maomé. A cidade sagrada de Meca estava localizada nesse império.

Em termos de etnia e religião, o império era diversificado em 1900. Era possível observar muçulmanos (metade da população de Constantinopla), gregos (no porto de Esmirna), judeus (porto de Salônica), armênios cristãos e árabes, o grupo mais numeroso de estrangeiros dentro desse Império eram os árabes, que chegavam a seis milhões de pessoas os quais viviam distantes de Constantinopla e certamente não se consideravam turcos.

#### A Ascensão do Jovem Turco

Os turcos dominavam o império, fornecendo oficiais para o exército e funcionários para o serviço público. As vezes nacionalistas turcos tentavam introduzir a democracia em um império governado pelo Sultão e pelos pilares da tradição. Em 1908, com o auxílio de oficiais do exército, nacionalistas turcos chegaram ao poder. O regime democrata ajudou a formar a aliança militar com a Alemanha. Derrotados na primeira guerra mundial, coube a um jovem oficial turco dar início a uma nova nação a partir do que restou do império Otomano.

**Mustafá Kemal** nasceu no porto da cidade de Salônica, atualmente território Grego. Filho de um oficial inferior otomano, a mãe era vinte anos mais nova do que o pai e exerceu uma influência muito forte sobre o filho. **Foi criado na religião islâmica, mas sentia uma atração irresistível pelos costumes ocidentais, que então tomavam forma naquele porto cosmopolita.**

Durante a Primeira Guerra Mundial, *Mustafá* se destacou como um bom tático e um bravo defensor das terras altas de Gallipoli. De fato, *Kemal* nutria a esperança de um dia poder modernizar a Turquia. Ao perceber que o sultão não possuía a liderança necessária para conduzir o império derrotado, **permitindo que os aliados (potências da IGM) ocupassem Constantinopla e outras regiões importantes, Mustafá assumiu o poder.**

Como líder do Movimento Nacional Turco, formado em 1919, tentou recuperar o controle do País. **Expulsou forças gregas**, auxiliadas pela Grã-Bretanha, França e EUA, do porto de Esmirna e de outras áreas do interior. Ele foi outra vez herói nacional e causou a fuga não só de **gregos**, mas também dos **armênios cristãos**. Suas táticas eram tão inteligentes que, em setembro de 1922, seu exército parecia capaz de retomar o Estreito de Dardanelos e até invadir a Península de Gallipoli.

A intenção de retomar Gallipoli motivou os britânicos a enviarem reforços militares para região. Apesar disso, havia hesitação na Inglaterra e a França já havia desistido de lutar. As negociações começaram e o determinado *Mustafá Kemal* conseguiu quase tudo o que queria. O território de *Gallipoli* pertencia novamente à Turquia e os aliados retiraram seu exército de Constantinopla. **Sua determinação, aliada ao patriotismo e a força das armas supriu as punições impostas após a Primeira Guerra Mundial.**

O triunfo da Turquia foi um momento fatídico para Grã-Bretanha e França. **Quando derrotada, a Alemanha faria o que a derrotada Turquia fez: empregar a determinação, o patriotismo e a força das armas para suprimir as punições impostas após a Primeira Guerra Mundial.**

Nessa época existiam dois governos na Turquia: o do tímido sultão *Mehmed VI*, em Constantinopla, e outro liderado por *Mustafá Kemal*, na cidade do interior *Ankara*. Em 1º de novembro de 1922, questões políticas internas levaram a assembleia nacional votar pela destituição do Sultão e tornar a Turquia uma república e fazendo *Ankara* sua nova capital. A cidade havia sido escolhida por Kemal como capital temporária em 1920, em parte por ficar bem distante do mar, o que não permitiria o ataque dos gregos ou de qualquer outro invasor.

### A cruzada contra o barrete e o véu

Kemal efetuou mudanças em costumes tradicionais e religiosos e melhorou a condição das mulheres as quais não somente passaram a ter direito ao voto como também alcançaram lugares na assembleia nacional e no poder judiciário. As mulheres não mais eram obrigadas a usar o véu cobrindo o rosto e aboliu o uso de barrete (espécie de chapéu turco islâmico) pelos homens. Suas ações transformaram a vida social na Turquia e tentava impulsionar a economia, contudo observadores internacionais notaram que o vigor do comércio não era o mesmo na época em que havia gregos, judeus e armênios no ramo, parecendo tudo tão moroso quanto nos últimos anos do império Otomano.

É interessante notar também a admiração de Kemal pelas ideias ocidentais de Parlamentos e de Assembleias, desde que sua composição pudesse ser escolhida por ele. De fato, havia um traço ditatorial no Líder. Partidos políticos contrários eram erradicados e não era mais permitido aos inimigos se ausentarem do país, sendo julgados e executados. Ao final da vida, adotou o nome de *Atatürk* (pai dos turcos).

Foi possível notar que o exemplo turco foi seguido sem sucesso no Afeganistão, enquanto o Irã conviveu com protestos por cerca de meio século quando as leis religiosas voltaram a ser rigorosas no país. A expectativa de que outros países muçulmanos seguissem o mesmo caminho não se concretizou. Mas, meio século mais tarde, em muitos desses países, a mesquita se sobrepôs à vida cotidiana, os xeques e os generais prevaleceram, e a urna eleitoral passou a lembrar mais um pequeno caixão do que o lar da liberdade.

Somente uma década atrás, transformações no mundo árabe foram vividas por meio da primavera árabe, com a não aceitação de jugos dos regimes ditoriais e a sua eventual dissolução.

## PARTE V - O FACISMO

### CAP 9 – UM PERCUSSIONISTA ITALIANO

Tal como comentado anteriormente, as condições de criação do comunismo geraram como um de seus produtos, os regimes totalitários na Itália sob o fascismo e na Alemanha sob nazismo.

No caso da Itália, havia muito contraste entre o sofisticado e o primitivo, onde, no campo, a maior parte do povo era pobre.

## **Surge Mussolini**

Ressalta-se que a Itália é um país de unificação tardia junto com Alemanha. Além disso, era o único país entre os mais populosos da Europa que não possuía campos ricos em carvão ou minério de ferro, tampouco siderúrgicas movimentadas que pudessem competir com outras da Europa.

A Itália, nos primeiros meses da primeira guerra mundial, foi cortejada por ambos os lados, mas se juntou inesperadamente a Grã-Bretanha, a França e a seus aliados esperando recompensas do lado vencedor. Embora tenha lutado com bravura, com o tratado de Paris, tais recompensas não vieram e geraram uma decepção do povo italiano.

Depois da Guerra, o problema econômico se agravou por uma inquietação política. Em 1920, o país estava à beira de uma revolução e, com a crise do pós-guerra que abateu quase todos os países da Europa. Ocorreu um motim do exército no porto de Ancona e greves no setor de transporte e de energia. Tudo isso propiciou a ascensão de Benito Mussolini.

## **Os camisas-negras de Roma**

Mussolini convenceu os italianos de que podia fazer algo para resolver os problemas da nação. De início, teve êxito. Eram marcantes suas palavras em várias fases de sua vida. No início do século 20, após ser recusado como professor em diversas cidades, foi viver na Suíça. Talentoso com as palavras, tanto as escritas quanto as pronunciadas do alto das tribunas, Mussolini voltou à Itália para ser editor de jornais radicais: em *Forlì*, sua cidade natal, cuja publicação se chamava *Luta de Classes*, e em *Trento*, perto da fronteira com a Áustria. Por fim, foi convidado a assumir a editoria do *Avanti*, jornal oficial dos socialistas.

Quando a Primeira Guerra Mundial começou, desafiou a posição dos socialistas, que queriam a neutralidade, e defendeu que a Itália tomasse parte na guerra contra os povos de língua alemã, os quais ele via como inimigos naturais uma vez que ocupavam a parte do nordeste da Itália. Em 1917, foi ferido por uma granada enquanto lutava no norte da Itália, o que viria a lhe ajudar politicamente.

**Em março de 1919**, quatro meses depois do fim da guerra, **Mussolini fundou, em Milão, o Partido Fascista**. Em lugar de corporações, sindicatos, universidades e parlamento fortes, **defendia o poder do estado como uma instituição que impõe, julga e inspira**. **O fascismo acreditava mais na nação do que no internacionalismo**.

**Além de confiar no poder das palavras, Mussolini acreditava na força bruta**. De fato, *fasces* (origem do nome do partido) era um feixe de varas que simbolizava a autoridade na era romana. **Mussolini buscava criar sua força armada própria**, assim como líderes de partidos rivais, e em 1921, ano da desordem civil, um decreto do governo permitiu que aproximadamente 900 mil italianos comprassem armas de fogo. Os fascistas de Mussolini, vestindo suas camisas negras, feriam adversários, tomavam o controle de repartições públicas e dispersavam reuniões de grupos políticos rivais. Em algumas cidades, enfrentavam socialistas armados ou a polícia. Inicialmente urbano, o partido conseguiu novos membros na zona rural.

Em 1922 com hordas de camisas negras armados reunidas em Roma, o rei Vitor Emanuel III e o primeiro-ministro concordaram em declarar estado de emergência. Na manhã seguinte o Rei mudou de ideia. Embora o rei não fosse partidário de Mussolini, acreditava ter chegado a hora de um líder forte formar uma coalizão e comandar temporariamente a nação, então dispersa e dividida. Mussolini foi uma escolha pessoal, uma decisão espantosa, uma vez que os fascistas eram superados no parlamento por liberais, católicos, conservadores e pela soma de socialistas e comunistas. Além disso, o escolhido era republicano e poderia eventualmente derrubar a monarquia.

Mussolini foi convidado pelo rei para a formação de seu gabinete, com 14 membros, sendo 3 fascistas e 2 heróis de guerra, comandantes das Forças Armadas, que agora estavam novamente no comando, no lugar dos camisas-negras. Seis semanas mais tarde, o parlamento concedeu a Mussolini e a seu gabinete, por ampla maioria (sendo os socialistas e os comunistas os dissidentes), o direito de governar por decreto, e não por ato do parlamento, durante o período de um ano. Em seus primeiros 12 meses Mussolini proporcionou ordem suficiente para agradar a maioria dos italianos. Nas eleições nacionais de 1924, os fascistas aproveitaram todos os recursos do estado para aumentar sua votação e obtiveram 403 das 599 vagas.

Mais tarde, foram abolidas as eleições, que, conforme a explicação de Mussolini, não eram mais necessárias ao país. As jovens e aparentemente fortes raízes da democracia foram arrancadas. Mas a própria democracia, pode-se dizer, ajudou a destruir a si mesma.

### **Luzes e sombras na Itália**

Nesse contexto, a Itália se tornou assunto na Europa. Os Democratas se aterrorizavam com o que acontecia: banimento de partidos rivais e a deportação de dissidentes políticos para ilhas que serviam de prisão, sem o benefício de um julgamento; a proibição de greves; a interferência nas universidades e a censura dos meios de comunicação.

Contudo, era inegável que nos primeiros anos do regime Mussolini o país havia se recuperado. Na verdade, era impressionante como a Itália havia praticamente emergido do caos: o crescimento econômico era seguro, o desemprego mostrava-se menos ameaçador, as greves eram raras e os funcionários públicos eram menos suscetíveis ao suborno.

Em fevereiro de 1929, Mussolini assinou um tratado (**Tratado de Latrão**) que faria do Vaticano, o lar do Papa, como uma nação independente. Decisão bem diferente do planejado uma década antes pelos fascistas, quando a intenção era confiscar as propriedades da igreja.

O sucesso em eventos internacionais (boxe, futebol, aviões, navios) alcançado pelos italianos com o regime de Mussolini **inspirou os alemães abrindo caminho para a ascensão de Hitler**. Se tanto podia ser alcançado na Itália, com tamanhas desvantagens econômicas, o que poderia ser obtido na Alemanha, com todas as vantagens disponíveis?

## **PARTE VI - UMA DEPRESSÃO MUNDIAL**

### **CAP 10 – UMA DEPRESSÃO MUNDIAL**

Mas antes de falar da Ascensão do nazismo é importante que fique bem claro que a década de 1930 testemunhou a grande depressão. A GM enfraqueceu tanto a Europa que a economia caiu drasticamente. **O centro financeiro do mundo se deslocou para Nova York, naturalmente menos experiente que Londres para enfrentar crises, e não teve êxito em conter a bolha dos ativos da Bolsa de Nova York de 1929, que foi mais séria que qualquer crise enfrentada por Londres.**

Na década de 1920, após a guerra, a Europa foi vítima de outras crises, como o aumento da dívida e da inflação descontrolada (um caos completo). **Fruto das novas fronteiras demarcadas, houve a imposição de tarifas aduaneiras que não existiam anteriormente.** Para completar, na década de 1920, havia 27 moedas diferentes, enquanto que às vésperas da Guerra esse total era de 14. *O oposto do que se vê hoje com a UE.*

### **Pânico em Wall Street**

A mudança do centro econômico e financeiro do mundo para os Estados Unidos fez com que aquela nação experimentasse um desenvolvimento acelerado no decorrer da década de 1920. A bolsa de valores fervilhava e quase todas as pessoas conversavam sobre ações.

Em uma quinta-feira, 24 de outubro de 1929, após uma abertura movimentada da bolsa de valores, com poucos sinais de instabilidade, por algum motivo, real ou não, uma histeria pessimista se instalou e que foi agravada a cada hora fazendo com que o total de ações vendidas superassem em mais de 50% as vendas em qualquer outro dia da bolsa.

O que se seguiu depois foram pequenos ciclos de valorização com grandes quedas. Em quase todos os países, os preços das principais *commodities*, com exceção do ouro, sofreram queda. Esse quadro gerou uma recessão assustadoramente severa. Bancos começaram a falir e a maioria das pessoas parou de comprar produtos que não consideravam essenciais. Fornecedores demitiam trabalhadores. Não é difícil ver que ao longo do tempo esse cenário produziria um calço completo na economia.

Com relação ao **Brasil, no início do século XX, o país era considerado um gigante adormecido** possuindo as maiores áreas do mundo com seringueiras, uma *commodity* vital às vésperas da era dos automóveis, e era o principal fornecedor de diamantes. O principal rival dos Estados Unidos do Brasil era a Argentina, um país de grande prosperidade à época.

É fato que a Primeira Guerra Mundial trouxe prosperidade para a maioria dos países da América do Sul ao mesmo tempo em que não havia cenário de conflitos no continente. Contudo, nenhum país deixou de escapar da grande depressão mundial, esse sim, foi um evento global.

### **Desemprego – Uma doença global**

Com a crise financeira, os países que haviam acolhido grandes fluxos de imigrantes na década de 1920 pararam de recebê-los. **Milhares de desempregados ficaram tentados a deixar a Europa, mas descobriram que nas Américas a miséria era tão dura quanto em casa.**

Uma das questões mais marcantes da depressão foram as altas taxas de desemprego, sendo que em algumas nações, essas taxas superavam os 30%. A depressão logo atingiu a China, e o mercado de exportação de seda, artigo de luxo, colapsou. As tecelagens na Grã-Bretanha ficaram vazias. Esse problema foi agravado pelo maior vigor da economia japonesa e da expansão da indústria têxtil na Índia.

Contudo, cedo ou tarde, todos esses países foram atingidos pela depressão, pois mais da metade da população mundial dependia do comércio externo (aumento de estoques encalhados). Vale lembrar que, 500 anos antes a principal tarefa de um povoado - e a maioria dos europeus vivia em povoados - era produzir comida, combustível e roupas para suprir as próprias necessidades, havia pouco comércio externo.

**É interessante notar que embora houvesse um fórum para cooperação política, a Liga das Nações, não havia fórum algum que auxiliasse na cooperação econômica.**

### **Os reflexos sobre a política**

Tais eventos econômicos afetariam a política: no ano de 1930, o primeiro-ministro *Hamaguchi*, do Japão, foi assassinado; *Gandhi* lançou uma campanha de desobediência civil na Índia, então sob domínio britânico; os curdos se rebelaram ao longo das fronteiras da Pérsia e da Turquia; os etíopes deram início a uma revolta contra seu imperador; judeus e árabes combateram na Palestina. Em todos os lugares as pessoas apelavam para força. Na América Latina, em 1930 e 1931, grandes greves, marchas pelas ruas e protestos violentos eram frequentes, levando à derrubada do partido que ocupava o poder em 11 de seus 20 países. Em 1931 o Japão invadiu a Manchúria – um prelúdio de sua invasão à China seis anos mais tarde.

**O capitalismo estava em desordem, condenado com uma desgraça econômica e moral.** Nesse momento, surge o economista John Maynard Keynes, o “Gênio de Cambridge”, que, por fim, faria muito para fortalecer e recondicionar o capitalismo. Keynes declarou, em 1936, que “**o mundo não toleraria por muito**

**tempo desemprego**”, o qual era, em sua opinião, um elemento e uma parcela do “**capitalismo individualista**”. O sistema econômico que outrora havia operado milagres não podia mais dar emprego para dezenas de milhões de pessoas que os buscavam. Como resultado o comunismo passou a desfrutar de grande prestígio.

Durante a depressão na década de 1930, a União Soviética forneceu empregos, embora com salários baixos e muitos riscos, a quem quisesse e também a quem não quisesse. **Foi o comunismo na Rússia, e não capitalismo nos EUA, aclamado como a fórmula para o futuro durante os anos de 1930.**

De fato, a **depressão Mundial, logo após a devastadora guerra, reduziu a confiança na ideia do progresso humano**. Tal perda de confiança notável na Europa ocidental, que se lamentava pela extinção da outrora forte cruzada pelo liberalismo, humanismo e a democracia. Na Alemanha, principalmente, todas essas virtudes estavam prestes a ruir.

## PARTE VII – A SEGUNDA GUERRA MUNDIAL

### Cap 11 – A Ascensão De Hitler

**A Alemanha, mais do que talvez qualquer outra nação da Europa, sofreu com a depressão mundial.** O país estava completamente aberto a novas soluções políticas. Após o fim da guerra, o imperador se exilou na Holanda, as colônias alemãs foram divididas entre os países vitoriosos, quase toda a marinha de guerra estava no fundo do mar e boa parte da marinha mercante havia sido confiscada.

**2024** O Tratado de Versalhes humilhou a Alemanha, fatiando o território alemão entre a **França, a Polônia, a Tchecoslováquia, a Dinamarca, a Bélgica e a cidade livre de Danzig**. Vultosas somas em dinheiro e grande quantidade de mercadorias deveriam ser pagas pela Alemanha aos vitoriosos, mas nem tudo foi cumprido.

Em várias cidades, os comunistas eram fortes e, encorajados pelo que se passava na União Soviética, procuravam maneiras de iniciar um golpe. Seus rivais, também alertas, eram agressivos. Os encontros e desencontros políticos na Alemanha tinham muitas complexidades e correntes secundárias, das quais o **antisemitismo** era uma. Por volta de 1924, a temporada de assassinatos e tentativas de golpes havia passado, e a Alemanha parecia uma democracia estável.

Era notável que a humilhação que o povo alemão sofria ensejava o desejo de um líder forte, um homem de ação que se sobrepuasse ao debate dos políticos e silenciasse, caso necessário. Esse líder chegou. Doze anos mais tarde, entretanto, grande parte dos alemães, ao observar sua pátria destroçada, acabou concluindo que ele não era o milagreiro tão desejado.

### A cabeça de Hitler

Adolf Hitler era austríaco, da cidade de *Braunau*, e tinha uma educação acima da média. Mudou-se para Munique, onde no início da Guerra alistou-se no exército. Combatendo no *front* oriental, ficou incapacitado pela exposição ao gás e foi condecorado por bravura - sua tarefa era das mais arriscadas: levar mensagens em meio às balas, às granadas que explodiam, ao barulho e à fumaça. A derrota alemã o deixou consternado sentindo-se traído pelos líderes da nação e de acordo com o seu julgamento irracional, pelos judeus.

Suas ideias inflamaram um pequeno grupo bávaro, que logo se chamaria **Partido Trabalhista Nacional Socialista Alemão**. Depois de tentar derrubar o governo da Baviera, foi para a prisão onde se dedicou a elaborar soluções para os problemas da Alemanha e redigiu suas memórias e um manifesto, publicados sob o título de *Mein Kampf* (Minha Luta), em 1925.

O Partido Nazista de Hitler ainda ocupava uma posição inferior na que era praticamente a segunda divisão da política alemã e, em sucessivas eleições para o *Reichstag*, alcançou somente uma pequena fração do total

de votos, ficando muito atrás dos socialistas e dos comunistas. **Hitler continuava a ser o inimigo implacável do comunismo, regime que ele preferia chamar de "conspiração judeo-bolchevique".** Sua promessa constante era a de que tornaria a Alemanha grande novamente.

O milagre econômico alemão dos anos 1850-1914, que ativamente levara o país ao topo da torre europeia, começava a balançar. A obrigação de resarcir os inimigos vitoriosos foi um golpe a longo prazo na confiança do país, embora o valor realmente pago não tenham sido tão altos.

**2023** Quando a **depressão mundial** se instalou, a Alemanha foi outra vez atingida (inclusive por si mesma), desta vez mais duramente do que qualquer outro grande país. **Sem a depressão**, talvez o partido nazista de Hitler teria permanecido em segundo plano na política.

Nesse contexto, Hitler ofereceu patriotismo e ações firmes, aumentando vertiginosamente o número de membros do Partido, ávidos para desfilar com a camisa marrom que o simbolizava. Ainda em 1932, o Partido Nazista recebeu um grande número de votos, em duas eleições, fazendo com que em janeiro de 1933, Hitler fosse convidado para o cargo de chanceler (primeiro-ministro na verdade) em um governo de coalizão.

Em agosto de 1934, com a morte do já bastante idoso presidente da república, Hitler foi eleito com 88% dos votos para o posto que combinava os cargos de chanceler e presidente. **Durante a eleição, foi notável um grande uso do efeito da propaganda.**

### A morte da democracia alemã

Tendo subido os degraus da democracia, Hitler jogou a escada fora. Hitler correspondeu a grande necessidade do povo alemão que ansiava por recuperar o respeito próprio e a segurança após a humilhante derrota na I GM, a incontestável severidade do tratado de paz e as privações impostas pela depressão.

A vida política alemã foi mutilada. Os outros partidos foram extintos e os sindicatos, esmagados. Pessoas leais aos nazistas eram colocadas nas diretorias de grandes empresas e instituições militares e religiosas. O medo da prisão, do espancamento e da humilhação pública tornou-se parte de um novo estilo de vida.

No início de 1935, o desemprego, que caíra de modo drástico, provavelmente era o mais baixo no mundo industrializado. **Para os alemães, ficava difícil protestar contra a ascensão de uma ditadura implacável quando a esperança na economia germinava.** O governo alemão gastava muito na reconstrução do país, gerando inúmeros empregos.

**2024** É curioso notar que, mesmo antes da chegada de Hitler ao poder, as forças armadas alemães, proibidas pelo **Tratado de Versalhes** de exercitar a sua pouca força, usavam secretamente o território soviético para testes de armamentos e exercícios táticos. A verdade é que Hitler estava rearmando a Alemanha sem fazer segredo, debaixo do nariz de toda a Europa ocidental, contudo os traumas sofridos com a I GM e a depressão da década de 1930, talvez tenham tirado de muitos países vontade de se contrapor a esse movimento.

**Os problemas políticos e as privações econômicas da Europa davam a Hitler a oportunidade de desmantelar o Tratado de Versalhes de 1919.** As maiores nações europeias com suas angústias econômicas não deram atenção suficiente a ameaça que o ditador representava. O apogeu dessa ideia ocorreu em 16 de março de 1935, quando Hitler anunciou que o Tratado de Versalhes já não era mais válido e que aumentaria seus exército e marinha.

É interessante observar que em 1935, se os dois principais vencedores europeus da I GM tivessem agido rapidamente e com firmeza, poderiam ter ameaçado Hitler com uma invasão imediata, enquanto seu exército ainda recrutava homens. Já no ano seguinte, em 1936, Hitler enviou seu exército já bastante aumentado para

reocupar a Renânia. Em 1938, esse exército entrou na Áustria, que como país de língua alemã não parecia capaz de oferecer grande resistência, e também na Tchecoslováquia.

Os britânicos insulares, com sua defesa natural formada pelo mar, podiam assistir sentados ao rearmamento de Hitler. Já a França precisava estar em pé e a postos, mas não desejava enfrentar a Alemanha sem o apoio militar britânico, e tal apoio demorou a aparecer.

### **A situação de judeus e ciganos**

Em 1900, a maior parte dos judeus vivia nas regiões central e leste da Europa, especialmente na Rússia e no Império Austro-húngaro, mesmo sendo minorias. Na Europa como um todo, não havia outra minoria étnica de tanto sucesso nas universidades, na música, na literatura, na medicina, no direito e nos negócios. Na Alemanha, para onde migraram de regiões mais ao leste, eram especialmente bem-sucedidos.

No livro *Mein Kampf*, Hitler atacou os judeus, mas não havia uma ordem precisa com relação ao seu extermínio. De fato, os judeus que viviam na Alemanha no mês em que Hitler alcançou o poder sentiam que não corriam perigo. Nos seis anos seguintes, à medida que as políticas e o discurso do governo se tornavam cada vez mais antisemitas, a maioria dos judeus deixou a Alemanha abandonando seus bens.

Os decretos de Hitler contra os judeus estavam plenamente ativos em 1938, limitando direitos dos judeus, que não eram mais considerados cidadãos alemães. Os ataques a judeus na Alemanha eram imitados na Itália, embora em menor escala. Ciganos também se tornavam alvo de Hitler, mas não de Mussolini.

A Segunda Guerra Mundial, e não os manifestos raciais que a precederam, expôs seriamente judeus e ciganos. Por volta de 1939, a liberdade e o patrimônio deles estavam em situação de risco. Três anos mais tarde, era a vida deles que corria perigo.

## **CAP 12 - UMA SEGUNDA GUERRA MUNDIAL**

Todo esse cenário criou as condições necessárias para a evolução dos acontecimentos que levariam à Segunda Guerra Mundial. Aliando-se a isso o fato de que as produções cada vez maiores obrigavam os países a ter cada vez mais reservas de fontes de energia. O carvão que por décadas era a força motriz para as fábricas e equipamentos deu lugar ao petróleo.

Os generais alemães previam que não conseguiriam travar uma guerra longa. **A Alemanha rica em carvão não possuía poços de petróleo e esse quadro fazia com que o país que estivesse pouco preparado para uma guerra prolongada uma vez que ficaria rapidamente sem munição e sem petróleo.**

De fato, era essa situação que os vitoriosos aliados queriam impor à Alemanha fazendo com que sua infraestrutura ficasse inviabilizada, dificultando eventuais esforços para novos conflitos. O que os aliados não previam é que o **Tratado de Versalhes teria efeito contrário**, convencendo o país de que ao planejar sua próxima guerra seria necessário obter **vitórias rápidas e decisivas**, fazendo com que fosse possível se apoderar de suprimentos vitais do inimigo.

O Tratado de Paz, ao fim da I GM privou a Alemanha e a Rússia do que ambas ainda consideravam seus territórios por direito. Em 1939, as duas nações estavam prontas para recuperar territórios à força. Assim, combinaram secretamente invadir a Polônia e dividi-la entre si, o que chocou líderes europeus quando tornado público.

### **Polônia e França caem**

Observe que a Polônia, uma das maiores nações da Europa, se constituiu a partir de grandes territórios tomados de três diferentes Nações: Alemanha, Rússia e Império Austro-húngaro. Tanto a Alemanha quanto a Rússia queriam se expandir e a Polônia era o alvo mais óbvio. Apesar do orgulho pela língua, literatura e

tradições, a Polônia não era uma nação unida. De fato, sua variedade de nacionalidades não contribuía para um governo harmonioso. Na década de 1920, a segunda maior cidade polonesa era Breslau, onde se falava alemão. Para completar o quadro, a Polônia também contava com o maior contingente de judeus da Europa, o que gerava suspeita e inveja.

Em 1º de setembro de 1939, Hitler invadiu a Polônia e 15 dias depois tropas Russas marchavam sobre o território para completar a conquista. A Rússia foi além e tentou retomar a parte da Finlândia que lhe pertencia antes das revoluções de 1917. Os finlandeses combateram corajosamente no gelo e na neve, mas por fim, resolveram admitir a derrota, conseguindo termos razoáveis. Grã-Bretanha, França, Canadá, Austrália e Nova Zelândia eram oponentes de Hitler desde o início, mas não influenciaram em nada esses primeiros eventos da guerra. Preferiram esperar e Hitler agiu.

Em 1940, confiando em sua superioridade e na surpresa aérea, Hitler começou a tomar muitas partes da Europa, pedaço a pedaço. A Dinamarca e a Noruega caíram em abril. A Holanda e a Bélgica, em maio. Era então a vez da França. Pela primeira vez, Hitler teria de combater uma grande nação em seu território.

A maioria dos líderes franceses previa que o conflito seria uma repetição da Primeira Guerra Mundial, defensiva e sem saída. Os franceses depositavam suas esperanças em uma extensa fortaleza para resistir a Alemanha, chamada de **Linha Maginot**, um muro de concreto, com depósitos e arsenais subterrâneos, linhas férreas conectadas e galerias onde exércitos inteiros podiam abrigar-se. Foi a mais extensa e a mais cara fileira de fortões da história das guerras.

Mas os alemães entraram em território francês com seus tanques e carros de combate através de uma porta lateral entreaberta nas **florestas da região de Ardenas**. Para completar esse quadro crítico, a Grã-Bretanha demorou para enviar ajuda e os franceses a cada momento eram superados taticamente. Refugiados franceses fugiam para o Sul abandonando seus pertences e muitas vezes bloqueando estradas para atrasar o inimigo.

A verdade é que a Linha Maginot não conteve o exército nazista com sua tática de guerra relâmpago (blitzkrieg). Logo a Alemanha conquistaria Paris.

### **Os dias gloriosos de Churchill**

Um pouco antes da queda de Paris, em maio de 1940, *Winston Churchill* tornou-se Primeiro-Ministro britânico. Se Londres caísse em seguida, as liberdades individuais e civis desapareceriam em quase toda a Europa.

Ainda aos 26 anos, já havia lutado em batalhas em três continentes, tendo escrito sobre cada conflito. Tornou-se um membro em ascensão na Câmara dos Comuns, mais tarde, diligentemente preparou a maior marinha de guerra do mundo para o conflito que viria em 1914. **Já havia previsto que, se Hitler chegassem ao poder, seria iniciada uma nova guerra na Europa.** Seu apelo pelo rearmamento da Grã-Bretanha, com grande custo, não trouxe popularidade. Contudo, o início da Guerra acabou por justificar seus avisos.

No final de maio foi realizada a retirada de tropas nas praias perto de Dunquerque, onde mais de 340 mil soldados ingleses, franceses e Belgas foram salvos. Outros 200 mil recolhidos mais ao leste. **Se todos esses homens tivessem sido aprisionados o moral britânico e sua capacidade de defender o litoral poderiam ter sofrido um dano irreparável.**

Em 14 de junho de 1940, os primeiros soldados alemães se preparavam para entrar em Paris. No mesmo mês os franceses assinaram sua rendição formal. A França foi o primeiro país democrático a entrar em colapso durante o curso de uma guerra, **sendo a própria democracia atribuída como uma das causas de sua derrota, uma vez que os cidadãos se recusaram a realizar o sacrifício necessário para fazer as defesas do país**

**mais fortes.** O armistício foi assinado em 22 de junho com a presença de Hitler em sua parte inicial. A França havia caído tão facilmente que a Grã-Bretanha provavelmente imploraria a paz.

### **A batalha pela Grã-Bretanha**

*Churchill* lamentou a rendição da França. Além disso, temia que Hitler, usando os portos franceses, invadisse o arquipélago britânico. Uma vez que as tropas nazistas ocupavam todo o litoral europeu voltado para a Inglaterra e a Escócia, poderiam usar qualquer um, entre as centenas de portos e campos de aviação capturados, para deflagrar a invasão à Grã-Bretanha.

Assim, em 8 de agosto de 1940, iniciaram a campanha (**operação leão-marinho**) para derrotar a Grã-Bretanha, lançando ataques contra portos e navios, campos de aviação, estações de radar e as vitais fábricas de aviões do sul da Inglaterra. As cidades industriais do interior eram alvo de bombardeios noturnos. Em setembro de 1940 mais de 400 aviões alemães atacavam a cidade de Londres pela primeira vez. Foram abatidos cerca de 100 aviões. Os ataques à luz do dia custaram caro também para os alemães.

Naqueles dias sombrios de 1940, *Churchill*, um estadista determinado a defender uma civilização que corria um perigo sem precedentes, passava uma imagem tranquilizadora para as pessoas que o cercavam e motivava os civis a superarem esse enorme desafio.

Quase toda a Europa Ocidental estava em poder da Alemanha, exceto por alguns países, como Espanha, Portugal, Irlanda, Suíça e Suécia, nações mais ou menos neutras, mas que só poderiam assim permanecer se Hitler consentisse, e seus líderes sabiam disso. **A neutralidade sueca era particularmente falsa**, uma vez que o país permitia que as tropas **alemãs cruzassem seu território, além de continuar a ser um ativo exportador de minério de ferro para a Alemanha hitlerista.**

A extensa costa e as ilhas do Mediterrâneo eram o próximo alvo de Hitler. Os alemães invadiram a Grécia e, em abril de 1941, tomaram a cidade de Atenas. No fim de maio, a ilha grega de Creta estava quase totalmente ocupada, após os ousados saltos dos paraquedistas alemães. Grandes forças militares da Itália e da Alemanha encontravam-se reunidas no norte da África e Churchill temia que o Egito fosse o próximo país a cair nas mãos de Hitler. Se isso acontecesse, o Canal de Suez, que disponibilizava um atalho vital entre a Europa e a Ásia, também estaria sob controle alemão, prejudicando o escoamento de suprimentos e fazendo com que o envio de reforços para algumas de suas colônias além-mar utilizasse a longa rota oceânica que passava pelo extremo sul da África do Sul antes de chegar ao Oceano Índico.

A Batalha se estendeu até 1941 quando as investidas dos alemães foram suspensas face à tenaz resistência dos ingleses e a liderança de Churchill.

### **A guerra chega à Rússia**

Enquanto isso, Hitler dava liberdade a Stalin nas planícies do leste. Logo após a queda de Paris, Stalin aproveitou a oportunidade para anexar as três nações bálticas: **Lituânia, Estônia e Letônia**, que eram províncias russas antes de 1917. A Romênia, diante do ultimato russo, entregou o território que lhe foi exigido. Seus importantes campos petrolíferos, entretanto, não passaram para as mãos de Stalin, uma vez que as tropas alemãs intervieram e tomaram controle da maior parte do país. Entretanto, no espaço de um ano, a Rússia havia recuperado boa parte do território perdido ao aceitar a derrota na I GM.

Mas a amizade entre os dois ditadores era oportunista, e eles raramente confiavam um no outro. Suas ideologias eram muito diferentes e as ambições territoriais colidiam.

Após a malfadada Operação Leão-Marinho, Hitler voltou sua atenção para o Leste.

As tropas de Hitler iniciaram, em 22 de junho de 1941, a invasão da União Soviética. Durante os primeiros meses, Hitler parecia próximo de conseguir o que pretendia, uma vez que seu exército encontrava poucos obstáculos. O porto de Leningrado foi o mais difícil deles. O exército alemão tomou importantes extensões de terra até sitiaria Leningrado.

O excesso de confiança de Hitler fez com que ele não explorasse toda sua superioridade militar fazendo com que o sítio sobre Leningrado durasse mais que o necessário e fazendo com que suas tropas tivessem que enfrentar o rigoroso inverno russo. Mais tarde, a história ia perceber o erro dessa decisão.

No início de 1942, ao invés de usar os hábeis trabalhadores capturados, Hitler havia firmemente decidido exterminar os judeus não apenas na Alemanha, mas em todos os países ocupados por suas tropas. Ciganos também eram enviados para campos de trabalhos forçados e, pelo menos 250 mil deles, foram mortos. Na lista de vítimas, estavam também os **homossexuais**. Esses bárbaros acontecimentos foram chamados pelos líderes alemães de **Solução Final**, mais tarde denominada **Holocausto**.

A expansão para o Leste Alemão fazia parte da grande estratégia para garantir o fornecimento de matérias-primas indispensáveis para manter a máquina de guerra funcionando, e já havia começado tanto por meio de acordos militares e econômicos com a Hungria, Romênia e Bulgária, que faziam parte da influência germânica, quanto pelas vias militares, no caso da Iugoslávia, invadida em abril de 1941, depois que seu governo simpatizante dos nazistas foi deposto por um movimento pró-Grã-Bretanha.

Para a doutrina nazista, o socialismo e o comunismo deveriam ser extirpados na sua origem, e, além disso, para os nazistas, o regime comunista soviético era associado ao judaísmo.

Apesar das indicações de que Hitler preparava uma invasão, Stalin parecia não acreditar nisso. Muito confiante, as tropas de Hitler que foram concentradas ao longo dos três mil quilômetros de fronteira com a URSS iniciaram, em **22 de junho de 1941**, a invasão da União Soviética. Os alemães penetraram, em menos de um mês, mais de 800 Km no território soviético. As ambições de Hitler e Stalin colidiram mediante seus objetivos expansionistas em 22 de Junho de 1941 por ocasião da invasão da União Soviética pelas tropas alemães com baixa resistência.

A guerra contra a URSS tinha motivos ideológicos e estratégicos, sendo que os mais enfatizados são os econômicos. Hitler temia a capacidade industrial da URSS, ao mesmo tempo em que ambicionava os recursos naturais, as terras agrícolas e os campos de petróleo soviéticos. Durante a invasão, porém, a tática da “**terra arrasada**”, bem como a destruição das batalhas inutilizaram as colheitas e as indústrias foram transferidas para além dos montes Urais. A URSS, apesar de ter mantido impressionante produção, necessitou de veículos, material bélico e suprimentos dos EUA.

## O dilema de Tóquio

No final de 1941, a confiança dentro dos círculos militares alemães era enorme. Os exércitos de Hitler conquistaram mais partes da Europa do que Napoleão jamais havia conquistado e pareciam prestes a tomar Moscou e talvez Leningrado na primavera seguinte.

Era possível que o Japão atacasse subitamente a União Soviética pelo Leste, enquanto os alemães continuariam atacando pelo Oeste, minguando a resistência russa. As decisões japonesas, imprevisíveis para um observador distante, determinariam em parte os resultados da guerra, então em seu terceiro ano.

Seria talvez a opção mais óbvia uma vez que se tratava de uma oportunidade decisiva para derrotar seu velho inimigo, a Rússia, que deslocava seus tanques do leste para reforçarem as defesas de Moscou. **Por outro lado, o Japão tinha a oportunidade de lançar um ataque pelo Sul contra enfraquecidas colônias europeias que se estendiam desde Hong Kong e da Birmânia, sob o domínio britânico, até as Índias Orientais holandesas, ricas em petróleo.**

O Império Japonês optou por esse último caminho. A consequência mais óbvia dessa escolha foi que a Operação Barbarossa continuaria apenas com a frente ocidental diminuindo as possibilidades de uma rápida vitória sobre a União Soviética.

## CAP 13 - DE PEARL HARBOR À QUEDA DE BERLIM

Pearl Harbor, na remota ilha do Havaí, era uma das maiores bases navais do mundo. Seu comandante acreditava que um ataque japonês pelo mar, embora possível, não fosse provável. Tecnicamente, os Estados Unidos continuavam neutros, o que aumentava a sensação de segurança.

Os japoneses enviaram secretamente seis porta-aviões através do Pacífico para empreender o ataque principal contra Pearl Harbor. No dia do ataque o porto abrigava cerca de 70 embarcações de guerra de todos os tamanhos. O sucesso foi notável. Navios em grande quantidade e 188 aviões norte-americanos foram destruídos ou danificados. É interessante notar que os três porta-aviões norte-americanos estavam em alto-mar na manhã do ataque em 7 de dezembro de 1941 e não foram descobertos.

Na mesma manhã, os japoneses se preparavam para lançar um ataque surpresa às Filipinas, uma jovem nação a caminho da independência, mas que ainda necessitava muito dos Estados Unidos para sua defesa. O general norte-americano residente nas Filipinas, Douglas MacArthur, acreditava poder defender adequadamente o país, já que seu exército tinha o apoio de 250 aeronaves de guerra e uma força naval que incluía 29 submarinos.

O general não considerava, sob hipótese alguma, a possibilidade de os japoneses lançarem ataques simultâneos contra uma grande quantidade de bases navais norte-americanas, britânicas, holandesas e francesas nos trópicos. Um ataque tão amplo e coordenado não tinha precedentes na história naval.

Duas horas após a devastadora investida contra Pearl Harbor, a terrível notícia chegou às Filipinas, onde foi divulgada com gravidade pelas estações públicas de rádio. No espaço de uma semana, a força aérea norte-americana nas Filipinas foi reduzida a poucos caças.

Era o início de uma mudança de paradigmas em que os combates navais fariam uso incessante dos aviões. Esse primeiro movimento mostrou a importância de aviões com capacidade de ataque a fim de neutralizar forças navais e também o avanço da necessidade de porta-aviões para projetar o poder da força naval frente ao oponente.

### Alerta em Cingapura

A base aeronaval britânica em Cingapura era quase tão vulnerável quanto as bases norte-americanas nas Filipinas. Assim como os americanos, os oficiais britânicos haviam subestimado o poderio militar japonês, que promoveu com empenho o rearmamento na década anterior.

Churchill tinha boas razões para ser cauteloso com relação ao Japão, pois tinha uma poderosa marinha de guerra, treinada originalmente por oficiais britânicos, e com a queda da França no ano anterior, reduziu a possibilidade de envio de uma força naval para Cingapura e era provável que os japoneses tivessem uma superioridade no mar.

Com a crise se aproximando do sudeste da Ásia, a Grã-Bretanha podia enviar apenas duas embarcações de primeira classe: o novo couraçado *Prince of Wales* e o velho cruzador *Repulse*, que chegaram a Cingapura pouco antes do ataque a Pearl Harbor.

**2015** A queda da França havia acabado com os planos britânicos para a defesa naval de Cingapura. A vizinha **2013** Indochina, colônia francesa, havia aberto espaço para a presença de tropas japonesas em seus territórios e em seus portos. Horas antes de os japoneses atacarem Pearl Harbor, suas tropas na Indochina francesa iniciavam a invasão da Tailândia e do extremo norte da Malásia britânica.

Em 8 dezembro de 1941, as primeiras notícias da invasão chegaram Cingapura. Na mesma tarde, um pouco antes do pôr do sol, duas grandes embarcações de guerra britânicas *Prince of Wales* e o velho Cruzador *Repulse*, deixaram o porto de Cingapura para interceptar a esquadra japonesa.

**Dois dias mais tarde, esses navios seriam afundados pelos aviões japoneses. No histórico das guerras, essa foi a primeira vitória aérea importante sobre uma grande força naval.**

Desta feita, observa-se que o Pacífico estava quase que controlado no ar e no mar pelo Japão já no início de 1942. Os soldados nipônicos, auxiliados por sua vitoriosa força aérea, aumentaram o domínio sobre a metade norte da Península Malaia. Os oficiais eram extremamente capazes e empregavam conhecimentos com habilidade; os soldados se adaptavam à guerra na selva e a determinação deles raramente se abalava, aproximando-se de Cingapura.

Em 15 de fevereiro de 1942, Cingapura e sua magnífica base naval caíram. Em nenhuma parte do mundo, tantas tropas sob comando britânico haviam sido aprisionadas em um só dia. Quase todos os planos dos britânicos e norte-americanos foram destruídos ou frustrados pelos eventos inesperados na Guerra do Pacífico.

Em março, foi a vez da Ilha de Java. Mesmo antes da captura de Sumatra e seus valiosos campos de petróleo, as forças japonesas estavam na Nova Guiné e ilhas próximas. As tropas norte-americanas nas Filipinas já estavam condenadas. **Naquele momento a metade sul da Birmânia britânica, exportadora de arroz e produtora do precioso petróleo, estava em perigo, sendo uma potencial via de entrada para a Índia.** Ainda em março de 1942, a capital da Birmânia, Rangum, foi tomada.

Perguntava-se se era chegada a vez da parte leste da Índia, e se esse seria o próximo alvo dos incansáveis exércitos japoneses. Viu-se aí uma oportunidade ímpar para que os indianos, sem os esforços de defesa britânicos, aproveitarem a oportunidade para proclamar a independência do seu país. Contudo, acabaram desistindo da ideia.

É interessante notar que os japoneses comandavam todos os portos do litoral leste da Ásia, do arquipélago da Indonésia e das Filipinas, em uma faixa de terra cruzando o corredor marítimo que se estende do Japão até as proximidades das águas costeiras do norte da Austrália. Os aviões japoneses, decolando dos mesmos porta-aviões que haviam sido usados no ataque a Pearl Harbor, bombardearam o porto australiano de Darwin pela primeira vez.

Em maio de 1942, navios para o transporte de tropas, porta-aviões e outras embarcações japonesas tentaram capturar Port Moresby, posição estratégica separando Nova Guiné e o norte da Austrália pelo Estreito de Torres, aproximando-se através de uma rota longa e indireta. A força naval, avistada dos céus, foi interceptada pelos norte-americanos. Por vários dias, a **Batalha do Mar de Coral** foi travada, tornando-se **o primeiro grande conflito em que as esquadras rivais não tinham uma à outra em seu campo de observação**. Os aviões lançados pelas esquadras foram os responsáveis pela maioria dos ataques devastadores, enquanto outras aeronaves partiram do território australiano à procura dos navios japoneses. Tecnicamente, o Japão venceu, destruiu mais navios, embora tenha perdido a maior parte dos aviões. Por fim, sua esquadra japonesa voluntariamente retornou. Pela primeira vez, a maré não correra a seu favor. **Se por um lado houve uma vitória tática japonesa o mesmo não aconteceu em termos estratégicos uma vez que Port Moresby não foi conquistado.**

No mês seguinte, deu-se a **Batalha de Midway**, perto de uma ilha isolada entre Tóquio e Pearl Harbor, as Marinhas americana e japonesa se preparam para lutar outra vez. **Os norte-americanos, tendo decifrado o código secreto da marinha japonesa, conheciam seus planos e suas táticas. Estava destruída a arma mortal do Japão: a surpresa.**

Na batalha de Midway, o Japão perdera seus porta-aviões mais valiosos que eram a chave do sucesso em uma guerra travada em um vasto oceano. Os Estados Unidos haviam perdido apenas um porta-aviões, o *Yorktown*, danificado na Batalha do Mar de Coral apenas um mês antes e milagrosamente consertado.

O Japão se valeu de seu vasto Império conquistado no espaço de poucos meses, com todos os importantes materiais necessários à guerra (**borracha, petróleo, estanho e quinina**) lá produzidos, além dos milhões de asiáticos que viviam naquelas terras, para estender as hostilidades por mais de três anos, os quais foram necessários para que os americanos, os britânicos e os australianos além de outras Forças Armadas conseguissem recuperar apenas uma parcela do território conquistado pelos japoneses.

### **A guerra se volta contra Hitler**

O ano da invasão da Rússia, 1941, foi o último do triunfo de Hitler. Na primavera e no verão seguintes, exatamente quando o Japão atingia o máximo de suas conquistas, as forças de Hitler pouco progrediam. Stalingrado foi conquistada e logo perdida. Estavam sob seu domínio o litoral norte do Mar Negro, o litoral sul do Mar Báltico e uma grande parcela do oeste dos Urais russos, mas a Rússia era muito grande.

**A Alemanha começava a provar do próprio veneno – os bombardeios maciços.** Em meados de 1942, mil aviões britânicos bombardearam a cidade de Colônia, no Reno. Os Estados Unidos, que haviam declarado guerra contra a Alemanha e o Japão, começaram a usar bases aéreas da Grã-Bretanha para partir em ataques ao solo alemão. Surgindo no horizonte como bandos de pássaros, os bombardeiros norte-americanos atacaram Berlim e outras cidades até então relativamente imunes.

As tropas alemãs e italianas foram expulsas do norte da África, instalando-se assim o **trampolim para a invasão norte-americana e britânica da Sicília e de toda a Itália**. Os alemães, que haviam deposto Mussolini e tomado o controle de boa parte do território italiano, defendiam-no, aproveitando as cadeias de montanhas sobre as planícies costeiras.

Em meados de 1944, Hitler ainda imperava. Sob seu domínio, continuava toda a costa da Europa Ocidental, desde as baías norueguesas até a Baía de *Biscay*, junto da fronteira da ocupada França e da neutra Espanha. Mas o **Dia D**, a data da prometida invasão dos aliados ao território francês, estava prestes a acontecer.

Em **6 de junho de 1944**, os invasores desembarcaram na região francesa da Normandia, um ponto de ataque que Hitler não havia previsto. Protegida pela escuridão, a maior expedição naval da história, com cerca de 7 mil embarcações, de couraçados a torpedeiros, além de traineiras e navios mercantes, contando com o apoio de centenas de aviões, aproximou-se da costa francesa. No fim do primeiro dia, 133 mil soldados aliados tinham desembarcado e outros 23 mil chegaram de paraquedas. No fim do mês, as tropas que haviam atravessado o mar, partindo da Inglaterra, contabilizavam mais de 800 mil soldados norte-americanos, britânicos e de outras nacionalidades. Os alemães foram expulsos. Paris foi retomada no fim de agosto, e Bruxelas, menos de quinze dias depois.

Quando chegou o inverno (o sexto a testemunhar a guerra), a vitória na frente oriental estava próxima. Mas as fronteiras da Alemanha ainda não haviam sido alcançadas. Os soldados alemães eram dos mais resistentes e determinados do mundo. Enquanto isso, as batalhas aéreas esmagavam os músculos e o espírito dos alemães. Suas fábricas, minas e siderúrgicas continuaram a trabalhar muito até 1944, quando a força e a precisão dos ataques empreendidos pelos bombardeiros britânicos e norte-americanos acabaram com a produção industrial da Alemanha. Materiais indispensáveis para a guerra se tornaram escassos, asfixiando as tropas alemães.

**No final de 1944, o futuro da Europa já estava sendo decidido** não somente pelo campo de batalha, mas também pela firmeza, personalidade e pelo choque de ambições dos **três líderes aliados: Stalin, Roosevelt e Churchill**. Cada líder possuía interesses nacionais e mundiais diferentes.

Franklin D. Roosevelt era o estranho entre os três líderes. Sua nação tinha sido a última a entrar no conflito, tal como havia acontecido na I GM. Roosevelt tinha uma visão política menos conservadora do que sua bagagem.

Formar uma opinião sobre Stalin (tomar a decisão de acreditar nele e aceitar suas vagas promessas) não era nada fácil para os dois líderes de língua inglesa. De início, Churchill lhe deu algum crédito, mas depois recuou. Roosevelt, por sua vez, sentia certa simpatia por Stalin e seus corajosos exércitos, mesmo antes de conhecê-lo pessoalmente. É curioso notar como naquela época a opinião pública dos Estados Unidos era simpática ao povo russo, o qual havia defendido sua pátria de forma heróica e sofrido enormes perdas.

Ao mesmo tempo, a Grã-Bretanha demonstrava simpatia pela União Soviética, com seus ideais de emprego e igualdade social, uma vez que o trauma da depressão mundial ainda estava vivo na memória dos britânicos. Assim, Churchill e Roosevelt contariam com um elevado índice de apoio silencioso do público ao ocasionalmente aprovarem as ambiciosas exigências soviéticas.

Stalin e Roosevelt haviam conseguido uma espécie de harmonia pessoal. Além disso, os dois compartilhavam a desconfiança em relação ao longo controle da Europa Ocidental sobre o mundo, exercido em parte por meio das colônias espalhadas pelo globo. **Os dois líderes, ao contrário de Churchill, acreditavam que chegaria a época de tais colônias se libertarem, e ambos estavam determinados a acelerar esse processo.**

Algo que desapontou Stalin durante a guerra, apesar da ajuda militar recebida, foi a demora dos aliados em atender a solicitação de abrir uma frente ocidental para aliviar a pressão alemã contra as tropas russas. Essa ação só foi empreendida após a invasão da Itália, em 1943, e da França, em 1944. Mas a verdade é que seu sentimento a respeito disso não pode ser levado em conta uma vez que a guerra contra o Japão poderia ser igualmente uma segunda frente para a Grã-Bretanha e os Estados Unidos, que tiveram que combater o Japão, sem qualquer ajuda Soviética, até as últimas semanas da **Guerra do Pacífico**. **Stalin, entretanto, tinha seu favor um argumento irrefutável: seus soldados e sua população civil haviam feito grandes sacrifícios.**

### O colapso de Berlim

Quaisquer que fossem os acordos firmados pelos três líderes, especialmente em Teerã, em 1943, e em Yalta, em 1945, **todos sabiam que a posse era a base da lei**. E, se Stalin fosse o primeiro a reconquistar uma região, teria o direito de controlá-la após a guerra. **Na importante corrida em direção a Berlim, as tropas soviéticas ultrapassavam seus rivais norte-americanos e britânicos.**

**Ao libertar Leningrado de novecentos dias de cerco, os russos voltaram a controlar portos no Mar Báltico.** Em julho, chegaram perto de Varsóvia e das fronteiras orientais da Hungria e da Romênia, aproximando-se mais do Rio Danúbio. Em outubro, as forças soviéticas estavam prontas para continuar a penetrar no território da Iugoslávia, onde os partidários de Tito preparavam o caminho. Belgrado caiu em 19 de outubro.

No início de 1945, os russos tomaram a capital polonesa, Varsóvia, e a capital húngara, Budapeste. Assim, quando os três líderes se reuniram em Yalta para definir o futuro da Europa, as tropas russas estavam em vantagem sobre as forças norte-americanas e britânicas.

Ao ocupar inicialmente um país ou território, bem como ao proteger os grupos locais de comunistas e aprisionar ou matar seus rivais, as tropas soviéticas, com seus burocratas e sua polícia secreta, preparam o caminho para a nova ordem.

Em abril, a guerra na Europa chegava ao fim. Os russos tomaram Viena, e Berlim estava a seu alcance. Um acontecimento simbólico foi a captura de Mussolini e sua amante por guerrilheiros italianos nas proximidades do Lago Como, os dois foram executados. Em 29 de abril, os alemães abandonaram Veneza. Em **30 de abril de 1945, Hitler, sitiado em Berlim semidestruída, preferiu cometer suicídio no Bunker**. Mais dois dias se passaram e os russos assumiram o controle de Berlim. Em **7 de maio de 1945, o sexto ano da guerra, as forças alemãs se renderam incondicionalmente**. A Alemanha estava destruída.

**Stalin**, por meio de uma negociação obstinada e também graças ao formidável fato de seus exércitos continuarem avançando, queria, essencialmente, o **Leste Europeu**: uma região de terras, línguas e culturas variadas que se estendia do Mar Negro até o Báltico. Esta vasta área incluía muito do território ocupado, antes do conflito, pela **Polônia, Tchecoslováquia, Hungria, Romênia, Bulgária, a parte oriental da Alemanha e as três nações bálticas: Estônia, Letônia e Lituânia**. Para a maioria desses povos, a esperança de independência começou a se apagar mesmo antes do fim da guerra.

## CAP 14 – UMA ARMA MUITO SECRETA

Em meados de 1945, a guerra havia acabado na Europa, mas não no leste da Ásia e em áreas do litoral do Pacífico. Ainda que tivessem retomado alguns territórios, os aliados não estavam preparados para invadir o Japão. Para uma incursão de sucesso, seria necessária uma armada norte-americana ainda maior do que a usada na invasão da França no Dia D. Um exército grande o bastante para invadir *Honshu*, a principal ilha do Japão, e proteger navios, transportes terrestres e aeronaves não estaria pronto antes de 1º de março de 1946, e comprometeria cerca de 1 milhão de vidas norte-americanas.

Além disso, o moral nas cidades japonesas não havia sido abalado pelo intenso bombardeio que iluminara Tóquio nos últimos dias de maio de 1945. O exército nipônico estava determinado a lutar. Milhares de jovens pilotos *Kamikazes* aguardavam a oportunidade de se sacrificar em ataques suicidas, efetuados por pequenos aviões, contra bases e navios de guerra dos Estados Unidos.

**Havia um plano alternativo já pronto**. Desconhecida pelos líderes japoneses e por Stalin, os norte-americanos mantinham uma arma cujas origens tortuosas remontavam aos anos de paz que precederam a Segunda Guerra Mundial.

### Sob o estádio

*Albert Einstein*, o mais famoso cientista do mundo, exerceu alguma influência na concepção dessa terrível arma. Em agosto de 1939, a pedido de amigos, escreveu ao presidente dos Estados Unidos, país onde tinha passado a viver, comentando que experiências secretas com a “**reação nuclear em cadeia**” poderiam produzir um tipo incomum de bomba, com enorme poder destrutivo.

Os conselhos do cientista serviram como aviso sobre o preço que Hitler e Mussolini poderiam pagar pelos maus tratos aos judeus. Einstein era um judeu alemão dizendo aos Estados Unidos como se defender de sua antiga pátria. O próprio desenvolvimento da bomba foi beneficiado pelas pesquisas de outro refugiado, o brilhante físico italiano Enrico Fermi, chegado pouco tempo antes à América, acompanhado da esposa judia e dos dois filhos, inseguros quanto ao que lhes poderia acontecer na Itália.

Em 1942, Fermi e sua equipe construíram o primeiro reator nuclear com urânio trazido do atual Zaire. A delicada experiência então começou: a reação de fissão nuclear teve início e o plutônio, principal ingrediente da arma nuclear, foi obtido.

## A luz ofuscante dos Álamos

Cerca de dois anos e meio após a primeira experiência bem-sucedida de Fermi, a bomba atômica norte-americana estava pronta para ser testada. O enorme clarão dos testes foi mantido fora dos noticiários e tendo com álibi a explosão de um depósito de munição (16JUL1945).

A notícia de que a experiência fora um sucesso chegou ao presidente *Harry Truman*, que havia assumido o poder após a morte de Roosevelt três meses antes. O presidente não tinha intenção de usar nenhuma das suas 2 bombas atômicas se os japoneses se rendessem, mas estes recusavam categoricamente a fazê-lo. Para lançar a nova arma contra um alvo japonês, era necessário um bombardeiro pesado e de longo alcance. Os norte-americanos possuíam tal avião, a superfortaleza voadora B-29, além de um campo de aviação apropriado, na ilha tropical de Tinian (Arquipélago das ilhas Marianas), tomada dos japoneses um ano antes.

O presidente Harry Truman tomou a decisão pelo emprego da bomba atômica. No dia 6 de agosto 1945, uma das bombas foi lançada sobre Hiroshima, oitava maior cidade japonesa, onde havia uma base naval, um quartel-general e uma grande fabricante de agulhas. Sem sinal de rendição, no dia 9 de agosto, Nagasaki sofreu com a segunda bomba atômica.

**Durante o intervalo entre a explosão da primeira e da segunda bomba atômica, a União Soviética entrou na guerra contra o Japão e invadiu a Manchúria. O terror da nova arma e a possibilidade da invasão norte-americana, levaram o imperador Hirohito do Japão a se render, em 14 de agosto de 1945, o que levou ao término da Guerra no Pacífico.**

As bombas atômicas foram significativas não apenas porque deram fim à Segunda Guerra Mundial, mas também por sua capacidade de destruição. A dúvida que pairava era se os cientistas e políticos seriam capazes de lidar com o enorme poder recém-apresentado ao mundo.

**A arma atômica iria se constituir com a principal arma dissuasória durante a Guerra Fria.**

## PARTE VIII - A GUERRA FRIA

### CAP 15 – CAI O PANO

A mais devastadora guerra da história mundial havia ocorrido. O número de militares e civis mortos, mesmo em contagem parcial, era maior do que o da Primeira Guerra. Para se ter uma ideia, a devastação causada por todos os fenômenos naturais do século XIX foi menor do que seis anos de Segunda Guerra Mundial. Como efeito, o mundo passou a produzir menos alimentos, menos manufaturas, menos máquinas e a escassez de insumos foi percebida por muito tempo após término da Guerra.

O mapa do mundo, drasticamente refeito com a Primeira Guerra Mundial, não passou por mudanças tão bruscas com a Segunda Guerra. Nos anos seguintes, os dramáticos efeitos dos movimentos de libertação foram sentidos na Índia, na Indonésia e em muitas regiões do Terceiro Mundo. As três grandes nações europeias ficaram permanentemente enfraquecidas.

As antigas potências europeias como Grã-Bretanha, Alemanha e França estavam enfraquecidas ao fim da Guerra, enquanto os **Estados Unidos e União Soviética tornaram-se superpotências gerando a ordem bipolar que foi o cerne da Guerra Fria na segunda metade do século XX**. É curioso perceber que as superpotências tinham grande extensão territorial, **mas praticamente nenhuma colônia ou território no Hemisfério Sul, e não eram vizinhas.**

Inicialmente, houve uma esperança de que essas grandes potências fossem mantidas sob controle por uma nova versão da Liga das Nações. A primeira tentativa havia falhado; a segunda deveria funcionar. Surgia assim a **Organização das Nações Unidas (ONU)**. Vale ressaltar a rapidez com que as coisas aconteceram. Lembre-

se que a rendição da Alemanha ocorreu em 7 de maio de 1945, a rendição do Japão em 14 de agosto de 1945 e a primeira reunião da Assembleia da ONU ocorreu em 25 de abril de 1945. Nesse encontro de vencedores, o desafio maior era atender a todos:

- Rússia exigia que os seus países satélites pudessem se tornar membros;
- a França queria ter lugar no Conselho de Segurança ao lado de URSS, EUA, GB e China; e
- Uma reclamação frequente era de que os países da América Latina, que pouco haviam contribuído para vitória, respondiam por uma soma considerável de votos.

### **Atrás da Cortina de Ferro**

Essa ordem bipolar gerou um termo muito conhecido na segunda metade do século XX: a “Cortina de Ferro”. Repare que em maio de 1945, o exército soviético estava presente na maior parte das zonas central e leste da Europa, acompanhado de numerosos burocratas e da polícia secreta. Em alguns países dominados, inicialmente os governos eram compostos por comunistas e seus rivais, mas logo os primeiros assumiram o controle, livrando-se dos oponentes, que eram transferidos para postos de comando menos importantes ou então mandados para a prisão ou para uma sepultura sem identificação. Nas três pequenas repúblicas bálticas (Letônia, Estônia e Lituânia), não houve uma só semana de autonomia.

No início, parecia que a Tchecoslováquia conseguia manter-se independente durante aquele período turbulento. Nas eleições livres de maio de 1946, o Partido Comunista não alcançou a maioria de votos. Em seguida, porém, um ministério de coalizão foi formado sob a liderança do comunista *Klement Gottwald*. Em março de 1948, após a morte misteriosa de *Jan Masaryk*, *Gottwald* rearticulou o ministério com apenas comunistas. Moscou apertava com firmeza o laço em volta do Leste Europeu. A crítica séria era reprimida. As igrejas, especialmente a católica, eram perseguidas.

Apesar da opressão do partido único, a vida cotidiana no Leste Europeu voltou ao seu curso. Depois que a economia completou o lento retorno à normalidade, a maior parte das pessoas conseguiu moradia, embora bem pequena, acesso a médicos e hospitais, férias remuneradas, cerveja e tabaco.



### **Guerra Fria ou Paz Quente?**

O caso específico da Alemanha chama muita atenção tendo em vista que o país foi dividido em duas partes: Alemanha ocidental e a oriental. Os EUA, por meio do **Plano Marshall**, ajudaram a reerguer a Europa Ocidental e a Alemanha Ocidental. A região sob controle soviético se recusou a aceitar semelhante ajuda, e lá a economia foi recuperada pelo Estado. Russos tomaram equipamentos e maquinário tanto da Alemanha oriental quanto de suas outras repúblicas satélites.

É interessante notar que já na década de 1950 havia uma divisão econômica existente entre as duas Alemanhas: enquanto a ocidental era pujante e vigorosa a Alemanha Oriental era restrita e atrasada.

Além disso, havia uma divisão política bem caracterizada com a **República Federativa da Alemanha alinhada aos Estados Unidos e defendida pela OTAN e a República Democrática da Alemanha, dependente da União Soviética, e cuja defesa era garantida pelo Pacto de Varsóvia**. O caso de Berlim também é interessante, pois com o bloqueio dos soviéticos em 1947 (Bloqueio de Berlim) não havia como chegar suprimentos do ocidente para Berlim uma vez que ela estava sob total influência comunista, forçando os norte-americanos e britânicos a manterem o abastecimento por via aérea por mais de um ano. Ao final ela também foi dividida. Essa

divisão de toda a Alemanha e também de Berlim não havia sido planejada pelos vitoriosos no fim da guerra, ela simplesmente aconteceu.

Cunhou-se uma expressão para descrever a divisão econômica e política na Europa e, especificamente, na Alemanha. Costumava-se dizer que uma “Cortina de Ferro” separava os países democráticos de países comunistas. Embora **Winston Churchill** não fosse o autor da expressão, foi ele quem a popularizou em 1946. Em 1920, **Ethel Snowden**, ao viajar para São Petersburgo com uma delegação do partido trabalhista britânico, escreveu que eles finalmente estavam “atrás da cortina de ferro”. Outra expressão que acompanharia aquela como uma irmã siamesa é “guerra fria”, cunhada pelo financista americano **Bernard Baruch**, em 1947.

Duas nações adriáticas, a **Iugoslávia e a Albânia** tornaram-se comunistas por eleições livres. A Iugoslávia não estava alinhada com a política de Stalin e foi expulsa da liga soviética de nações afins, conhecida como **COMINFORM, em 1948**. Além disso, a Albânia acabou rompendo com Moscou ao tornar-se aliada da China comunista.

### **A bomba do Doutor Sakharov**

É bom também lembrar que os Estados Unidos já era uma potência nuclear na década de 1940, e como forma de fazer frente a dissusão provocada pela arma nuclear, com o auxílio de seu incansável serviço de espionagem, a Rússia conseguiu desenvolver a arma em 1949. Um jovem físico chamado **Andrei Sakharov** liderou essa pesquisa nuclear. Ao mesmo tempo, os EUA lançavam a **bomba de hidrogênio**, o que levou a URSS a uma nova corrida armamentista para possuí-la – obtida em 1953, Sakharov tornou-se um herói.

Enquanto isso, debates e deliberações entre os EUA e a URSS raramente faziam que um dos lados mudasse de ideia. O Conselho de Segurança parecia mais um jogo de xadrez de estratégia defensiva do que um lugar para o debate. Enquanto a URSS desenvolvia e testava armas nucleares, a relutância das superpotências em firmar acordos intensificava o temor de uma guerra atômica.

A forte posição do comunismo no mundo, alguns anos após a Segunda Guerra Mundial, desafiava os ocidentais que criticavam o regime. A União Soviética possuía Forças Armadas muito superiores, controlava grandes extensões da Europa e da Ásia, além de inspirar com sua ideologia muitos revolucionários nos países e colônias da Europa, Ásia e América do Sul. O comunismo ainda alcançaria muitos triunfos, e a **China era apontada como o local da próxima vitória**.

### **A longa marcha da China**

No começo do século, a China possuía todos os ingredientes possíveis para uma revolução política. Era um país rural, pobre, com um governo de péssima qualidade e exercia no mundo um papel de pouca importância, mesmo que ideias estrangeiras estivessem minando algumas de suas tradições. A notícia da **vitória dos bolcheviques em São Petersburgo, em 1917**, foi como um deslumbrante raio de luz. Um dos que ficaram deslumbrados foi Mao Tsé-tung. Quando o Partido Comunista Chinês foi criado, em 1921, na cidade portuária de **Xangai**, ele se tornou um de seus primeiros membros.

Durante muitos anos, a União Soviética estivera menos interessada no Partido Comunista Chinês do que no predominante Partido **Nacionalista**, o **Kuomintang**. Partido moderado, liderado pelo Dr. Sun Yat-sen, o Kuomintang se espelhava no Partido Comunista Russo e tinha exército próprio.

O **novo líder dos nacionalistas**, o jovem general **Chiang Kai-shek**, obteve apoio financeiro de alguns cidadãos ricos de Xangai, concordando em expulsar da cidade os comunistas mais destacados e os líderes dos sindicatos trabalhistas. Em abril de 1927, em Xangai, muitos foram assassinados. Forçados a se refugiar nas

montanhas, os líderes comunistas conseguiram obter o controle de seis territórios independentes ao longo do Rio Yang-tse. Em 1933, o Partido Comunista Chinês era ilegal, até que em 1935, Mao seria seu líder nacional.

Visando conter o avanço, o General nacionalista Chiang Kai-Shek iniciou ataques aos comunistas, fato que levou Mao a liderar seu exército e seus leais seguidores em uma longa e tortuosa marcha em direção ao noroeste da China, o que salvou os comunistas, conhecida **longa marcha de 1935**. Sua nova e isolada fortaleza no norte da província de Shaanxi era inconquistável.

É interessante perceber que, quando os japoneses invadiram a China em 1937, nacionalistas e comunistas concordaram em unir esforços contra o inimigo comum. Os nacionalistas não possuíam o mesmo talento para a organização demonstrado por Mao. Faltava a seus oficiais a dedicação dos comunistas, além de parecerem um tanto indiferentes em relação ao invasor. No fim, o governo nacionalista fugiu para a isolada cidade de **Chungking**, no Oeste, deixando que os japoneses assumissem o controle da metade leste do país.

Naquele território tumultuado pela guerra, o comunismo espalhava sua mensagem. Mao levava as grandiosas teorias marxistas para o nível realista dos campos de arroz. No fim da Segunda Guerra Mundial, os invasores japoneses retornaram para casa. Nacionalistas e comunistas, após uma difícil trégua, estavam prontos para retomar sua contenda.

**Em outubro de 1949**, para desgosto dos norte-americanos, os comunistas venceram. **Mao finalmente se estabeleceu no poder em Pequim**, cidade na qual, trinta anos antes, havia sido um humilde arrumador de livros. Seu inimigo mortal, o general **Chiang Kai-shek**, instituiu uma república chinesa própria na ilha de **Taiwan**. A vitória do comunismo na China provocou calafrios em vários líderes ocidentais. **Deserto da Mongólia** e as **montanhas tibetanas** se tornaram a primeira conquista de território estrangeiro de Mao Tsé-tung após sua chegada ao poder. Um pedaço do território comunista estendia-se desde o Mediterrâneo e o Mar Negro até as costas do Oceano Pacífico, onde viviam 1/3 da população mundial.

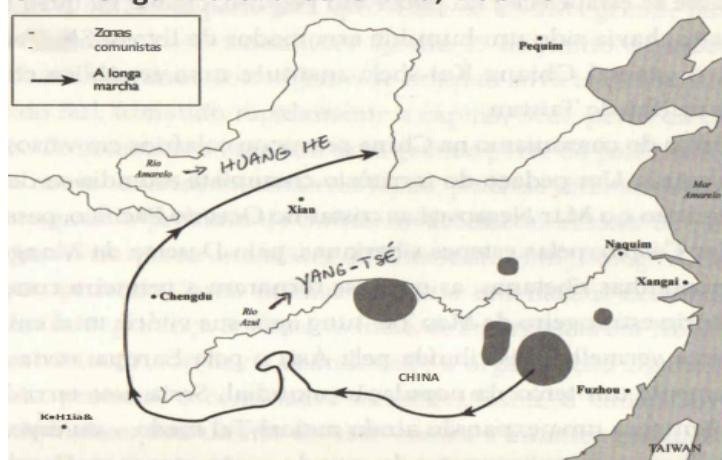
### A Guerra da Coreia

A Coreia é parecida com a Itália, comprida e estreita, cercada pelo mar em três de seus quatro lados. Ao Norte estão as montanhas, cobertas de neve no inverno, enquanto a leste se estende uma cordilheira escarpada, de onde brotam rios curtos e caudalosos.

Os coreanos haviam recebido dos vitoriosos aliados a promessa de independência durante a II GM. Não foi fácil cumprir o prometido. **Forças russas** invadiram a Coreia do Norte nos últimos dias da guerra e a mantiveram sob seu domínio após a rendição japonesa. A ONU determinou que fossem realizadas eleições livres em todo o território da Coreia para a escolha de um governo único, mas, apoiados por soviéticos, os norte-coreanos refutaram essa determinação. Assim, outra cortina de ferro surgiu: uma democracia ao sul e um estado comunista fortemente armado ao norte.

A Coreia do Norte tentando se aproveitar de uma grande fatia das ricas terras do sul, em dia 25 de junho de 1950, seus soldados e um grande contingente de tanques soviéticos invadiram a Coreia do Sul, tomando

### 8 A longa marcha da China, 1934-5



rapidamente a capital, Seul, perto da cortina de ferro. Os invasores ocuparam uma grande parte do país antes que o exército norte-americano, então no Japão, pudesse levar socorro.

O Conselho de Segurança da ONU fez uma reunião de emergência em Nova York, que diante da crise na Coreia, acabaram optando por uma operação militar, fato inédito desde a Liga das Nações.

Era o início da Doutrina Truman, com a tentativa de contenção do comunismo. Uma das primeiras contenções foi a guerra da Coréia

As forças das Nações Unidas, compostas por 16 países e lideradas pelo general Douglas MacArthur, logo dominaram o espaço aéreo. Em terra, entretanto, o inimigo era forte. Os exércitos da ONU eram visivelmente

**2024** menos numerosos, em especial após a chegada, em novembro de 1950, de **tropas chinesas** em auxílio dos invasores norte-coreanos. Após três anos, um armistício foi assinado. Coube uma região aos coreanos do norte e outra aos coreanos do sul. **Uma nova cortina de ferro separou a península e, até o fim do século, essa cortina continuava firme em seu lugar.**

### Uma mudança no mapa

Se o fim da II GM não modificou muito mapa do mundo, o que se viu nos dez anos seguintes foi bem diferente. Muitos dos mais importantes eventos do século XX ocorreram na Ásia: lançamento das primeiras bombas atômicas, a vitória do comunismo na China, a guerra da Coreia, quando duas grandes potências daquele século, EUA e China, se enfrentaram pela última vez.

Os fatos relevantes que se passaram no leste da Ásia, no espaço de poucos anos, refletiram uma drástica mudança na geografia política. O Oceano Pacífico, com o Japão, a China e uma parte afastada da União Soviética de um lado e os Estados Unidos de outro, começava a desafiar o Atlântico como centro do poder internacional. Ao mesmo tempo, outro evento refletiu o renascimento da Ásia: a independência da Índia. O longo reinado dos impérios ultramarinos da Europa Ocidental estava muito perto do fim.

### **IMPORTANTE - A GUERRA FRIA**

**Fase 1 - A Guerra Fria Clássica (1947-1961):** Período inicial de configuração e organização interna entre as duas potências. Neste momento a URSS encontrava-se arrasada após a II GM, com mais de 20 milhões de mortos.

- **Plano Marshall (1947):** recuperar as economias européias, integrando-as ao sistema capitalista, com recursos dos Estados Unidos. Stalin proíbe países do leste europeu de aceitar os recursos.

- **Criação da OTAN (1949)** e, em resposta, do **Pacto de Varsóvia (1955)**.

- Bloqueio soviético aos setores ocidentais de Berlim (1948-49) e criação da República Federal da Alemanha (Alemanha Ocidental) e da República Democrática Alemã (Alemanha Oriental) em 1949.

- **Muro de Berlim (1961)**.

- **Guerra da Coreia (1950-53)** e divisão do país em Coréia do Sul e Coréia do Norte.

- Revolução Cubana de 1959 e Crise dos Mísseis de Cuba de 1962.

### **Fase 2 - A coexistência pacífica e a *détente* (1961-1979)**

- Guerra do Vietnã (1964-1973).

- Guerra Civil de Angola (1975).

- A invasão soviética do Afeganistão (1979).

- Boicote das Olimpíadas de Moscou em 1980 pelos americanos.

**Fase 3 - A Nova Guerra Fria (1980-1989):** Este período é assim denominado porque os EUA voltam com força total, gerando uma nova corrida armamentista. A URSS entra em decadência e acaba colapsando neste momento.

- Eleição de Ronald Reagan; pedido de aprovação do Projeto Guerra nas Estrelas - sistema de defesa orbital contra mísseis soviéticos.
- Ascensão de *Gorbachev* na URSS (reforma econômica, *Perestroika*, e política, *Glasnost*): pregação pacifista e proposta de redução dos arsenais nucleares.
- Derrubada do muro de Berlim.
- Fim dos governos socialistas no leste europeu.

## PARTE IX – O DECLÍNIO DOS IMPÉRIOS

### CAP 16 – A FLECHA FLAMEJANTE E OS VENTOS DA MUDANÇA

A população dos grandes países europeus se orgulhava de suas colônias. Por outro lado, alguns estadistas, uma minoria eloquente, consideravam as colônias mais um problema do que um prêmio para os impérios. Certamente algumas colônias representavam vantagem econômica, mas muitas eram uma perda total.

Alguns países como a Grã-Bretanha e a França, e em menor escala Portugal e Espanha possuíam colônias ultramarinas que garantiam suprimentos de matérias-primas e mão de obra barata. Entretanto, a Alemanha e a Itália por terem se unificado tarde sentiram-se em condição desfavorável por não terem participado da partilha do mundo em colônias. O curioso é que às vésperas da Segunda Guerra Mundial, a Alemanha estava em vantagem militar por não possuir muitas colônias, enquanto Grã-Bretanha e França se viram imobilizadas, graças às tantas que controlavam.

Uma potência colonialista requer uma grande e cara marinha para defesa das colônias, o que consome recursos financeiros e leva à dispersão das forças, fatores comprovados pelo violento e rápido ataque de Hitler em 1940. Ao final da II GM, a opinião pública começou a pesar contra as necessidades e justificativas dos impérios ultramarinos, corroborada pelas posições contrárias de Moscou e de Washington na manutenção das colônias, embora não por completo. Se houvesse possibilidade de uma colônia se tornar independente e cair na órbita de influência da União Soviética, os norte-americanos não se mostravam tão dispostos a ajudar tal processo de independência. Os soviéticos tinham um ponto de vista parecido.

O esgotamento da Grã-Bretanha, França e Holanda no pós-guerra e a incapacidade de defender militarmente era o que faltava de ingrediente para o início de um processo contínuo de independência das colônias ultramarinas. Além disso, os britânicos já haviam prometido independência à Índia. A questão difícil era: quando e em que termos?

#### Uma bússola para a Índia

A liderança de Mahatma Gandhi contra o imperialismo foi a mais memorável e influente. Repare que a Índia era a nação mais populosa sob domínio europeu e sua campanha pela libertação foi conduzida com paciência e inteligência raramente vista em outro líder político ao longo do século XX. Note que Gandhi era filho do império britânico, assumindo a condição de colonizado ao mesmo tempo em que lutava contra a dominação. Suas opiniões políticas misturavam ideologias do Oriente, espiritualidade e misticismo, e do Ocidente, formação acadêmica e leitura de obras de grandes pensadores. De fato, a Grã-Bretanha queria garantir certa autonomia à Índia, mas não queria se retirar totalmente do país. Nesse meio tempo, **Gandhi procurou estimular a saída definitiva dos colonizadores**, pedindo aos britânicos que abandonassem a Índia calma e

rapidamente, e para isso utilizava a **resistência passiva** e o **convencimento moral**. Essa postura levou Gandhi a prisão por atividades pacíficas, porém subversivas.

Em 1930, a **Marcha do Sal**, liderada por Gandhi, que acabou sendo uma aventura espiritual e política, teve o objetivo de expor a taxa que o governo arrecadava tanto de ricos quanto de pobres com a venda de sal, gerando uma grande repercussão na Inglaterra onde não havia nenhum imposto sobre o produto. **A resistência passiva somente é possível diante de um governo que possua certo nível de paciência e tolerância. Gandhi pouco teria conseguido se um frio ditador estivesse no comando da Índia. (Stalin ou Hitler)**

O governo britânico desejava fazer concessões à Índia muito antes de tê-las feito a outras colônias, tanto asiáticas quanto africanas. Em 1917, as revoluções russas despertaram temores de que a Índia também pudesse se rebelar e a Grã-Bretanha começou a apoiar a criação de instituições independentes em solo indiano.

Um segundo e decisivo passo, em 1935, foi dividir a maior parte da Índia em 11 províncias autônomas, cada uma com seu parlamento. A política externa continuou em grande parte nas mãos dos britânicos, enquanto os assuntos domésticos ficaram por conta dos indianos. Tal concessão, embora insuficiente para a maioria dos hindus, era excessiva para os **muçulmanos**, uma minoria na maior parte das 11 províncias. Eles acreditavam cada vez mais que seu futuro não estava em uma Índia unida, mas na nova nação do Paquistão, formada pela junção das poucas regiões em que eram maioria. **Com o fim da II GM e a opinião das superpotências contrária à manutenção de colônias europeias pavimentaram o caminho para a independência da Índia.**

### A divisão da Índia

A maioria dos líderes indianos queria uma nação livre que unisse hindus, muçulmanos, siques, parses e todos os outros grupos. Por outro lado, **Muhammad Ali Jinnah**, líder muçulmano, acreditava que uma nação unida seria impraticável. Sua conclusão fora endossada após a eclosão de conflitos religiosos que deixaram cerca de 5 mil mortos e 11 mil feridos em 1946.

A Índia se tornou independente em 15 de agosto de 1947, separando-se em duas nações distintas. A **República da Índia** ocupava o coração do subcontinente, concentrava a maioria da população e tinha, de longe, a maior parte do território. A nova república muçulmana do Paquistão (*Oidental e Oriental*) foi **dividida em dois lados**: o **Ocidental e o Oriental**. A oeste, ficava a vasta planície do Rio Indo; a leste, o delta, propenso a inundações, onde mais tarde surgiria a nação de **Bangladesh**. Essa divisão em duas nações deixou Gandhi bastante decepcionado, e, em 1948, foi assassinado por um integrante de um grupo radical hindu.

A transformação da Índia britânica em de duas Nações separadas foi o ponto decisivo na história da Ásia onde seus efeitos são pouco comentados até hoje. **A potencial influência da Índia subcontinental foi dramaticamente reduzida pela divisão. Se houvesse uma só Índia que congregasse tanto hindus quanto muçulmanos então no fim do século sua população seria maior que a própria China.**

A nova Índia foi governada durante dezessete anos por Jawaharlal **Nehru**. Como líder da mais populosa democracia do mundo, inicialmente tentou seguir o caminho pacífico de Gandhi, instaurando negociações e convocando conferências. Por fim, decidiu-se por outro modo de ação.

Note agora que as rivalidades que atormentavam a Europa estavam se tornando visíveis na Ásia, como é o caso da contenda entre a Índia e a China na região do Nepal e entre a Índia e o Paquistão na região da Caxemira.

### O mágico da Indonésia

A bandeira **holandesa** estava sobre as Índias Orientais por três séculos. O arquipélago indonésio é rico em petróleo e borracha e a sua importância para a Holanda era inegável. Após o fim da Segunda Guerra Mundial, a Holanda tinha sérias aspirações de resgatar aquele território com a saída dos japoneses, no entanto, àquela

altura, era duvidoso que a Holanda possuísse força militar suficiente para derrotar os indonésios em sua crescente resistência.

O presidente Sukarno despontou como líder com um discurso contundente que uniu indonésios. Alinhou-se aos japoneses, em 1942, durante a guerra, por puro pragmatismo, mantendo sempre certa autonomia. Com o fim da Segunda Guerra Mundial, em agosto de 1945, Sukarno declarou o surgimento da nação Indonésia.

Sua base estava na sagrada cidade javanesa de **Jogjakarta**, perto do antigo templo de Borobodur. Nos três anos seguintes, o território sob seu controle se estenderia por metade da ilha de **Java** e a maior parte de **Sumatra**. Outros arquipélagos holandeses mantiveram-se fora do seu controle direto. Em **dezembro de 1949**, a Indonésia se tornou uma nação.

No início, o mágico Sukarno, um mestre no uso das palavras, governou seus 90 milhões de compatriotas com sucesso. Ele liderou campanhas para diminuir as doenças tropicais, especialmente a buba e a malária. Tomou a decisão de aumentar os índices de alfabetização, mas de 80% eram analfabetos, e convocou as primeiras eleições do país em 1955. Porém percebendo que os quatro partidos concorrentes, entre eles o comunista e o muçulmano, receberam um expressivo número de votos, percebeu que a democracia não lhe daria o resultado esperado, dispensando-a, pois ele sabia o que o povo queria.

O que se viu a seguir foi o início de uma escalada da corrupção, a impressão de mais papel-moeda e o descontrole inflacionário. Tomou empréstimos primeiramente dos Estados Unidos e depois da Rússia e da China. A política desastrada de Sukarno atraiu inimigos e houve inclusive contenda com a Malásia, tomando o lado oeste da Nova Guiné, e na própria capital Jacarta, círculos mais próximos do poder começaram a conspirar uns contra os outros. O glorioso reinado de Sukarno, fundador do que hoje é a quarta nação mais populosa do mundo, praticamente havia acabado. Em 1965, as forças armadas tomaram o poder.

Muitas vezes chamado de “**revolta contra o Ocidente**”, o movimento pela emancipação das colônias foi também uma “**revolta dentro do Ocidente**”, onde as opiniões a respeito destas divergiam bastante. Enquanto milhões de famílias britânicas, portuguesas, francesas, espanholas e holandesas, especialmente aquelas cujos parentes e amigos haviam morado nas colônias, queriam que o império colonial continuasse, grupos e partidos políticos que clamavam pelo fim do império também eram fortes.

Esse clima levou ao surgimento de grandes líderes dispostos a enfrentar os anseios do povo pelo fim do colonialismo europeu. Quase todos estavam tão obcecados pela conquista da independência que pouco pensavam no fariam quando a independência chegasse.

### **Os ventos da mudança**

Com relação à África do Sul, este era um território vasto e disputado, assemelhando-se ao Quênia na mistura de europeus e africanos, com brancos abastados e negros pobres, além de um notável número de cidadãos asiáticos bem-sucedidos. É interessante notar que ao longo dos séculos XIX e XX nenhum país da África recebeu mais imigrantes que a África do Sul, inclusive judeus que se fixaram em Joanesburgo e tornaram a bolsa dessa localidade uma das mais importantes do mundo. A mistura de idiomas deu origem a uma nova língua, chamada de *africâner*.

A minoria branca, que compunha um quinto da população total, dominava a nação, conduzindo a mais bem-sucedida economia do continente. *Johannesburgo* na época administrou uma das mais movimentadas bolsas de valores do mundo. Enquanto a população negra e mestiços, cerca de 80%, era subempregada como mineiros, trabalhadores rurais, reparadores de estrada, varredores de rua, garçom e empregados domésticos. Eram mal remunerados, pelos padrões do país, mas bem pagos em comparação com a maioria das nações africanas.

Esse quadro gerou a ideia da supremacia branca que permeou a política nacional, especialmente após 1948, com a chegada do partido nacionalista ao poder. Era uma verdadeira separação entre brancos e negros materializadas em leis, acessos à educação, negócios, locais habitações e uma pequena representação no parlamento. Ainda em 1960, o primeiro-ministro britânico Harold Macmillan advertiu os líderes sul-africanos para os ventos de mudança, mas o alerta foi rejeitado.

O Congresso Nacional Africano negro foi abolido. Um dos líderes, o advogado Nelson Mandela, foi preso, em junho de 1964. Ao ser solto, tornou-se o líder da nação condenando o *Apartheid* e acabando com a ideia da supremacia branca.

### O declínio do Império

A França sofria bastante pressão para libertar suas colônias, mas ao contrário da Grã-Bretanha, embora não quisesse libertá-las, não estava em condições de resistir. O novo governo francês - *De Gaulle que havia assumido recentemente* -, mais do que o britânico, estava ansioso por manter as colônias. Elas traziam prestígio, algo urgentemente necessário após o abatimento da rendição e da derrota.

A ocupação japonesa na Indochina gerou o sentimento de liberdade no povo. Muitas lutas se seguiram após a saída dos japoneses e, com ajuda da Grã-Bretanha, a França manteve sua colônia. **A Guerra do Vietnã, na qual o exército francês e depois o americano lutaram ao custo de pesadas baixas, surgiu como decorrência da determinação da França em permanecer como governante de suas colônias.** O país abandonou a Indochina em 1954, após uma guerra em que morriam mais Oficiais do Exército a cada ano do que a quantidade formada nas academias militares.

O conjunto de colônias na África era valorizado pelos líderes franceses também por causa de sua enorme extensão, uma vantagem na era do átomo, onde os franceses viriam a testar sua primeira bomba nuclear no deserto, em 1960. A Argélia, que ficava de frente para a costa sul da França, abrigava mais franceses do que qualquer outra colônia, sendo tratada como uma colônia especial, inclusive com alguns políticos desejando que se tornasse parte permanente do país. A população da Argélia estava dividida: alguns queriam permanecer com a França e outros desejavam a independência. Em 1962, a questão resolvida por um referendo, votado na França e em todas as suas colônias, por 18 milhões contra 2 milhões **a Argélia passou a ser livre.**

Falando especificamente do domínio britânico, seu império que já durara quatro séculos, a rapidez com que se dissolvia parecia incrível para quem acompanhava o processo de fora, **A perda do Canal de Suez, em 1956, foi devastadora. A decisão, em 1971, de retirar as forças navais de Cingapura foi muito mais importante do que a perda de grandes territórios na África.**

A Grã-Bretanha e a França mantiveram poucas possessões ultramarinas, algumas bastante longínquas, como as Ilhas Falkland, Hong Kong e o Taiti. Quase todas as colônias holandesas e espanholas já se haviam emancipado, e a Bélgica tinha perdido a única que possuía. Portugal, ao contrário das outras potências coloniais, mantinha praticamente todos os domínios desde o início do século. A revolução democrática em Portugal, em meados da década de 1970, fez com rapidamente perdesse seu império.

O afastamento da Europa provocou um profundo sentimento de triunfo nas terras libertas, mas, em muitos casos, a alegria durou pouco. Antes do fim do século, vários analistas concluíram que muitos povos africanos e alguns asiáticos eram tratados de modo pior por seus novos líderes do que pelos antigos.

É um caso a se refletir pois esses países, com democracia enfraquecida, foram altamente influenciados pelo mundo bipolar dificultando o desenvolvimento como nação.

**PARTE X - A CORRIDA ESPACIAL****CAP 18 – AS NAVES DA VINGANÇA**

Durante os vinte anos que separaram as duas guerras mundiais, cientistas amadores e profissionais de vários países lançaram foguetes, muitos dos quais podiam ser facilmente carregados até os locais de lançamento. Alguns explodiram antes de decolar, outros não conseguiram subir, mas houve os que atingiam alturas consideráveis.

Hitler incentivava esse tipo de teste, sob o comando de **Walter R. Dornberger**, em Peenemünde, uma aldeia costeira alemã no litoral do Báltico. Por volta de 1942, os veículos espaciais mais avançados viajavam a mais de 5 mil quilômetros por hora, uma velocidade supersônica que fazia o mais rápido dos aviões parecer uma tartaruga. Tratava-se de uma nova arma, capaz talvez de assegurar a vitória de Hitler, enquanto o exército alemão continuava a avançar em território russo e os japoneses estendiam seu império militar quase à costa australiana.

**Uma regata de foguetes**

O dia 3 de outubro de 1942 foi uma data de triunfo para a Alemanha, um de seus foguetes alcançou mais de 96 quilômetros de altura. Chamados de armas da vingança, os foguetes foram transportados para locais de lançamento no Mar do Norte e apontados contra a Grã-Bretanha. Avanços da Alemanha com os foguetes V-1 e V-2 incentivados por Hitler levaram a grande progresso na área científica espacial. Paralelamente, os alemães produziam um míssil guiado do tipo ar-ar para ataques relâmpago contra bombardeiros inimigos. A guerra acabou antes da conclusão desses projetos.

Em 1945, o exército soviético alcançou a base de foguetes alemã no Mar Báltico, abandonada pouco tempo antes, e a fábrica subterrânea do V-2, tendo acesso a equipamentos, componentes de foguetes, plantas e esboços. Os americanos capturaram uma equipe com 116 especialistas alemães, entre eles, o cientista de foguetes mais experiente do mundo, o alemão *Von Braun*. A captura de Von Braun, de sua equipe e de seus planos secretos pelos norte-americanos durante os últimos dias da guerra foi um golpe decisivo nas esperanças dos russos, que estavam muito atrás na pesquisa de foguetes.

Os russos que já estavam atrasados na corrida de foguete readmitiram seu principal projetista o conhecido Korolev, que havia sido vítima dos expurgos ordenados por Stalin e se encontrava na Sibéria. Sob a coordenação de **Korolev**, os soviéticos aperfeiçoaram as mais importantes práticas de engenharia, até que, por fim, surgiu uma versão russa do V-2.

Em 4 de outubro de 1957, uma pequena nave russa sem piloto atingiu uma altura superior a 800 quilômetros, *Sputnik I* e pesando mais ou menos o mesmo que um homem adulto, completou a órbita ao redor da Terra em 95 minutos e os sons de seus dois transmissores foram captados por radioamadores. Tais sons foram ouvidos com desânimo em Washington. Em 3 de novembro de 1957, o bem maior *Sputnik II*, pesando quase meia tonelada, entrou em órbita. Carregava Laika, uma cadela preta e branca de pedigree duvidoso. Informações muito importantes foram obtidas com esse voo, mas a passageira não voltou à Terra.

O programa norte-americano, mesmo contando com a ajuda de *Von Braun*, havia ficado para trás. O choque sentido pelos Estados Unidos foi intenso. Em 1958, em compensação, *Wernher Von Braun* ajudou a lançar o **primeiro satélite de comunicações, o primitivo *Explorer I*, logo seguido por outro**. É importante perceber que as tensões entre americanos e soviéticos levaram à corrida espacial, pois o desenvolvimento nessa área era visto com uma condição favorável em caso de guerra atômica.

## Viagem ao espaço

A União Soviética liderava a corrida espacial. Já em 1959, um de seus veículos não tripulados se chocou contra o solo lunar. Outro deles entrou em órbita lunar e fotografou o lado escuro da Lua. Essas conquistas promoveram o regime comunista. Os próximos passos eram compostos pela iniciativa de colocar um homem na lua. Em 1961, a União Soviética teve êxito com *Yuri Gagarin*, de 27 anos, que executou uma órbita em torno da Terra, a bordo da *Vostok I*. Um mês a pós a viagem espacial de Gagarin, os americanos anunciaram que até o final da década enviariam um homem à lua e o trariam de volta em segurança.

**É notável que a corrida espacial era de caráter militar, pois foguetes poderiam também carregar ogivas nucleares.** É interessante notar que em 1960 vários locais de lançamento estavam prontos para empreender um ataque nuclear, alguns deles tinham como alvo as maiores cidades soviéticas. A União Soviética por seu lado tinha como alvo as grandes cidades europeias, podendo alcançar os Estados Unidos apenas com os mísseis transportados em Submarinos.

As superpotências estavam envolvidas em sérias e contínuas disputas: uma corrida armamentista nuclear, uma guerra de propaganda para conquistar as mentes e os corações dos povos do mundo, uma luta para atrair os votos das nações independentes nas Nações Unidas e uma espetacular competição pelo espaço sideral.

Em meio a esse quadro, sobe ao poder na União Soviética **Nikita Khrushchov**, que governou de 1953 a 1964. Khrushchov em viagens pela Rússia costumava denunciar em público os terríveis expurgos que Stalin havia realizado em nome do comunismo, omitindo a parte que ele era um dos encarregados em garantir às ordens de Stalin. Diferentemente de Stalin, ele visitou a Grã-Bretanha, em 1956, e os Estados Unidos. A visita foi retribuída pelo primeiro ministro britânico, em 1959, mesmo assim sob o temor de espionagem.

Uma nova era de espionagem teve início quando satélites, sobrevoando a Terra a grandes alturas, começaram a fotografar bases e territórios inimigos. Houve um fato marcante nesse período com a derrubada de um avião-espião americano que voava sobre o território soviético em 1960. O piloto foi capturado e mais tarde trocado por um agente soviético.

Em 1969, por fim, os Estados Unidos colocaram o homem na lua cumprindo a promessa de que colocariam um ser humano na lua naquela década e vencendo a corrida espacial rumo à lua.

## O ameaçador muro de Berlim

A eleição de Kennedy, que governou de 1961 a 1963, não diminuiu as tensões entre as superpotências. Na verdade, ele pediu mais verbas para gastos com armamentos ainda que os americanos estivessem em vantagem no tocante as armas nucleares. Ainda apoiou um plano precipitado para a invasão de Cuba, mas aceitou prontamente conversar com Khrushchov, em Viena. **O russo, debatedor direto e experiente, dominou mental e emocionalmente as discussões e pediu que os norte-americanos e seus aliados abandonassem completamente Berlim Ocidental.** Ao mesmo tempo, a Guerra Fria assumia proporções enormes.

Khrushchov ainda pressionava a Grã-Bretanha, além dos EUA, com relação à Berlim, pois ela recebia cada vez mais alemães-orientais refugiados. Assim, o governo da Alemanha Oriental, com apoio soviético, começou a isolar Berlim ocidental inicialmente com cerca de arame farpado e depois com o famoso **Muro de Berlim**, muro de concreto erguido em 1961. Estabelecia-se intensa vigilância em todos os pontos de acesso ao lado ocidental. Embora as fugas continuassem, agora os fugitivos passaram a ser alvejados com arma de fogo em suas tentativas.

**PARTE XI – CUBA****CAP 19 - A ILHA EXPLOSIVA E O NAVIO FANTASMA**

Os Estados Unidos era o país mais seguro. O país desfrutava da proteção proporcionada pelos dois vastos oceanos, o Atlântico e o Pacífico. Além disso, tinha somente três vizinhos de peso, que perdiam em qualquer comparação, em termos populacionais e econômicos: o Canadá, com o qual sempre manteve boas relações, México, com o qual às vezes tinha algumas disputas, e Cuba, a fértil ilha produtora de açúcar, tão pequena que pouco representava.

A população de Cuba era de apenas 7 milhões de pessoas, a maioria descendente de espanhóis. A instável tradição democrática era respeitada pelos líderes nacionais somente quando servia para mantê-los no poder.

**Fulgêncio Batista** engajou-se no exército como taquígrafo e se tornou líder da vitoriosa revolução de 1933. Sete anos mais tarde, quando estava no comando das forças armadas, foi eleito presidente. Aos olhos de muitos, Batista era um governante hábil, mas também capaz de encher os próprios bolsos, ficou rico o bastante para, aos 40 anos de idade, aposentar-se e ir para a Flórida, onde seu dinheiro ficaria em segurança. Retornou a Cuba em 1952, tornando-se ditador e novamente aumentando o próprio saldo bancário.

**Fidel Castro**, que estava refugiado no México, chegou a Cuba com um pequeno exército e se aproveitou da segurança das densas matas da ilha para fustigar as tropas do ditador Batista. Em **1º de janeiro de 1959**, conseguiu derrubá-lo. **Dezenas de milhares de pessoas fugiram para a Flórida enquanto ainda tinham chance. Foi Fidel que conseguiu a proeza de levar a Guerra Fria para o Caribe.**

Cuba era uma colônia comercial dos EUA, tal como havia sido província da Espanha, **mas Fidel Castro:**

- Confiscou ou expulsou os maiores empreendimentos norte-americanos;
- Desbaratou a máfia que controlava o jogo e as drogas;
- Acabou com as grandes propriedades, passando vastas extensões de terra para os colonos; e
- Nacionalizou os grandes engenhos de açúcar, a maioria dos bancos e muitas propriedades de norte-americanos nas cidades do país.

**Como reação, os Estados Unidos cancelaram a valiosa preferência que permitia ao açúcar cubano estar presente em muitos lares norte-americanos. Economicamente, essa decisão jogou Cuba nos braços da URSS, no final de 1960.**

**O poder de Fidel Castro sobre Cuba foi assegurado pela palavra, ele era um orador hipnotizante.** Sua propaganda, irradiada pela estação rádio e pela emissora de televisão estatal tinha uma grande audiência, uma vez que no país havia mais aparelhos de rádio e TV do que na maioria dos países europeus.

**Os apertados mares cubanos**

**Os estreitos marítimos, tão importante em guerras do passado (Japão x Rússia / Gallipoli / Batalha da Jutlândia / Canal da Mancha / Estreito de Gibraltar), continuavam vitais.** No início da época do poderio aéreo, muitos argumentavam que os estreitos perderiam a relevância, mas **a posição de Cuba, tão perto dos Estados Unidos, continuou tendo importância decisiva.**

Os Estados Unidos, por meio da CIA, deram treinamento militar a 1,5 mil exilados cubanos para que invadissem a ilha. O porto escolhido para o desembarque, em **abril de 1961**, a Baía dos Porcos (Bahia de los Cochinos), ficava no litoral sudoeste. O pequeno exército desembarcou logo após os aviões norte-americanos camuflados terem bombardeado a força aérea cubana. Em dois dias, a maioria dos invasores havia sido capturada. Para libertá-los, Fidel exigiu o pagamento de um caro resgate na forma de alimentos e remédios.

**2022** Khrushchov, que não possuía nenhuma base de mísseis perto do território norte-americano, percebeu o aliado valioso que tinha encontrado em Cuba. Três anos antes, **Washington o havia provocado ao instalar mísseis Júpiter na Turquia, perto da fronteira russa.** Tinha chegado a vez de a Rússia responder, estabelecendo uma base em Cuba, de onde poderia atacar os Estados Unidos e destruir o Cabo Canaveral.

### A crise dos mísseis (1962)

No dia **10 de outubro de 1962**, um avião de espionagem norte-americano detectou atividade em um canteiro de construção em Cuba. Quatro dias mais tarde, o presidente Kennedy soube que dez mísseis soviéticos, capazes de atingir Washington, tinham sido instalados no local. Era impossível afirmar se tais mísseis estavam ou não equipados com ogivas nucleares.

**2020** O líder norte-americano decidiu cercar Cuba com uma grande força naval capaz de deter e inspecionar a chegada de carregamentos soviéticos de materiais bélicos. Em 22 de outubro, falando em cadeia de rádio e televisão, Kennedy deu a notícia ao povo de seu país de que os russos estavam transformando Cuba em uma plataforma de lançamento de mísseis.

Naquela noite, 20 navios soviéticos foram avistados aproximando-se do bloqueio naval norte-americano, estabelecido a cerca de 800 quilômetros de Cuba. Uma embarcação russa, a **Poltava**, carregava ogivas nucleares. Outros dois navios soviéticos, protegidos por um submarino, pareciam prestes a atravessar o limite do bloqueio, situação que faria a armada norte-americana, de acordo com rigorosas instruções, forçar o submarino a emergir. **Jamais os Estados Unidos e a União Soviética haviam estado tão próximos de uma guerra.**

Então, as embarcações russas que navegavam rumo a Cuba retornaram seguindo ordens de Moscou. Em **26 de outubro**, após dias de grande tensão, Kennedy propôs acabar com o bloqueio contra a Ilha e dar garantias de não a invadir, desde que todos os mísseis fossem retirados de lá. Dois dias depois, Khrushchov prometeu fazer isso. **As perspectivas de sobrevivência da raça humana eram consideravelmente maiores quando estávamos indefesos contra tigres do que hoje, quando nos tornamos indefesos contra nós mesmos (Arnold Toynbee).** Um ataque nuclear lançado contra Moscou ou Washington não levaria à vitória, apenas à mútua destruição.

Um ano depois do fim da crise cubana, um acontecimento na cidade texana de Dallas reavivou as tensões. Em **22 de novembro de 1963, o presidente Kennedy foi assassinado.** Os líderes soviético e cubano não ousariam autorizar algo como um assassinato, pois sabiam que isso tornaria a situação incontrolável.

A ameaça da guerra nuclear persistia. A **Grã-Bretanha** e a **França** também haviam desenvolvido armas atômicas. A **China** desenvolveu sua primeira arma atômica em 1964, o que aumentou as chances de a **Índia** fazer o mesmo: os dois países haviam lutado pouco tempo antes nas montanhas que faziam divisa entre seus territórios. Os indianos de fato vieram a desenvolver armas nucleares, aumentando o risco de o Paquistão precisar das suas também. Isso viria a acontecer décadas mais tarde.

### Uma crise ao longo do canal

Outro caso em que os estreitos marítimos foram a causa de grandes tensões entre nações, foi quando o Canal de Suez e o Mar vermelho tornaram-se centro de uma disputa que ameaçou a estabilidade econômica do mundo. Após o conflito de Suez em 1956, Nasser havia fortalecido, com o apoio da União Soviética, o poderio bélico do Egito e o moral do país. **A grande represa junto do Nilo estava em construção.**

Os comboios diários de cargueiros, navios-tanques e de passageiros novamente passavam pelo Canal de Suez. Os egípcios cobravam pedágio e controlavam os pilotos. Nasser não apresentou nenhum sinal de

radicalismo islâmico, mas, ao mesmo tempo, continuava sua oposição a Israel, acusando o país de “ambiçãoes expansionistas”.

Nos dez anos que se seguiram a crise de Suez, a autoconfiança de Nasser e seus aliados aumentava. Essa confiança era tanta que o Egito mandou embora, em 1967, as tropas da ONU de manutenção da paz na Faixa de Gaza e determinou a proibição de cargueiros israelenses de utilizarem o porto de Eilat, que é o único porto de Israel no mar vermelho – e bloqueio do estreito de Tiran. **O objetivo era destruir Israel.**

É claro que é resposta judaica veio na forma de um dos mais devastadores ataques empreendidos por um pequeno país. Em 5 de junho de 1967, em plena luz do dia, sua força aérea se precipitou sobre numerosos campos de aviação militares do Egito. Boa parte da força aérea egípcia foi destruída. A guerra tinha praticamente acabado **em apenas 6 dias**. Nesse período, Israel tomou uma grande extensão de terras inimigas, o que aumentou enormemente seu diminuto território.

Nasser tentou apelar para o apoio dos soviéticos, mas esses, em comum acordo com os americanos, resolveram não intervir. Esse conflito ficou conhecido como “**A Guerra dos Seis Dias**”. O acúmulo de destroços por toda a parte levou ao fechamento do Canal de Suez e obrigou os navios a executarem um extenso desvio pelo sul da África. Essa nova rota exigia novas e maiores embarcações. **Após oito anos sem uso, o canal foi reaberto, mas a sua importância havia diminuído.**

### **Marte e Lua**

**Khrushchov** anunciou que não tomaria parte na disputa para chegar à Lua, mas seu país continuava na frente. Os russos enviaram a primeira mulher ao espaço, *Valentina Tereshkova*, e conseguiram que um de seus astronautas saísse da nave e passeasse no cosmos.

A tão aguardada oportunidade de inspecionar os misteriosos canais de Marte, especulados em 1877 pelo milanês *Giovanni Schiaparelli*, chegou em 1965, quando uma nave norte-americana não tripulada, a *Mariner 4*, voo perto de Marte. Seus instrumentos não detectaram sinal de vida. Tal resultado foi confirmado onze anos mais tarde, quando dois robôs desceram até a superfície do planeta.

Os preparativos para o pouso na Lua continuaram à custa de muito dinheiro. Por fim, em **16 de julho de 1969**, na Flórida, um grande foguete, o *Saturno V*, foi lançado, levando uma espaçonave tripulada por três norte-americanos. Cinco dias mais tarde, **Neil Armstrong pisou na superfície da Lua**, tendo seus vagarosos passos observados por milhões de pessoas pela televisão, e disse: “*É um pequeno passo para um homem, mas um grande salto para a humanidade*”.

## **PARTE XII – O FIM DA GUERRA FRIA**

### **CAP 23 - RAIOS E TROVÕES EM MOSCOU E VARSÓVIA**

A conquista da Lua foi memorável para os Estados Unidos e para o presidente *Richard Nixon*. Poucos países haviam experimentado um triunfo tão importante. As dispendiosas atividades da nação, fossem no espaço sideral, no Vietnã ou nos limites de suas fronteiras, não poderiam ser sustentadas por muito tempo. Um acordo de paz era a única solução. Em **1973**, os Estados Unidos assinaram um cessar-fogo com Vietnã do Norte, e com isso libertavam a si mesmos. **O Vietnã foi a última grande vitória dos comunistas ao longo da Guerra Fria.**

A queda do comunismo era inimaginável para os líderes dos seis países satélites, em especial quando se apresentavam o poderio militar dos russos nos desfiles em comemoração à Revolução Bolchevique.

## **Privilégios em um país comunista**

Grupos de turistas que vinham do Ocidente para visitar Moscou, chegavam à conclusão de que, em plena década de 1970, o povo russo ainda tinha um padrão de vida defasado. Algumas centenas de funcionários, porém, estavam confortavelmente instalados bem no topo da escada social. Esses privilégios pareciam estranhos em um país onde se supunha que todos fossem iguais.

O chefe de estado, **Leonid Brejnev**, não acreditava que seu país estivesse estagnado, embora apatia e moral baixo da população fosse notória. A União Soviética ainda disputava com os Estados Unidos o posto de nação mais poderosa do mundo, competia vigorosamente na corrida espacial e, de alguma forma, dava o melhor de si na disputa armamentista.

Brejnev era temível e ficou cada vez mais, já que seu período de permanência no *Kremlin* foi longo. Esteve no comando pelo segundo maior período entre todos os líderes soviéticos, de 1964 e 1982, e, por vários motivos, podia ser considerado o homem mais poderoso do mundo naquela época.

Durante seu governo a corrida armamentista tornou-se perigosa para a paz mundial uma vez que os avanços faziam com que as armas alcançassem distâncias cada vez maiores o que fazia com que nenhuma cidade estivesse a salvo de um ataque repentino. Embora o alto custo da corrida armamentista fosse um bom motivo para sua interrupção, nenhum dos lados confiava no outro. Os avanços foram lentos, e um **Tratado de limitação do Arsenal Nuclear** foi assinado em 1972. No entanto, alguns círculos em Washington acreditavam que a experiência em negociação de Brejnev estava diminuindo a vantagem Americana.

Ao mesmo tempo a União Soviética aproveitava qualquer oportunidade para expansão do seu poderio ao redor do Mar Vermelho e o Golfo Pérsico, além do envolvimento em Angola e no Afganistão.

Durante os últimos anos do governo Brejnev, o comunismo parecia vigoroso. A União Soviética e a China eram seus baluartes e o regime também era forte em Cuba, na Coreia do Norte, na Albânia, na Romênia e nos instáveis postos às margens do Mar Vermelho. Mas havia um ponto negativo muito visível: o **Camboja**. Situado a oeste do Vietnã, fora governado de forma autoritária pelo príncipe Sihanouk até 1975, quando os comunistas locais tomaram o controle. Liderados por **Pol Pot**, um ex-professor, e apoiados pela China, livraram a nação de todos aqueles que pareciam indesejáveis, levando a morte perto de 20% da população.

## **Tempestades no Leste Europeu**

De todos os satélites comunistas do Leste Europeu, a **Polônia** foi o que obteve a maior autonomia. Sua indústria pesada pertencia ao estado, mas a agricultura estava, em um alto grau, nas mãos da iniciativa privada. Embora o comunismo não permitisse o funcionamento de templos religiosos, a Igreja Católica continuava forte.

**Em 1978, um cardeal de origem polonesa concorreu ao supremo óficio do papado, e foi eleito na esperança de enviar missionários para o seio do comunismo num momento crucial.** O novo papa se preocupava com os problemas e descontentamentos de sua terra natal. Durante o primeiro ano de óficio, voltou à Polônia e, uma gigantesca multidão, estimada em 2 milhões de pessoas, reuniu-se ao longo da rota entre o aeroporto e Varsóvia. **Ao permitir tais liberdades para dissidentes, a Polônia se diferenciava dos outros países comunistas.**

**2023** Se havia uma igreja relativamente independente, talvez o país também pudesse criar um sindicato autônomo. Surgiu, em 1980, o **Movimento Solidariedade**, liderado por **Lech Walesa**, um eletricista católico desempregado que antes trabalhava no estaleiro de *Gdansk*, uma das gigantescas empresas comunistas que surgiram na costa sul do Báltico.

O Movimento Solidariedade recrutava milhões de membros e reivindicava o **direito à greve, algo que não existia em países comunistas**. Durante um breve período, o Movimento Solidariedade desafiou a autoridade do regime comunista em Varsóvia e mesmo em Moscou.

**Ao tornar-se uma influência decisiva em ambos os lados da cortina de ferro, João Paulo II acabou virando alvo político**, e sofreu um atentado malsucedido, em maio de 1981. No final de 1981, o governo polonês tomou medidas de repressão controlando a dissidência, embora não tenha conseguido eliminá-la.

**Com a chegada de Ronald Reagan**, um protestante conservador, ao poder dos Estados Unidos, **veio um aumento considerável nos gastos com a defesa, momentaneamente com o projeto "Guerra nas Estrelas"**, aliado a uma redução de impostos. Em 1982, com a morte de Brejnev, Reagan ficou livre para tomar todas as iniciativas que faria com que o comunismo caminhasse para o seu fim.

### **O homem da Perestroika**

Em março de 1985, *Mikhail Gorbachev* assume o poder, após seus três predecessores no *Kremelin* terem morrido. Quando Gorbachev se tornou chefe de estado, sua preocupação era a economia, percebendo que uma economia tão morosa dificilmente poderia sustentar grandes empreitadas militares. Após uma excursão pelo país, condenando o alcoolismo e a corrupção, *Gorbachev* anunciou que havia chegado o tempo da **Perestroika**, conhecida como uma restruturação no campo econômico.

Havia mais de 6 anos que não ocorria uma reunião de cúpula entre a União Soviética e os Estados Unidos e *Mikhail Gorbachev* viu vantagens em encontrar-se com *Ronald Reagan*. A primeira vez que isso ocorreu foi em Genebra, em 19 novembro de 1985, encontro esse considerado um dos mais decisivos da história do século XX. *Reagan* acreditava que *Gorbachev* estava realmente disposto a reduzir os gastos com a defesa, que estagnavam a economia soviética.

Os dois líderes se encontraram cinco vezes, pois um tratado para o controle de armamento não era fácil de se firmar. Todavia, *Reagan* e *Gorbachev* acabaram com o antigo impasse entre as duas superpotências.

No início de 1989, o mandato de *Ronald Reagan* terminava, e, ao mesmo tempo, a Guerra Fria caminhava para o seu fim. Os líderes não terminaram com a Guerra Fria, mas abriram as portas para o seu fim, pois outros acontecimentos, às vezes imperceptíveis, se sucederiam para que essa Guerra terminasse, de Riga (Letônia) a Cabul (Afeganistão) e do Vaticano a Bruxelas.

### **CAP 24 – A QUEDA DOS MUROS**

*Mikhail Gorbachev (Gorbatchov)* enfrentava severas dificuldades nas corridas espacial e armamentista, às custas da população, fruto dos problemas econômicos. Além disso, os avanços tecnológicos e as “distâncias” cada vez menores do mundo levavam os valores do ocidente capitalista, seus bens materiais e sua ênfase na liberdade infiltravam-se no estilo de vida dos diversos países comunistas.

Repare que, em 1975, quando foi assinado o **acordo de Helsinque** entre a União Soviética e seus aliados comunistas na Europa, a intenção era demonstrar um pequeno sinal de atenção aos direitos humanos. Esse sinal demonstrou que os comunistas perdiam força, enfraquecendo a crença de que poderiam fazer o que quisessem em suas fronteiras.

De fato, durante os primeiros anos do governo de *Mikhail Gorbachev*, os dissidentes tiveram mais oportunidades. O zelo pelo regime diminuía, bem como a percepção de que o comunismo seria um guia para a vida ideal em um plano para o futuro do mundo. Não havia sentido na abnegação do indivíduo em prol da coletividade quando os políticos eram corruptos e o mercado negro estava presente até nas atividades de competência do Estado.

Repare que a população deveria portar passaporte e visto de residência dentro do próprio país. As filas nas lojas e estabelecimentos eram enormes e cada vez mais as pessoas tinham noção de que viviam mal comparativamente a outros locais do mundo. Ademais, o movimento ecológico trouxe mais motivos para críticas a União Soviética. O lixo nuclear era despejado nos mares árticos e havia permissão para depósito de resíduos tóxicos em terra. Em muitas cidades soviéticas, a água que as pessoas bebiam estava contaminada por metais pesados.

**A produção de energia nuclear para geração de eletricidade foi inicialmente um triunfo, e logo em seguida uma tragédia.** O desastre na usina nuclear de *Chernobyl*, localizada na Ucrânia, em 26 de abril de 1986, foi marcante para colocar o movimento ambientalista em choque com a União Soviética, demonstrando que não havia recursos para controle de danos. Mais ainda, o evento causou enorme impacto social, tendo em vista o reduzido e tardio apoio às vítimas.

O envolvimento no Afeganistão, conhecido como o “**Vietnã soviético**”, trouxe um drama ainda maior para a cada vez mais apagada União Soviética. O outrora vitorioso exército vermelho estava sendo derrotado por guerrilheiros de uma nação considerada de terceira categoria em termos militares – mas não em bravura.

*Gorbachev* tentava revigorar a economia russa, quando no **dia 1º de maio de 1987**, uma nova lei entrou em vigor, autorizando as pessoas a **abrirem empresas privadas**, embora sem contratar empregados. A **propriedade particular de casas** se popularizou. As faltas e os métodos **inseguros de trabalho** nas fábricas foram contidos parcialmente por meio da limitação da quantidade de vodca.

Ao mesmo tempo, a **Glasnost** ensejava uma **abertura política** que buscava divulgar os problemas e discutilos em vez de negar sua existência, fato esse inovador na União Soviética. Contudo, o que era percebido é que todas essas ações eram respostas a problemas que mostravam que a União Soviética e seus países satélites estavam muito próximos de uma crise econômica, muito embora dessa vez as pessoas estavam consumindo, viajando mais livremente mesmo que ainda as nações capitalistas não tivessem alcance da maioria.

É interessante notar também que na década de 1970, os EUA sofreram **estagnação econômica associada a alta inflacionária**, denominada **estagflação**, que fez com que aparecessem bolsões de pobreza no país, situação agravada pelos gastos consideráveis do programa “Guerra nas Estrelas” (*altos déficits anuais*).

### Um caldeirão prestes a ferver

Voltando ao leste europeu, o colapso do comunismo na Europa foi sentido em países satélites. Em 1987, eram visíveis o **nacionalismo**, o **descontentamento econômico** e uma **ânsia por liberdade**. Esses três pontos são cruciais para entendermos os movimentos de libertação que fragmentaram a União Soviética e fizeram surgir a comunidade dos Estados independentes. De fato, a Alemanha Oriental era o país comunista com melhor padrão de vida, pois havia gozado de um bom período de crescimento econômico em termos comparativos com os padrões do bloco soviético, mas ainda eram necessárias muito mais horas de trabalho para comprar produtos em comparação com o necessário aos alemães ocidentais.

Esse contraste - havia duas Alemanhas - aumentava cada vez mais e impunha pressões sobre o governo do lado oriental. Embora algumas leis tivessem sido abandonadas permitindo que as pessoas pedissem permissão para visitar parentes do lado ocidental.

Contudo, o número de dissidentes aumentava na Europa Oriental, ajudada pela política de *Mikhail Gorbachev* e inflamados pelo **nacionalismo**. Na **Polônia**, em meio ao caos econômico, foram realizadas **eleições livres** e o Movimento Solidariedade alcançou todos os cargos a que concorreu. Esse quadro levou o Partido Comunista a convidar o Solidariedade para tomar parte na administração. Em paralelo, a União

Soviética já não estava disposta a fazer o uso da força no leste europeu, disposição essa deixada clara com a retirada de tropas da Hungria e da Tchecoslováquia.

A resistência a mudança no interior da Rússia diminuiu também a capacidade soviética de intervir nos assuntos internos das outras nações comunistas. Além disso, a percepção dessas discordâncias por parte das outras nações, com o **desaparecimento da censura, fez com que o número de dissidentes aumentasse ainda mais.**

Em uma decisão inédita para os comunistas, os membros do Conselho de Ministros da Alemanha Oriental, 42 no total, decidiram renunciar e prometeram eleições de livres para o povo. A população da “República Democrática Alemã” não acreditava, pois sentiram medo de uma repressão semelhante a ocorrida na Praça da Paz Celestial cerca de dois meses antes (*na China*).

Em 8 de novembro de 1989, o governo anunciou que o povo estava livre para deixar o país sendo estabelecidas posteriormente regras a respeito disso. No dia seguinte, **9 de novembro de 1989**, foi aberto o primeiro **buraco no muro de Berlim** que por tanto tempo havia impedido o fluxo de alemães orientais.

Naquele momento havia a suposição de que a Alemanha Oriental livre viraria um país independente sob o governo democrático. Entretanto pouco antes do natal de 1989, os chefes de estado de ambas as Alemanhas reuniram-se em **Dresden** para discutir o futuro. Como resultado, a **Alemanha foi reunificada em 3 de outubro de 1990** com apoio de todos os grandes países que haviam insistido após o término da Segunda Guerra Mundial que jamais a Alemanha deveria voltar a ser um só país.

A verdade é que a força dos eventos de 1989 e 1990 no leste europeu foi desconcertante. Todos os movimentos comunistas foram derrotados ou forçados a renunciar. **Os movimentos nacionalistas reivindicaram a independência.** Os países bálticos: Estônia Lituânia e Letônia separaram-se dos soviéticos e a Iugoslávia dividiu-se em nações independentes. **A União Soviética, extinguindo-se por conta das pressões nacionalistas, deixou de existir em 1991.** Seu lugar foi tomado pela Rússia, então independente, e por uma longa lista de novas repúblicas, incluindo **Ucrânia, Cazaquistão e Geórgia.**

**2014** É importante notar que o colapso da União Soviética e da Rússia czarista tinham muito em comum no sentido de que esforços tardios pela reforma foram vistos como sinal de fraqueza e consequentemente tiveram influência nula no processo de se tentar manter a união nacional.

### A China se esforça para avançar

**2018** Durante a ascensão do comunismo como força global, a China trilhou um caminho próprio. Seus líderes comunistas desconfiavam da tentativa soviética de dominá-los e as ideologias dos dois países acabaram por separar-se. Já na década de 1960, as ideologias de ambos os países os separavam. Um dos sinais da mudança foi o processo de transição da dependência da **Albânia**, passando de Moscou para Pequim, além da **recusa soviética em ajudar a produção chinesa de armas nucleares.**

É fato também a percepção de que nos primeiros anos do governo de Mao Tsé-tung alguns direitos sociais melhoraram. Contudo, a economia teve um retrocesso (*grande salto à frente falhou*), inclusive com ocorrência de um grande período de fome com o fracasso da agricultura, entre 1959 e 1961, estimando-se em 30 milhões de mortos. O país era muito atrasado, o trabalho ainda era manual e o uso de animais era predominante. Mao fez cair a motivação de um povo tradicionalmente conhecido pelo vigor e pela resistência.

Para rejuvenescer a China, Mao precisava neutralizar a crescente oposição da parte menos radical do partido comunista. Para tanto, Mao lançou a **Revolução Cultural**, em 1966, em que vários comunistas foram depostos de seus cargos, denunciados, deportados ou mesmo executados. Grupos de jovens, chamados de **guardas vermelhos**, chegavam às grandes cidades, emprestando entusiasmo e frescor à arte da perseguição. O **Livro**

**Vermelho** levava o pensamento do líder chinês, deixando a China de cabeça para baixo. As saídas do país foram fechadas por dois anos e as relações com a União Soviética deterioraram-se.

**Em 1976, com a morte de Mao, veio ao poder *Deng Xiaoping* que fez o possível para modernizar fazendas, fábricas, forças de defesa e todas as atividades em que pudessem ser empregadas novas tecnologias.** Foi nessa época que foi instituído o controle de natalidade pelo qual as famílias poderiam ter apenas um filho, o que nem sempre foi respeitado na área rural. A maioria dos camponeses decidiu que se poderiam ter apenas uma criança então que fosse um menino.

Ademais, o pouco de liberdade econômica não existia na política onde o programa Comunista ditava tudo. Contudo, já era possível ver turistas em Pequim, bem como câmeras e coberturas ao vivo, o que ajudou a divulgar o **massacre da Praça da Paz Celestial, ocorrido em 4 de junho de 1989**. Esse evento diminuiu bastante o prestígio de *Deng* no exterior.

**É interessante verificar como em pouco tempo uma economia combalida conseguiu atrair indústrias de capital estrangeiro.** Por conta dos milhões de chineses que vivem no exterior, a partir de 1980, esses trabalhadores reinvestiram em seu país muito de seu empreendedorismo e de suas riquezas.

Ao fim do longo período de quarentena intelectual da China, ***Deng tratou de reparar os elos com a Europa Ocidental, os Estados Unidos, a União Soviética, a Índia e, um pouco menos, com o Japão***. Consegiu convencer Margaret Thatcher a renunciar a **Hong Kong**, colônia britânica desde 1842. Em **1997, ano da morte de Deng**, o retrato da rainha Elizabeth II deixou de ser reproduzido nos selos postais de Hong Kong.

Entretanto, algumas das velhas estruturas da China continuavam intactas. **O regime era autoritário e duro no trato com os críticos.** Oprimia o Tibete e por vezes ameaçava a república democrática de Taiwan, mas era pouco criticado pela maioria das nações democráticas, as quais desejavam se aproveitar das oportunidades econômicas que disso surgiam.

É fato que a China alcançou grandes números ao longo dos últimos 50 anos, com aumento de riqueza e melhora considerável de sua infraestrutura, embora comparativamente os avanços nas liberdades individuais tenham sido maiores na Índia.

Em 2001, a única nação do mundo que continuava firmemente comunista era a Coreia do Norte, embora não fosse um bom exemplo. A população, malnutrida e atentamente vigiada pelo governo, quase não tinha contato com o mundo exterior. O país mais parecia uma gigantesca gaiola.

### **Um falso alvorecer**

É interessante notar que a dissolução da União Soviética que ocorreu no final da década de 1980 e início da década de 1990 não tem paralelo em toda História Moderna. A sua queda foi rápida e inesperada em um momento de relativa paz. Nenhum prolongado período de tensão, nos últimos séculos, acabara de modo tão imprevisto quanto aquele vivido pela China.

A verdade é que o colapso do comunismo trouxe otimismo. O fim da Primeira Guerra Mundial havia trazido o mesmo. Mas o fim da I GM animou apenas uma parte do mundo. **A extinção da Guerra Fria, por outro lado, criou esperança no mundo todo.** No início da década de 1990, surgiu a crença de que o mundo mudaria para sempre, e que a **democracia e o liberalismo econômico e político** tinham obtido um triunfo permanente. O livre-comércio global era considerado iminente e acabaria definitivamente com as barreiras. Essas afirmativas soavam surpreendentes uma vez que nunca na história da humanidade percebeu-se que o triunfo era eterno.

Foi nessa década que o otimismo veio em larga escala. A internet veio para ficar, a comunicação tornou-se cada vez mais rápida gerando riqueza para muitos. Porém, a história se encarregaria de mostrar que nenhum avanço vem apenas para o bem. Ninguém imaginava que a internet poderia servir também aos terroristas. O mundo já havia presenciado os males do terrorismo, mas o final do século XX e a virada para o século XXI trouxeram consigo o problema avassalador do terrorismo e do fundamentalismo islâmico.

### O lento milagre na Europa

O poder conquistado pelo comunismo russo deveu-se, em boa parte, às guerras mundiais. Outro pensamento que surgiu de maneira forte foi a ideia da **Europa unida**. Os primeiros movimentos haviam sido tomados ainda na década de 1920. Na realidade, **em 1946, Winston Churchill propõe a criação dos Estados Unidos da Europa, porém a ideia não foi para frente.**

Os males sofridos pela Europa ao longo do século XX produziram marcas que culminaram com o desejo comum da União Europeia. Vamos ver agora os movimentos que antecederam isso.

**Em 1951, havia três instituições pan-europeias relevantes: A mais importante era a Organização do Tratado do Atlântico Norte (OTAN), aliança para defesa mútua formada por Estados Unidos, Canadá e nove países da Europa Ocidental, o Conselho da Europa e a Associação Econômica (embrião da União Europeia).** Essa iniciativa reunia as importantes indústrias de CARVÃO E AÇO de três poderosas economias, França, Alemanha e Itália, e mais tarde abarcariam todas as *commodities*. **Esse mercado comum tornou-se uma zona de livre comércio de grande vigor devido em grande parte à Alemanha Ocidental.**

Em 1973, a Grã-Bretanha, a Irlanda e a Dinamarca ingressaram no mercado comum europeu seguidas mais tarde por Portugal, Espanha e Grécia, grupo agora conhecido como **Comunidade Econômica Europeia**. Era notável que esse mercado interno era maior que o americano, em que a principal característica era a política de agricultura que geravam excedentes, eliminando a necessidade de importação.

No final do século XX, o plano de proteger e auxiliar **as minas de carvão e as usinas siderúrgicas havia se tornado uma união política e econômica muito ampla**. Não possuía o exército nem política externa comum. Contudo, tinha um mercado comum, tribunais próprios e um parlamento eleito, desde 1979. Estava tudo pronto para a adoção de uma moeda única. Em 2004, novos membros oriundos do leste europeu foram admitidos. A Europa estava dessa forma mais unida do que havia sido em séculos, porém estava pagando pela antiga desunião, pois perdera a liderança do mundo.

## PARTE XIII – A LUA DO ISLÃ BRILHA OUTRA VEZ

### CAP 26 - A LUA DO ISLÃ BRILHA OUTRA VEZ

A Lua, após décadas de escuridão, brilhava mais uma vez sobre países muçulmanos. Na década de 1960, nações que pouco tempo antes se tornaram independentes demonstraram a força da cultura islâmica. Os primeiros triunfos aconteceram no **Paquistão**, lar da **maioria dos muçulmanos provenientes da Índia** e na **Indonésia** onde estava **a maior população muçulmana do mundo**.

**Nasser, no Egito, e Sukarno, na Indonésia,** representavam a nova convicção que se tornava visível em alguns países islâmicos. Nesse momento, chega a ser surpreendente pensar que, apenas 25 anos antes, quase todas as nações islâmicas estavam sob domínio da Europa Cristã. Pela primeira vez em 500 anos as nações islâmicas ocupavam uma posição de barganha em regiões importantes. Por acaso, **os países que se converteram ao Islamismo possuíam a maioria dos campos de petróleo conhecidos no mundo.**

Observe que o **Oriente Médio, o norte da África, a Nigéria e a Indonésia** possuíam mais da metade das reservas mundiais de petróleo. Soma-se a isso os fatos: declínio das reservas dos EUA, até então principal

produtor do mundo; e de que o petróleo passou a ser a principal matriz energética do mundo a partir da década de 1960, ultrapassando o carvão.

Os produtores de petróleo despertaram a consciência do que viria a ser a semente da **primeira crise do petróleo de 1973**. Nesse ano, os principais produtores de petróleo aumentaram o preço da commodity e interromperam o fornecimento para nações que apoiam Israel. Com o petróleo atingindo preços recordes, o Oriente Médio foi inundado pelos lucros fazendo com que o Islã, que inicialmente se espalhara entre os países mais pobres do globo, agora marcassem presença entre alguns dos mais ricos.

### **Divergências entre muçumanos e cristãos**

Outra coisa que é interessante notar é que as concepções entre o Islamismo e o Cristianismo se modificaram bastante ao longo do século XX. Em 1900, nações cristãs zelavam pela instituição da família, eram mais atentas ao uso excessivo do álcool e consideravam o domingo um dia sagrado. Sua atitude em relação às mulheres era mais parecida com a atitude dos islâmicos do que é hoje. Ao longo do século, O modo de vida norte-americano fazia propaganda do álcool e das drogas, além de tolerar aventuras sexuais e a rebeldia dos jovens. Os muçulmanos rejeitavam o espírito mercantilista, o consumismo e a moral frouxa do ocidente. **O Islã deplorava as rápidas mudanças do ocidente e o ocidente deplorava a lentidão em realizar mudanças do Islã.**

O ocidente lamentava a falta de liberdade pessoais do Islã e o Islã lamentava o que o ocidente havia feito com sua própria liberdade. Porém, é inegável que ao longo do século XX, o Islã cresceu sobremaneira, pois além da habilidade de conservar seus fiéis e atrair mais partidários, as crianças abraçavam a religião dos pais e suas famílias eram consideravelmente mais numerosas. O Islã tornou-se a segunda maior religião do planeta. Os cristãos ainda são os mais numerosos, mas a liderança já se encontra ameaçada.

A resistência do Islã e seus países tradicionais foi alcançada graças ao apoio vindo de outros países. Os muçulmanos espalharam sua fé por meio de movimentos migratórios. Mesmo nos Estados Unidos, no final do século a população muçulmana crescia mais do que a judia. A maioria dos muçulmanos vivia em harmonia com outros credos, mas em algumas regiões o zelo excessivo ao Islã voltava-se para a militância política. **No**

**2013 Irã, a esperada queda do Xá Reza Pahlevi, em 1979, levou ao governo Ruhollah Khomeini, conhecido como Aiatolá (sinal de Deus).**

**Depois da deposição do Xá, em janeiro de 1979, e de sua ida para o exílio, o aiatolá retornou ao Irã, criando uma república teocrática** na qual a pena de morte era largamente empregada em vários casos de dissidência política e religiosa, bem como de crimes comuns. Em um de seus discursos, *Khomeini* denominou os Estados Unidos como **“o grande Satã”**.

Reagindo ao estímulo de seu líder, fanáticos iranianos sequestraram 66 norte-americanos que viviam no país, mantendo quase todos como reféns por mais de um ano. Aproveitando os distúrbios, **o vizinho Saddam Hussein, do Iraque, invadiu o Irã. Essa guerra entre as duas potências islâmicas, uma sunita e outra xiita, foi considerada uma das cinco mais mortais de todos os tempos.**

O Iraque, ao atacar de surpresa, em 1980, em várias frentes a jovem República Islâmica, imaginava que as forças do país estariam desorganizadas e debilitadas, ou seja, semiquilidadas pelos revolucionários, permitindo, assim, controlar a região *Shatt al Arab*, por onde passa grande parte das exportações de petróleo dos dois países. **Em vez de um rápido avanço a Teerã** e aos importantes campos de petróleo do sul, **envolveu-se numa guerra de oito anos e mais de um milhão de mortos**, e na qual poderia ter sido derrotado se não fossem os créditos de seus vizinhos Kuwait e Arábia Saudita e o fornecimento de armas de várias potências (EU, França, Grã-Bretanha, Rússia, Alemanha, Itália e até o Brasil, que enviou engenheiros e técnicos para programas de mísseis para avião).

A Guerra Irã-Iraque mostrou, dos dois lados, um desprezo por perdas e baixas só comparável à I GM. Na defesa do próprio território, os iranianos mostraram que o moral é capaz de compensar em boa parte a deficiência em

organização e armamentos. O mesmo tipo de feroz espírito defensivo foi mostrado pelos árabes do Iraque quando sentiram que o sul de seu território estava ameaçado pelo arqui-inimigo persa (os iranianos). Contudo, a esperança do aiatolá Khomeini de que a esmagadora maioria de xiitas do sul do Iraque se unissem aos “irmãos” xiitas vindos do lado do Irã, jamais se materializou.

### **Fervor e petróleo no deserto**

Na Arábia, a família *Saud* era, havia muito tempo, a protetora do *wahhabismo*, um credo islâmico puritano. Quem revigorou a fortuna da família no século 20 foi o **rei Ibn Saud, que na prática fundou a nova Arábia Saudita.**

Esse país, com sua grande extensão de areia em várias tonalidades, não teve valor econômico algum durante certo tempo, o que mudou com a descoberta de petróleo em 1933. A riqueza crescente trouxe tentações contra os quais o *wahhabismo*. Nesse sentido, foi detido o fluxo de informações do ocidente, além do banimento do futebol e da proibição de estrangeiros comprarem álcool enquanto estivessem no país.

**2013** De todas as nações árabes, a Arábia Saudita era a única aliada tradicional de Washington. Os dois países trabalhavam harmoniosamente, um fornecendo o petróleo, e o outro, proteção militar. Contudo, os Estados Unidos dependiam cada vez mais do petróleo Saudita. Mesmo seguindo os preceitos do Islã, a presença americana na Arábia Saudita era malvista por muitos, os quais desaprovavam até mesmo o governo, vindo a patrocinar terríveis atos de terrorismo.

### **Mais e mais terroristas**

De fato, o terrorismo internacional aumentava. As ações bem-sucedidas pareciam inspirar outras e a cobertura da mídia davam a visibilidade que os movimentos desejavam. Na verdade, **a mídia foi uma aliada involuntária, pois sem publicidade o terror não consegue se espalhar rapidamente.**

O terrorismo começou com ações de judeus extremistas, no final da década de 1940, em sua luta pelo controle da Palestina, seguidos duas décadas mais tarde por palestinos. O sequestro de aviões e a colocação de bombas em bagagens dos passageiros eram as operações mais típicas.

**2013** Professores e pregadores muçulmanos militantes faziam o recrutamento dos terroristas. Na década de 1980, estava acontecendo o embate entre soviéticos e afgãos e muitos dos que eram recrutados foram enviados para ajudar no combate aos ateus soviéticos. Quando a guerra foi vencida, o ódio foi direcionado para os americanos, os **quais eram cristãos e aliados de Israel**, além de disseminadores de uma cultura materialista que seduzia a juventude muçulmana.

Dentre essas pessoas recrutadas que combateram no Afeganistão estava **Osama Bin Laden** que era filho de uma rica família Saudita e adversário religioso da família real que não a considerava austera o suficiente, portanto desqualificados para a tarefa de portar as chaves de Meca. Após a luta contra os soviéticos Bin Laden residiu por cinco anos no Sudão, outra nação propagadora da fé islâmica, antes de retornar, em 1996, ao Afeganistão, então nas mãos do Talibã. Lá, ensinou aos jovens muçulmanos questões religiosas sobre a ótica fundamentalista, bem como as práticas terroristas. Bin Laden combinava audácia e inventividade. Suas unidades terroristas estiveram envolvidas em ataques matando 19 soldados norte-americanos na Arábia Saudita, bombardeando duas embaixadas dos Estados Unidos na África Oriental (causando 260 mortes) e matando marinheiros a bordo do navio de guerra USS Cole, próximo ao Iêmen.

### **Nova York, 11 de setembro**

Porém, a máxima ação terrorista orquestrada por Osama Bin Laden ocorreu em 11 de setembro de 2001, com o sequestro de quatro aviões em solo americano por 19 terroristas, com decolagens dos aeroportos de Boston, Washington e Newark. Os quatro aviões iriam voar até a Califórnia e por isso tinham o tanque cheio.

Esses terroristas tomaram o controle dos aviões à força a fim de realizar o maior dos atos terroristas até então executados. Após o sequestro, os aviões tiveram suas trajetórias alteradas. Dois aviões oriundos de Boston colidiram com as torres gêmeas do World Trade Center. Outro avião oriundo de Washington, caiu sobre o Pentágono. O último avião, oriundo de Newark, após corajosos passageiros resistirem, caiu em um campo desabitado na Pensilvânia. Seu alvo seria provavelmente a Casa Branca ou Capitólio. Vários símbolos do poder americano foram atacados de forma inédita. O ataque às torres gêmeas chegou à 2.973 mortes.

Todos os terroristas eram originários do Oriente Médio, principalmente da Arábia Saudita, antiga aliada dos Estados Unidos. Acreditavam ser servos do Islã. A nação que atacaram fora rotulada por seu líder como "a cabeça da serpente". Na história moderna, nenhuma grande nação havia sido atingida de modo tão devastador no próprio território durante um período de relativa paz. Esse ato desencadeou a conhecida **"Doutrina Bush"** e a **Guerra ao Terror**, como resposta ao mundo das agressões sofridas em solo americano.

Outros militantes empreenderam ação no Afeganistão destruindo duas antigas estátuas de Buda, pois qualquer outra manifestação religiosa era um insulto ao Islã na visão fundamentalista dos talibãs. No fim, o fundamentalismo religioso e os atos terroristas geraram ódio e raiva contra o Islamismo deixando um rastro de destruição e morte por onde passou.

**LIVRO – GUERRA NO MAR: BATALHAS E CAMPANHAS NAVAIS  
QUE MUDARAM A HISTÓRIA (ARMANDO VIDIGAL - 1ª edição, 2009)**  
**B) HISTÓRIA NAVAL**

**Uma Sinopse**

Trata-se aqui da **Batalha do Atlântico**, **o mais importante evento bélico da Segunda Guerra Mundial**. Entre esses dois grandes conflitos do século XX, o couraçado, que até então reinava absoluto, **cedeu espaço para o porta-aviões** como a grande arma de guerra. O submarino, em ambos os momentos, também foi arma fundamental no aniquilamento do inimigo. **Com aparato tecnológico, apoio logístico e operações anfíbias**, os Estados Unidos emergem como a maior potência do século XX.

A batalha naval de **Midway** serve de exemplo e comprova que com poderio naval e humano inferior aos japoneses, os norte-americanos conseguiram derrotá-los na estratégia. Com pretensão de dominar o Oceano Pacífico, o Japão – ainda influenciado pela vitória na batalha de Tsushima – empreende batalha contra os Estados Unidos pelo domínio daqueles mares. Na última grande batalha naval da Segunda Grande Guerra, o Japão entra em conflito com as forças aliadas, lideradas pelos norte-americanos, nas campanhas navais do **Golfo de Leyte, em 1944**. O fracasso japonês no domínio das águas do Pacífico determinou sua derrota e, também, sua consequente rendição. Nesse cenário, a vitória norte-americana redefiniu o sistema internacional de poder.

**PARTE I – CAP 12 - A BATALHA DO ATLÂNTICO.**

**A LUTA PELO DOMÍNIO DOS MARES DURANTE A SEGUNDA GUERRA MUNDIAL**

(03SET1939 a 08MAI1945 – na prática, 22MAI1943)

A **Batalha do Atlântico** foi o **mais importante evento bélico da II GM (maior e mais longa batalha)**. O premier Churchill afirmava que a Batalha do Atlântico foi o momento que mais temeu pela sorte do Império Britânico, em especial quanto ao chamado **"perigo dos submarinos"**. O Presidente **Roosevelt**, mesmo sob o ataque direto do Japão no Pacífico, mantinha o objetivo de vencer a Alemanha e evitar que esta dominasse o Atlântico, após uma possível derrota da Grã-Bretanha.

A II GM surge do choque entre duas grandes potências europeias, a Alemanha nazista e a Grã-Bretanha, e teve como ápice duas grandes batalhas que deixaram **incerto o destino da guerra: a Batalha da França** (entre 10 de maio e 24 de junho de 1940) e a **Batalha do Atlântico**.

A queda da França levava inevitavelmente o Reino Unido a decidir entre duas possibilidades dramáticas: o armistício com o Terceiro Reich, aceitando as condições oferecidas por Hitler logo após a entrada em Paris, ou continuar lutando, mesmo que contra toda lógica imediata. A ausência de um grande aliado na Europa impedia o país de adotar a típica ação defensiva sempre praticada: a combinação de seu poder naval com um grande exército de uma nação continental. Agora, **em 1940**, pela primeira vez, a **Grã-Bretanha teria que contar exclusivamente com seu poder naval**.

### As estratégias em choque

A mudança de governo em Londres (saída de *Arthur Neville Chamberlain* e redução da influência do Lorde *Halifax*, favorável ao “apaziguamento” com Hitler) permitiu a formação de uma frente patriótica, incluindo conservadores, liberais e trabalhistas, culminando na indicação de Churchill para Primeiro-Ministro. Churchill era antinazista, havia alertado do perigo da expansão do poderio militar da Alemanha, e fizera graves críticas à **“Política do Apaziguamento”**, defendia à continuidade da luta.

Para os alemães a persistência dos britânicos significava levar a guerra diretamente ao território britânico. Nesse caso, a eficácia assustadora da *Wehrmacht* (máquina de guerra alemã), em especial das *Panzerdivisionen* (*Div. Panzer - divisões de carros de combate alemãs*), não era de grande valia. Era preciso inserir as tropas em terra no campo de batalha, de forma segura, acarretando no difícil transporte através do canal da Mancha (domínio inglês) e o seu abastecimento contínuo no território inimigo.

A *Luftwaffe* (e secundariamente a *Kriegsmarine* – a Marinha de Guerra) deveriam tomar a iniciativa como principal ferramenta de poder do Terceiro Reich. Antes de conquistar a ilha, na Operação Leão-Marinho, deveria vencer a gigantesca **batalha pelo domínio do espaço aéreo** sobre as ilhas britânicas e o canal da Mancha. **Sem o controle absoluto do espaço aéreo** dificilmente a *Kriegsmarine* teria como dispor de um corredor de desembarque seguro de equipamentos militares e pessoal. Assim, antes mesmo da batalha (terrestre) de conquista, dever-se-ia travar uma batalha aérea de destruição do poder aéreo britânico (aniquilar **as esquadrias, campos de operação – aeroportos – e do complexo industrial de reposição**), ou seja, da *Royal Air Force* (RAF). Era a chamada **Batalha da Inglaterra** - (*primeira grande campanha de guerra travada exclusivamente entre FA*).

O Comando Supremo da *Kriegsmarine* havia claramente advertido *Hermann Göring*, o ministro/comandante da *Luftwaffe*, e o próprio Hitler, da imensidão da tarefa e das suas próprias limitações. O marechal-de-campo *Göring* havia, entretanto, preservado/assegurado o sucesso da *Luftwaffe* em garantir a segurança da Operação Leão-Marinho. Contudo isso não ocorreu.

A Alemanha, com sua formidável força terrestre, sua imensa capacidade de mobilização humana e de produção industrial, dominava a Europa e parte de sua ***rimlands*** (o norte da África e, por meio do governo colaboracionista francês de *Vichy*, partes do Oriente Médio e da África Equatorial). O Reino Unido, amparado no seu amplo controle dos mares, sua imensa capacidade de mobilizar o império e os domínios (**Canadá, Austrália e Nova Zelândia**), insistia em continuar lutando.

**Embora diferenciadas, as imensas capacidades das duas potências e o recurso a armas modernas – em especial o poder aéreo – permitiram que a Alemanha e a Grã-Bretanha continuassem uma guerra que em outros tempos já estaria definida. Em face do impasse estratégico, decorrente exatamente da**

## Batalha da França e da Batalha da Inglaterra - uma ganha e outra perdida -, a única saída era a busca de uma decisão estratégica em outro teatro de operações.

Hitler buscou aproximação com o ditador espanhol *Francisco Franco* para uma aliança que permitiria o ataque a Gibraltar, isolando as bases aeronavais britânicas na ilha de Malta e em Chipre, tornando o Canal de Suez vulnerável. Contudo Francisco Franco recusou a aliança. A tentativa de aproximação com os turcos também falhou.

Em verdade, o Reino Unido já havia perdido tudo o que poderia perder como pontos de apoio no continente. Nada de caráter estratégico restava para Hitler atacar e, assim, causar um duro dano aos ingleses. Tecnicamente, a Alemanha já havia derrotado a Grã-Bretanha ao atingir seus principais aliados, expulsá-los de suas bases na Europa (como na Bélgica e Noruega) e afastar a frota do litoral. Do ponto de vista estratégico, a condução da guerra a partir do final de 1940 encontrava-se, do lado alemão, em forte impasse.

O velho modelo britânico de defesa, o *Balance of Power*, era a política expressa na aliança do seu poder naval com uma ou mais potências continentais contra as tentativas de uma terceira potência continental em tornar-se hegemônica no continente. Ao final de 1940, a Grã-Bretanha não tinha nenhum aliado continental para usar como aríete de sua ação militar. Somente a existência de um poder aéreo considerável permitia que a Inglaterra continuasse a lutar. **A generalização da guerra aérea, seu desenvolvimento como um “longo braço”, muitas vezes associado ao poder naval, é a novidade fundamental do desenvolvimento da II GM após a Batalha da França.**

### Desenhandando a Batalha do Atlântico

A paralisia estratégica entre as duas grandes potências em guerra apontava apenas para um cenário em que o conflito poderia ser decidido: o Oceano Atlântico. As estratégias iniciais eram próximas: **sufocar o inimigo por meio de ataque impiedoso a seu poder naval**, visando a um bloqueio do esforço de guerra inimigo, similar ao adotado na I GM. **O objetivo era a guerra contra o comércio, fazendo uso das grandes unidades de superfície junto aos portos e as rotas costeiras do inimigo.**

Os estrategistas militares das potências continentais não acreditavam na possibilidade de um conflito de grandes proporções, entre grandes potências industriais, num teatro de operações marítimo. Nenhuma das duas potências envolvidas havia desenvolvido um plano de guerra original para esse cenário. **Na I GM, o poder aéreo, o submarino e os sistemas de detecção à distância, embora já presentes, não haviam sido empregados em massa, como seria o caso dessa vez.** **A guerra submarina irrestrita havia sido banida como modalidade de luta pelo Tratado de Versalhes, de 1919.** Os submarinos continuavam a ser vistos como uma arma defensiva não muito honrosa e, evidentemente, seu raio de ação era considerado limitado, devendo compreender as regiões de águas marítimas costeiras (*off-shore*) do inimigo. A mesma falta de visão estratégica fazia com que as técnicas de minagem não fossem empregadas contra a navegação mercante.

**Para a Inglaterra e a França a estratégia naval óbvia, posta em prática em 1939, era bloquear a indústria alemã - matérias-primas e combustíveis - atingindo o esforço de guerra nazista.** Porém, como boa parte do abastecimento estratégico alemão se fazia por terra, via Europa oriental, as marinhas inglesa e francesa centraram sua atenção em neutralizar os modernos e poderosos navios de superfície alemães, tais como os ***Panzerschiff Deutschland* e *Admiral Graf Spee*** na ilusão, como se revelaria mais tarde, de uma estratégia de grandes batalhas navais.

Os ingleses, fiéis à noção de combate entre grandes unidades de superfície, só identificavam perigo nos modernos encouraçados alemães. A força de submarinos de capacidade oceânica não era prevista. **Na época a frota de destróieres com cargas de profundidade era a base da guerra antissubmarino.**

A Alemanha não desejava uma batalha direta com a poderosa frota de superfície britânica. Não fora planejado nenhum esquema de combate combinado com as duas outras armas: submarinos e aviação.

### Inicia-se a Batalha do Atlântico

**2013** Os sinais evidentes da **importância da arma submarina**, que viria a definir o caráter da Batalha do Atlântico, se dão quando o capitão *Gunther Prien*, do submarino U-47, penetra na base naval britânica de *Scapa Flow*, atingindo o *HMS Royal Ark* (*na verdade é HMS Royal Oak*) ainda no seu molhe, permitindo que a *Kriegsmarine* buscasse, junto a Hitler, as condições políticas necessárias para implantar **uma estratégia nova e revolucionária para a guerra naval (submarina)**, dando visibilidade aos submarinos como possibilidade de arma de grande desempenho e de capacidade estratégica.

**2015** **Coube a Karl Dönitz**, comandante da força de submarinos (BdU) e, depois, Comandante-em-Chefe da *Kriegsmarine*, desenvolver a nova estratégia naval alemã na II GM. *Dönitz* vislumbrou uma **ação nova e consistente**: um **agrupamento de submarinos**, denominada de “**matilha**” (em alemão, *Rüdel*, e em inglês, *Wolfpack*), atacando em conjunto, à noite, usando além dos torpedos, o fogo de superfície de artilharia contra os navios comerciais do adversário. O ataque feito à noite, mesmo com os navios na superfície, tornava difícil a sua detecção. Posteriormente, o radar mudaria essa situação. A tática de “matilha” deveria

**2022** “**procurar**” o inimigo no oceano, abandonando as águas marrons (costeiras), apinhadas de navios inimigos e patrulhadas pela aviação costeira.

O sistema britânico de detecção ASDIC era inoperante para submarinos na superfície, e somente era eficaz na detecção de submarinos até **3.000 jardas** e o **navio com menos de 15 nós** de velocidade. Acima dessa velocidade surgiam ecos falsos que dificultavam ou anulavam a capacidade de detecção.

**2022** **Dönitz atribuiu grande importância ao rádio**, que deveria ser utilizado como elemento de coordenação entre as unidades submarinas em ação, facilitando e permitindo uma melhor coordenação dos ataques e a distribuição das informações sobre eventuais alvos.

Essa nova doutrina, combinando as novas tecnologias e o uso mais flexível da arma submarina, denominada de **Rüdelkaktik**, corresponde a um salto na tecnologia militar, comparável a **uma Revolução em Assuntos Militares (RAM)** e sua eficácia será testada durante os longos anos da Batalha do Atlântico. Mesmo a adoção quase imediata do **sistema de comboios pelos ingleses** mostrar-se-ia inoperante em face da “matilha” de *Dönitz*. Na verdade, o comboio era uma forma de potencializar a capacidade da “matilha”.

**A Batalha do Atlântico, por sua relevância estratégica e mesmo por sua longa duração, traduziu perfeitamente a relação entre indústria e guerra.** A capacidade de resistência e de manter-se na ofensiva dependia, assim, das capacidades de manter a produção industrial em funcionamento, garantir o abastecimento industrial e, ao mesmo tempo, manter a paz social entre suas próprias classes sociais.

**O Reino Unido tendia a usar a aviação**, que mostrara seu valor na Batalha da Inglaterra, e sua vasta frota de superfície, como ferramentas básicas de contenção diante da ofensiva alemã. O Terceiro Reich, por sua vez, procuraria maximizar, depois de uma fase inicial de dúvidas, a **eficácia de sua arma altamente temível**, conforme o próprio Churchill: o **submarino**.

Para a implantação de tais estratégias, os britânicos se valiam de sua eficiência organizativa, da teimosa persistência de sua população civil, da larga experiência de sua extensa frota (navios e o pessoal mercante que permitia fazer frente às baixas) e da prontidão fabril do país.

Porém, a ação alemã se avolumava, superando a capacidade de reposição da indústria e, **ao final de 1941, sem a colaboração da indústria norte-americana** para o esforço de guerra inglês (em especial na reposição de aviões e de unidades navais), **a Inglaterra poderia ter se aproximado do colapso.**

Os alemães, por sua vez, aperfeiçoaram a capacidade de construir submarinos, mesmo em detrimento da aviação e dos foguetes, e o desenvolvimento estratégico da sua utilização (**Doutrina Dönitz de uso da arma submarina**). Autonomizaram cada vez mais os submarinos para a navegação oceânica, aumentando os períodos de ação em alto-mar e de horas submersas. Também as práticas de abastecimento autônomo, as chamadas “**vacas leiteiras**” (*submarinos que transportavam suprimentos para os submarinos operativos e faziam a transferência em alto-mar*), foram parte do sucesso da arma submarina alemã. Contudo, a partir da aceleração da perda de *U-boots* alemãs entre 1942 e 1943, o país sentiu fortemente a deficiência de pessoal qualificado. A idade média dos submaristas, já muito jovens, tenderá a cair ainda mais, aumentando o despreparo e afoiteza dos comandantes.

**Como grande estratégia, a Batalha do Atlântico visava à derrota do inimigo, pela capitulação, em face do colapso do seu poder industrial e, talvez, do rompimento da paz social interna.** O objetivo alemão era utilizar o litoral da França ocupada, Golfo de *Biscaia*, *Lorient*, *St. Nazaire*, *Brest* e *Bordéus*, como ponta de lança para a penetração profunda no Atlântico, aniquilando a navegação britânica procedente da Cidade do Cabo e de *Freetown* (comboios vindos das Índias e da África do Sul que até então mantinham a Inglaterra respirando). **Tal penetração era, contudo, limitada pela dificuldade de abastecimento de suas unidades.**

Por sua vez, a defesa britânica, e depois aliada, **tinha que contar com o limite de cobertura dos destróieres e da aviação costeira para dar combate aos submarinos**, sem correr o risco de expor-se demais à aviação costeira alemã baseada na Bélgica ou no litoral francês.

**Foi assim que o submarino emergiu como arma estratégica.** Ele alongava o braço alemão para além das possibilidades da aviação estabelecida no litoral da França e da Bélgica. Os britânicos deveriam contar com a tecnologia (**sistema de detecção de submarinos - ASDIC, radar**) e com o poderio industrial para reposição dos navios mercantes, destróieres e de aviões. **Nesse sentido, a entrada dos EUA na guerra, ao final de 1941, foi um fator decisivo.**

### A mais longa batalha da guerra

Para Winston Churchill, que cunhou a expressão “**Batalha do Atlântico**” e **considerou o mais importante confronto militar da II GM**, o evento de **apresenta em quatro fases distintas**.

#### 1ª Fase - O início da batalha: preparando as armas

- Duração: do começo da guerra, em 1939, até a **Queda da França (junho de 1940)**.
- preocupação central voltada para as grandes unidades de superfície.
- A heróica odisseia do *Admiral Scheer* - *afundou dezessete navios entre novembro de 1940 e março de 1941, fazendo dele a embarcação de superfície alemã de maior sucesso nesse tipo de ação durante a guerra.*
- O momento mais dramático dessa **fase “de superfície”** foi a **Batalha do Rio da Prata**, onde a Royal Navy conseguiu encurralar e levar ao **afundamento o *Admiral Graf Spee***, Navio alemão que utilizava táticas de guerra de Corso para atacar os navios no Atlântico Sul;
- Maior parte das atividades se manteve nas **águas marrons** das ilhas Britânicas, da França, da Bélgica e da própria Alemanha.

- Os ingleses começaram a impor o sistema de comboios concentrando as forças de proteção no Canal do Panamá, Bombaim, Cidade do Cabo e Cingapura.
- A variante ofensiva da política naval britânica consistia no uso de navios aeródromos como bases para esquadrias de patrulhamento naval.
- Afundamento do *HMS Ark Royal*, *HMS Courageous* e um grande número de escoltas e de navios de comércio.
- Nesse momento a arma submarina mostrava sua potencialidade, embora ainda restrita às águas em torno do **Canal da Mancha, do Mar do Norte e do Mar Báltico**.
- O fim de 1939/1940 há uma relativa calmaria nas ações navais.
- Perda de submarinos alemães e dos *Panzerschiff*.
- Pausa para a **preparação da Alemanha para a Operação Weserübung** (invasão da Dinamarca/Noruega).

## 2ª Fase - A fase da primeira grande ofensiva alemã ou Die Glückliche Zeit: “Os tempos felizes”, conforme os alemães

- Duração: JUN1940 a FEV1941, quando os alemães **ocupam o litoral francês**, começam a operar em larga escala no Atlântico ocidental, visando à rota do cabo, o Sul da África e a África Ocidental.
- Começam as operações comuns com os italianos, com a entrada de unidades alemãs no Mar Mediterrâneo.

2022

- Em consequência da **Batalha da França**, o litoral atlântico se abre para as operações alemãs, pondo a frota de submarinos numa posição privilegiada.

- A arma alemã pôde assim se libertar da “gaiola” imposta pelos estreitos dinamarqueses e superar os obstáculos de minagem instalados pelos britânicos no canal da Mancha.

2022

- Os alemães iniciam a **produção em massa de submarinos, capazes de ações prolongadas em mar aberto, libertando-se das limitações das águas interiores**.

- A capacidade de desdobramento e penetração profunda se multiplicam, colocando em risco as rotas britânicas provenientes do Sul (Cabo, Cingapura, Bombaim e Sierra Leoa).

- **A luta se torna, definitivamente, atlântica, para além do Mar do Norte e do Atlântico Norte.**

- Em ABR1940, em função da gigantesca **Operação Weserübung**, os alemães desembarcam na **Noruega** e a **conquistam**, impedindo uma ação preemptiva da Inglaterra (minagem das águas), há muito defendida por Churchill.

- De posse do litoral norte-atlântico, as operações alemãs irão estender-se ainda mais para o Norte, atingindo o **Mar Ártico e o Barents**.

2022

- A conquista da Noruega deu aos alemães **excelentes portos e atracadouros, além de bases aéreas projetadas para o Atlântico**.

- A participação da *Luftwaffe* na **Batalha do Atlântico**, em especial a partir das bases da **Noruega**, é intensa.

2020  
2023

➤ Agora, a Alemanha protegida no seu flanco norte-nordeste, poderia dedicar-se a uma campanha impiedosa contra a Royal Navy e as rotas comerciais britânicas.

➤ Desde JUN1940, concomitantemente com a derrota da França, da qual participou de forma traiçoeira, a Itália se une à Alemanha nazista.

➤ O Mar Mediterrâneo virá a tornar-se um teatro relevante de operações, obrigando os britânicos a mais um desdobramento imprevisto: a criação da **Força H**, sediada em **Gibraltar**, cujo objetivo era **impedir o trânsito de submarinos alemães do Atlântico ao Mediterrâneo, o que poderia paralisar os fluxos comerciais e militares no canal de Suez e anular a superioridade naval de Alexandria.**

➤ A partir de então, boa parte do esforço de guerra, de ambas as potências, ocorre entre as capacidades industriais e tecnológicas.

➤ As perdas constantes de oficiais (“**manpower**”) começavam a afetar a capacidade de resposta de ambas as partes. Os britânicos conseguiram manter o fluxo de incorporação de oficiais de alto desempenho por meio do alistamento de voluntários franceses, belgas, noruegueses e poloneses. **Em pouco tempo, o contingente americano fará a diferença.** Os alemães terão perdas intensas de pessoal na aviação e nos submarinos, e terão muita dificuldade em realizar substituições à altura. Malgrado os grandes sucessos alemães nesses “tempos felizes”, a perda dos grandes capitães foi dura e praticamente sem substituição.

➤ Visando a reequilibrar as condições geopolíticas, profundamente alteradas com a invasão da **Noruega e da Dinamarca**, os ingleses procederão à ocupação da **Islândia** e das **Ilhas Feroe**, mantendo a supremacia estratégica na confluência entre o **Atlântico e o mar Ártico**. **A opção pela invasão da Islândia era estratégica para os ingleses, que assim fechavam, ao menos um pouco mais, a “brecha” ou o “buraco” sem cobertura aérea entre as ilhas Britânicas e o domínio do Canadá e dos EUA, onde os U-boats podiam operar em completa liberdade.**

➤ O significado real do período dos “**tempos felizes**” reside no avanço dos alemães em direção ao **Atlântico Ocidental**, com um uso muito mais extenso da “arma oculta”, **o submarino, o que só foi possível depois da entrada dos EUA na guerra.** Esse avanço pode ser vislumbrado na seguinte sequência:

1. **ABR/DEZ1941:** os submarinos alemães atingem as rotas do Caribe e da América do Sul. O comércio mundial através do canal do Panamá, as importantes rotas entre a Venezuela e o Golfo do México (maiores refinarias de petróleo norte-americanas), além das rotas provenientes da América do Sul – da Argentina e Brasil – ficam sob ameaça dos **U-boats**. **Cresce a preocupação americana**, com o risco do governo de **Vichy ceder Dakar**, no Senegal, aos alemães, “estrangulando” o Oceano Atlântico na altura de Recife e Fernando de Noronha;

2. **A partir de JUN1941:** em que pese a aliança soviético-britânica, observou-se um ataque preventivo desfechado por Hitler contra a URSS. Assim os submarinos (e aviação baseada em navios e principalmente nas bases norueguesas) passam a atacar os comboios britânicos no mar Ártico, que abasteciam a URSS. EUA, em troca dos 50 destróieres cedidos aos ingleses, assumem a responsabilidade de patrulhamento nas Bermudas e Índias Ocidentais, onde recebem antigas bases britânicas. Washington avança sua linha de defesa oriental em direção à Islândia e à Irlanda, diminuindo o “buraco” não patrulado no Atlântico e **eliminando boa parte da eficiência das “matilhas” alemãs;**

2018

3. A partir de DEZ1941: com a entrada dos Estados Unidos na guerra, o Terceiro Reich ordena a extensão da guerra submarina ao Caribe, golfo do México e Atlântico Sul. A percepção do risco de queda de Dacar, no Senegal, implicando o estrangulamento do Atlântico na “cintura” equatorial do oceano é que definirá o acordo militar e diplomático entre o Brasil e os EUA, com a cessão das bases de Belém, Natal, Recife, Salvador e Fernando de Noronha (além de forte presença naval americana na baía de Guanabara), garantindo a liberdade de navegação entre as rotas do Atlântico Sul e o Atlântico Norte, em face da presença submarina alemã e italiana. A Regia Marina, da Itália, entra plenamente em combate fora das águas do Mediterrâneo, atingindo o Atlântico central, em especial as rotas oriundas de Serra Leoa, Salvador e Recife.

➤ Os “tempos felizes” marcam, ainda, alguns grandes embates de superfície. Um desses embates será a Batalha dos Estreitos da Dinamarca, quando os ingleses perdem o *HMS Hood*, mas conseguem, pela ação da *Home Fleet*, impor graves perdas à Frota de Alto-Mar alemã. O afundamento do *Bismarck* é o ponto alto dos esforços britânicos, de grande impacto psicológico e propagandístico. O restante da orgulhosa frota de encouraçados alemães recebe, então, ordem de internamento na Alemanha, em FEV1942. Assim, a Operação Berlinerübung - a interrupção das linhas de comércio britânicas no Atlântico Norte - que havia sido a causa central dos choques diretos entre a *Home Fleet* e a Frota de Alto-Mar é suspensa por Berlim.

➤ A partir dos primeiros meses de 1942, a guerra naval clássica (embate de grandes unidades encouraçadas) havia cessado nas águas dependentes da Europa. Somente no Oceano Pacífico esse tipo de guerra naval continuaria até 1945. No âmbito da Batalha do Atlântico a guerra prosseguiria como um confronto entre a arma submarina e os recursos aeronavais.

### A amplitude da batalha

O uso da aviação, por ambos os lados, será de grande relevância durante a Batalha do Atlântico. Os alemães empregaram os aviões *Focke-Wulf 200 “Condor”* para estender o alcance dos seus postos avançados no litoral atlântico da França, pois são capazes de reconhecimento de longo alcance, o que permitiria um contato de rádio imediato com os submarinos, assinalando a presença de alvos inimigos. Os portos de Bordeaux (golfo de Biscaia) e Stavanger (Noruega) foram utilizados como bases para os aviões de patrulha marítima Junkers 290.

Entretanto a disputa entre a *Kriegsmarine* e a *Luftwaffe*, na verdade entre *Dönitz* e *Göering*, impediriam um uso extenso e intenso da força aérea em apoio ao poder naval. A arrogância e o despreparo de *Göering* para o novo acabaria por esterilizar a *Luftwaffe*, impedindo que inovações doutrinárias e técnicas pudessem impulsionar, ainda mais, a ação submarina da Doutrina *Dönitz*.

Por outro lado, os ingleses, após a percepção correta da flexibilidade tática da moderna aviação, prosseguiram no uso extenso do poder aéreo. Com a Coastal Command Aircraft (uma divisão da *RAF*) sob o seu controle, a *Royal Navy* poderia desenvolver ao máximo a cooperação entre ambas as forças, resultando em excelente desempenho aeronaval. A projeção desse poder para o Atlântico oriental fecharia o “buraco” entre a Irlanda e a Islândia. A ocupação americana da Groenlândia fecharia a brecha entre Newfoundland, no Canadá, e a Islândia.

Criava-se um amplo arco de segurança no Atlântico Norte para os comboios entre os Estados Unidos e o Canadá, podendo atingir a Grã-Bretanha, e daí até a URSS, via Mar Ártico. Encerrava-se uma fase de relativa supremacia dos U-boats.

Assim, em 1942, o sistema de patrulhamento, capaz de identificar, perseguir e atacar os *U-boats* nas águas do Atlântico se estendia de Recife/Salvador a Freetown na África, evitando o estrangulamento da “cintura”

**do oceano.** Ao Norte, o arco se estendia do litoral da Venezuela às Bermudas e do golfo do México até Newfoundland (Canadá), daí à Groenlândia, à Islândia, às ilhas Feroe, até a Grã-Bretanha. A chamada “Mid-Atlantic gap” estava doravante fechada.

Entre JUN e DEZ1941, a Batalha do Atlântico se intensifica fortemente. Com a ajuda dos EUA o sistema de comboios se fortalece. Uma série de invenções britânicas desenvolvidas pela capacidade industrial norte-americana permite aprimorar os principais elementos da guerra antissubmarino (holofotes mais poderosos, sistemas de radar e sonar). O sucesso do HMS Bulldog em apreender o U-110 com um exemplar íntegro da “Máquina Enigma”, e seus códigos, abriria aos aliados os sistemas criptográficos dos alemães. Os “tempos felizes” estavam terminados.

### 3ª Fase - O Ápice da Batalha do Atlântico

➤ Em janeiro de 1942 a Alemanha, então, coloca em prática uma estratégia voltada contra os **objetivos econômicos da Grã-Bretanha**, visando a sufocá-la.

➤ De forma paradoxal, a entrada dos Estados Unidos na guerra facilita a tarefa alemã, já que não mais existem impedimentos de **ataque aos navios norte-americanos**. A Operação *Paukenschlag* - “Rufar dos Tambores” – desencadeia uma brutal caçada aos navios mercantes aliados e neutros que comerciavam com as ilhas Britânicas. O próprio Hitler ordena a destruição do comércio aliado no Atlântico. Trata-se de notável vitória de Dönitz, que sempre fora contra o uso das “matilhas” em direção a alvos militares. Assim, travam-se as batalhas secundárias no “interior” da Batalha do Atlântico, como a Batalha do Caribe e a Batalha do mar de Barents (abastecimento da URSS).

➤ As perdas alemãs de U-boats se elevam consideravelmente e surgem as dificuldades de reposição dos navios e do pessoal de bordo. Os alemães respondem dispondo no mar de novas classes de embarcações, como os submarinos Tipo VII e o Tipo IX, capazes de operar longamente em alto-mar. O Tipo XIV, denominado “**Vaca Leiteira**”, assume a tarefa de abastecer, em pleno mar, as unidades afastadas longo tempo de suas bases. O emprego do “**snorkel**”, que permite ao submarino carregar suas baterias mesmo que submerso, trouxe uma contribuição importante para reduzir a eficiência das patrulhas aéreas na detecção de submarinos. Assim, a introdução do *Elektroboot* – o submarino Tipo XXI e o U-boot XXIII – já no final de 1944, representou notável avanço nas possibilidades de ocultação.

➤ Entretanto, o avanço do Exército Vermelho na Europa oriental, cortando as vias de abastecimento do Terceiro Reich, impunha pesados prejuízos ao esforço de guerra alemão, impedindo à indústria alemã o acesso a matérias-primas e combustível.

➤ Entre março e maio de 1943 chegar-se-ia ao ponto máximo de ferocidade dos combates. No apogeu da Batalha do Atlântico, entre 1942 e 1943, a luta se estendeu desde a África do Sul até a ligação entre o Atlântico com o Mar Ártico, tendo os diversos mares tributários (Mediterrâneo, Caribe, Barents e Ártico) como teatro de operações.

➤ O desenlace final começa a se desenhar após 1943. Embora o esforço alemão em manter uma postura agressiva na Batalha do Atlântico e manter-se na dianteira das inovações bélicas em curso fosse constante, no seu conjunto a **aliança anglo-americana era bem mais poderosa**. A produção constante dos Estados Unidos de aviões, navios, além de munição e equipamentos em geral, não tinha paralelo na história das guerras até aquele momento.

➤ A necessidade alemã de manter e abastecer um gigantesco exército de terra que enfrentava uma insaciável máquina devoradora - o Exército Vermelho - já impunha sinais de exaustão aos alemães. Depois de 1943, os **B-24 “Liberator” (EUA)**, aviões de longo alcance que conseguiam patrulhar toda a área em conflito, e com o novo sistema **“Centimetric Radar”**, a atuação dos U-boats ficou muito prejudicada.

➤ Os aliados vinham conseguindo uma vitoriosa convergência entre **tecnologia e abundância de fontes de matérias-primas e energia**, mantendo o ritmo crescente da indústria bélica. Assim, a Batalha do Atlântico, convertida em forma de **“GUERRA DE ATRIÇÃO NAVAL”** começava claramente a desgastar a capacidade de luta do Terceiro Reich.

➤ As perdas alemãs de **U-boats** são o mais importante índice de um **ponto de inflexão (turning point) na batalha, depois de 1943.**

➤ Perdas de submarinos alemães: 1939 – 9 / 1940 – 24 / 1941 – 35 / 1942 – 86 / 1943 – 242 / 1944 – 250 / 1945 – 120.

#### 4ª Fase - A Crise Final

➤ A Batalha do **Comboio NOS-5**, em maio de 1943, é o momento em que se evidenciam a crise do esforço de guerra alemão e sua incapacidade de manter-se combatendo mais tempo contra a coligação anglo-americana.

**2015** ➤ O almirante sir *Max Horton* toma uma iniciativa tática de grande alcance, criando os chamados **“Grupos de Caça e Destrução”**, compostos de **fragatas e corvetas** que poderiam atuar isoladamente, independentes dos navios escoltas dos comboios. Tais grupos, somente foram possíveis **em virtude da dinâmica industrial anglo-americana**, representavam uma força rápida e flexível de caça aos U-boats. **A doutrina de ataque desenvolvida por Dömitz não conseguia mais sua vantagem.**

➤ Entre JAN1943 e a capitulação alemã em MAI1945, dá-se a fase final da Batalha do Atlântico. Entretanto, desde MAI1944 o dinamismo ofensivo alemão havia cessado no Atlântico.

➤ Com o Dia-D, a gigantesca operação de **desembarque aliado na Normandia, em 06JUN1944**, a Alemanha perdia seus pontos de apoio no litoral francês, tendo que abandonar as imensas fortificações e bases de submarinos no Atlântico. O poder naval alemão era, assim, duramente atingido.

➤ **Com os aliados novamente dominando a França e encerrando as operações germânicas no país, a batalha estava, na prática, encerrada.**

➤ Em **05MAI1945**, o *Grossadmiral Karl Dönitz* dá ordem de cessação de combate para todos os submarinos, com uma única frase de agradecimento: “vocês lutaram como leões!”.

➤ A mais importante batalha da II GM terminava com a derrota alemã.

#### PARTE II – A BATALHA NAVAL DE MIDWAY (CAP 13)

Midway é uma pequena ilha do Oceano Pacífico, “na metade do caminho” entre os EUA e o Japão. O controle da ilha, no âmbito da Guerra do Pacífico, representava enorme vantagem estratégica e a luta por ela constituiu **uma das principais batalhas aeronavais da história**. A vitória da marinha dos EUA representou um **êxito político e estratégico** que excede a conjuntura da II GM, e que remonta a uma peleja estratégica iniciada nos primeiros anos do século XX.

O resultado da batalha foi uma decisiva e crucial vitória para os norte-americanos, lembrada como **o mais importante confronto naval da Segunda Guerra**, marcando o ponto de virada no conflito e causando aos japoneses a perda de quatro porta-aviões e dois cruzadores de sua frota, além de duzentos pilotos navais. Essa frustrada tentativa

de invadir e ocupar o atol de Midway enfraqueceu permanentemente a capacidade de combate japonesa no mar e no ar e lhes retirou a iniciativa militar pelo resto da II GM.

Para analisar a importância da Batalha de Midway, é necessário compreender desde o processo de desenvolvimento do capitalismo nos dois países até a batalha propriamente dita.

## O Japão

Em 70 anos, o Japão evoluiu da economia agrária e fechada ao relacionamento estrangeiro para a condição de economia industrial avançada, movida por uma política imperialista agressiva. Em 1853, os EUA forçaram o Japão a abrir seus portos ao comércio entre os dois países. Os “navios negros” (kurobune) americanos - como eram conhecidos pelos japoneses, em virtude da fumaça preta saída das chaminés da propulsão a vapor dos navios - estavam autorizados a abrir fogo caso os japoneses rejeitassem a proposta. Esse momento marca o fim do isolamento japonês, que o colocou fora do processo colonial europeu que acontecia naquela época. Os EUA começam a definir aquela área do Pacífico como de seu interesse pela necessidade de estabelecer bases com depósitos de carvão para os navios que faziam comércio entre EUA e China.

Em 31MAR1854, o **Tratado de Kanagawa** (Tratado de Paz e Amizade entre EUA e Japão) foi uma consequência óbvia do aumento da influência ocidental, através dos EUA no Japão. Samurais contrários ao shogun (conservadores) rejeitam o ato de subordinação aos ocidentais e a partir de 1858 iniciam uma guerra civil. Em 1868, samurais realistas (defendiam o shogun) depuseram as armas contra os samurais conservadores (defendiam o imperador). Esse momento significou a união, pois conservadores convocam os realistas para recompor o consenso nacional, a fim de evitar a divisão da elite. **Juntos elaboraram um projeto nacional segundo o qual, o Japão deveria avançar aceleradamente para a modernização e realização de reformas, sociais, econômicas, educacionais e políticas.** Seria a “revolução vinda do alto”, onde buscava-se extinguir as relações sociais feudais e substituí-las por modernas relações capitalistas de produção.

O ano de 1868 marca o início da Era Meiji. A elite samurai demonstra impressionante determinação em levar adiante o projeto nacional de fazer do Japão um país rico e militarmente forte. Seria o “milagre” ou o despertar de energias reprimidas, não se sabe ao certo. O que é fato é que o Japão foi inserido no sistema internacional em condições de subalternidade e assumiu o papel de grande potência já no início do séc. XX.

O Japão explorou com rapidez e eficiência as oportunidades que a economia internacional ainda podia oferecer aos que ingressavam tardivamente na era industrial. Já a China percorreu um caminho longo, tortuoso e repleto de obstáculos para, somente muito tempo depois, vir a alcançar a condição de grande potência.

No início da déc. de 1870, a economia de mercado com ampla participação da Inglaterra, defensora da doutrina liberal, via o crescimento econômico dos demais países como positivos, nunca se importando em criar um plano contingente em face das possíveis concorrências vindouras. O Japão obtém dos ingleses importantes facilidades para avançar seu projeto de desenvolvimento econômico. Ademais, também contribuíram: condição geográfica insular, demografia pouco expressiva e proximidade da Rússia (preocupação da diplomacia inglesa).

A Política “*Shokusan Kogyo*”, que consistia em desenvolver as indústrias e promover as empresas, visava à consolidação do sistema bancário nacionalizado, instalação de redes ferroviárias e de correios, montagem de fábricas-modelo posteriormente privatizadas, e empréstimos de equipamento e capital. **Isso capacitou o Estado para impulsionar a atividade produtiva. Era o início dos “Zaibatsus”, poderosos grupos econômicos, especialmente na prospecção do carvão e na indústria têxtil.**

No final do século XIX houve aumento do poder industrial do Japão, suscitando a necessidade de matérias-primas e de mercados (mercado interno e simples exportação já não eram suficientes para a sua capacidade produtiva). O desdobramento econômico-político, com a projeção do Estado para fora do seu

território de modo a disputar áreas de influência com as outras novas potências imperialistas, tais como a Alemanha e os EUA, faz com que o Japão passasse a competir entre eles, e também com Inglaterra e França (velhas potências), pelo controle das áreas produtoras de matérias-primas e consumidoras de mercadorias e empréstimos. Para tanto, lançam mão de seu poderio militar.

Entre 1894/95 ocorreu a **guerra entre Japão e China** pela disputa do poder tutelar sobre a Coreia. Anteriormente, a China exercia hegemonia sobre a Coreia (meramente política e cultural). O Japão aumentara a pressão sobre a Coreia em busca de facilidades portuárias. O rei da Coreia busca proteção da Rússia e, depois, da China para sustentá-lo no trono, fazendo eclodir o conflito.

Em pouco tempo fica evidente que a correlação de forças entre os dois países havia mudado e que o **Japão era a nova potência regional**. Com o **Tratado de Shimonoseki** (*Taiwan também foi cedida por este tratado*), em abril de 1895, a China renuncia ao poder suserano sobre a Coreia e o Japão obtém expressiva vitória, abrindo caminho para o exercício do controle sobre aquele país. **Esse evento constituiu o primeiro importante passo no processo de expansão econômica Japonês.**

Em 1900, o Japão atuou decididamente para esmagar a rebelião chinesa dos **boxers**, mostrando que a relação com a China estava definitivamente mudada. Em 1902, firmou o **tratado de aliança com a Inglaterra**, unindo militarmente os países, **sendo o primeiro tratado em que uma potência ocidental assina com um Estado não ocidental em igualdade jurídica**. O objetivo era impedir que a Rússia consolidasse sua presença na Manchúria e tentasse entrar na Coreia (A Rússia havia ocupado Porto Arthur, na China, e, a partir dali, estendeu a sua presença na Manchúria).

Assim, o Japão, **sem declaração de guerra**, atacou de surpresa a frota russa em Porto Arthur, em FEVEREIRO de 1904. **Entre 1904/05, houve a guerra entre Japão e Rússia**. Foi travada a importante Batalha terrestre de **Mukden**, sem vencedor, **mas foi no mar que a guerra foi vencida**. Após 8 meses de viagem a partir do Mar Báltico, a esquadra russa é impiedosamente batida pela esquadra do **Ale Togo**, nas proximidades da **Ilha de Tsushima (batalha decisiva)**. A vitória do Japão o consagra como potência regional e o insere no grupo de potências imperialistas mundiais. **Era uma situação inédita, pois pela primeira vez uma potência europeia foi derrotada por uma nação asiática num confronto de grandes dimensões.**

O presidente **Theodore Roosevelt (EUA)** oferece mediação a fim de evitar a destruição total da armada russa e restabelecer a comunicação diplomática entre os dois países. A intervenção não foi por acaso, pois os EUA eram parte interessada no conflito e consideravam a mediação necessária para que o equilíbrio político na região não fosse quebrado em favor do Japão (apesar de terem apoiado os japoneses desde o início).

Após a assinatura do **Tratado de Portsmouth** (que rendeu o prêmio Nobel da Paz a *Roosevelt*), violentas manifestações populares de caráter nacionalista ocorrem no Japão, pois, para a população em geral, **o governo havia cometido um ato de traição ao não cobrar uma indenização de guerra dos russos e privar o Japão de exercer o domínio completo sobre a parte nordeste da Ásia**. As hostilidades também se voltam contra a missão diplomática dos EUA em Tóquio, pois o país interrompera a progressão imperialista do Japão.

## EUA

Desde a década de 1840, capitalistas americanos demonstravam interesse pela expansão econômica através do Pacífico, almejando, sobretudo, o mercado chinês. Porém, a nação encontrava-se dividida e não havia clareza em relação a esse e a outros projetos de expansão.

A partir de 1870 a situação muda. **Encerrada a Guerra de Secesão** com a vitória da União sobre os Confederados, em 1865, com o eventual declínio da economia escravagista e a franca expansão para o oeste,

os EUA se convertem em uma nação continental, deixando para trás a era do carvão e do ferro e ingressando na era do aço, da eletricidade, do petróleo e dos produtos químicos. O aumento da produção industrial e agrícola foi maior que o consumo, causando depressão e forte queda de preços em diversos períodos entre 1870 e 1900. Com efeito, houve a necessidade de expansão para novos mercados e áreas para investimentos.

No final do século XIX, as ideias do **Alte Mahan** passam a influenciar nas decisões dos círculos dirigentes dos EUA: uma nação com economia agrícola e industrial desenvolvida careceria de mercados externos para escoar seus excedentes. Assim, gerava-se a **necessidade de uma marinha mercante organizada** para a exploração desses mercados, a **necessidade de uma marinha de guerra sólida** para a sua proteção e a **necessidade de adquirir portos e bases de abastecimento e o domínio das vias marítimas**. Segundo Mahan, o império britânico (era vitoriana) era um exemplo de uso bem-sucedido de poder marítimo e os EUA reuniam todas as condições assumir essa condição de potência mundial.

Em 1898, a Guerra entre EUA e Espanha representou **um marco da virada diplomática americana**. A timidez internacional dá lugar a uma política exterior agressiva, sobretudo em relação à Ásia. Protestos cubanos contra a tributação americana sobre a importação do açúcar da ilha (1894) foram brutalmente reprimidos pelos espanhóis. A exploração por parte da imprensa aliada a setores interessados em submeter a ilha aos EUA forjou um sentimento antiespanhol no povo americano. A misteriosa explosão do navio **Maine**, atracado no porto de Havana, matando 264 marinheiros e 2 oficiais foi a oportunidade que os EUA aguardavam para responsabilizarem os espanhóis até que, em 25ABR1898, os EUA a declararam de guerra à Espanha. O Comodoro **George Dewey** dirige um ataque fulminante à esquadra espanhola atracada em Manila, nas Filipinas. A guarnição espanhola nas Filipinas se rende em 13AGO1898 e o conflito se encerra em DEZ1898.

Pelo **Tratado de Paris**, os EUA compram as Filipinas por USD 20 milhões e a Espanha cede Porto Rico e Guam a título de indenização e reconhecem a independência de Cuba. Ademais, a base cubana de Guantánamo passa para a soberania americana. É conveniente pontuar que o Havaí, junto às Filipinas, são as bases a partir das quais os EUA projetam seu poder e afirmam seus interesses no Oriente.

A ação imperialista colonialista por parte dos EUA encontrou resistência em grande parte da população americana, que se sentiu ludibriada quanto ao verdadeiro motivo da guerra (**independência de Cuba X anexações territoriais**), além do desconforto causado pela guerra de libertação movida pelos filipinos logo após o evento. A política colonialista vai de encontro à ideia de que os EUA se formaram como uma nação lutando contra o poder tirânico colonial inglês. A contradição do mito fundador da nação norte-americana foi superada quando os EUA passaram a executar uma **política imperialista exclusivamente econômica**, pois já possuíam um enorme território e uma população em permanente crescimento, situação oposta à do Japão. Em 1906, os EUA já possuíam a segunda maior frota mundial, atrás da frota inglesa, e expandindo seu poder financeiro e comercial para o Oriente e América Latina.

A crise chinesa produzida pela Rebelião dos boxers, em 1900, significou o início da nova orientação política internacional dos EUA. Os chineses sempre tiveram lugar especial na imaginação dos americanos, por duas razões: **(1) vender mercadorias e (2) aproximar os de Deus**. A rebelião dos *boxers* foi a oportunidade para os americanos demonstrarem aos europeus e japoneses a sua disposição de fazer que seus interesses fossem considerados. Após a rebelião, as potências ocidentais consideraram a ideia de partilha da China. Os EUA reafirmam a doutrina das **Portas Abertas** e da preservação a integridade territorial e administrativa da China e igualdade de oportunidades a todos que desejasse comerciar com a China. A firme posição dos EUA foi suficiente para deter os europeus, marcando a posição dos EUA como ator no contexto geopolítico do Pacífico.

A “diplomacia do dólar” constitui a expressão do consenso entre os imperialistas americanos.

## Final do Século XIX / Início do Século XX

Japão e EUA expostos como potências emergentes do Pacífico, porém ainda não eram os protagonistas, como Grã-Bretanha e Alemanha. A Grã-Bretanha estava consciente de que a Alemanha tinha potencial para disputar a hegemonia na área. Segundo a avaliação da Grã-Bretanha, EUA e Japão eram aliados convenientes e não ameaçavam suas posições, assim não lhes impôs restrições.

A alteração do quadro após a I GM, com a ameaça alemã afastada, em grande parte, pela intervenção dos EUA, levou o Japão a receber várias vantagens ao final da guerra, fruto de um acordo de ação comum junto à Inglaterra. (*O Japão também se beneficiou no pós I Guerra – ver pág. 16 – “um balanço da guerra”*)

### I GM

Em AGO1914, o Japão assina com a Grã-Bretanha um acordo de “ação comum” no extremo oriente. Ao final da guerra, **os dois países dividem as ilhas do Pacífico que pertenciam à Alemanha** (Japão fica com as **Ilhas Marianas, Marshall e Carolinas**). É importante observar que as ilhas não tinham valor econômico, mas sim estratégico.

**Os Acordos de Paz de Paris concederiam ao Japão a península de SHANTUNG, área controlada pela Alemanha, fazendo crescer significativamente os negócios japoneses na China.** O Japão intensifica, também, o controle sobre a **Coreia e ocupam parte da Sibéria e das ilhas Sakalinas**. O desequilíbrio do poder naval no Pacífico começa a preocupar a Grã-Bretanha e os EUA. Reações da sociedade americana quanto aos benefícios concedidos ao Japão no fim da I GM, alimentavam **preocupações de um possível fechamento do mercado chinês** e pelo controle japonês sobre a **ilha de Yap**, onde estavam assentados **cabos submarinos**.

A agilidade com que o Japão ocupa os espaços deixados pela Alemanha **irritou e surpreendeu** os EUA. Desta feita, aumentam as hostilidades contra os japoneses vivendo em solo americano. **Chegou-se a falar em guerra para resolver as contradições.** Apesar de oficialmente não cogitar essa hipótese, o governo dos EUA já possuía, desde 1904, um plano completo de guerra contra o Japão, o **Plano Laranja**, o que demonstra que os EUA estavam convencidos de que, em algum momento, o Japão seria um obstáculo.

No início do século XX, a esquadra americana precisava se dividir **entre dois oceanos**, haja vista que não se admitia a ideia da criação de uma frota para cada oceano. Paradoxalmente, **após a inauguração do Canal do Panamá**, em 1914, a dificuldade foi superada com o aumento do investimento para **criar duas forças navais**, uma para cada oceano.

Por meio da **Conferência Naval de Washington**, entre **12NOV1921 e 06FEV1922**, objetivava-se reduzir a tensão na Ásia e evitar uma corrida armamentista (para os EUA: reduzir a vantagem que o Japão obteve com a I GM, apaziguando a opinião pública interna). A Inglaterra se viu obrigada a **abandonar** sua política do **Two powers Standard** (ter sempre uma frota pelo menos igual a soma das duas mais fortes do mundo), e o Japão se sentiu forçado a baixar suas pretensões expansionistas, ficando acordado que:

- **Nenhuma potência teria uma frota de mais de 500 mil ton.** (na proporção de 5 : 5 : 3 : 1,75 – EUA, Grã-Bretanha, Japão, França e Itália);
- **EUA comprometeu-se com o Japão que não construiria bases militares na parte oeste do Havaí e a Grã-Bretanha NÃO construiria bases na parte leste de Cingapura;** e
- O Japão devolveria a província de **Shantung** à China.

Em 06FEV1922, também foi assinado o **Tratado das Nove Potências**, primando-se pelo respeito à soberania, à independência e à integridade territorial/administrativa da China. Assim, os EUA afirmaram o princípio das **“Portas Abertas”**.

### A Crise de 1929

Para enfrentar os efeitos da crise, o Japão passou a ameaçar diretamente os interesses econômicos, políticos e estratégicos dos EUA no Pacífico. **Isso porque entre os países mais desenvolvidos, o Japão foi um dos que mais sofreu com a crise financeira desencadeada pela quebra da bolsa de Nova York.**

Uma tese, da **“Estabilidade Hegemônica”**, defendia que a crise foi causada porque os EUA não assumiram as responsabilidades que lhes cabiam por possuir a principal economia capitalista do mundo, após a guerra.

Economias mais frágeis, que dependiam das importações americanas foram rapidamente arrastadas para a depressão. As economias mais fortes (Grã-Bretanha e França), que dispunham de colônias, logo procuraram se proteger. O lema egoísta de empresários *“America First”* era pautado em: não distribuição dos lucros em forma de aumento salarial; contração do consumo; generosa política de concessão de crédito direto ao consumidor; e aumento de exportações com aumento tarifas alfandegárias. Soma-se a isso tudo a intensa especulação da bolsa e imobiliária, sustentada por taxas reduzidas de crédito bancário.

O Japão possuía apenas duas colônias: Taiwan e Coreia. A falta de matérias-primas em seu território era flagrante, o que fazia com que o país importasse tudo o que era necessário para se desenvolver. A instalação de novas indústrias resultou numa dependência ainda maior de matérias-primas importadas. Com o expressivo **aumento populacional entre 1914 e 1930**, o Japão deixa de ser autossuficiente em gêneros alimentícios, fazendo surgir duas correntes políticas internas:

1. **Governo civil** → respeito aos acordos internacionais e busca de cooperação.
2. **Militaristas** → solução dos problemas por meio de vigorosa **política expansionista**, ensejando maior necessidade de importação de matérias-primas e controle de áreas produtoras de petróleo, ferro, manganês, carvão, algodão etc.

Na **Conferência Naval de Londres (1930)**, foi concebida como uma continuação da Conferência Naval de Washington (1922), que **limitou a tonelagem dos cruzadores** na proporção 10:10:7 (Grã-Bretanha, EUA, Japão). O acordo foi mal recebido pelos japoneses, pois a população entendeu que os EUA saíram como os principais beneficiados.

Contida a política marítima, militaristas buscam expansão por via terrestre. Em SET1931, o Japão, sob o pretexto de um suposto ataque chinês à linha ferroviária perto de **Mukden**, **ocupa** todo o território da **Manchúria**. O Japão importava da Manchúria carvão, minério de ferro, sal, trigo e soja, e tinham a esperança que seria a solução para a **falta de arroz, petróleo e algodão**.

Os EUA reagirem fortemente. A Sociedade (*Liga*) das Nações condena a ocupação, fazendo com que o Japão opte por deixar a Organização. O Japão se desilude com a Manchúria, conseguindo explorar apenas o **sal e carvão**. Após cinco anos, **estende** a ocupação no território da China. **Ao contrário do que previa os militaristas do Japão, comunistas e nacionalistas da China se uniram para combater o inimigo comum. O ataque e invasão da China pelo exército japonês davam, na verdade, início à Segunda Guerra Mundial.**

### II GM

**A ocupação da China pelo Japão representava um desafio aberto aos EUA, Grã-Bretanha, Holanda e França.** Aos EUA porque a China constituía o ponto mais sensível de seus interesses econômicos e estratégicos da Ásia. Aos Europeus, porque os japoneses, em sua nova fase expansionista, declaravam estar

em processo de construção da Esfera de **Co-prosperidade Pan-Asiática**, o que traduzia a disposição militarista do governo do Japão de buscar em toda a Ásia as bases econômicas que garantiriam sua autossuficiência.

Nesse ínterim, a campanha da China não obtém o êxito esperado e lideranças japonesas entendem que a necessidade agora seria de estender a ocupação na direção norte, **invadindo a SIBÉRIA**, região detentora de todas as riquezas necessárias ao Japão (embora os investimentos necessários para viabilizar sua utilização estivessem bem acima das possibilidades de sua economia), o que significaria uma nova guerra com a Rússia.

Em JUL1939, os EUA decidem suspender, para o ano seguinte, o **Tratado Americano-Japonês de Comércio e Navegação**. A vitória de Hitler sobre a Bélgica, Holanda e França, em julho de 1940, ocasionou **um vazio de poder nas colônias asiáticas, ricas em matérias-primas, sinalizando para o Japão dirigir a ocupação para o sul**. Os EUA pressionam os europeus a dificultar o acesso do Japão às matérias-primas.

O Presidente *Franklin Roosevelt* (EUA) considerava a Alemanha a principal inimiga e não desejava assumir a guerra em dois oceanos. Nessa altura, houve contingenciamento e aumento do preço do petróleo, para conter a expansão japonesa, pois o Japão ainda dependia do petróleo dos EUA. Em SET1940, o Japão ocupa o norte da **Indochina** e *Roosevelt* prossegue com o contingenciamento e passa a embargar exportações de ferragens e aço, o que não surte o efeito desejado. Em vez de levar o Japão a reconsiderar sua estratégia, o **contingenciamento reforça nos japoneses a convicção de que a saída era a expansão**.

Em JUL1941, o Japão invade toda a Indochina, rica em borracha, mas não resolveria a falta do petróleo. **Em resposta, os EUA adotaram as seguintes medidas:**

1. Congelamento dos ativos japoneses nos EUA;
2. O fechamento do canal do Panamá aos navios do Japão; e
3. Embargo nas remessas de gasolina de aviação.

O plano de *Roosevelt* era “pôr a corda no pescoço do Japão e ir dando um apertão de vez em quando”. O Japão não admitia a hipótese de se submeter aos EUA nem de se retirar da China. **Ademais, avançavam os preparativos para o ataque a Pearl Harbor, iniciando uma guerra de fato com os EUA.**

Em 07DEZ1941, Japão anuncia o rompimento das relações diplomáticas com os EUA. Os EUA já sabiam que o Japão atacaria algum ponto estratégico no Pacífico, que poderiam ser Índias Orientais Holandesas (*Indonésia*), a Malásia ou as Filipinas. Apesar de especialistas dos serviços de inteligência terem quebrado o código secreto do Japão, não conseguiram precisar o local do ataque.

O ataque desfechado à base naval de *Pearl Harbor*, no Havaí, na manhã de 07DEZ1941, pegou os norte-americanos completamente desprevenidos, ocasionando 3.500 mortos e diversos navios atingidos (8 encouraçados, 3 destróieres e 3 cruzadores leves). **Apesar do êxito japonês, para sorte americana, seus 3 porta-aviões estavam no mar.**

Após o ataque à *Pearl Harbour*, o Japão não teve dificuldades em conquistar o sudeste da Ásia e ilhas ao norte da Austrália. **Pode-se dizer que houve uma vitória política de Roosevelt, pois indignação da população americana alinhava-se aos seus anseios de que só uma guerra tiraria o país da crise da década de 1930, uma vez que a política do New Deal havia se exaurido.**

### A Batalha Naval de Midway

**O ataque à Pearl Harbor conferiu grande vantagem aos japoneses.** Apesar da capacidade industrial dos EUA, levaria tempo até que fossem repostas as perdas e ampliada a frota. Autoridades americanas não admitiam esperar, pois isso tornaria o custo do confronto ainda maior no futuro, enquanto o Japão queria

aproveitar a debilidade para esmagar o inimigo antes que pudesse se reorganizar. **Os EUA dependiam do serviço de inteligência para superar esse quadro adverso.** O fato é que os EUA agiram mais cedo que poderiam mesmo em inferioridade relativa. Esse quadro levava à concepção de uma estratégia que **primava por fazer o inimigo combater em alguma local que fosse favorável.**

Em MAR1942, especialistas em criptologia decodificam as complexas cifras JN25 dos japoneses e em 13MAR1942, concluem que o **ponto AF** que o **Japão pretendia atacar** era o atol de *Midway*, local de uma base militar americana. **O Japão nunca desconfiou que os EUA haviam decifrado o seu código.** Com efeito, os EUA induziram o Japão a não mudar de ideia, e efetuaram a execução de bombardeiros que sobrevoavam Tóquio lançados a partir de Porta-Aviões (pelo tamanho dos aviões, normalmente precisavam de longas pistas para operar). **Roosevelt dá publicidade aos voos** afirmado que os aviões haviam decolado da base fictícia de **Shangri-la** e os japoneses deduzem que só poderiam ter sido lançados de *Midway*, reforçando a ideia de que deveriam tomar a ilha. O plano de conquista elaborado pelo Alte **Yamamoto** foi inspirado na **batalha de Tsushima**. Esse plano pretendia derrubar as forças de defesa norte-americanas da ilha de Midway e invadir duas pequenas ilhas do atol, estabelecendo ali uma base aérea. Acreditava-se que as forças militares dos EUA não chegariam a tempo de impedir a invasão.

A ocupação do atol, assim como havia sido o ataque à *Pearl Harbor*, não era parte de uma campanha para a conquista dos Estados Unidos, mas visava a eliminar o poder estratégico dos norte-americanos no Pacífico, deixando o Japão com as mãos livres para estabelecer uma grande esfera de influência política e econômica no sudeste da Ásia. **Os japoneses também esperavam que, com uma nova derrota, os Estados Unidos fossem forçados a negociar a paz em condições favoráveis ao Japão.** **A frota japonesa tinha cerca de 200 navios e 234 aviões.**

### **Primeiras ações:**

A primeira preocupação estratégica do Japão era com relação aos porta-aviões norte-americanos, aumentada depois do ataque de *Doolittle*, em 18ABR1942, quando bombardeiros B-25 *Mitchell* lançados do USS *Hornet* atacaram Tóquio e outras cidades japonesas. Apesar de militarmente insignificante, a ousada ação foi um grande choque psicológico para a nação, provando a existência de um buraco nas defesas ao redor do território nacional. Afundar os porta-aviões e ocupar *Midway*, a única posição estratégica aliada remanescente, localizada a 2100 km do Japão, no meio do Oceano Pacífico, parecia ser o único meio de eliminar esta ameaça.

O plano de batalha japonês era complexo, como era típico dos planos navais japoneses durante a Segunda Guerra Mundial. Adicionalmente, partia do pressuposto do acerto das informações fornecidas pelos serviços de inteligência, de que os porta-aviões USS *Enterprise* e USS *Hornet* eram os únicos disponíveis no momento na frota norte-americana do Pacífico.

**O USS *Lexington* tinha sido afundado e o USS *Yorktown* seriamente danificado (e se acreditava ter sido afundado) na Batalha do Mar de Coral, um mês antes.**

Mais importante ainda era a crença japonesa de que os norte-americanos se encontravam desmoralizados e desmotivados por suas frequentes derrotas nos seis meses anteriores. **O almirante Yamamoto**, Comandante da Frota Imperial Combinada, sentia que a frustração poderia ser fundamental para levar os americanos a cair numa armadilha, motivados por uma desforra a qualquer preço, e comprometessem definitivamente seu poder naval e aéreo no Pacífico. Para que isso acontecesse, ele dispersaria suas forças de maneira que a que não pudesse ser descobertas antes da batalha e caíssem de surpresa em cima do inimigo, de maneira concentrada, quando o confronto tivesse início. Entretanto, esta grande dispersão faria com que suas unidades se vissem impedidas de protegerem-se mutuamente e, ponto crucial e desconhecido para Yamamoto, qualquer benefício que os japoneses pudessem tirar disto havia sido neutralizado pela quebra dos códigos navais japoneses, conseguida secretamente pelos peritos em criptografia dos serviços de inteligência dos Aliados.

O ponto crítico de toda a operação era que os encouraçados e cruzadores de apoio à força tarefa de porta-aviões do Vice-almirante Chuichi **Nagumo**, comandante do ataque, deveriam seguir a força principal a centenas de quilômetros de distância. Sua missão era a de afundar qualquer esquadra americana que viesse em socorro de Midway após as defesas do atol serem

destruídas ou enfraquecidas pelo ataque dos aviões de **Nagumo**, o que era típico da doutrina de batalha da maioria das marinhas da época.

Porém, a distância desta esquadra de superfície da força principal de ataque teria grandes implicações durante o confronto, pois eram os grandes navios que transportavam os necessários aviões de reconhecimento de longo alcance, fundamentais para a descoberta da posição da frota inimiga, e que não teriam utilidade para a esquadra de Nagumo.

#### NOTA

Ficou conhecida e famosa depois da guerra, uma armadilha criada pelos norte-americanos para descobrir as intenções do inimigo naqueles dias cruciais da guerra. A grande interrogação entre o alto comando Aliado era saber onde seria o próximo ataque dos japoneses, de modo a poderem se preparar com antecedência. Os criptógrafos da marinha encontraram em diversas mensagens trocadas entre os comandantes inimigos a referência a um tal ponto AF, que parecia ser o alvo do próximo ataque pela constante repetição, que até então, apesar de interceptarem suas comunicações, eles desconheciam. Um oficial britânico em conjunto com a inteligência norte-americana em Pearl Harbor, acreditando que o ponto AF se referisse ao atol de Midway, lançou uma falsa mensagem codificada nas ondas de comunicação aliada avisando que “*a ilha de Midway precisa de água potável*”. Horas depois, os serviços de escuta de todo o Pacífico decodificavam a comunicação japonesa ao quartel-general em Tóquio: “*Falta água potável no ponto AF*”. O pretenso ataque surpresa a Midway tinha sido descoberto antes mesmo de começar.

A **Força japonesa da Aleutas** (2 porta-aviões ligeiros e 4 encouraçados) tinha a missão de realizar manobra **diversionista**, visando dividir a frota americana na defesa da ilha **Dutch Harbour**, o que não aconteceu.

Para combater uma esquadra inimiga que se sabia antecipadamente ser formada por quatro ou cinco porta-aviões, o **Almirante Chester Nimitz**, comandante-em-chefe da Marinha dos EUA no pacífico, precisava de todo e qualquer convés disponível. Em sua totalidade, as forças possuíam 3 porta-aviões, 8 cruzadores, 5 contratorpedeiros e 20 submarinos, além de 115 aviões e 2 radares na ilha de *Midway*.

Em vista da grande disparidade de forças, somente por meio da **surpresa** e do **uso intensivo da força aérea** podiam os norte-americanos garantir a vitória, além de uma ajuda das **condições atmosféricas**, já que bom tempo e boa visibilidade favoreceriam a força naval de *Yamamoto*.

Ele ainda possuía os dois porta-aviões da força tarefa do almirante **William Halsey**, mas este havia baixado ao hospital vítima de uma infecção e teve que ser substituído pelo contra-almirante **Raymond Spruance**, um comandante de navios de linha, inexperiente em táticas de combate aeronavais. Por causa disso, *Nimitz* foi obrigado a convocar com urgência o almirante **Frank Fletcher** e sua frota, que haviam participado da Batalha do Mar de Coral no sudoeste do Pacífico, chegou a Pearl Harbor em tempo apenas de reabastecer, carregar provisões e partir imediatamente em seguida para Midway. O USS *Saratoga* se encontrava em reparos na costa oeste enquanto o USS *Yorktown* continuava fora de operação em Pearl Harbor com um período previsto de dois meses para voltar à ativa. Entretanto, um grande esforço de operários civis e marinheiros trabalhando 24 horas por dia em turnos, fez com que o porta-aviões atravessasse a barra do porto apenas três dias após ali ter entrado severamente danificado, em condições razoáveis de batalha e com centenas de homens ainda trabalhando em seu interior e no seu convés. Os japoneses avançavam contra um inimigo que já sabia exatamente onde e quando seria atacado e não os esperava com dois porta-aviões, mas três.

Por seu lado, a esquadra do almirante *Nagumo* se dirigia a *Midway* com quatro porta-aviões, **Kaga**, **Akagi**, **Hiryu** e **Soryu**, enquanto os dois veteranos de Pearl Harbor, *Zuikaku* e *Shokaku*, ficaram no Japão em reparos, após os danos sofridos na Batalha do Mar de Coral, sem que o comando naval fizesse qualquer esforço suplementar para recuperar ao menos um deles e colocá-lo em condições de integrar a frota de ataque a *Midway*.

*Nagumo* também seguia rumo a seu destino completamente no escuro sobre as forças que enfrentaria. Os preparativos estratégicos anteriores à batalha foram comprometidos em diversos pontos, como a demora dos submarinos de vigilância da linha do Pacífico em chegar a seus postos demarcados de observação, sem conseguir detectar a passagem da frota inimiga em direção ao nordeste de *Midway* e o fracasso na missão destinada aos botes camuflados de alta velocidade e quatro motores, enviados para observação à distância em *Pearl Harbor*.

O Almirante **Nagumo** lançou seu ataque inicial às 4h30 da manhã de **4 de junho de 1942**, num total de 108 aeronaves contra *Midway*. Enquanto os navios e os aviões japoneses se concentravam no alvo em terra, as

patrulhas japonesas perceberam e advertiram o comando da aproximação de navios, **mas devido ao nevoeiro** os porta-aviões não foram identificados.

Ao mesmo tempo, lançou seis aviões de reconhecimento para procurar a esquadra inimiga, além de caças Zero para patrulhar o espaço aéreo em volta da frota. As missões de reconhecimento japonesas eram muito débeis, com poucas aeronaves cobrindo as vastas áreas de busca, varrendo sob tempo ruim uma enorme imensidão do oceano ao nordeste e a leste da força tarefa. Às 06:20, os aviões de Nagumo começaram o bombardeio de Midway causando grandes danos às instalações militares na ilha. Voando em obsoletos *F4F Wildcats* e *Brewster Buffalos*, alguns pilotos da marinha ali baseados defenderam a ilha sofrendo pesadas baixas. A artilharia antiaérea, porém, estava com a pontaria acurada e derrubou vários aviões atacantes. Os aviões de reconhecimento, enviados para avaliar o estado das defesas de Midway após o ataque, transmitiram mensagem ao almirante avisando que outra missão de bombardeio seria necessária para neutralizar as defesas antes que as tropas pudessem desembarcar no dia 7, como planejado.

De acordo com as táticas de batalha da época, **Nagumo** guardou metade de seus aviões de reserva, dois esquadrões compostos de bombardeiros de mergulho e caças-torpedeiros. Ele tinha opção de armar os bombardeiros com torpedos (para afundar navios) ou bombas terrestres (ataques a instalações). No primeiro ataque à Midway ele optou por equipar todos os 33 aviões com bombas terrestres, seguro de que não havia navios norte-americanos na área. Quando tomou conhecimento da chegada de uma força composta por cruzadores e *destroyers*, Nagumo julgou que não havia necessidade de trocar o armamento. **Ao ser informado, porém, que a força inimiga era integrada também por porta-aviões, Nagumo ordenou o imediato regresso dos aviões, mas àquela altura já era tarde demais.**

O almirante então se viu diante de um dilema. Seus subordinados insistiam para que ele lançasse um ataque contra o porta-aviões inimigo com o que tinha ainda de reserva a bordo. Mas estas operações de preparação e lançamento de aviões demoravam de trinta a quarenta e cinco minutos, e os pilotos da primeira vaga que atacaram *Midway* estavam retornando. Muitos deles estavam quase sem combustível, danificados ou com a tripulação ferida, e precisariam pousar imediatamente ou se perderiam no mar. Os cálculos eram de que havia muito pouca probabilidade de que os aviões da reserva pudessem todos decolar antes da chegada dos primeiros.

Preso pela indecisão e raciocinando estritamente pela doutrina japonesa de táticas de batalhas aeronavais seguindo o manual e sem ousadias, o almirante acabou resolvendo esperar que os aviões da primeira vaga retornassem aos porta-aviões para então lançar, com armamento apropriado, a segunda vaga de ataque. **Esta decisão lhe custaria a derrota.**

Enquanto o confronto se deu no plano naval exclusivamente, os nipônicos impuseram facilmente sua superioridade. **Porém, aproveitando o momento que os aviões japoneses estavam pousados, reabastecendo, os aviões norte-americanos desfecharam certeiro ataque aos porta-aviões japoneses.** Essa ação relâmpago revelou-se decisiva, visto que **3 porta-aviões foram completamente inutilizados**. Os japoneses destruíram o porta-aviões ***Yorktown*** e mais alguns navios, mas nada significou devido a vitória completa dos americanos. Sem a cobertura aeronaval, a força naval japonesa retirou-se o mais rápido possível.

Neste meio tempo, enquanto a indecisão tomava conta do comando japonês, o almirante *Fletcher*, no comando geral da força tarefa norte-americana, desde as 07:00 havia lançado os aviões do *Yorktown* contra os porta-aviões inimigos, assinalados desde o começo da manhã pelos hidroplanos de patrulha e busca. Ao contrário de *Nagumo*, assim que os inimigos foram avistados, no comando do *Enterprise* e do *Hornet* o almirante *Spruance* deu a ordem crucial para os aviões já lançados atacassem imediatamente com tudo que possuíssem e da maneira que pudessem os alvos assinalados, sem esperar para que toda a frota aérea estivesse no ar para um ataque conjunto e coordenado, devido ao tempo que levava esta organização das esquadrilhas no ar.

Cada esquadrão, ao ser lançado, em vez de circular em volta da frota aguardando que toda a força de ataque estivesse no ar em formação de combate conjunta, se dirigia diretamente ao inimigo. Esta tática, apesar de diminuir o volume do impacto dos ataques aos japoneses e custar grandes perdas aos norte-americanos, teve o mérito de desorganizar a capacidade de contra-ataque de *Nagumo* e achou os porta-aviões num momento em que seus navios estavam vulneráveis. Às 09h20, a primeira vaga dos torpedeiros de *Spruance* chegou sobre os alvos. Consistiam de lentos aviões-torpedeiros *TDB Devastator*, que se lançaram contra os porta-aviões em fila, quase na altura do mar,

sendo abatidos um por um, com apenas um piloto sobrevivente nesta primeira incursão. Com aviões iguais, a segunda investida acabou quase da mesma maneira, a frota aérea atacante quase toda destruída e a frota nipônica praticamente intacta. Parecia que a batalha estava decidida, e restava apenas aos japoneses, até então atacados quatro vezes e ainda sem danos, completar o abastecimento e armamento de seus aviões e lançar seu contra-ataque devastador contra a frota americana e contra *Midway*. Entretanto, o horrível sacrifício dos pilotos dos torpedeiros tinha seu preço, porque indiretamente conseguiram três importantes resultados. **Primeiro, obrigaram os porta-aviões a navearem em semicírculos e fazer manobras para evitar os torpedos, impedindo-os de se posicionarem para o lançamento de seus aviões. Segundo, obrigaram os Zeros que os caçavam no ar a gastar quase toda sua munição e combustível tentando abatê-los. Terceiro, colocaram a escolta aérea dos porta-aviões fora de posição para defendê-la de algum outro ataque.**

Imediatamente após esses ataques, aproximando-se a grande altura sem serem importunados pelos Zero que perseguiam os torpedeiros próximos ao mar, duas esquadrias de bombardeiros de mergulho, vindas do nordeste e do sudoeste, caíram sobre os porta-aviões inimigos, que no momento se encontravam com os conveses cheios de aviões sendo reabastecidos e armados para iniciarem o contra ataque, em condições de defesa extremamente vulnerável. Às 10h22, os bombardeiros do *Enterprise* atacaram o *Kaga* enquanto ao sul, os do *Yorktown* caíram sobre o *Soryu* ou *Akagi*, atingido várias vezes por mais bombardeiros do *Enterprise* quatro minutos depois.

O ataque foi devastador e num tempo total de seis minutos, três dos quatro porta-aviões da até então intacta e vencedora esquadra nipônica estavam em chamas, colocados fora de ação e afundados em pouco tempo. O *Hiryu*, único porta-aviões intacto até então, rapidamente colocou no ar seus aviões para contra-atacar a força norte-americana. A primeira vaga de bombardeiros japoneses danificou seriamente o USS *Yorktown* com dois impactos diretos. Um segundo ataque fez com que a belonave perdesse velocidade e adernasse, obrigando o almirante Fletcher a abandonar o navio e transferir sua bandeira de nau-capitânia para um cruzador. Entretanto, o segundo ataque ao *Yorktown* foi confundido pelos japoneses como sendo ao *Enterprise*, já que acreditavam ter sido o primeiro afundado no ataque anterior. Assim os pilotos sobreviventes dos outros porta-aviões destruídos agruparam-se todos no *Hiryu*, anunciando terem afundado dois porta-aviões inimigos, com a moral revigorada e preparando-se para um terceiro ataque, contra o único porta-aviões que imaginam ainda restar ao inimigo. Foi este porta-aviões repleto de aeronaves sobreviventes reabastecidas freneticamente num convés abarrotado, que horas depois dos outros três sofreu um assalto final de bombardeiros de mergulho transformando em ferragens ardentes o até então único sobrevivente da frota de porta-aviões que atacaram *Midway*, que afundou com seu comandante e parte da tripulação.

## **Resultados da batalha**

Após a batalha e sabendo que haviam conseguido uma grande vitória, os norte-americanos se retiraram da região. A perda de todos os quatro porta-aviões enviados a *Midway*, além de um grande número de seus bem treinados e insubstituíveis pilotos navais, interrompeu a expansão do Japão pelo Pacífico. Apenas dois grandes porta-aviões sobravam à Marinha Imperial para ações ofensivas, o *Zuikaku* e o *Shokaku*, além de outros três porta-aviões de bolso, de pouco poder ofensivo e que transportavam apenas pequenos aviões e em pouca quantidade. Em 10 de junho, numa conferência do alto comando do planejamento da guerra, a marinha escondeu a real extensão de suas perdas em *Midway*. Apenas o Imperador Hirohito foi informado em detalhes do ocorrido, preferindo manter segredo disso ao exército e à opinião pública, fazendo com que os planejadores militares continuassem por algum tempo a planejar seus ataques na suposição de que a frota aeronaval do Japão continuava poderosa.

## **IMPORTANTE**

**A Batalha de Midway é frequentemente chamada pelos historiadores como o ponto de virada da Guerra do Pacífico e significou a derrota japonesa na Segunda Guerra Mundial.** A marinha japonesa continuaria lutando com ferocidade e levaria ainda muitos meses até que os Estados Unidos passassem de uma paridade naval até a clara supremacia em que se encontraram no final da guerra. **Entretanto, a vitória em Midway deu aos norte-americanos a iniciativa estratégica na guerra, infligiu danos irrecuperáveis na força de porta-aviões japoneses e encerrou o tempo da guerra no Pacífico.**

Os Aliados, representados pelos EUA, só conseguiram vencer definitivamente a resistência nipônica e dar um ponto final à guerra em **agosto de 1945, ao lançarem as bombas atômicas sobre Hiroshima e Nagasaki.**

**A perda de todos os quatro porta-aviões enviados a Midway foi crucial**, haja vista a **incapacidade industrial do Japão em repor esses meios** em um curto espaço de tempo. Além disso, a **perda de oficiais experientes**, em batalha ou por suicídio (*harakiri*) foi fulminante.

O programa de treinamento anterior à guerra produziu pilotos de excepcional qualidade para a aviação naval nipônica. Este pequeno grupo de aviadores de elite eram veteranos preparados e endurecidos pelos combates, na época do ataque a *Midway*. Na batalha, os japoneses perderam mais aviadores num único dia do que seus treinamentos pré-guerra causaram em um ano. Os planejadores militares falharam em antever um conflito de longa duração e com isso não tiveram a capacidade de repor rapidamente as perdas em navios, marinheiros e principalmente pilotos que começou com a batalha em *Midway*. Em meados de 1943, a aviação naval do Japão havia sido praticamente dizimada.

Apenas dois meses após *Midway*, os norte-americanos tomaram a ofensiva desembarcando em Guadalcanal, derrotando mais uma vez a frota inimiga e assegurando a linha de suprimentos aliada para a Austrália e as Índias Holandesas. A partir daí a ofensiva no Pacífico passaria a ser sempre dos Estados Unidos, até a rendição japonesa em 1945.

**No plano geopolítico**, a Batalha Naval de *Midway* determinou aquilo que ficaria explícito e inequívoco até o final da guerra: **os EUA passaram a ser a potência hegemônica no Oceano Pacífico**.

Desde quando se organizaram internamente, após a Guerra de Secesão e a Revolução *Meiji*, EUA e Japão iniciaram ação política e militar no sentido de projetar seus interesses nacionais na área do Pacífico. **A China era o grande objetivo de ambos**, buscando **mercados consumidores e matérias-primas**. O conflito entre esses países permaneceu latente enquanto a Grã-Bretanha estava no caminho. Após a I GM, a Grã-Bretanha aceita a elevação do status dos EUA e Japão naquela área. **Durante a II GM, a Grã-Bretanha assiste inerte à luta travada entre EUA e Japão para decidir quem ocuparia a vaga deixada por ela**.

**A batalha Naval de *Midway* deve ser considerada uma das mais importantes batalhas navais de todos os tempos, porque naqueles minutos em se enfrentaram, redefiniram o sistema internacional de poder.**

### Batalha em resumo

Batalha de *Midway* foi uma batalha aeronaval travada em junho de 1942 no Oceano Pacífico entre as forças dos Estados Unidos e do Império do Japão durante a Segunda Guerra Mundial, seis meses depois do ataque japonês a *Pearl Harbor*, que marcou o início da Guerra do Pacífico. O resultado da batalha foi uma decisiva e crucial vitória para os norte-americanos, **lebrada como o mais importante confronto naval da Segunda Guerra**, marcando o ponto de virada no conflito e causando aos japoneses a perda de quatro porta-aviões e dois cruzadores de sua frota, além de duzentos pilotos navais, na frustrada tentativa de invadir e ocupar o atol de *Midway*, **enfraquecendo permanentemente sua capacidade de combate no mar e no ar e lhes retirando a iniciativa militar pelo resto da guerra**.

#### Composição das forças japonesas (Alte Yamamoto):

- Força de Submarinos – 16 unidades
- Força de Porta-Aviões (Esquadrão Naval nº 1) – 04 PA e comandada pelo VAlte Nagumo
- Força de Couraçados – 3 unidades, entre elas o Yamato, maior couraçado de todos os tempos (72 mil ton.) e capitânia de Yamamoto.
- Força de Transporte – comandada pelo VAlte Hosogaya
- Força da Aleutas – diversas unidades incluindo 2 NAeL. Destaque para os aviões **Mitsubishi Zero**, os mais eficientes caças da II GM. → **missão**: manobra **diversionista** de ataque às ilhas Aleutas, próximas ao Alaska → fazer os EUA deslocarem um PA para defender Dutch Harbour, enfraquecendo *Midway* → americanos sabiam dos detalhes dos planos e **não morderam a isca**.

### Composição das forças americanas (Alte Nimitz):

- 3 PA (entre eles o *Yorktown*, seriamente avariado na batalha do Mar de Coral e reparado em apenas 3 dias)
- 8 cruzadores / 5 CT / 20 Sb / 115 ANV da marinha, força aérea e FN estacionadas em Midway

A inferioridade numérica dos EUA poderia ser compensada por meio de: **Surpresa / Uso intensivo da força aérea / Mau tempo** (boa visibilidade favoreceria o Japão).

No dia 04JUN1942, às 4h30, o Japão inicia o ataque às forças estacionadas na ilha, enquanto patrulhas japonesas detectam e reportam a aproximação dos navios dos EUA. O forte nevoeiro na região (para a sorte dos EUA) impede os japoneses de perceber a presença dos Navios-Aeródromos americanos. Nagumo julgou não ser necessária a substituição do armamento das aeronaves (armadas para ataque a terra) para se contrapor apenas aos cruzadores e destroieres. Ao ser informado da presença dos Navios-Aeródromos, ordenou o regresso das aeronaves, mas não havia mais tempo para substituir o armamento.

No plano exclusivamente naval, o Japão impõe a sua superioridade.

As ondas de ataque dos navios americanos não produzem efeitos expressivos, enquanto aeronaves japonesas estavam pousadas para reabastecer, aeronaves americanas encobertas pelas nuvens espessas, desfecham ataque sobre os Porta-Aviões do Japão: três são completamente destruídos e outro (*Hiryu*) inutilizado. Após nova onda de ataque, o Navio-Aeródromo *Yorktown* (EUA) foi destruído com outros navios. Os EUA obtêm a vitória completa enquanto os navios japoneses restantes se retiram para evitar a destruição total. O resultado em vidas foi o seguinte: EUA: 340 mortos e Japão: 3.057.

Midway significou, em última análise, a derrota do Japão na II GM pela impossibilidade de alcançar a vitória devido à perda dos quatro Navios-Aeródromos. A indústria japonesa não tinha condições de providenciar rapidamente sua substituição, ao contrário da indústria americana. Além disso, houve grande perda de oficiais japoneses. **No plano geopolítico, os EUA passam a ser a potência hegemônica no Pacífico.**

### **Conclusão**

Após a Guerra de Secessão e a Revolução Meiji, EUA e Japão iniciam ações políticas e militares para projetar seus interesses na área do Pacífico, cujo grande objetivo era a China (mercado consumidor e produtor de matérias-primas). O conflito permaneceu durante muito tempo em estado de latência, pois sobre os dois países, se impunham os interesses da Grã-Bretanha. Após a I GM, a Grã-Bretanha aceita a elevação do status dos EUA e Japão naquela área. Durante a II GM, a Grã-Bretanha assiste inerte à luta travada entre EUA e Japão para decidir quem ocuparia a vaga deixada por ela. A Batalha de Midway, de fato, mudaria para sempre o sistema internacional de poder.

### **PARTE III – CAP 14 - BATALHA DO GOLFO DE LEYTE (23 a 26OUT1944)**

#### Antecedentes

**A campanha naval no Pacífico, na guerra entre Japão e EUA, teve características especiais, bem diferentes dos outros conflitos marítimos registrados na história.** Além de incorporar todas as modalidades de ações bélicas navais (submarinas, de superfície, aéreas, anfíbias e aviões-suicidas) e estando os oponentes separados por imenso oceano, a situação geográfica obrigou-os a não se limitar ao domínio do mar, mas manter a posse de áreas marítimas delimitadas **por pontos fortificados em ilhas.**

Os limites da área americana eram determinados pelas ilhas *Midway* e pela esquadra baseada nas ilhas do Havaí, em *Pearl Harbor*. O Japão, após o ataque surpresa a *Pearl Harbor*, julgando ter quebrado a espinha dorsal das forças navais inimigas, simultaneamente criou um “mar mediterrâneo” com as conquistas da China,

da Coreia, da Indochina, a oeste, e das ilhas Filipinas e da Indonésia, a leste, pelo qual se supriria dos insumos necessários à sua indústria e, principalmente, de petróleo. Para leste suas defesas se estendiam utilizando as ilhas alemãs obtidas após o término da I GM, além da conquista dos arquipélagos de *Marshal*, *Gilbert*, *Salomão* e *Carolinas*. A esquadra baseada em *Turk* estava pronta a socorrer qualquer ponto ameaçado.

Após os êxitos iniciais, os japoneses decidiram ampliar sua defesa ao norte, até as *Aleutas*, a leste, até as ilhas *Midway* e, a sudeste, até *Port Moresby*, na Nova Guiné. Os avanços japoneses foram neutralizados pelos americanos nas **Batalhas do Mar de Coral** (ao sul) e em **Midway** (a leste), **marcando o início da ofensiva americana**. **Foram as primeiras batalhas na história exclusivamente aéreas, sem as forças de superfície se avistarem**. A reação americana foi sentida, apesar da inferioridade material em comparação a marinha japonesa.

**O exército, liderado pelo General *Douglas MacArthur***, participou, por injunção política, da ofensiva americana que foi dividida em dois eixos:

- **Centro do Pacífico (Marinha)**: saltando de ilha em ilha, sob a chefia do Alte *Chester Nimitz* (comandada taticamente pelo Alte *Raymond Spruance* - 5<sup>a</sup> esquadra - e pelo Alte *William Halsey* - 3<sup>a</sup> esquadra – Enquanto um comando operava, o outro, planejava as próximas ações em Pearl Harbor);
- **Sudoeste pela Costa da Nova Guiné**: **operações anfíbias de ponto em ponto da costa**, pois seria inviável seguir por terra, **sob o comando de *MacArthur*** e a sua disposição a 7<sup>a</sup> Esquadra sob comando do Alte *Thomas Kinkaid*. A Marinha também nela participou com um comando especial do almirante *William Halsey* na difícil e sangrenta conquista das ilhas Salomão, que ameaçavam o flanco direito do avanço de exército.

Em **junho de 1944**, *MacArthur* estava no extremo da Nova Guiné e a força naval de *Nimitz*, dessa vez comandada taticamente por *Spruance*, tomara em Saipan, nas Ilhas Marianas. A próxima operação seria combinada, dos dois avanços, a fim de se posicionarem para o ataque direto ao território japonês.

### **Tomada de decisão**

Em **1944**, os EUA tinham multiplicado muitas vezes seus meios navais (bem guarneados e adestrados), a tecnologia naval se desenvolveu (torpedos, resistência dos navios, direção de tiro) e os radares americanos eram melhores que os japoneses, os quais perderam a vantagem que tinham em 1942 nas operações noturnas.

A logística enfrentava muito bem as dificuldades das operações se realizarem a grandes distâncias das normais fontes de manutenção e de abastecimento. As forças navais eram acompanhadas por navios de reparos e supridores de mantimentos, munição, combustível, aviões e pessoal. Antes mesmo de conquistar uma ilha, tudo já estava pronto para ser embarcado dos EUA (pessoal e material).

No Japão, as indústrias tinham dificuldades de reposição, pois perdiam insumos (afetava a capacidade industrial) pelos **ataques dos submarinos americanos** no então “mediterrâneo” (mares entre Japão e China). A falta de petróleo limitava as operações da esquadra e mesmo o seu treinamento. A preparação dos pilotos era prejudicada, entretanto, sua aviação ainda era numerosa, embora inferior em qualidade.

Apesar de tais vantagens americanas, a resistência nipônica em cada ilha fortificada, no mar e com sua aviação deveria ser considerada cuidadosamente, sendo crescente com a aproximação do território do Japão. Na **escolha do objetivo**, as opiniões de *Nimitz* (marinha) e *MacArthur* (exército) eram diferentes:

- 2015**
- *Nimitz*: deixar as Filipinas e usar a costa chinesa, que estava em poder dos nacionalistas de *Chiang Kai-Chek*, para a progressão, com apoio aéreo norte-americano;
  - *MacArthur*: achava perigoso deixar as Filipinas, com muitas forças japonesas na retaguarda do avanço, e que estas serviriam de plataforma mais segura que as costas chinesas, além do compromisso moral

dos EUA de libertar seu aliado ou ainda da declaração de *MacArthur* ao deixar as Filipinas: “Eu voltarei!”.

A argumentação de *MacArthur* foi aceita pelo Presidente *Roosevelt*, em reunião pessoalmente com os dois chefes navais em *Pearl Harbor*, em 16 de julho de 1944. Assim, a ideia de manobra era:

- **Com a 7ª Esquadra de Kinkaid, reforçada pela 3ª Força Anfíbia de Nimitz e tropas e aviação do exército** MacArthur comandaria a grande operação de desembarque no *Golfo de Leyte*, nas Filipinas (considerado o local mais favorável), sendo ela protegida, ao largo, pela 3ª esquadra norte-americana, sob o comando tático de *Halsey*. (*MacArthur* também deveria ocupar as ilhas Morotai)
- **3ª Esquadra de Halsey**: além de proteger, ao largo, a 7ª Esquadra e a 3ª Força Anfíbia, caberia uma série de ocupações preliminares, das ilhas *Palau* e *Ulithe* (nesta última sendo localizada a base flutuante de apoio às operações em *Leyte*), e os bombardeios preparatórios das Filipinas e da Ilha Formosa (*atual Taiwan*), onde havia forte concentração de aviação nipônica.
- **5ª Esquadra de Spruance**: planejamento em *Pearl Harbor* das operações seguintes.

Deixavam para trás os núcleos fortificados das ilhas Yap e Mindanau.

### **Constituição das forças navais norte-americanas**

- **7ª Esquadra (de Kinkaid) - Grupo de Apoio de Fogo e Bombardeio** – 6 Encouraçados (E) (antigos, recuperados de *Pearl Harbor*), 5 Cruzador Pesado (CP), 6 Cruzador Ligeiro (CL), 3 flotilhas de Contratorpedeiro (CT), 18 Navio-aeródromo de Escolta (NAeE) (mercantes adaptados), 12 Contratorpedeiro de escolta (CTE) e 39 lanchas torpedeira (LT). Ao todo, com transportes, lanchas desembarque, varredores de minas, hidrográficos, **totalizava 738 navios**, dispostos em várias praias planejadas para o desembarque;
- **3ª Esquadra (de Halsey) - FT38** - com 4 GT, em um total de 15 NAe/NAeL (800 aviões de caça, de bombardeio e torpedeiros), 6 E, 6 CP, 9 CL e 58 CT, distribuídos pelos GT; e
- **6ª Esquadra - ForSub** – Submarinos (Sb) independentes, com 25 a 30 unidades em Leyte, atuando em variadas posições.

### **Preliminares**

No dia 13 de setembro de 1944, os objetivos preliminares (*Halsey* – *Palau* e *Ulithe* // *MacArthur* – *Morotai*) foram cumpridos e *Halsey* sugeriu a *Nimitz* adiantar o desembarque em *Leyte* (de novembro ou dezembro para fim de outubro), em função da pouca resistência e da força aérea japonesa enfraquecida. A sugestão foi aceita por *Nimitz*, pelos chefes de EM aliados e *MacArthur*. **A operação teve início em 20 de outubro**.

### **Reação japonesa – Planos Sho – Constituição das forças japonesas**

Em meados de 1944, a situação militar japonesa já era muito grave. **Suas posições fortificadas que limitavam sua área defensiva foram neutralizadas uma a uma, com os avanços norte-americanos**. E a ocupação de **Saipam, nas Ilhas Marianas**, onde também fora derrotada sua esquadra, com perdas de NAes e, em especial, de aviões e pilotos treinados, dera aos EUA trampolim para saltar sobre os bastiões de defesa do território metropolitano e interceptar totalmente o suprimento de **recursos do Sul**. Entretanto, os japoneses ainda tinham potentes unidades navais de artilharia, dependendo, contudo, de proteção aérea.

O **Alte Soemu Toyoda**, comandante da esquadra combinada, afirmava que as posições no Pacífico Nordeste e central deveriam ser deixadas a cargo das defesas locais, **concentrando-se a resistência na área Filipinas – Formosa – Cingapura**. Considerava o **emprego de um esforço total** que obtivesse uma vitória espetacular,

de grande ressonância política, capaz de levar a uma paz em melhores condições para o Japão. Para isso foram elaborados os planos de defesa **SHO** (“**conquista**”, em japonês): Sho1(Filipinas), Sho2 (Formosa, [Taiwan], Nansei Shoto e Kyuchu), Sho3 (Nansei Shoto) e Sho4 (Honkaido).

### **Constituição das forças japonesas**

- **1ª Esquadra móvel do Alto Jisiburo Ozawa:** todos os navios de superfície e Naes;
- **6ª Esquadra de Submarinos;**
- **5ª Esquadra de Sudoeste;** e
- **1ª e 2ª Esquadras aéreas** (aviões navais baseados em terra – peculiaridade japonesa).

Para o **Sho1 (Filipinas)**, em função das grandes distâncias e sendo necessário o controle/coordenação de Tóquio, as forças foram divididas, formando os seguintes grupamentos, **todos subordinados a TOYODA**:

- **2ª Esquadra ou 1º Força Divisionária de Ataque**, dividida em 3 Seções: **Seções A e B - Alto Takeo KURITA** (que comandava toda a esquadra) – 5 E (dois deles os maiores e mais armados com canhões de calibre como não existiam em nenhuma marinha), 10 CP, 1 CL, 15 CT. **Seção C - Alto Shoji NISHIMURA** – 2 E, 2 CP e 4 CT.
- **3ª Esquadra ou Corpo Principal (Alto Jisiburo OZAWA)** – 1 NAe, 3 NAeL, 2 E (ditos híbridos, por terem substituído os canhões de grosso calibre da popa por convés de voo e hangares para 22 aviões; nunca funcionaram com NAes), 3 CL e 10 CT.
- **5ª Esquadra ou 2º Força Divisionária de Ataque (Alto Kiyohide SHIMA)** – 2 CP, 1 CL e 7 CT.
- **6ª Esquadra ou Força Expedicionária Avançada (Alto Shigeyoshi MIWA)** – 25 Sb, em torno das Filipinas.
- **1ª Esquadra Aérea (Alto Takagiro ONISHI)** – 150 aviões baseados nas Filipinas.
- **2ª Esquadra Aérea (Alto Shigeru FUKUDOME)** – 450 aviões baseados em Formosa.

De acordo com as informações obtidas, a próxima operação seria a **invasão das Filipinas** e, assim, teria lugar o **plano Sho1**, onde em movimento de pinça, à noite, **Kurita** no Norte, cruzando o Estreito de São Bernardino, e **Nishimura** no Sul, pelo Estreito de Surigau, atingiriam simultaneamente o golfo de Leyte, destruindo a força de desembarque e as tropas já desembarcadas. **Ozawa** viria do Norte e enfrentaria a esquadra de **Halsey**, se a encontrasse, e se juntaria a **Kurita** e **Nishimura**. **Shima**, com os dois E híbridos servindo de isca, atrairia **Halsey** para o alcance da aviação terrestre e tirá-lo do caminho de **Osawa**.

Entre **10 e 19 de outubro** a força de **Halsey (3ª Esquadra)**, como ação preparatória do desembarque, penetrou no mar interior (até então só os submarinos o tinham feito) e **atacou Okinawa** (perdidos alguns navios auxiliares e 111 aeronaves japonesas, e 21 ANV americanas) e **Formosa** (800 aeronaves japonesas para 46 americanas), além de bombardeiros B29 vindos da China. Dois CPs atacantes foram atingidos, mas puderam ser rebocados e salvaram-se.

Com os ataques de Hasley, **TOYODA decide adiantar o plano Sho2 (para defesa de Formosa)** para, pelo menos, avariar os NAEs de Halsey e facilitar a execução do plano **Sho1**. Transferiu seu comando para **Formosa** e nela concentra toda a aviação disponível. **Os relatos dos pilotos japoneses são tão otimistas e convincentes, porém fora da realidade** (alegavam ter colocado grande número de navios fora de combate e abatido centenas de ANV), que **Toyoda**, para completar a vitória, decide enviar os grupos aéreos mais adestrados da esquadra de **Ozawa** para Formosa.

A sensação de êxito durou pouco. A quantidade de aviões japoneses perdidos, inclusive os de **Ozawa**, e o fato de ser avistada a esquadra de **Halsey** incólume, mostraram a derrota sofrida e determinaram a revisão do plano **Sho1**. A pequena força de **Shima**, que havia sido chamada para acabar com os “derelitos americanos”, foi ordenada juntar-se a **Nishimura** e **Ozawa** passou a ser a isca suicida com seus NAE vazios. As esquadras aéreas de **Onishi** (Filipinas) e **Funkedome** (Formosa) foram reforçadas e a segunda transferida para as Filipinas.

### Ativação do plano Sho

Em **17 de outubro de 1944** foi ativado o plano **Sho1**, devido às informações que se iniciaria a operação anfíbia americana no Golfo de Leyte. A batalha naval ocorreu em 4 lugares afastados entre si (**mar de Sibuyam, estreito de Surigau, largo da ilha Samar e ao largo do cabo Engaño**, no extremo Norte das ilhas Filipinas), numa área de 400 mil milhas quadradas e 245 navios de guerra americanos. Desta batalha participaram submarinos, forças aeronavais, aviação baseada em terra, navios com a artilharia mais poderosa já existente, ataques torpédicos de CTs, LTs, e a nova arma, os aviões-suicidas. Em paralelo, o **6º Exército dos EUA** efetuava a operação anfíbia.

### Aproximação das forças japonesas

A 2ª Esquadra, seções A e B, partiriam no dia 22 de outubro da baía de Ligga, na Indonésia, com intenção de chegarem no Golfo de Leyte às 04h do dia 25 de outubro, fechando a operação de pinça como planejada.

Em **23OUT, 05h32**, **Kurita** (2ª Esquadra – seções A e B), na passagem de Palayam, teve sua força enfraquecida após ser **torpedeado por 2 Sb americanos**. Após 14 torpedos, 2 CP foram afundados (sendo 1 o capitânia: Kurita e seu EM foram recolhidos do mar) e 1 CP avariado seriamente (2 CT o acompanharam). Em **23OUT, 09h00**, **Kurita** entrava no mar de Sibuyam, onde novas dificuldades o esperavam.

Em **23OUT, 09h10**, **Nishimura** (2ª Esquadra – seção C), passando pela **ilha de Negros, defende-se de aviões de Halsey com fogo antiaéreo**, mas tem 2 E e 1 CT atingidos, com poucas avarias, sem afetar seu poder combatente.

Na manhã do dia 24, **Shima** (5ª Esquadra – pequena e inexpressiva) realocada para as forças de **Nishimura**, estava chegando a Surigao, bem atrás de **Nishimura**, mas não se comunicaram (provavelmente em função das correções de última hora no plano).

**Ozawa, com 3ª Esquadra ou Corpo Principal**, em função das alterações do **Sho1**, sabia que sua missão era **deixar-se destruir favorecendo os ataques de Kurita e Nishimura**. Após suspender da região metropolitana em **17 de outubro** com seus 4 NAE, recebeu grupos aéreos reduzidos. Ao amanhecer do dia 21, rumando para o sul, enviou o 1º esclarecimento sem nada encontrar. No dia 23, enviou novo esclarecimento e emitiu grande número de mensagens para mostrar presença, mas nada encontrou e **prosseguiu para o Sul**.

### As Batalhas

#### **Dia 24 de Outubro:**

➤ **Mar de Sibuyan**: ao nascer do dia 24 de outubro, as quatro forças navais japonesas aproximavam-se do golfo de Leyte de 3 diferentes direções. Esperavam-nas a **7ª esquadra de Kinkaid (Golfo de Leyte)** e a **3ª esquadra de Halsey (4 GT dispersos a leste das Filipinas)** que foram instruídos a se juntarem após a informação da aproximação de Kurita).

- Os japoneses iniciaram o ataque com 3 surtidas de 60 a 70 aviões cada uma, das **forças baseadas em terra (Filipinas)**, de **Onishi e Funkedome**, porém tiveram que recuar ou foram destruídos pelas Patrulhas Aéreas de Combate (PAC) – caças que voavam sobre as forças navais americanas. Entretanto,

1 avião de bombardeio conseguiu iludir a PAC e afundar um NAeL e avariar seriamente um CL que foi auxiliá-lo.

- Às 10h20, **Halsey** determinou a todos os navios atacarem e lançarem os aviões, sendo que afundou apenas 1 E (o comandante japonês não utilizou, por falta de confiança, um projétil – Sam shuque mod3 – que fazia uma barreira ao explodir) e 1 CP teve que se retirar para Brunei, demonstrando que os navios eram bem construídos e defendidos. **Halsey** recebeu informações distorcidas de seus pilotos, levando-o a crer que a força de **Kurita** tivesse sido destruída, levando-o a conclusões falsas e ações perigosas.

- **Kurita** fez contínuos pedidos de cobertura aérea, que não foram atendidos, e informou a **Toyoda**, às 14h00, que estava sendo atacado por 250 aviões e iria se retirar para o mar de Sibuyam que permitia manobrar melhor. **Toyoda** não autorizou e mandou manter o avanço (“*Prossiga o avanço esperando proteção divina!*”).

- Às 17h20, **Kurita** retornou a seu rumo inicial, não mais sendo atacado, mas havia se atrasado em relação a **Nishimura**. O plano **Sho1** demandava perfeita coordenação de tempo e foi prejudicado. Em 25OUT, 00h25, **Kurita** entrava no estreito de São Bernardino.

➢ **Estreito de Surigau**: Em 24OUT, 09h00, a força de **Nishimura** foi avistada por esclarecedores de **Halsey**. Kinkaid recebeu informações que deveria esperar uma progressão inimiga, à noite, pelo estreito. Deu ordem ao Comandante do Grupo de Apoio de Fogo e Bombardeio, Alte Jessé Oldendorf, para preparar recepção condigna.

- Às 20h13, **Nishimura** confirmou em mensagem a **Toyoda** e **Kurita** que manobrava para encontrar-se com **Kurita** no amanhecer do dia 25 (de acordo com plano **Sho1**). Entretanto, às 22h, foi informado que **Kurita** chegaria apenas em 25OUT, 11h00. Como os japoneses tinham preferência por ações noturnas, desejava passar pelo estreito à noite, ele poderia reduzir o adiantamento para 2h 30min em relação à **Kurita**, o que ainda assim era prejudicial para o plano **Sho1**.

- Entre 2410h45 e 2502h00, antes da entrada do estreito, 39 LT (lanchas torpedeiras) atacaram **Nishimura**, avariando apenas 1 CT da força de **Shima**, entretanto forneceram informações boas e úteis a Kinkaid, que perdera 2 LT nesta batalha.

- **Shima** seguia de 30 a 40MN atrás de **Nishimura**, sem manter comunicação (segundo comentaristas japoneses, **Nishimura** não desejava o encontro com **Shima** em função de este ser mais graduado e assim, **Nishimura** ficaria subordinado a **Shima**, a relação entre os dois não era boa).

- Às 2502h00, **Nishimura** penetrou o estreito. Além das LT e das dificuldades de navegação, só encontraria reação ao sair.

➢ **Cabo Engaño**: entre a manhã do dia 24 e 13h00, **Ozawa** tentou atrair a atenção de **Halsey** lançando 84 aviões, mais da metade de seus aviões embarcados, que se juntaram aos existentes nas Filipinas em ataque contra a força de **Halsey**. Só seis aviões regressaram aos NAes. Sabendo dos acontecimentos no mar de Sibuyam, **Ozawa** continuava receando que **Halsey** se mantivesse em São Bernardino. Às 14h25, formou uma guarda avançada (2 E híbridos e 4 CT), que se adiantando, deveria procurar contatos e chamar a atenção sobre si.

- Teve sucesso às **15h40** quando a guarda avançada foi avistada. Às **16h45**, os NAes de Ozawa foram reconhecidos, a 160 milhas de distância.
- **Halsey tratou de reunir seus GT**, inclusive o que se achava a caminho de Ulithe. Influiu na sua **decisão o crédito que deu às informações dos pilotos que a força de Kurita tinha sido destruída** - ou seja, deixara de ser uma ameaça para o desembarque - e, possivelmente, os **princípios inculcados de Mahan de não dividir as próprias forças e atacar a força principal do inimigo** – que ele considerava ser a de Ozawa.

Obs.: No exame da situação, o EM de Halsey considerou três hipóteses:

- 1- Deixar parte da força em São Bernardino e enfrentar Ozawa com o restante;
- 2- Permanecer em São Bernardino com toda força, pronto para destruir Ozawa ou Kurita; e
- 3- Ir com toda a força para liquidar Ozawa, considerando Kurita neutralizado.**

**Foi escolhida a terceira hipótese.**

- Assim, Halsey **decidiu ir com toda a sua força liquidar os NAe de Osawa** (afinal, seu entendimento era de que Kurita estava destruído) e as mensagens do comandante de um GT e dos Es alertando para o perigo de deixar São Bernardino não passaram do seu EM, tendo simplesmente sido respondidas com “recebido”.
- O plano de batalha foi enviado via rádio para todos os navios com cópia para *Nimitz* (**Kinkaid não foi destinatário, ele a interceptou**).
- **Falhas de comunicação fizeram Kinkaid e Nimitz entenderem que existia uma FT34 com 4 E para manter a defesa de São Bernardino e que Halsey estava com 3 dos 4 GT existentes da FT 38.** Na verdade Halsey levou todos os seus navios da FT 38 e **não havia FT 34 para defender Kinkaid e o desembarque dos americanos.**

- Às **21h20**, Toyoda determinou que Osawa voltasse a avançar para o Sul. Ele o fez e chamou a guarda avançada de regresso. Avançavam os dois oponentes um contra o outro. A batalha seria ao alvorecer.

## **25 de outubro:**

- **Estreito de Surigau: o plano de batalha de Oldendorf** levou em consideração a sua disponibilidade de meios e considerou o inimigo em coluna e sem espaço de manobra, assim posicionou suas três flotilhas de CT nos dois flancos, mais atrás os CP e CL e finalmente uma linha de batalha com 6 E, perpendicularmente ao avanço do inimigo. **Entre 02h54 e 03h50**, os torpedos disparados pelos CT **reduziram a força de Nishimura** (a qual não acertou nada com sua artilharia) para 1 E, 1 CP em chamas e 1 CT. A exceção do CT japonês, que se retirou, os demais foram finalizados pelos E e C de Oldendorf (apenas 1 CT avariado). Às 04h13 Oldendorf mandou cessar fogo, por falta de alvos.
  - Às **04h30**, Shima viu os derelitos da força de Nishimura, retirou-se da batalha e foi destruído, tempos depois, nas Filipinas.
  - A ação norte-americana, bem coordenada, revelou-se quase como um exercício. **O avanço de Nishimura para a destruição foi tão determinado que parecia que tinha recebido uma missão igual à de Ozawa.** Sua destruição atraiu a força da 7ª esquadra, como **Ozawa fez com a 3ª**, ficando livre o caminho para **Kurita**.
- Esta batalha marcou o fim da era do emprego das linhas de batalha nas guerras no mar, em virtude da atuação exitosa dos CT.**

➤ **Ilha de Samar:** pouco depois da meia-noite do dia 24, Kurita penetrou o estreito de São Bernardino com 4 E, 6 CP, 2 CL e 7 CT. **Ao amanhecer costeava a ilha de Samar.** Às **05h35, Kurita recebeu mensagem de Shima informando sobre a destruição da força de Nishimura** (plano Shō praticamente falido). Não tinha notícias da ação de Ozawa. Mas continuou para executar sua operação isolada.

- Entre **06h23 e 06h50, Kurita identificou o que pensava ser a esquadra de Halsey e iniciou o ataque com seus E e C.** Na verdade tratava-se de parte dos 18 NAeE da força de Kinkaid, que apoiavam a operação anfíbia, divididos em 3 grupos de seis (Taffy), distantes 40 MN entre si, cada um com proteção de 3 CT e 4 CTE. Era o Taffy 3 que estava na mira de Kurita (Taffy1 – sul, Taffy2 – centro e Taffy3 – norte).

- Às **07h00, as PAC dos 6 NAe identificaram o ataque dos E e C de Kurita.** Entre 07 e 09hs o comandante do Taffy envolveu os NAe em densa cortina de fumaça, lançou aviões do Taffy 3 e, auxiliados por outros do Taffy 2, e engajou a força de Kurita com 3 CT, conseguindo superar o desequilíbrio material com bravura e conseguindo afundar 4 CP eavarir diversos navios de Kurita, estancando seu avanço e dispersando suas forças. Da Taffy 3 sobreviveram 1 CT e 2 CTE.

- **Kinkaid não podia ajudar** (as forças de Oldendorf depois da batalha de Surigau, estavam sem munição e a 65 MN), mas ainda achava que a FT 34 poderia ajudá-lo e solicitou, às **07h27, enfaticamente** (em linguagem clara) **seu apoio a Halsey, às 09h00, Halsey informou que não havia FT 34 e 3 de seus GT** estavam engajados com a força principal do inimigo, o que acreditavam, e deu ordem para o GT 38.1 seguir a toda a velocidade para Samar.

- Mesmo a frota americana escondida numa cortina de fumaça e respondendo ao ataque das forças de Kurita, a luta era muito desigual, entre os mais potentes e modernos couraçados do mundo (japoneses) contra destróieres e porta-aviões com poucos aviões (americanos), na maioria armados apenas com cargas de profundidade e metralhadoras e não com torpedos. A marinha japonesa começava um massacre contra os navios aliados.

- Às **09h11, com suas forças dispersas, Kurita** decide se retirar para reorganizar sua força (ele julgava combater a esquadra de Halsey, um adversário de valor com seus NAe e CP). **Perdeu a oportunidade que poderia mudar o quadro da guerra.**

- Até às **12h, Kurita relatou que voltaria ao ataque**, mas inexplicavelmente às 12h55 deu ordem para sua **força demandar rumo norte e comunicou a Toyoda que não continuaria para o Golfo de Leyte**, passaria ao norte pelo estreito de São Bernardino e faria contato com as forças inimigas ao norte.

- Na manhã do dia 25, por iniciativa do Alte **Onishi**, foi realizada a **estreia dos pilotos Kamikases (“vento divino”**, referindo-se a um lendário vento que destruiria a esquadra mongol, a qual, no século XIII, pretendia ocupar o Japão), composta por voluntários em abundância, para atacar os NAe da Taffy1 e Taffy3. Essa estreia dos kamikases representou apenas uma amostra do que fariam em Okinawa.

➤ **Cabo Engaño:** à meia-noite do dia 24, **Halsey entregou a direção tática do FT 38 ao Alte Marc Mitterer** e formou a FT 34 para destruir os navios restantes de Ozawa e travar o duelo de artilharia com os E híbridos.

- Às **08h do dia 25, Ozawa sofreu o primeiro ataque dos aviões americanos**, lançados a 120 milhas de distância, já em rumo norte. Também **informou a Kurita que o engodo contra os americanos funcionara** (Ozawa não havia recebido qualquer informação de Kurita).

- Às 10h a força japonesa se transformou em navios isolados (alguns muito danificados). Entretanto, uma mensagem de Nimitz para Halsey (em função das mensagens de Kinkaid para Halsey perguntando repetidamente sobre a inexistente FT 34), foi criptografada errada e Halsey entendeu que estava sendo criticado por Nimitz por ter abandonado São Bernardino, assim Halsey determinou que a FT 34 – agora existente – rumasse para o Golfo de Leyte e destacou uma parte para combater o inimigo ao norte. Cabe ressaltar, que mesmo que Kurita não tivesse recuado, a FT 34 não chegaria a tempo. (Halsey não participou de nenhuma batalha – ficou frustrado).

- Às 20h00 Ozawa rumou para o Sul procurando combate. Sem sucesso decidiu, protegido pela noite, rumar para a metrópole. Tinha cumprido sua missão. Contudo, uma triste missão para quem era considerado, mesmo pelo inimigo, como o melhor almirante japonês.

### **Com o fim da Batalha de Cabo Engaño, terminara a Batalha do Golfo de Leyte.**

#### **Ação dos submarinos**

Tanto os submarinos japoneses como os norte-americanos estavam posicionados patrulhando as proximidades das Filipinas. A participação, em ambos os lados, resume-se ao ataque realizado pelos 2 Sb americanos sobre Kurita, sem afetar sua missão.

#### **Falhas**

Nas batalhas aeronavais desenvolvidas em áreas marítimas extensas, travadas no Pacífico, em especial a do Golfo de Leyte, a:

3. unicidade de comando;
4. comunicações; e
5. reconhecimento do inimigo.

São vitais e adquiriram exponencial importância, pois com os combates dependendo uns dos outros, são necessários perfeita coordenação cronológica e direção única.

A dualidade de comando americano ocasionou o abandono de São Bernardino por Halsey (falta de comando imediato para reportar-se), além de que, durante toda a guerra, MacArthur e Nimitz agiram independentemente. Porém, em Leyte a operação era combinada e não era aceitável a separação entre o comando do desembarque anfíbio e o do apoio ao largo, obedecendo, ambos, apenas ao Presidente dos EUA ou a JCS (junta de chefes de estados maiores aliados). Não existia uma frequência especial para a comunicação direta entre Halsey e Kinkaid, resultando na mais grave falha americana:

**A formação inexistente da FT 34, piorado pela demora de 2 horas para a mensagem de pedido de ajuda de Kinkaid chegar a Halsey.**

Nas comunicações japonesas a maior falha foi que Ozawa não sabia que Kurita voltava a avançar e este último não saber que o engodo tinha funcionado. A ligação entre os dois era a chave do plano Shō1.

Em relação ao reconhecimento do inimigo, dos tipos e do número de navios, quando fruto de esclarecimento sem reação, apresentava certa veracidade.

Mas as informações obtidas no fragor do combate foram bastante falhas e falsas. Halsey recebeu informações falsas dos pilotos após a batalha no mar de Sibuyan. Na batalha de Samar, Kurita julgou estar combatendo com os NAe e C, inexistentes, de Halsey. Decisões vitais foram tomadas com base em informações erradas.

## Erros

Analisar e criticar decisões de chefes tomadas em meio à confusão das batalhas, anos depois, é arriscado, principalmente quando as situações são peculiares e difíceis de serem reproduzidas. Logo, cautelosamente, foram consideradas “erradas” as seguintes decisões:

- **Recuo de Kurita:** no momento que tinha uma quase vitória japonesa, diversos autores atribuem o recuo à exaustão que levou a interpretações erradas. Além disso, a rígida disciplina japonesa não permitiria que houvesse discordância da decisão do chefe. Pelo menos Kurita aceitava ter errado.
- **Abandono de São Bernardino por Halsey:** abandonando a proteção imediata da OpAnf, Halsey (de personalidade agressiva) criticou Kinkaid publicamente por não apoiar o Taffy3 e nunca aceitou ter errado ao procurar o “corpo principal” do inimigo. Sempre foi impecável em diversas operações de guerra, mas nunca participou de uma batalha naval. Halsey não participou de Midway e Marianas (estava doente em um hospital) e quem comandou e venceu foi Spruance (intelectual brilhante, sem arroubos e comedido), entretanto este foi criticado pelos pilotos por ter deixado Ozawa escapar em função de atribuir prioridade para a defesa da operação anfíbia nas Marianas. Halsey se considerava aviador (brevé só conseguido aos 54 anos) e não queria repetir o que havia sido alvo de crítica, inclusive dele mesmo. Os aviadores do EM de Nimitz deram a Halsey a seguinte instrução operativa: “No caso de haver oportunidade de destruir uma maior parte das forças inimigas, ou podendo isso ser criado, tal destruição torna-se tarefa prioritária”, ao contrário das instruções de Spruance (diziam simplesmente para defender a operação anfíbia).
- Conclui-se que as **personalidades** dos chefes e seu **estado de saúde** influem em suas decisões militares. Na confusão de uma guerra, a execução de um planejamento é sempre sujeita a eventualidades que a condicionam. **O erro de Kurita contrabalanceou o erro de Halsey.**

## Conclusões

O plano Shō1 foi um ato de desespero para levar a melhores condições de paz e manter por algum tempo o caminho livre para suprimentos essenciais. Entretanto era de execução difícil e exigia uma perfeita coordenação de tempo, ótimas comunicações e efetivo controle.

A derrota japonesa não teve o caráter decisivo de Midway ou Marianas, tendo sido algo esperado a partir do momento em que foram corroídas as linhas de defesa, destruídas as forças armadas, reduzida sua capacidade industrial e seu moral. Além dos confrontos militares, havia a disputa entre dois estágios de desenvolvimento tecnológico e científico, entre a capacidade industrial dos adversários, entre recursos disponíveis (humanos e suprimentos), com a flagrante superioridade americana.

Depois da Batalha de Leyte, os japoneses ainda dispunham de muitos navios de guerra e aviões, mas sem organização e immobilizados pela falta de combustível e pessoal preparado, muitos foram destruídos ainda nos portos, nas bases aéreas e no mar. Entretanto, a resistência durou até setembro de 1945, com batalhas terrestres na tentativa de conquista das ilhas Filipinas. Sua rendição coincidiu com a do Japão.

As ocupações de Okinawa e Iwo Jima só foram conseguidas ao custo de enormes perdas de pessoal e material, vítimas das revoadas de Kamikazes, ataques de submarinos e lanchas suicidas. Esses sacrifícios, serviram para justificar o lançamento das bombas atômicas, pois estimava-se em 1 milhão as vítimas no desembarque no território metropolitano.

**Os EUA utilizaram os mais avançados meios técnicos para derrotar o Japão, além da notável resistência, cumprimento do dever e senso de responsabilidade do seu pessoal, com grandes atos de desprendimento, como a reação do Taffy 3 e seus escoltas na Batalha da Ilha de Samar.**

No final de 1944, os submarinos americanos haviam afundado mais da metade da Marinha japonesa. Os porta-aviões tiveram importância capital nos combates navais, **pois as bases aéreas no Pacífico ficavam muito distantes do arquipélago japonês.** As superfortalezas voadoras da USAAF lançavam bombas incendiárias castigavam as cidades japonesas.

Estudos previam lutas sangrentas até a tomada do território japonês, cujos soldados lutavam violentamente até o fim, o que motivou o emprego da bomba atômica contra o Japão.

**Com a rendição do Japão, iniciou-se a sua recuperação, apoiada pelos próprios EUA (“A história da estupidez humana” – Livro do filósofo Pitkin).**

## **PARTE IV – CAP 15 - CONFLITO NO ATLÂNTICO SUL: A LUTA PELA POSSE DO ARQUIPÉLAGO DAS FALKLAND/MALVINAS**

### **O quadro Político-Estratégico**

O conflito ocorreu em pleno período da Guerra Fria, no período conhecido como “détente”, em que EUA e URSS disputavam a hegemonia mundial, sem ameaçar, porém, os interesses vitais um do outro, devido ao receio do holocausto nuclear. Contudo, Argentina e Reino Unido estavam alinhados com o bloco liderado pelos EUA. A URSS não interferiu, mantendo um **perfil baixo**, e seu interesse esteve voltado para observar como um país importante, dentro da OTAN, fazia a guerra.

**Desde sua independência da Espanha em 1810, a Argentina reivindicava como herdeira daquele país, o arquipélago das Malvinas** que, ocupado pelos britânicos a partir de 1833 - quando expulsaram o governo argentino, quase há 150 anos -, passou a ser por eles colonizado. Os habitantes locais, os **kelpers**, de origem britânica, pretendiam manter sua cidadania britânica, porém dependiam da Argentina para muitos serviços, em virtude da distância do Reino Unido.

À época, predominavam governos militares na América do Sul, que estavam alinhados aos EUA devido à ameaça comunista (os movimentos internos contrários a esse alinhamento, comunista ou não, eram reprimidos). A Argentina vivia uma crise política e social sem precedentes. Nesse contexto, no dia **30 de março de 1982 houve, na Praça de Maio, uma gigantesca manifestação popular contra a junta militar que governava o país**, a maior de todo o período de governo militar. No dia seguinte, o periódico **La Prensa afirmava que só uma guerra externa poderia salvar o governo**. Poucos dias depois, a **2 de abril de 1982, os argentinos invadiram as Falklands**, criando uma situação que levaria à luta armada.

O Reino Unido, por sua vez, desde a humilhação do canal de Suez, em 1956, apresentava estar em uma decadência nacional irreversível. A **falência industrial e econômica havia determinado a limitação do papel britânico no mundo**. Desde a posse de um governo do partido trabalhista em 1960, passou a refletir essa visão. No Livro Branco de Defesa de 1966, era afirmado que as futuras guerras em que a Grã-Bretanha se veria envolvida seriam guerras da OTAN e, nessas guerras, o **papel da marinha real seria essencialmente antissubmarino, sob o manto protetor da aviação embarcada dos norte-americanos**. Assim sendo, a marinha britânica não necessitaria dos navios-aeródromos que estavam em construção, nem do existente, o *HMS Hermes*.

O Almirantado britânico, porém, conseguiu contornar essa decisão dos políticos mudando a classificação dos navios em construção para “navios de convés corrido”, adequados para controle de área marítima, e

alterando a designação do *Hermes* para **navio porta-helicópteros**, de onde operariam os pesados helicópteros **antissubmarino**, que não podiam operar de navios menores.

Mais tarde, já sob um governo conservador, o Livro Branco de Defesa de 1981, determinou que a guerra antissubmarino seria mais barata se conduzida por contratorpedeiros e fragatas: o *Hermes* foi destinado à sucata e o *HMS Invincible*, já pronto foi vendido à Austrália; os navios de desembarque anfíbio *HMS Fearless* e o *HMS Intrepid* foram postos em disponibilidade, assim como os navios de transporte de tropas.

**Essas mudanças no Reino Unido levaram os argentinos a acreditar que não haveria disposição do lado britânico para lutar pelo arquipélago.** Outros fatos contribuíram para isso: em **junho de 1981**, o governo britânico anunciou que o **HMS Endurance**, seu único **navio-polar**, ficaria em disponibilidade logo após a campanha de 81-82. Em meados desse mesmo ano, **uma nova Lei de Nacionalidade Britânica tirava a nacionalidade britânica de 2/3 dos habitantes das ilhas**, o que enfraquecia o argumento dos que defendiam a posse das *Falklands* pela autodeterminação de seus habitantes.

Em 1980, *Nicholas Ridley*, o então Ministro de Estado visitou as ilhas e propôs aos *kelpers* a soberania partilhada com os argentinos, como fora feito no caso de Hong Kong. Diante da recusa dos locais em aceitar essa solução, ele disse: “*Que caia sobre suas próprias cabeças se vocês continuarem com esta intransigência. Não estamos mais na Era Vitoriana. Nós não vamos mandar uma canhoneira para salvá-los se vocês se meterem em encravadas*”.

A Argentina, possivelmente pensando numa “diversão” para os seus problemas internos, **jugou, acertadamente, que a ocupação do arquipélago das Malvinas** – uma aspiração nacional – **uniria o povo em torno do governo** e que, **erradamente, o Reino Unido, não só pelas razões apresentadas, mas também pelas imensas dificuldades logísticas que teria de vencer para recapturar as ilhas pela força das armas, apenas negociaria para “salvar a face”**. Os **argentinos não levaram em conta** a determinação, capacidade de liderança e o **caráter da Primeira-Ministra Margaret Thatcher**, nem a disposição do **Almirantado britânico de salvar a marinha real** de sua redução a marinha de segunda classe.

A relação especial que os argentinos acreditavam ter com **os EUA** – pela sua posição claramente anticomunista e o apoio dado em El Salvador – não impediu o **alinhamento** deste com o **Reino Unido**. As **relações pessoais de amizade entre Ronald Reagan e a Primeira-Ministra britânica, associada à tradicional ligação entre os EUA e o Reino Unido, fizeram a balança pender para o Reino Unido**.

### A Geografia do Conflito

A batalha pelo arquipélago foi basicamente uma **batalha entre navios de superfície** que, por diversas razões, contavam com pouca cobertura contra-ataques aéreos, e aviões baseados em terra, com **distância significativa de suas bases**. Para ambos os partidos, **os fatores tempo-distância foram fundamentais**.

Embora a disputa envolvesse as *Falklands* e suas dependências, as ilhas Geórgia do Sul e Sandwich, as ações militares restringiram-se às *Falklands* e à Geórgia do Sul. As *Falklands*, abaixo do paralelo 50°S, dista cerca de 400 milhas náuticas do território argentino, cerca de 8.000 milhas náuticas das ilhas britânicas, 6.000 milhas náuticas de Gibraltar e cerca de 4.000 milhas náuticas da **ilha de Ascensão**, cujo uso pelo Reino Unido durante a campanha foi autorizado pelo **secretário de Defesa do EUA**.

As duas ilhas principais do arquipélago (cerca de 200 ilhas) são *Falklands Leste* (Gran Malvina para os argentinos) – onde fica a capital Port Stanley (Puerto Argentino para os argentinos) – e *Falklands Oeste* (Soledad), são separadas pelo estreito das *Falklands* que, na sua parte mais estreita, tem 4,4 km. Na capital, residem cerca de 1.200 *kelpers* e outros 600 estão espalhados pelas ilhas em fazendas de criação de ovelhas.

Ao norte das duas ilhas principais, há algumas elevações com alturas variando entre 400 e 700 metros. As costas são muito recortadas e o terreno é bastante acidentado e de trânsito muito difícil (turfas). À época, existiam apenas 4,5 km de estradas. O meio de transporte mais usado é o aéreo. Das cerca de 30 pistas existentes, apenas cinco delas permitiam o pouso de aviões de grande porte (C-130). A maior pista era a do aeroporto da capital, com 1.250 metros, seguida das Ilhas de Pebble e de Goose Green. Modernos aviões de combate não podiam operar de nenhuma pista das Falklands.

As condições atmosféricas na região são extremas, com temperaturas muito baixas e ventos fortes e, devido à abundante vida marinha e ao fato de as camadas térmicas não serem bem definidas, as condições sonares são adversas.

#### A Invasão (ou reocupação para os Argentinos)

A venda pelo proprietário britânico de uma antiga estação baleeira, na Geórgia do Sul, para uma firma argentina de sucata, criou o pretexto para o início do conflito. Cerca de 42 trabalhadores argentinos, transportados para o local no navio-transporte da marinha argentina *Bahia Buen Suceso*, chegando na baía de Leith, no dia **19 de março de 1982**, hastearam a bandeira argentina ao som do hino nacional, fazendo disparos para o alto com armas portáteis. Os britânicos protestaram contra essa violação de sua soberania e, já no dia 23, o **HMS Endurance (navio-polar) suspendia de Port Stanley com destino a Grytviken, capital da Geórgia, transportando 22 fuzileiros navais. Provavelmente dois submarinos nucleares foram enviados para as Falklands para o caso de a situação vir a deteriorar.**

No dia **28**, isoladamente a fim de não chamar a atenção, forças navais argentinas deixam *Porto Belgrano* pela manhã, organizadas em duas FT, numa clara indicação de que essas forças já estavam preparadas antes do incidente da Geórgia. A ordem de batalha argentina era a seguinte:

➤ **FT-40 – Força-Tarefa Anfíbia** – missão de realizar desembarque anfíbio nas Falklands.

Constituída por 2 contratorpedeiros tipo 42 (*ARA Santíssima Trindade* e o *Hércules*), 2 fragatas tipo A-69 (*Drummond* e *Granville*), 1 submarino tipo Guppy (*Santa Fé*), 1 NDCC, tipo LST (*Cabo San Antônio*, com o 2º Batalhão de Fuzileiros Navais e 19 veículos anfíbios), 1 quebra-gelo (*Almirante Irizar*) e 1 navio-transporte (*Isla de los Estados*).

➤ **FT-20 – Força de Apoio** – tarefa de dar apoio à FT-40.

Constituída pelo navio-aeródromo ligeiro (**25 de Maio**, com 08 A-4 Q *Skyhawk*, 4 aviões antissubmarino S2E, 3 helicópteros *Alouette* e alguns helicópteros *Sea King*), 3 contratorpedeiros tipo *Allen Summer* (*Bouchard*, *Piedrabuena* e *Segui*), 1 contratorpedeiro classe *Gearing* (*Py*), 1 navio petroleiro de esquadra (*Punta Medanos*) e 1 rebocador (*Sobral*).

A força naval Argentina tinha uma excelente capacidade para ações de superfície, onde os contratorpedeiros haviam sido modernizados e instalados *MSS Exocet*, já existentes nas fragatas A-69. Para opor-se às forças argentinas, os **britânicos dispunham de 67 fuzileiros navais** nas Falklands. Segundo fontes argentinas, a recuperação das Malvinas deveria ter tido início a 30 de março, porém devido às péssimas condições meteorológicas, as ações foram adiadas.

Diante dos evidentes sinais das ações argentinas, o **governo britânico**, em **1º de abril**, pediu a intervenção do presidente *Reagan* e a convocação de uma sessão de emergência do Conselho de Segurança da ONU, além de algumas medidas de caráter militar, colocando diversas unidades de prontidão, inclusive submarinos de propulsão nuclear.

Nessa mesma noite (**01ABR**) teve início a invasão das ilhas (**Operação Rosário**): às 21h15, partindo do *Santissima Trinidad*, fundeado ao largo de *Port Harrier*, ao sul de *Puerto Argentino*, desembarcaram 80 Fuzileiros Navais argentinos com a missão de tomar os aquartelamentos ocupados pelos Fuzileiros Navais britânicos e a Casa de Governo.

Às 02h do dia 2, 10 homens-rã desembarcaram do submarino *Santa Fé*, na superfície, próximo à entrada da baía de Puerto Argentino; sua missão era agir como grupo precursor, ocupando a praia onde se daria o desembarque principal.

Cumprida essa missão, às **06h15** o NDCC *Cabo San Antonio* aproximou-se da baía de Puerto Argentino e lançou os 19 carros anfíbios na praia de York. Esses veículos, a caminho de Puerto Argentino, juntaram-se aos 80 comandos argentinos que haviam atacado os aquartelamentos britânicos, os quais encontraram vazios, e a Casa do Governo, onde foi morto 01 CC-FN argentino.

Simultaneamente, **um grupo de combate, embarcado num Sea King, partiu do Almirante Irizar, desembarcando no aeroporto de Puerto Argentino** e desimpedindo a pista que estava bloqueada com diversas viaturas pelos britânicos. Às **08h30**, pousou o primeiro C-130 da força aérea argentina trazendo **soldados do Exército para ocupação das ilhas**. Às **09h15**, por determinação do governador Rex Hunt, diante da imensa superioridade argentina, **renderam-se os fuzileiros navais britânicos**.

Imediatamente, os argentinos estabeleceram bases aéreas nas ilhas, dentro das limitações impostas pelas dimensões e demais características das pistas disponíveis.

2015

Tão logo chegaram ao Reino Unido as notícias da invasão, a **primeira-ministra declarou que as ilhas seriam retomadas** e anunciou a formação de uma FT com essa missão (**Operação CORPORATE**).

Entrementes, os argentinos desencadearam a **segunda fase da operação**. No dia 3, com o suspender da **FT60**, com a tarefa de ocupar a **Geórgia do Sul**, constituída pela fragata tipo A-69 *Guerrico* e o navio-polar *Bahia Paraiso*. O GT transportava dois pelotões de Fuzileiros Navais e dois helicópteros. Partindo do navio polar, um helicóptero Puma, transportando 15 homens de cada vez, deu início à operação aerotransportada; ao ser desembarcado o segundo lote, os Fuzileiros Navais britânicos, levados para a ilha pelo HMS *Endurance*, abriram fogo, obrigando o helicóptero a decolar já envolto em densa fumaça, caindo pouco adiante. O outro helicóptero - um *Alouette* - veio para o resgate das vítimas.

A fragata *Guerrico*, ao aproximar-se de *Grytviken* foi levemente avariada por um míssil antitanque e tiros de armas leves com a perda de um homem da sua guarnição. Ela respondeu ao fogo com seu canhão de 100 mm. **Pouco mais tarde, os 22 Fuzileiros Navais britânicos renderam-se. O HMS Endurance refugiou-se mais ao sul, entre os gelos antárticos.**

2023  
2020

Ainda nesse mesmo dia, **3 de abril**, o Conselho de Segurança aprovou a **Resolução 502** que determinava a **imediata cessação das hostilidades, a retirada das tropas argentinas e o início das negociações**. A aprovação, sem que **URSS** vetasse, foi um triunfo diplomático para a GB, pois condicionava o inicio das negociações à retirada de tropas ARG. Os **americanos** permitiram que os britânicos **passassem a usar a ilha de Ascensão**, a eles arrendada, **como uma base avançada**. Aviões da força aérea britânica iniciaram de pronto uma ponte aérea para aquela Ilha, que passou a ter **importância fundamental para a reação britânica**.

Os primeiros submarinos nucleares britânicos começavam a ser movimentados para as *Falklands*. **A 5 de abril, os argentinos declararam sua rejeição da Resolução 502**, por não aceitarem a retirada das tropas como pré-requisito para início das negociações. Como forma de demonstrar sua rejeição, convocaram seus reservistas das classes de 1962 e 1963 e iniciaram uma ponte aérea para as ilhas com o fim de reforçar os contingentes

militares para resistir a um eventual ataque britânico. **Sob o ponto de vista militar, complicaram o seu problema logístico, tendo que prover a subsistência de um número maior de homens na ilha.** Após o estabelecimento do **DOMÍNIO DO MAR** pelos britânicos, o problema logístico argentino agravar-se-ia com sérias consequências para o moral da tropa.

**Ainda no dia 5 de abril**, o que demonstra o extraordinário estado de prontidão dos britânicos, os primeiros navios que constituiriam a FT-317, inclusive os dois navios-aeródromos *Invincible* e *Hermes*, deixam *Portsmouth* com destino à ilha de Ascensão. No dia seguinte, o navio de assalto anfíbio *Fearless*, com um batalhão de Fuzileiros Navais a bordo, seguia o mesmo destino. Tem início o afretamento e a requisição de navios mercantes britânicos – ao todo 45 navios mercantes. **Nesse mesmo dia, os países-membros da Comunidade Econômica Europeia (CEE) decidiram suspender todas as entregas de armas para a Argentina e impuseram-lhe um embargo total de exportações.**

Sob o comando do CA *Sandy Woodward*, diversos navios britânicos realizavam exercícios (*Spring Train*), ao largo de Gibraltar, quando receberam ordens para rumar para a ilha de Ascensão.

**Os argentinos anunciam o repatriamento dos Fuzileiros Navais aprisionados nas Malvinas e na Geórgia do Sul**, certamente procurando apaziguar os ânimos no Reino Unido. Nada poderia, porém, abalar a decisão britânica de retornar as ilhas pela força. A humilhação sofrida com a divulgação das fotografias dos militares britânicos aprisionados, fartamente distribuída para a imprensa mundial pelos argentinos, só seria reparada com a expulsão dos argentinos das *Falklands*, pela diplomacia ou por armas. No dia 7, os argentinos nomeiam o **General-de-Brigada Mario Benjamim Menéndez** governador militar das Malvinas. Também no dia 7 de abril, o Ministério da Defesa britânico anunciou o estabelecimento de uma **Zona de Exclusão Total (ZET)**, de 200 milhas náuticas de raio em torno das Ilhas, efetiva a partir de 12 de abril e a presença de 4 submarinos nucleares na área, dando efetividade e credibilidade à interdição.

Os navios argentinos que tomaram parte na Operação Rosário recolheram-se a *Porto Belgrano* e iniciaram os preparativos para um eventual confronto com os britânicos.

No dia 8 de abril, o secretário de Estado dos EUA, Alexander Haig, iniciou uma série de encontros procurando uma solução diplomática para a crise. Sua iniciativa continuaria até o dia 19 de abril quando, após um encontro com a junta militar que governava a Argentina, ele desistiu, retornando para Washington.

**Ainda no dia 8 de abril**, nova vitória diplomática do Reino Unido: a **OTAN tornou público o seu apoio** o que, na prática, significava que a marinha real poderia usar suas unidades alocadas à organização.

### Retomada da Geórgia

A maior parte da **FT britânica** chegou à ilha de Ascensão no dia **12 de abril**, e aproveitou a estada na ilha para se organizar e realizar uma série de exercícios, **inclusive treinamentos de assalto anfíbio**.

**A FT foi dividida em 03 grupos:**

- um formado pelos **navios-aeródromos e seus escoltas**, sob o comando do CA *Woodward*;
- um formado por **todos os navios anfíbios**, sob o comando do Comodoro Michael Clapp; e
- um formado pela **Força de Desembarque**, sob o comando do Major-General Julian Howard Thompson, comandante da 3ª Brigada de Comandos.

Todos os grupos reportavam-se diretamente ao Comandante-em-Chefe da Esquadra, **Almirante John Fieldhouse**. **Faltou um comando único intermediário no teatro de operações.**

Os *Sea-Harriers* seriam fundamentais para o sucesso da missão, mas o pequeno número disponível - doze no *Hermes* e oito no *Invincible* - não eram suficientes para garantir a superioridade aérea necessária à realização de uma operação anfíbia. **A restrição política que levou a considerar o território continental argentino como santuário (legitimidade e autodefesa individual em destaque), implicava não atacar as bases aéreas argentinas**, tornando o problema ainda mais grave. Para reforçar os aviões disponíveis, foi formado um novo esquadrão de *Harriers* (oito aviões) usando também aviões GR3 da Real Força Aérea (RAF) que, para isso, tiveram que sofrer adaptações para operarem no ambiente naval, além da instalação de mísseis *Sidewinder AIM-9L*. **No dia 16, a Força Naval britânica deixou a ilha de Ascensão.**

Os argentinos aproveitaram esse período de calma para intensificarem o adestramento, principalmente exercícios antissubmarino e de tiro. Quanto aos submarinos nucleares britânicos, os argentinos tinham a convicção de que pouco poderiam fazer – **o alcance de seus sonares era menor do que o alcance dos torpedos dos submarinos**. O fato de os argentinos terem contratorpedeiros tipo 42, idênticos aos britânicos, deu ensejo a que pudessem desenvolver as táticas de ataque aéreo mais adequadas para atacar esse tipo de navios.

**É incompreensível, na visão do autor, que os argentinos não tenham aproveitado esse tempo, que lhes foi dado pelo deslocamento da FT britânica, para aumentar a pista de Port Stanley de modo a permitir a operação das ilhas dos modernos aviões de combate.**

Tendo decidido que **o primeiro passo seria a retomada da Geórgia do Sul (que serviria de ponto de apoio à FT)**, os britânicos procuraram obter informações sobre o dispositivo argentino, utilizando um avião-tanque *Victor*, adaptado para levantamento aerofotogramétrico. Doze homens das tropas de operações especiais dos Fuzileiros Navais (*Special Boat Squadron - SBS*) desembarcaram na Geórgia partindo do submarino *Onyx*, convencional da classe *Oberon*, cujo embarque fora feito de paraquedas no mar, a partir de um avião Hércules.

O GT constituído para a retomada da Geórgia foi formado com o HMS *Antrim* (com grupos de SBS e SAS – Special Air Service, tropa especial do Exército – totalizando 850 homens a bordo), o HMS *Plymouth*, o HMS *Endurance* (com 2 Wessex e 2 Wasps), o *Tidespring* (da Royal Fleet Auxiliary, com 2 helicópteros Wessex 5) e com o HMS *Brilliant* (com 2 Lynx). Ao total eram 8 helicópteros.

**No dia 21**, sob condições terríveis de tempo, houve **diversas tentativas frustradas**, por parte do SBS e SAS, **de desembarcar nas ilhas** para observar e informar o movimento das forças argentinas. Tais tentativas acarretaram na perda de 2 helicópteros Wessex 5. **Nesse mesmo dia, um avião comercial argentino, em missão de reconhecimento, encontrou a força principal britânica aproximando-se do arquipélago das Falklands, que apesar de afastado, pôde passar a posição estimada da força britânica.**

No **anoitecer do dia 24**, o submarino argentino *Santa Fe* chegou à baía de Cumberland trazendo reforços para a ilha, porém, **ao deixar o porto no dia 25, viajando na superfície, foi avistado e atacado por helicópteros britânicos, afundando**. Os britânicos aproveitaram o incidente gerado e decidiram efetuar o desembarque da tropa de comandos em *Hestesletten* com o apoio de fogo naval da *Antrim* e *Plymouth*. **No dia 26, os argentinos, sem apresentar qualquer resistência, se renderam aos britânicos.**

### **A batalha que não houve**

**A 27 de abril, a força naval argentina suspendeu de suas bases continentais**, constituindo a **FT-79**, composta de 3 GT: 2 deles eram constituídos pelo navio-aeródromo *Veinticinco de Mayo*, diversos contratorpedeiros e fragatas e o terceiro, constituído pelo cruzador-ligeiro *Belgrano* e pelos contratorpedeiros *Bouchard* e *Piedrabuena*.

A força naval contava com o apoio da aviação baseada em terra e dos aviões do *Veinticinco de Mayo*. Os dois primeiros GT posicionaram-se a leste do golfo de *San Jorge* e o terceiro GT um pouco mais ao sul, nas proximidades da *Isla de los Estados*. Cada GT dispunha de seu próprio petroleiro, incluindo mercantes requisitados.

**A 1º de maio foi constituído um quarto GT, com meios dos 2 primeiros – o Grupo de Ação de Superfície, com as 3 fragatas A-69 (com MSS *Exocet*) e um dos petroleiros.**

Às 23h30 desse mesmo dia, um avião S-2E do NAe obteve um contato pelo radar com uma força naval constituída por um alvo grande e 6 médios, possivelmente um NAe e sua escolta, numa posição a noroeste das *Falklands* e distante cerca de 300 milhas náuticas do NAe argentino. A força argentina, imediatamente reagiu, determinando que 1º, 2º e 4º GT rumassem, com a maior velocidade possível (cerca de 20 nós), em direção ao contato. O objetivo era aproximar-se do contato para colocá-lo ao alcance dos *Skyhawk*, que atacariam os britânicos com suas bombas para então, engajar com ações de superfície (superioridade de MSS *Exocet*) e, posteriormente, os canhões do *Belgrano* poderiam definir o combate.

**Entretanto as limitações do *Veinticinco de Mayo* foram decisivas:** a força argentina só conseguiu encurtar a distância até 180 milhas náuticas e, devido às condições de vento reinantes – quase nulo, fato muito raro na região – o navio não tinha potência de máquinas suficiente (mesmo aproveitando o navio ao vento real) para obter um vento resultante adequado para que os aviões decolassem com o combustível e bombas necessários - naquele momento o alcance dos aviões seria 70 MN. Quando o comandante da força argentina, CA *Juan José Lombardo*, foi informado que 2 aviões *Sea-Harrier* sobreavam a força, afastou-se para águas mais seguras à espera de outra oportunidade.

### **Forças britânicas testam as defesas argentinas**

A partir de 1º de maio foram desencadeadas uma série de operações para demonstrar a força e a determinação britânicas. Havia também o propósito de provocar a reação argentina e, assim, permitir a identificação de seu plano de defesa e a verificação da real capacidade da sua aviação.

A ação compreendeu bombardeios de longa distância feitos a partir de *Ascensão*, por aviões *Vulcans* (16 horas de voo e 17 reabastecimentos no ar), ataques aéreos e bombardeio naval feito com elementos da FT, além de ações de comando em diversos pontos das *Falklands*, tudo feito de forma coordenada.

**Os bombardeios com os *Vulcans* ficaram conhecidos como operações *BLACK BUCK*.** Essas operações não tiveram sucesso, mas tiveram um efeito psicológico considerável, pois representavam um extraordinário feito logístico pela distância envolvida e demonstraram a capacidade britânica de atacar o território argentino; por isso, alguns aviões argentinos foram mantidos nas suas bases para proteção contra qualquer ataque ao território argentino (especialmente os *Mirages*).

**Os ataques pelos *Sea-Harriers* embarcados ao aeroporto de *Stanley* não foram efetivos:** o aeroporto continuou operacional até a véspera da rendição argentina. Talvez seu principal mérito tenha sido impedir o aumento da pista para que dela pudessem operar os modernos aviões de ataque argentinos.

**O bombardeio naval**, feito pelos contratorpedeiros e fragatas com canhões de 4.5 polegadas, levou-os a aproximar-se de terra, ficando no raio de ação da aviação argentina. Assim, desde o primeiro bombardeio a aviação argentina teve oportunidade de atacar a força, porém não houve efetividade no primeiro dia. Também foram realizadas operações especiais com pessoal SBS e SAS helitransportados nas proximidades de *Stanley* (2) e *Port Darwin* (1).

## Afundamento do Belgrano

O GT constituído pelo CL *Belgrano* e dois contratorpedeiros foi detectado no dia **2 de maio** pelo **submarino nuclear britânico *CONQUEROR*** que, após pedir e obter permissão de Londres para atacar - pois o *Belgrano* encontrava-se a 36 milhas náuticas fora da ZET -, **torpedeou o cruzador** argentino com o torpedo MK-8 (réquia da 2ª Guerra Mundial), **afundando-o rapidamente**.

**A perda do cruzador *Belgrano*, com 323 mortos de uma guarnição de 1093, veio reforçar o temor argentino da impossibilidade de lidar com submarinos nucleares.**

**Foi decidido não mais empregar a sua força naval de superfície, confinando seus navios nos portos ou na orla marítima**, devido, possivelmente, ao entendimento da **sua vulnerabilidade e ao receio de uma possível intervenção chilena**. Os aviões do NAe foram transferidos para as bases navais ao sul, de onde passaram a operar até o fim do conflito.

## Afundamento da Sheffield

Na noite do dia 1º, após um ataque frustrado contra navio britânico devido à ruptura do fio de guiagem do torpedo, o ARA *San Luis* (submarino) foi atacado durante vinte horas por helicópteros. Nos dias 2 e 3, lanchas-patrulha argentinas foram atacadas a canhão por helicópteros (uma afundada e outra encalhada) e os navios-patrulha oceânicos de 800 ton foram atacados por *Lynx* armados com *MAS Sea Skua*, conseguindo avariar 1 NPaOc.

Numa segunda tentativa, **em 4 de maio** – a 1ª falhou por problemas de reabastecimento no ar – 2 *Super Etendards* argentinos (**que partiram de Rio Grande**), armados com *MAS Exocet* detectaram um alvo a 380 MN, emitindo normalmente; quando à distância de 20 a 30 MN, dispararam seus mísseis, atingindo o HMS *Sheffield*, de piquete-radar a oeste das *Falklands*, uma tentativa de minimizar a falta de alarme aéreo antecipado na força. **O incêndio resultante do impacto e o mau tempo fez com o que o navio afundasse, enquanto estava sendo rebocado para Geórgia.**

Foram verificadas **falhas na identificação positiva das aeronaves argentinas** pela força britânica:

➤ O primeiro contato aéreo foi informado pela *Glasgow* que estava como piquete-radar mais ao norte; a força assumiu PC, mas as aeronaves logo desapareceram. Como a emissão radar dos *Super Etendards* não foi detectada pelo *Hermes*, os contatos foram considerados falsos, dando volta ao PC. Nesse momento, o *Glasgow* e a *Coventry* detectaram um segundo “flash” da emissão radar dos *Super Etendards*, porém novamente não foi confirmado pelo *Hermes*, que o considerou falso. Para o *Glasgow* e *Coventry*, tratava-se de um ataque clássico de *Super Etendards*, que voavam abaixo da cobertura radar, apenas emergindo para uma rápida varredura com seu radar, para então, a cerca de 20 milhas disparar o míssil. Em seguida, o *Coventry* detectou novamente o radar das aeronaves, porém a força já estava sob ataque. **Novamente, o *Hermes* avaliou erradamente os contatos, como sendo 2 *Harriers*.** A *Broadsword* julgou a avaliação errada e permaneceu em PC.

➤ A *Sheffield* retornou à situação normal, passando a transmitir via satélite, operando na mesma frequência dos radares dos *Super Etendards* e dos mísseis *Exocet*, além de interferir nos sensores de guerra eletrônica (não era capaz de desempenhar as duas funções ao mesmo tempo).

➤ Os dois *Sea Harriers* que estavam na área para identificar ameaças, mas foram deslocados para 120 milhas a sudoeste para efetuar busca visual de alvos de superfície por ordem do staff do Almirante. Com isso, os *Super Etendards* tiveram liberdade para explorar a brecha na defesa aérea e atacar a força. O primeiro contato da *Sheffield* com o míssil foi visual, já sem tempo para reação, explodindo a meio navio.

2023  
2019

## **Interregno**

Após as negociações frustradas conduzidas pelo Secretário Alexander Haig, ainda na **esperança de uma saída política para a crise, o governo do Reino Unido não havia autorizado o desembarque nas Falklands.**

Posteriormente, as tentativas de negociação diplomática foram conduzidas pela ONU e pelo Peru.

Nesse **interregno**, que se prolongaria **de 19 de abril até o dia 20 de maio**, os britânicos realizaram **ataques a Port Stanley** e prosseguiram com as **operações Black Buck**; e os argentinos realizaram **ataques às forças navais britânicas**.

Numa operação preparatória para o desembarque, em **14 de maio**, os britânicos fizeram uma **incursão na ilha de Pebble**, onde os argentinos operavam com aviões *Pucara* (aviões de apoio a forças terrestres e de combate anti-helicóptero), e **destruíram o radar móvel, seis Pucara, cinco outras pequenas aeronaves e o paiol de munição**.

## **O desembarque em San Carlos**

Com a **aproximação do inverno e com o fracasso dos esforços diplomáticos**, os britânicos iniciaram as **operações de diversão**:

- desembarque de tropas SAS e SBS em *Port Darwin* e *Goose Green* – com propósito de obter informações e de desorganizar as forças argentinas; e
- teve início o bombardeio naval em *Bluff Cove* e *Fitzroy*.

À noite, a **FT deslocou-se para a baía de San Carlos**, aproveitando o céu encoberto e a fraca visibilidade, em silêncio rádio. **O fato de os aviões argentinos não operarem à noite facilitava a operação de desembarque**, que se deu em quatro praias sendo a oposição encontrada fraca devido à total **surpresa tática alcançada**.

**O sistema de defesa aéreo britânico** compreendia:

- o perímetro externo, com *Sea Harriers* formando uma PAC;
- a **segunda linha de defesa** era de **navios armados com MSA Sea Dart** (defesa de área de médio alcance) e uma **Fragata Tipo 22**, armada com o míssil *Sea Wolf* (defesa de ponto), localizados ao largo da entrada norte do estreito das Falklands – este setor ficou conhecido como **“armadilha de mísseis”**.
- A linha seguinte de defesa, **conhecida como a “linha dos canhões”**, era constituída de 3 ou 4 navios, já dentro dos estreitos, **armados com canhões e mísseis de pequeno alcance**.
- A última linha de defesa, **localizada na área de fundeio**, a **“aleia das bombas”**, era constituída por até 8 navios de tropas e suprimentos, com canhões de pequeno calibre e mísseis *Sea Cat* do *Intrepid* e do *Fearless*.
- Em terra, a defesa ficaria a cargo dos *MAS Rapiers*, um dos primeiros itens a serem postos em terra, e o armamento portátil das tropas, incluindo os mísseis portáteis *Blowpipe*.

Às **09h** tiveram início os ataques argentinos à cabeça-de-praia (CP) e à força de invasão por aviões *Pucara* e, às **10h**, **por aviões provenientes das bases no território argentino**. **Uma das principais razões para a escolha do local do desembarque foi dificultar a aproximação dos aviões atacantes. As elevações na área impediam os argentinos de atacar vindo de terra, teriam que vir alto, facilitando a detecção pelos radares britânicos**. Pelo mar, encontrariam o sistema de defesa britânico montado já descrito.

Pilotos argentinos, voando extremamente baixos, concentraram seus ataques nos destróieres e fragatas, ao invés dos navios-transporte de tropa e suprimentos. A não realização de ataques intensivos à CP facilitou a sua consolidação.

No primeiro dia, **15 aeronaves argentinas foram abatidas e 5 navios britânicos atingidos**, sendo dois com gravidade. Até o entardecer, 5 mil homens já estavam na cabeça de praia, que tinha 16 Km<sup>2</sup>. Dias depois, foi improvisada, com placas de alumínio, uma pista para que os *Harriers* pudessem operar da área.

### **Consolidação da Cabeça-de-Praia**

Nos dias 23, 24 e 25 os argentinos fizeram ataques contra a força naval, deixando a CP se consolidar. As perdas de ambos os lados foram consideráveis. As muitas bombas argentinas que não explodiram têm sido objeto de muita especulação: lançadas a baixa altura sem dar tempo para o dispositivo de armar agir? defeito de fabricação? erro de montagem? bombas projetadas para ataque ao solo que não armavam quando colidiam com as chapas finas dos navios?

### **Campanha terrestre**

Consolidada a CP, os britânicos iniciaram o ataque final contra Port Stanley, avançando em duas frentes num movimento de pinça. O braço mais ao norte dirigia-se diretamente contra a capital e o mais ao sul em direção de Port Darwin e Goose Green, a fim de evitar que as tropas que se dirigiam contra a capital tivessem o flanco exposto ao ataque pelos fortes contingentes destas localidades e para eliminar as pistas ainda operadas pelos argentinos nessas localidades. No dia 29, após considerável resistência, os argentinos se renderam em Goose Green e, no dia 30, a brigada embarcada no *Queen Elizabeth II* desembarcou para reforçar as tropas no terreno. Às 20h59 do dia 14 de junho, Stanley foi reocupada pelos britânicos, pondo fim ao conflito.

### **Desastre em Fitzroy**

No início de junho, a vitória britânica parecia inevitável. Os argentinos concentraram-se em Port Stanley para a defesa final. Bluff Cove e Fitzroy, importantes posições para o assalto final contra a capital, foram abandonadas pelos argentinos e tomadas pelos britânicos. Devido às péssimas condições atmosféricas, parcela de um Batalhão não efetuou o desembarque e somente na noite seguinte chegaram ao local a bordo dos navios. Os argentinos enfim despertaram e realizaram ataques aos navios britânicos, desprovidos de escoltas e de armas antiaéreas, provocando a perda de 52 militares. Muitos fatores contribuíram para esse episódio:

- falta de helicópteros (três Chinooks afundaram com o navio Atlantic Conveyor);
  - demora para desembarcar;
  - o radar Two Sisters ainda operava, dentre outras.
- **Entretanto, a principal razão para isso foi a negligência e a crença de que o inimigo já havia sido batido, estando incapaz de reagir.**

### **Algumas lições das Falklands**

A Grã-Bretanha deixou que as suas dificuldades econômicas ditassem a sua concepção estratégica, definindo uma força naval que, não fosse o conflito, tornaria-se incapaz de cumprir as tarefas que a sociedade britânica exigiria.

Tão importante como as providências militares da Grã-Bretanha foi a sua atuação política. A Resolução 502 da ONU, determinando a retirada das tropas argentinas e a negociação, representou uma vitória diplomática de enormes consequências políticas. A aprovação pela CEE de sanções econômicas à Argentina

e o total embargo da venda de armas; o apoio da OTAN permitindo que o Reino Unido lançasse mão de meios navais e aéreos que a ela estavam alocados são importantes vitórias diplomáticas, que criaram condições para a vitória militar. **Já a Argentina fracassou em não conseguir que a URSS vetasse a Resolução 502 e, também, em não conseguir que o apoio da OEA fosse mais explícito.**

Do lado britânico, destaca-se como a principal lição da guerra a integração das Forças Armadas, ou seja, a **importância de Operações Combinadas sob um comandante único e um estado-maior combinado.**

Do lado argentino, o Brigadeiro *Ernesto Horácio Crespo*, comandante da Força Aérea Sul, afirmou que **não houve planejamento nem ação conjunta no Conflito das Malvinas**, apesar do esforço da Força Aérea.

Um dos aspectos mais impressionantes da campanha foi o **extraordinário esforço logístico, principalmente por parte do Reino Unido diante das distâncias envolvidas**. O reabastecimento em voo foi fator fundamental (voo dos *Harriers* de Ascensão aos NAe em *Falklands* e os bombardeios dos *Vulcans* a *Port Stanley*), sugerindo que toda aeronave de linha de frente deverá ser capaz de reabastecimento em voo no futuro.

O conflito deixou claro que a dependência de fontes externas para a obtenção de equipamento e sobressalentes reduz a capacidade militar do país no momento em que ele mais necessita – a exemplo da Argentina.

**A capacidade de mobilizar recursos civis para esforço de guerra é fundamental.** A mobilização pelos britânicos de 45 navios mercantes, além de destacar a importância estratégica de uma frota de mercantes, bem como de, na paz, preparar os planos para seu emprego na guerra.

Foi comprovado que os **contêineres-cofre** de carga possuem inúmeras aplicações: aumento da capacidade de transporte de gêneros e alimentos refrigerados; da capacidade de alojamento e rancho para tripulação extra; uso como estações de reabastecimento de aeronaves embarcadas; entre outros.

**A procura de informações sobre o dispositivo inimigo mostrou ser vital.** As principais **operações especiais** britânicas foram planejadas e executadas com esse objetivo, algumas como diversão e uma para reduzir uma base inimiga (ilha *Pebble*).

O Conflito das *Falklands* foi importante em termos de **análise tática pelo confronto entre aviões baseados em terra e navios de superfície sem uma cobertura aérea suficiente**.

Os seguintes fatores **dificultaram** a atuação da **aviação argentina**:

- (1) operaram no **limite do seu raio de ação**
- (2) **não** podiam **operar à noite**
- (3) muitas bombas que **não explodiram**.

Já a **força naval britânica** apresentou sérias deficiências tanto no **sistema de defesa aérea** como na **construção dos navios**. Outro ponto foi o fato de a força naval estar numa área restrita, a baía de *San Carlos*, dispensava a identificação dos alvos pelos aviões argentinos atacantes.

**Fraquezas do sistema de defesa aéreo britânico:**

(1) o ***Sea Harrier***, que se revelou uma aeronave extraordinária, era inadequado para o papel de interceptador, por causa do seu radar de pequeno alcance para esse tipo de missão e a falta de meios para uma melhor coordenação avião-navio;

(2) **número pequeno de interceptadores**, fator ainda mais agravado pela decisão do Alte *Woodward* em manter os navios aeródromos afastados da baía de *San Carlos*, para protegê-los dos ataques aéreos.

- (3) **pequeno número de mísseis transportados por cada aeronave** (apenas 2);

(4) **falta de alarme aéreo antecipado** (tentaram montar um radar adequado em um *Sea King*, mas não chegou a ser usado);

(5) **apenas 2 navios armados com Sea Wolf**, de média distância; e

(6) **falta de um sistema de defesa próxima moderno** (“*close in weapon system*”) - logo após foi desenvolvido o *Vulcan-Phalanx*.

No que diz respeito à construção de navios, deficiências que afetavam sua capacidade de sobreviver após ataque:

(1) fraca compartimentação estanque;

(2) uso de material de baixo ponto de fulgor;

(3) material inadequado usado para isolamento de cabos elétricos que ao queimar expelem fumaça tóxica;

(4) não duplicação de equipamentos vitais como redes e bombas de incêndio, e de certos sistemas elétricos, etc.

2018

A conclusão que se pode tirar a esse respeito das *Falklands* é que uma força naval, que precise atuar dentro do alcance da aviação inimiga baseada em terra, **precisa dispor de um eficiente sistema de defesa aérea**. O **avião**, embarcado ou não, é o mais poderoso inimigo das forças de superfície.

O **navio-aeródromo** é essencial para projeção do poder sobre terra; para cobertura aérea da força naval; como base para esclarecimento aéreo de maior dimensão; e como plataforma para a guerra antissubmarino, permitindo o emprego de aeronaves especializadas e helicópteros pesados. **Entretanto o navio-aeródromo não pode depender das condições climáticas para lançamento de suas aeronaves, como foi o caso do Veintecinco de Mayo.**

O conflito também mostrou que para uma força naval, o helicóptero é um instrumento essencial.

O desempenho dos *Sea Harriers* foi surpreendente, demonstrando extraordinária versatilidade e alto grau de disponibilidade e confiabilidade em toda a operação. Demonstraram ser capazes de operar em quaisquer condições de mar e tempo, fator limitativo em operações navais.

O **submarino nuclear foi fundamental por sua capacidade dissuasória** de tirar do campo de batalha a força naval argentina, convencida de não ter meios para se lhe opor. Se os argentinos **dispusessem de mais minas e as tivessem usado de maneira efetiva** (por exemplo, o estreito de Falklands), teriam causado um sério problema para os britânicos.

O apoio de fogo naval mostrou toda a sua importância.

A guerra moderna e as *Falklands* ressaltam a importância da supremacia dos equipamentos e sistemas tecnologicamente avançados. Isso, porém, não elimina o valor do moral dos soldados, bem como a importância da resistência física e mental do pessoal envolvido, fruto de intenso adestramento individual e coletivo. A supremacia do soldado profissional sobre o conscrito ficou evidente. A preferência pelo combate noturno pelos britânicos foi decorrente dessa supremacia.

### LIVRO – HISTÓRIA DAS GUERRAS (3ª edição, 2006)

#### C) HISTÓRIA DAS GUERRAS

##### PARTE I – GUERRA DA INDOCHINA

As guerras da Indochina compreendem dois conflitos militares distintos, contudo, não se pode perder de vista que ambos ficaram entrelaçados, durante três décadas.

**2023** Na **Guerra da Indochina (1946 – 1954)**, o protagonista foi o *Vietminh*, Movimento de Libertação Nacional do Vietnã, e pela França, que era a potência colonial da Indochina. A motivação nesse caso era o direito do povo vietnamita à soberania nacional, sendo parte de um elo grande de movimentos que desafiaram o domínio das potências europeias, após o fim da II GM. Esses movimentos levaram a todo o planeta o “**princípio das nacionalidades**”, que fora proclamado pelo presidente estadunidense Woodrow Wilson, nos tratados de paz de Paris, em 1919, ao fim da I GM.

**2023** Na **Guerra do Vietnã (1960 – 1975)**, os protagonistas foram o Vietnã do Norte e seus aliados do *Vietcong*, comunistas sul vietnamitas, de um lado, e os EUA junto ao Vietnã do Sul de outro. Nesse caso, estava em jogo a unidade do Vietnã, bem como a natureza do regime político e econômico. É importante verificar o conflito segundo a perspectiva dos EUA, que viam nele o destino geopolítico da Ásia e a configuração geral da esfera de influência soviética no continente. Trata-se de mais um evento caracterizado como elo da **Guerra Fria**, cuja lógica se impunha às motivações nacionais, étnicas ou religiosas de diversos conflitos regionais.

**2015** Os vietnamitas interpretam as duas guerras **como um único conflito**, ou seja, como etapas inseparáveis de uma mesma trajetória. De fato, a derrota e a retirada da França custaram a unidade do país. A luta dos EUA e seu aliado, o Vietnã do Sul, seria como uma continuação das lutas de libertação nacional, que seria concluída com a remoção da fronteira artificial que bipartia o país e impedia a reunificação do Estado.

Tal visão de conflitos inseparáveis também é comungada pelos EUA, contudo, **por motivos diferentes**, pois o conflito contra os franceses seria - inédito comparando a outros conflitos de libertação - uma luta de caráter ideológico em face dos comunistas, alinhados à URSS. Nesse sentido, o regime do Vietnã do Sul não foi definido como um remanescente do poder colonial, e sim um aliado regional do ocidente na estratégia de contenção do expansionismo soviético.

### Visões dos Conflitos

É interessante notar que as Guerras da Indochina ficaram registradas de forma patente pelo **embate de forças assimétricas**, quais sejam exércitos regulares versus formações de guerrilhas, tendo em vista a diferença entre as forças combatentes. Ganhou entre os gênios da estratégia militar, **Vo Nguyen Giap**, comandante do *Vietminh* e, depois, do Vietnã do Norte. A guerrilha derrotou as forças coloniais francesas. Entretanto, os EUA não foram derrotados por ela nas florestas do Vietnã, **e sim pela opinião pública americana**. Para historiadores contrafactualis, a decisão política de retirada americana representou a renúncia à perspectiva realista de vitória militar. De fato, houve ali uma crise do “estilo americano de guerra”, segundo o historiador *Russell Weigley*.

Daquele momento em diante, notou-se uma modificação no poder de combate, com um exército profissional e a incorporação da tecnologia da informação. Nas Guerras do Golfo, em 1991 e 2003, ficou conhecido como novo “estilo americano de guerra” e o Pentágono, com esses episódios, viria a acertar contas perante o passado, com o fracasso na Indochina.

### Repercussões

As Guerras da Indochina tiveram repercussões históricas marcantes. A **derrota francesa serviu de estímulo aos movimentos de libertação nacional na África**, o que inaugurou a segunda fase do processo de descolonização. A **derrota americana provocou a reformulação da estratégia asiática de Washington**, a **aproximação entre os Estados Unidos e a China**, a abertura de uma nova fase na política internacional da Guerra Fria.

O jeito antigo de fazer guerra dos EUA produziu repercussões e angústias que perduram até os dias atuais no seio da sociedade americana.

### **Ho Chi Minh e o Vietminh**

Para entender o contexto em que *Ho Chi Minh* teve atuação é importante retornar à II GM. A expansão imperial japonesa na Ásia originou o conceito geopolítico do **Sudeste Asiático**, que se reuniu pela conquista de territórios antes fragmentados entre a Grã-Bretanha, a França, a Holanda e os EUA. Esse “ângulo da Ásia” é bastante peculiar, pois se encontra entre a civilização chinesa e a indiana, compreendendo uma península (Indochina) e um arco insular entre os oceanos Pacífico e Índico (Insulíndia).

**A península da Indochina é constituída pelos atuais Myanmar, Malásia, Tailândia, Vietnã, Laos e Camboja.** Em que pese a diversidade das suas civilizações, possui um fundo cultural influenciado pela Índia e pela China. Nesse contexto, o budismo se expandiu naquela região desde o primeiro século da era cristã, por influência de mercadores indianos, que viajavam acompanhados de brâmanes e monges budistas. Ademais, a China dominou o norte do Vietnã por mais de mil anos, entre os séculos II a.C. e X d.C.

O imperialismo francês, entre 1862 e 1893, produziu uma Indochina francesa que abrangia a parte oriental da península, cujo eixo natural é o vale do rio *Mekong*. Note que a administração colonial manteve as estruturas territoriais dos reinos do Camboja e do Laos, bem como dos três reinos vietnamitas do Tonquim (norte), Anã (centro) e Conchinchina (sul). A cultura da seringueira e a exportação da borracha natural integraram a Indochina francesa aos fluxos internacionais de matérias-primas comandados pela indústria europeia.

O nacionalismo vietnamita surgiu cedo. Letrados se inspiravam em Montesquieu, Voltaire, Rousseau e a Revolução Francesa, e interpretavam a Restauração Meiji, no Japão, como exemplo a ser seguido de resistência à hegemonia das potências ocidentais, além de um caminho para a modernização econômica. Mas as seguidas insatisfações dos nativos não modificaram os anseios franceses.

*Ho Chi Minh (Nguyen Ai Quoc)* estudou e militou na França, aderindo à Internacional Comunista. Ele fundou, em Cantão, que era o foco do movimento comunista chinês, um grupo de nacionalistas dispostos a ultrapassar a contestação intelectual dos letRADOS. Nos anos 30, esse grupo se fundiu à Frente Democrática Indochinesa, uma fachada para o clandestino Partido Comunista Vietnamita, estruturando o movimento nacionalista em torno dos comunistas.

**A ocupação japonesa, em 1940, e a humilhação do poder colonial francês acabaram por destravar o movimento revolucionário.** Um ano mais tarde, os comunistas reuniram a resistência nacionalista na Liga Revolucionária para a Independência do Vietnã (*Vietminh*), sob a bandeira do combate ao “fascismo francês e japonês”.

Com a queda do regime de Vichy, em agosto de 1944, a França declarou guerra ao Japão. Logo após isso, a administração francesa na Indochina se recusa a receber ordens do Japão e seus integrantes são presos. Sob orientação japonesa, o governo fantoche de *Bao Dai* se declara independente da França, sendo seguido pelos reis do Laos e do Camboja. Como esperado, o *Vietminh* reage, proclamando a ilegalidade do governo de *Bao Dai*.

Na **Conferência de Potsdam**, em julho de 1945, os Aliados **dividem o Vietnã por meio do paralelo 17ºN e projetam a criação de uma zona de ocupação chinesa ao norte e uma britânica ao sul**. Mas, com a capitulação japonesa em agosto (*Hiroshima e Nagasaki*), *Ho Chi Minh* conclama a insurreição e o *Vietminh* instala um governo republicano em Hanói, no Tonquim. No discurso da independência, em setembro de 1945, *Ho Chi Minh* falou em francês. Ele invocou a Revolução Francesa e a Comuna de Paris para inscrever a soberania vietnamita no marco político dos princípios de liberdade e igualdade.

Com a saída de De Gaulle do poder, forças francesas desembarcam em Hanói e Saigon, o governo francês anunciou o desmembramento da Cochinchina e a formação de uma república autônoma com capital em Saigon, levando à reação do *Vietminh* por meio de atos terroristas. Em dezembro de 1946, os franceses bombardearam o porto de Haiphong, no Golfo de Tonquim, levando o governo de Ho Chi Minh a ser desalojado de Hanói.

### A guerra da Indochina

As forças francesas (200 mil homens) foram comparadas por *Giap* a um elefante, enquanto o *Vietminh* era um Tigre, que atuaria segundo os preceitos da guerra de guerrilha, enfraquecendo de forma lenta e gradual o oponente. É importante ter a noção de que o Vietnã possui uma uniforme identidade cultural. As forças francesas conseguiram controlar as terras baixas em torno das capitais do norte e do sul, mas nunca se revelaram capazes de expulsar o *Vietminh* do cordão de planícies costeiras ou, muito menos, dos seus refúgios situados nas montanhas.

Os vietnamitas configuraram, ao longo dos séculos, uma sociedade hidráulica. A população concentrou-se nas planícies, densamente povoadas e dominadas pela rizicultura intensiva, que se alicerça sobre uma rede de sofisticadas, mas rudimentares obras de controle das águas e irrigação.

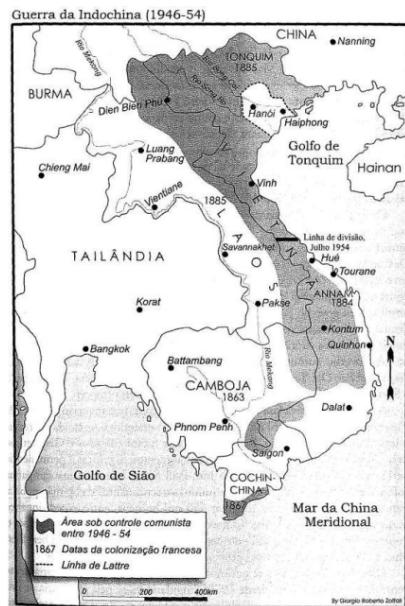
Mesmo com o fracasso da Linha *Maginot*, o apego doutrinário francês às linhas de defesa se fez presente no Vietnã, com a Linha De Lattre, que tinha por objetivo defender o perímetro externo do delta do rio Vermelho, protegendo a área polarizada por Hanói e o porto de Haiphong. Os franceses não avançavam para as florestas e montanhas, enquanto o *Vietminh*, devido à disparidade do poder de fogo, não avançava pela Linha De Lattre.

Entretanto, com a conclusão da Revolução Chinesa, em outubro de 1949, e a consumação da vitória comunista de Mao Tse-Tung, o *Vietminh* passa a ser suprido por armas mais modernas, valendo-se de trilhas ao longo das montanhas do norte, que conectam o Vietnã à China. No outono de 1950, *Giap* ganha confiança, ultrapassa o limite da guerra de guerrilhas e organiza ataques de divisões regulares contra guarnições francesas da Linha De Lattre. O insucesso dessas tentativas faz o *Vietminh* retroceder ao método da guerrilha.

Temendo uma expansão da China, Harry Truman, então presidente dos EUA, passa a prover ajuda militar e financeira aos franceses. Na França, movimentos contra o conflito ganhavam corpo sob a liderança do filósofo Jean Paul Sartre. A situação se agravava e o efetivo aumentava, chegando a 450 mil homens.

Uma ofensiva francesa, Operação Castor, deveria ser desencadeada o quanto antes, ou então a guerra estaria perdida pela opinião pública. O local escolhido foi DIEN BIEN PHU, próximo ao Laos, uma área controlada pelo *Vietminh* desde 1950. Este local foi escolhido por conter uma pista de pouso e outras facilidades que permitiriam a expansão do TO nas montanhas, interrompendo o fluxo logístico e de armas nas rotas Vietminh que conectavam Tonquim, Laos e China, além de atrair Giap para um confronto convencional, no vale do rio Nam Youm.

O que se viu no decorrer da ofensiva foi o reforço de posições por parte dos franceses e uma contraofensiva de *Giap* que ficou conhecida como a maior derrota militar sofrida por uma potência industrial em face de guerrilheiros no mundo colonial. O sítio a Dien Bien Phu realizou-se praticamente sem atrair atenção dos franceses, utilizando bicicletas reforçadas e trilhas nas colinas para transportar peças desmontadas de canhões fornecidos pela China para bem próximo do TO. Os obuseiros e metralhadoras foram escondidas da aviação



francesa pela densa vegetação. Giap soube usar o terreno a seu favor, pela vegetação e o aproveitamento do período de monções, com o aumento da neblina e a maior dificuldade de apoio da aviação. Dien Bien Phu cai após conflitos que ocorreram entre março e maio de 1954.

### **Interlúdio: de uma Guerra a outra**

Estimativas indicam que, na etapa derradeira da Guerra da Indochina, os Estados Unidos pagavam três quartos dos custos do esforço militar francês. **Os EUA consideraram ajudar a França durante o cerco a Dien Bien Phu, mas desistiram ao avaliarem que a guerra estava perdida.**

**Em 26 de abril de 1954**, instalou-se a **Conferência de Genebra**, a fim de discutir a questão da Coreia e a resolução do conflito colonial na Indochina. Concluídos em 20JUL, os acordos de Genebra **encerraram a presença colonial francesa em toda a Indochina, declarando a soberania do Laos, do Camboja e do Vietnã, dividido pelo paralelo 17°N**. O governo de Ho Chi Minh instalava-se em Hanói, capital da República Democrática do Vietnã. O governo de Bao Dai, em Saigon, adquiria soberania sobre o Vietnã do Sul. **Eleições gerais em 1956 deveriam reunificar o país.**

**Desde os primeiros meses de 1955**, no entanto, o Vietnã do Sul passou a receber apoio assistência financeira direta dos EUA, além do treinamento de suas forças militares. **A Indochina entrava assim na grande estratégia da Guerra Fria, que fora deflagrada em março de 1947, quando Truman anunciou a estratégia de “Contenção” da URSS.** A Doutrina Truman, como ficou conhecida, tinha por base a **Europa, não a Ásia**. Perceba como a crise do Bloqueio de Berlim, o Plano Marshall e a criação da OTAN elevavam os níveis de tensão entre EUA e URSS a patamares inéditos.

2024

**Mas a Revolução Chinesa conferiu nova forma à política da “ contenção”, deslocando um pouco da atenção para a Ásia.** A China de aliada passou a rival, **pois a Guerra da Coreia (1950-53)** – com a consolidação do comunismo na Coreia do Norte – e a queda da França na Indochina eram sinais de um iminente desmoronamento das posições do Ocidente na Ásia. Esse era o plano de **Eisenhower** - a segurança asiática seria enraizada em tratados militares entre Washington e seus aliados regionais - colocando um escudo protetor que abrangia as **Filipinas, Taiwan, Coreia do Sul e Japão**. Em 1951, foi firmado o **PACTO ANZUS**, junto à **Austrália e à Nova Zelândia**. Os Acordos de Genebra funcionaram para a constituição da **Organização do Tratado do Sudeste Asiático (SEATO)**, reunindo **EUA, Grã-Bretanha, França, Austrália, Nova Zelândia, Filipinas, Tailândia e Paquistão**. A SEATO colocou o **Vietnã do Sul, o Laos e o Camboja** sob proteção. Os **Estados Unidos assumiam a condição de potência marítima global**, que por tanto tempo pertenceu aos britânicos.

**O sistema de segurança asiático refletia uma concepção estratégica amparada no pensamento geopolítico de Nicholas Spykman.** Sua teoria geopolítica era um contraponto à teoria de **Halford Mackinder**, o qual elaborou o conceito de **HEARTLAND**, a “terra-coração”. **Essa teoria sustentava a primazia do poder continental**, que segundo Mackinder, correspondia ao núcleo estratégico da Eurásia, entre as planícies polonesa e russa. Segundo sua tese, o domínio da **HEARTLAND** conferia o controle sobre a **Eurásia**, que seria a base de um poder mundial incontrastável.

Note que a teoria de Spykman virava ao contrário a teoria geopolítica de Mackinder. Seu conceito chave, a **RIMLAND** (“Anel Interior”) **circunscrevia a importância do poder marítimo. O controle sobre a RIMLAND, que seria uma “faixa tampão” entre a HEARTLAND e a esfera oceânica exterior, asfixiaria a potência continental e asseguraria a hegemonia da potência marítima.** A **RIMLAND** correspondia à faixa peninsular formada pela **Europa Ocidental e pela orla asiática, do Oriente Médio até o extremo**

**orientes.** Os sistemas de segurança asiáticos erguidos na década de 1950 projetavam, sob tratados militares, a estratégia de controle da **RIMLAND**.

Voltando ao contexto do Vietnã, o regime corrupto de *Diem*, no Sul, recusou-se em participar das eleições livres que previam a reunificação do país em 1956. **Os dois Estados vietnamitas alinharam-se cada um a uma superpotência.** Nesse ínterim, as hostilidades internas aumentavam enquanto Laos e Camboja, de forma tímida, iam se alinhando aos comunistas.

As tensões aumentavam cada vez mais e os comunistas promoviam campanhas de terror ao mesmo tempo em que exigiam negociações para a reunificação do país. **Em março de 1959, Ho Chi Minh conclama uma “guerra popular” no Vietnã do Sul e ordena a concepção de uma longa trilha pelas selvas, conectando o Vietnã do Norte às montanhas do Sul, atravessando o Laos e o Camboja.** Com o estabelecimento da Frente Nacional de Libertação, **em dezembro de 1960, Ho Chi Minh toma o comando político da guerrilha no Sul.**

### Uma Guerra em Três Tempos

**A segunda guerra indochinesa perdurou por 15 anos.** No Vietnã, envolveu as forças regulares do Vietnã do Norte e os **comunistas do Sul** (*Vietcong* – expressão criada pelo Presidente *Diem*), que antagonizavam o Exército do Vietnã do Sul aliadas às forças de intervenção dos EUA (**auxiliadas por sul-coreanos e australianos**).

Em toda a guerra, os Estados Unidos perderam 58 mil homens no Vietnã e o exército do Vietnã do Sul, quase 225 mil. O Vietnã do Norte e o *Vietcong* perderam, em conjunto, algo em torno de 1,1 milhão de combatentes. Mesmo suportando baixas numa proporção de quatro para um, o Vietnã do Norte e seus aliados, os *Vietcong*, **venceram a guerra e reunificaram o Vietnã**.

**2024** A primeira fase vai até o final de 1963, caracterizada pela ideia dos EUA de **dissuadir os comunistas em 2020** lutar devido a força imensamente superior. Washington tinha a convicção de que poderia levar o Vietnã do Norte à mesa de negociações apenas pela demonstração da disposição americana de sustentar o esforço de guerra do Vietnã do Sul. Só terminou com a decisão de Lyndon Johnson em enviar forças regulares no final de 1964.

Cabe, aqui, uma ressalva para a “**teoria do dominó**”, exposta inicialmente por Maxwell Taylor e Walt Rostow. Estes, como conselheiros de **Kennedy**, visitaram Saigon em outubro de 1961 e pontuaram que a queda **2020** do Vietnã do Sul implicaria na queda do Laos, do Camboja, da Tailândia e da Malásia. Ou seja, nas selvas e **2013** montanhas vietnamitas jogava-se o futuro da SEATO (versão asiática da OTAN) e da estratégia da “Contenção” em toda a orla asiática, segundo os fundamentos geopolíticos da política mundial de Washington.

Após a visita de Taylor e Rostow, o secretário de defesa Robert McNamara propôe o envio de seis divisões ao Vietnã, o que foi vetado por Kennedy, pois ainda não queria a escalada do conflito, em que pese a “**teoria do dominó**”. Entretanto, determinou a preparação de helicópteros de transporte e o envolvimento de conselheiros militares no conflito.

Com a declaração de neutralidade do Laos, as forças ficavam impedidas de atuar nos trechos da trilha Ho Chi Minh que adentravam naquele país, dificultando o processo de asfixiar o movimento guerrilheiro. As imolações (morte de sacrifício em protesto) de monges budistas contra o governo de *Diem* dão o toque final, gerando comoção da opinião pública nos EUA e fazendo o governo entrar em fase terminal. **Diem é preso e assassinado, possivelmente com a participação da CIA.** Em Saigon, comemora-se a queda do regime,

enquanto no interior a guerrilha se aproveita do vácuo de poder para reforçar suas posições. **Três semanas depois, o assassinato de Kennedy conduzia Johnson à presidência dos Estados Unidos.**

A segunda fase, entre 1964 e 1968, caracteriza-se pela escalada militar americana em face do reforço das posições da guerrilha, conduzida por **Johnson e McNamara**. Até abril de 1969, 543 mil militares americanos estavam engajados no Vietnã.

O processo de engajamento direto teve início com as hostilidades no Golfo de Tonquim contra o USS *Maddox*, por barcos de patrulha do Norte. As hostilidades se agravaram e o Congresso dos EUA aprovam a **Resolução do Golfo de Tonquim**, conferindo poderes quase ilimitados ao Presidente para atuar na prevenção de novos ataques contra as forças americanas. A resolução abriu o caminho para o prolongado engajamento americano numa guerra nunca declarada.

É interessante notar que a estratégia seguida por Washington, de “**busca e destruição**” de forças inimigas no Vietnã do Sul, baseava-se no conceito de **guerra defensiva**. A escalada dos conflitos observada nessa segunda fase tinha a preocupação de não evoluir para um conflito ofensivo, **avançando pelo paralelo 17ºN**, pois nesse caso, poderia haver o engajamento e o envolvimento direto de forças soviéticas e chinesas, o que não seria bom para os EUA.

Em meio ao conflito, em 1966, a opinião pública começava a dar sinais de que estava desgastada com a perda de vida de militares americanos. Essa posição se intensificava à medida que bombardeios abriam clareiras nas florestas e ensejavam em baixas de civis.

A Operação **Junction City**, ocorrida entre fevereiro e maio de 1967, foi a maior ofensiva militar de toda a guerra, ocorrida no oeste do delta do Mekong, impondo pesada derrota à guerrilha e levando o QG do Vietcong para o Camboja. Mais de 2,7 mil guerrilheiros são mortos. As baixas americanas não chegam a 300 soldados. Esse padrão desequilibrado repete-se em outubro, na Batalha de *Con Thieu*, onde as perdas da guerrilha ultrapassam 2 mil homens, e em novembro, em *Dak To*, nas montanhas próximas à fronteira do Laos, com perdas superiores a 1.600 homens.

Em novembro, de 1967, McNamara anuncia seu pedido de renúncia. Em janeiro de 1968, 20 mil guerrilheiros cercam 5 mil fuzileiros americanos na base aérea americana de *Khe Sanh*, que guarnecia a passagem ocidental da Zona Desmilitarizada. A imprensa falava em um novo “**Dien Bien Phu**”. Contudo a aviação americana, com seus bombardeios, possibilitou a manutenção da posição em *Khe Sanh*, local do cerco, onde estima-se 10 mil mortes norte-vietnamitas. Nesse mesmo tempo, ocorria a **Ofensiva do Tet**, ano novo lunar e o principal feriado do Vietnã. Como nos anos anteriores, deveria vigorar uma trégua de 36 horas, mas essa trégua foi rompida com o ataque coordenado do Vietcong a mais de cem cidades e povoados do Sul. O fator surpresa provocou pânico e caos, mas os ataques acabaram repelidos por reforços aerotransportados em questão de horas. Era imaginada uma grande insurreição popular, a qual nunca ocorreu e a ofensiva se revestiu de fracasso.

Mesmo assim, as cenas de combate nas ruas transmitidas para os EUA acabaram com a propaganda da Casa Branca. O *Tet* passava uma mensagem clara aos americanos: “a guerra não está sendo ganha”. A saída de McNamara e a eleição do republicano Richard Nixon refletiam o fim da segunda fase da Guerra do Vietnã.

O desgaste da Guerra impediu a reeleição de Johnson, a despeito de ter lançado o **Welfare State** (política de bem-estar social) e **eliminado as leis de discriminação racial**. Não fosse a Guerra, com tais medidas ele poderia ser reeleito, o que não ocorreu, levando à eleição de Nixon.

2020

A terceira e última fase do conflito compreendeu o período de 1969 a 1973, com os **Acordos de Paris** e a retirada das tropas dos EUA da Indochina. A Guerra prosseguiu até 30 de abril de 1975, com a entrada das forças do Norte em Saigon. A “paz com honra” de Nixon levou à redução do efetivo e o aumento substancial dos bombardeios, bem como a execução da “vietnamização” do conflito, segundo as ideias de **Henry Kissinger**, que visava capacitar as forças do Sul para o conflito, sem assistência estrangeira.

Nixon e Kissinger estenderam o teatro de guerra até o Camboja, autorizando bombardeios aéreos secretos de refúgios do Vietcong ao longo da fronteira com o Vietnã, logo revelados pelo New York Times. Em **setembro de 1969**, Ho Chi Minh falece de ataque cardíaco, mas as hostilidades continuam. Em março de 1970, um golpe militar articulado pelos EUA derruba do príncipe Sihanouk, do Camboja. Como novo Chefe de Estado, o General Lon Nol recebe apoio dos EUA contra o Khmer Vermelho, comunistas do Camboja, vindo Sihanouk a se unir a eles, na guerrilha comunista comandada por **Pol Pot**.

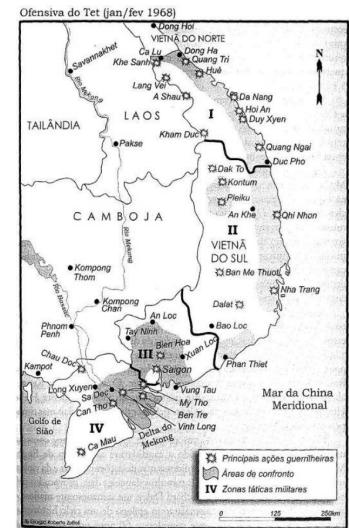
Enquanto as ofensivas diminuíam, a “vietnamização” do conflito não progredia. Em paralelo, viu-se uma aproximação política dos EUA à Pequim, que visava reorganizar o desenho geopolítico na Ásia pós-Vietnã. Em Hanói, essa aproximação foi vista com preocupação, visto que era temido um acordo de paz favorável aos americanos. A fim de evitar isso, o Vietnã do Norte lança a **Ofensiva Onda do Leste**, mobilizando 200 mil soldados sob o comando de Giap, atravessam a Zona Desmilitarizada e iniciam ataques diretos contra as cidades de Quang Tri, Kontum e An Loc. Os EUA reagem lançando pesados bombardeios no Norte.

Em 1972, Nixon desembarca em Moscou com sua política de “distensão”. Nesse mesmo ano, as últimas tropas americanas se retiram do Vietnã, pouco após a célebre visita de Jane Fonda a Hanói. Entre março e setembro, o Vietnã do Sul perde 40 mil homens. O Vietnã do Norte sofre baixas de 100 mil homens e metade de todos os seus tanques e artilharia. Giap, o gênio de Dien Bien Phu, é afastado do comando militar.

**Os Acordos de Paris**, firmados em 27 de janeiro de 1973, emergem nessa conjuntura, marcada pelo colapso da vontade política americana de prosseguir a guerra e pela eficácia dos bombardeios aéreos conduzidos nos meses anteriores. O **tratado de paz** determina o cessar-fogo, a retirada do pessoal militar americano remanescente e a futura reunificação do Vietnã. O Vietnã do Sul é tratado como um país com dois governos, o de Van Thieu e o do Vietcong.

Em junho de 1973, enquanto a fogueira do caso **Watergate**, crise política deflagrada pela denúncia das escutas clandestinas usadas por Nixon contra os democratas, começava a arder, o Congresso americano aprovava uma emenda proibindo qualquer novo envolvimento militar no Sudeste Asiático.

Menos de um ano e meio depois, forças do Vietnã do Norte rompiam o cessar-fogo e entravam vitoriosas em Saigon, encerrando a segunda guerra indochinesa. O Vietnã foi reunificado em 1976 e a cidade de Saigon, rebatizada em homenagem a Ho Chi Minh.



## O Vietnã e a História

A Guerra do Vietnã, ainda tão próxima de nós, é objeto de extensa abordagem historiográfica da guerra, que é um fenômeno quase exclusivamente ocidental, e sobretudo americano, pois as narrativas e avaliações vietnamitas, soviéticas e chinesas carecem de conteúdo crítico. A historiografia revisionista, liberal e contrária à guerra, forneceu as interpretações hegemônicas sobre o conflito.

Em suma, **a visão estabelecida afirma:**

- que a escalada militar americana, decidida por Johnson, representou a desastrosa ruptura com a orientação de *Kennedy*, que a Guerra não poderia ser vencida e, portanto, nunca deveria ter sido travada;
- que a “**teoria do dominó**” era uma fantasia geopolítica ou pretexto das elites do poder de Washington;
- que *Ho Chi Minh* materializava a vontade legítima da nação vietnamita e o Vietnã do Sul não era mais do que um experimento artificial sustentado pelas potências do ocidente;

**Cada uma das conclusões acima é foco de um debate histórico e legítimo.**

É interessante notar que **o golpe contra o governo de Diem**, único líder nacional viável no Vietnã do Sul à época, representou o **ponto de não-retorno** do engajamento americano na Indochina e deve ser interpretado como a verdadeira origem da escalada.

2020

No Vietnã, foi travada **a primeira guerra da era da informação**, com a cobertura intensa da imprensa das batalhas, o que moldava como nunca antes visto a opinião pública americana. **Nesse sentido, a derrota foi edificada nas cidades dos EUA e não nas florestas e montanhas do Vietnã.** O governo de Nixon viveu uma capital crise de credibilidade com o episódio dos **Papéis do Pentágono**, que comprovavam o envolvimento americano na Indochina desde 1945. Esse cenário era piorado pelo viés político antiguerra dos jornalistas americanos, que evitavam uma cobertura similar das atrocidades cometidas pelo Vietnã do Norte e pelos seus aliados *Vietcong*. **Esse fato corrobora as severas restrições à imprensa durante a Guerra do Golfo de 1991.**

Outra questão importante foi o esgotamento do estilo antigo de guerra americano, que viu seu colapso no Vietnã. Paradoxalmente, o Vietnã foi o palco de uma **evolução do “estilo americano de guerra” (IIGM)**. A **aviação ganhou papel preponderante, como elemento de apoio direto às forças de terra e junto às operações especiais**, como foi possível verificar na ação militar dos EUA no Afeganistão.

Os Estados Unidos levaram às suas últimas consequências a tática de bombardeios aéreos de saturação. Contudo, o mais brutal poder de fogo exibido na história militar não podia compensar **a proibição de invadir o Vietnã do Norte e a carência de vontade política da nação americana de empreender uma guerra total.**

A “**teoria do dominó**”, que serviu como motivação para o engajamento americano no Vietnã, **revelou-se verdadeira, mas apenas nos limites da antiga Indochina Francesa**. Quase simultaneamente à queda de Saigon, os comunistas tomaram o poder no Laos e no Camboja. **O “comunismo internacional” só existia no plano da ficção, pois as políticas externas da União Soviética, da China e do Vietnã não obedeciam a uma ideologia, mas aos interesses singulares de cada um desses países.**

Isoladamente, 30 anos depois, a cidade de *Ho Chi Minh* representava quase 20% do PIB vietnamita e 40% das exportações, mesmo concentrando apenas 9% da população. Ironicamente, **no campo de batalha da economia, o Sul acabou derrotando o Norte**. O revisionismo histórico neoconservador usa esse argumento para sustentar, em retrospecto, que o Vietnã do Sul era um Estado viável e só sucumbiu em virtude da carência de vontade política dos Estados Unidos.

A experiência do Vietnã deitou raízes profundas no imaginário americano. Uma extensa filmografia registra narrativas conflitantes sobre os significados da **única grande derrota militar americana na história**.

2022

O Vietnã tornou-se uma síndrome política e cultural nos EUA. O que seu viu nos anos seguintes ao conflito foram as ações em busca da credibilidade da máquina militar americana, **com a substituição de exércitos conscritos por forças armadas profissionais, o uso crescente da tecnologia da informação e o emprego de armas inteligentes, com ações cirúrgicas e efetivas.**

## **PARTE II - GUERRAS ÁRABE-ISRAELENSES**

### Panorama Geral

O panorama do Oriente Médio e, dentro dele, o conflito árabe-israelense, não pode ser compreendido senão na moldura mais geral do colonialismo e do imperialismo ocidentais. Desde o início do século XX, o controle daquela região do mundo pelas grandes potências europeias transformou-se numa âncora do comércio mundial e, depois, da geopolítica global.

Note que a expressão “**Oriente Médio**” é uma criação de cunho técnico com nítida influência militar, sendo selecionada em 1902 para designar a área entre a Arábia e a Índia, tendo como centro, do ponto de vista naval, o Golfo Pérsico. Reflete assim o interesse petrolífero como plataforma definitiva de planejamento estratégico dos estados-maiores das grandes potências. O imperialismo redesenhou o mapa-múndi **no despontar do século XX, inserindo o Oriente Médio nesse contexto**.

Em face disso, o Oriente Médio, como aqui explicado, viu-se envolvido em disputas imperialistas por matéria-prima e mercados, em uma contínua luta na definição de áreas de influência. A principal decorrência disso foi a criação de países, muitos artificiais, tais como o **Kuwait e a Jordânia**, gerando grande parte das contendas que marcaram e vem marcando a região ao longo do século XX e início do século XXI.

É importante perceber que o processo começou a tomar forma após o fim da I GM, **com o esfacelamento do Império Otomano**. O fim do controle desse Império, que dominou a região por séculos, permitiu a definição de duas esferas de influência (mandatos), quais sejam a britânica (Iraque, Palestina e Irã) e francesa (Síria e Líbano).

Após a II GM, com a derrota do Eixo e a criação de uma nova geopolítica mundial, foi rompido o equilíbrio de poder até então observado entre Grã-Bretanha e França, dando lugar a um mundo bipolarizado pelos EUA e pela URSS. Nesse contexto, no período da Guerra Fria, os conflitos entre árabes e israelenses eram circunscritos no imenso campo de batalha travado por americanos e soviéticos.

O estabelecimento de uma sólida aliança com Israel, por parte dos EUA, veio acompanhado com a manutenção de aliados árabes, tais como a Arábia Saudita e os Emirados do Golfo Pérsico. Moscou, por sua vez, provia apoio aos árabes nacionalistas do Egito, da Síria e do Iraque. **Entretanto, não havia controle amplo e efetivo desses “aliados”, às vezes, ações aconteciam fora dos planos das potências**, como foi possível observar em 1956, com Israel, e em 1973, com os árabes (Guerra do *Yom Kippur*, desencadeada pelo Egito).

Ao colapsar, em 1990-1991, a URSS deixou os EUA como única superpotência mundial, fazendo com que essa potência pudesse determinar os destinos da região. **Nesse mesmo ano, uma coalizão liderada pelos EUA invadiu o Iraque, abrindo caminho para os Acordos de Oslo**, que tinha por objetivo a paz entre israelenses e palestinos, mesmo que de forma frágil. As dificuldades no atendimento dos múltiplos interesses e a incapacidade política das lideranças palestinas e israelenses fez com que, em 2000, fosse desencadeada nova guerra civil. **Mais ainda, a presença americana na Arábia Saudita gerou forte reação árabe, que culminou nos ataques terroristas de 11 de setembro de 2001**.

É fato que as grandes potências não são as únicas responsáveis pelos conflitos, mas certamente potencializaram aqueles que resultaram nas Guerras Árabe-Israelenses (GAI). Assim, ao lado do contexto da luta interimperialista pela conquista de matérias-primas, mercados e esferas de influência, é necessário entender que o conflito árabe-israelense tem um *leitmotiv* próprio e poderoso.

## **Do Sionismo à criação de Israel (1882 - 1948)**

**2013** Logo após o I Congresso Sionista, em 1897, na Basileia (Suíça), alguns rabinos de Viena visitaram a Palestina, uma possessão do Império Otomano à época, que era habitada majoritariamente por árabes. Naquele Congresso, havia sido aprovado um “lar nacional” para os Judeus e a visita tinha caráter exploratório, a fim de certificar a viabilidade das decisões do Congresso. A ideia era ocupar a área onde outrora viveram os hebreus antes de serem expulsos por babilônios e, após isso, pelos romanos e se dispersarem pelo mundo na chamada a “diáspora”.

Os sionistas previam a aquisição de terras na Palestina e a emigração de judeus para lá (na verdade, a *aliya*, como é chamada em hebraico a emigração para a Palestina, começara bem antes, em 1882). A inspiração do “lar nacional” e do movimento sionista possui várias origens. Contudo, não se pode deixar de mencionar a obra do jornalista judeu húngaro Theodor Herzl intitulada “Der Judenstaat”, que defendia a criação de um Estado Judeu como resposta ao recrudescimento do antisemitismo na Europa Central e Oriental, bem como ao fracasso da assimilação dos Judeus nos países da Europa Ocidental (curiosamente, Herzl era um Judeu assimilado).

Talvez Herzl tivesse despertado para a questão judaica após o **caso Dreyfus**, um Oficial Judeu do Exército Francês que fora injustamente acusado de traição, sendo condenado, humilhado e exilado na ilha do Diabo. Na França, esse episódio suscitou a lembrança de feridas oriundas da Revolução Francesa de 1789, colocando em choque os defensores dos valores Iluministas (republicanos, socialistas e democratas) e os defensores do antigo regime, tais como o Exército, a Igreja Católica e os conservadores.

Nesse contexto, **o sionismo pode ser circunscrito no quadro dos nacionalismos europeus do século XIX**, como resposta dos Judeus assimilados da Europa à imigração de Judeus pobres da Rússia, fugidos das perseguições do czarismo. Assim, o **Império Russo abriu as portas do antisemitismo**, pois os judeus assimilados não queriam ter seu status abalado. Respondendo a esse antisemitismo, apoiando-se no **nacionalismo europeu**, desenvolve-se o sionismo, fruto das contradições do capitalismo russo que destruiria as bases do antigo regime.

**2023** A primeira grande vitória **diplomática** do movimento sionista foi a **Declaração Balfour**, de 1917, quando o então Ministro do Exterior britânico Arthur Balfour enviou ao lorde Rothschild uma carta expressando ao apoio da coroa britânica ao projeto sionista (o objetivo era convencer os judeus russos a fazerem todo o possível para evitar que seu país abandonasse a I GM). Os sionistas acreditavam que os benefícios econômicos trazidos pela emigração judaica atenuariam a resistência árabe à entrada de judeus na Palestina. Na época da Declaração, a população árabe na Palestina era de mais de 640 mil pessoas, enquanto a judaica não passava de 60 mil.

Entretanto, é importante lembrar que, no contexto da I GM, outras promessas foram feitas aos árabes, tais como o fato de Londres ter se comprometido junto ao Emir Hussein ibn Ali, prefeito de Meca, a apoiar o estabelecimento de um reino árabe independente no Oriente Médio, retribuindo o esforço árabe na guerra contra os otomanos.

Pior ainda, foi que, em 1916, os britânicos haviam firmado com os franceses os **Acordos Sykes-Picot**, que previam a divisão do Oriente Médio em esferas de influência anglo-francesas, em caso de vitória dos Aliados da Tríplice Entente (França, Grã-Bretanha e Rússia) contra a Tríplice Aliança (Alemanha, Austro-Hungria e Império Otomano). Note que a Declaração Balfour é posterior a esses Acordos, demonstrando a **negociação**

**dupla que estava sendo empreendida**, revelando interesses escusos de ordem econômica, uma vez que havia grande suspeita da existência de imensas reservas de petróleo na região, o que só foi confirmado em 1927.

Dessa forma, em 1919, com a **Conferência de Paz de Paris**, nascia o **sistema de mandatos** relativos às nações que antes pertenciam ao Império Otomano, que deviam ser administradas pelas potências vencedoras, nesse caso a Grã-Bretanha e a França. A ideia é que esses Estados fossem preparados para viverem independentes. O **Tratado de San Remo, de 1920**, criou os **mandatos britânicos sobre os territórios da Mesopotâmia (Iraque), da Palestina e da Transjordânia (futura Jordânia)**, enquanto à França, coube a **Síria e o Líbano**.

Esse sistema foi aprovado pela Liga das Nações em 1922, incluindo os termos da **Declaração Balfour**, sobre o estabelecimento de um lar nacional judaico na Palestina, provocando ressentimento junto aos árabes. O que antes era uma política externa britânica passou a ser patrocinado pela Liga. Assim, em vez de a Grã-Bretanha impulsionar a independência da Palestina, passou a preocupar-se com a colonização judaica. A ideia da Grã-Bretanha, nesse caso, seria manter o controle da **Palestina**, uma região estratégica próxima ao Iraque, onde os ingleses tinham a expectativa de encontrarem grandes reservas de petróleo.

O crash da bolsa de NY em 1929 e a crise econômica mundial vivida, acelerou o processo sionista que incitava os movimentos nacionalistas e antisemitas europeus, de cunho fascista. Na mesma época, o Fundo Nacional Judaico (braço da Organização Sionista Mundial) intensificou a compra de terras na Palestina, que se tornavam “propriedade eterna do povo judaico”, inalienável, que só poderiam ser arrendadas a judeus.

Nesse ínterim, desenvolvia-se um **movimento nacional palestino**, liderado por Hajj Amin al-Husseini, o grão-múfti (principal autoridade legal dos muçulmanos) de Jerusalém. Como bem definiu David Ben-Gurion, futuro fundador de Israel e primeiro-ministro, tanto judeus quanto árabes queriam a Palestina, e isso seria a lógica do **conflito fundamental**.

O movimento ficou tão intenso que em 1939 a Grã-Bretanha abandonou a ideia do “lar nacional judaico” e editou o **Livro Branco**, que propunha o fim da imigração judaica para a Palestina em cinco anos, além da criação de dois Estados e a exclusão da Transjordânia como área disponível para ocupação judaica. Essa retirada não foi por acaso, pois coincidia com o início da II GM e a necessidade de os ingleses poderem contar com o apoio dos árabes contra os nazistas. Isso fez com que Israel criasse a **Haganá**, gênese das Forças de Defesa de Israel (**FDI**).

A Segunda Guerra Mundial acabou criando condições políticas favoráveis ao projeto do sionismo. De fato, a **Solução Final de Hitler** gerou apoio expressivo da opinião pública ao movimento sionista. O horror do Holocausto acelerou a imigração ilegal de judeus para a Palestina, mormente aqueles oriundos da Europa Central e Oriental. No final de 1946, a população judaica na região chegava a quase dois milhões de pessoas.

Em novembro de 1947, a Assembleia Geral da ONU ratifica a **Resolução 181**, criando os Estados de Israel e da Palestina, deixando Jerusalém ao controle internacional. A Organização Sionista Mundial aceitou a Resolução, contudo, o mesmo não aconteceu junto aos países árabes independentes, que a rejeitaram. Golda Meir, futura primeira-ministra israelense, tentou uma aproximação com o rei **Abdullah**, da Transjordânia, mas não houve sucesso devido à imensa polarização vivenciada.

A ampliação das hostilidades entre as comunidades fez com que houvesse a retirada britânica da região. Enquanto os conflitos aumentavam, o Estado de Israel foi proclamado em 14 de maio de 1948, sendo imediatamente reconhecido pela **URSS e pelos EUA**. Já no dia seguinte, Israel foi atacado por forças regulares

do Egito, da Síria, da Transjordânia, do Líbano e do Iraque, junto com forças irregulares palestinas e o Exército Árabe de Libertação, comandado pela Liga Árabe.

### **1948/1949: A glória israelense e a desgraça palestina**

Ao contrário do que diz a historiografia oficial israelense, a Guerra da Independência de Israel não foi uma luta de Davi contra Golias. A vitória final dos israelenses refletiu o equilíbrio militar no campo de batalha, como hoje reconhecem muitos historiadores do país. Durante a primeira trégua na luta contra os árabes, a **Haganá** recebeu ajuda ilegal de armas da Tchecoslováquia. **À época, a URSS ainda nutria apoio a Israel, uma vez que o movimento sionista possuía vertentes socialistas, bem como a concepção marxista de superioridade histórica das sociedades europeias.**

Nessa ocasião, os conflitos foram equilibrados, em que pese os relatos da historiografia oficial israelense, que pontuam a superioridade de Israel. Entretanto, é conveniente destacar o preparo e motivação superior da **Haganá** frente aos árabes.

O ataque árabe foi iniciado com um bombardeio a Tel-Aviv por aviões egípcios, em 14 de maio de 1948. No dia seguinte, tropas sírias por terra avançaram pelo vale do Jordão e o exército libanês pelo norte da Galileia, este detido pelo contra-ataque israelense. As hostilidades evoluíram, mas a parte velha de Jerusalém caiu nas mãos dos transjordanianos. Em 11 de junho de 1948, houve a assinatura de um cessar-fogo. Essa trégua seria utilizada pelos dois lados para ganhar terreno.

Nesse ínterim, a **Haganá** se transformou em FDI e as milícias *Irgun/Stern* deveriam ser incorporadas, o que não ocorreu, pois as milícias continuaram a atuar de forma independente. Desafiando a situação, o *Irgun* designou o navio *Altalena* para trazer mil voluntários, armas e munição. O Premiê *David Ben-Gurion* não permitiu que o *Irgun* ficasse com parte do armamento e, ante a recusa da organização, ordenou que a *Palmach* — a força especial da FDI comandada por *Yigal Alon* e *Yitzhak Rabin* — impedissem a qualquer custo a captura das armas pelos rebeldes. Em 22 de junho em Tel-Aviv, quando a *Palmach* bombardeou o *Altalena* - que se incendiou, causando a morte de mais de cem pessoas -, muitos se jogaram no mar e foram salvos por botes, inclusive **Menachem Begin, o líder do Irgun**.

O mediador enviado pelo Conselho de Segurança da ONU, o conde *Folke Bernadotte*, da família real sueca, propôs uma parceria entre a Transjordânia e Israel, mas as propostas apresentadas não agradaram a nenhum dos lados, por não refletirem o equilíbrio de poder vivenciado. Em 9 de julho, os árabes romperam a trégua e a luta recomeçou, obrigando os israelenses a uma contraofensiva. No mês de setembro, *Bernadotte* foi assassinado por membros da milícia *Stern*, incluindo o futuro primeiro-ministro do *Likud*, Yitzhak Shamir entre eles. **É interessante reparar que o uso do terrorismo foi frequente por israelenses - nunca foi instrumento exclusivo dos árabes e palestinos -, mormente na época de criação do Estado de Israel.**

Em janeiro de 1949, após apelos do CS da ONU, Israel e países árabes aceitam iniciar as discussões visando um armistício. Apesar de sofrer pesadas perdas humanas, Israel saíra-se vitorioso e confiante, enquanto árabes estavam derrotados e exauridos.

A primeira GAI terminaria em 20 de julho de 1949 e as fronteiras seriam estabelecidas ao longo das linhas que marcavam as posições existentes dos exércitos. Isso provocou a expansão do território de Israel, saindo de 55% pelos planos de partilha estabelecidos pela ONU, para 79% pelas armas. Jerusalém foi dividida entre a parte **oriental** — a cidade antiga e o bairro extramuros, que foram ocupadas pelos jordanianos; e a parte **occidental** extramuros, que ficou sob o controle de Israel.

Israel declarou Jerusalém como capital, contrariando a Resolução 181 - recomendava *status internacional* para a cidade - o que fez a comunidade internacional ignorar a decisão. Israel foi admitido na ONU em 11 de maio de 1949.

**Os grandes derrotados nesse caso foram os Palestinos, que passaram a viver sua própria diáspora, a exemplo dos judeus milênios atrás.** Israel jamais permitiu o retorno desses refugiados, que constituem até hoje um dos grandes obstáculos para a paz na região, embora a **Resolução 194 da ONU** tivesse reconhecido o direito de palestinos retornarem aos seus lares ou serem indenizados, o que nunca foi acatado por Israel. Curiosamente, os acordos pós-guerra basearam-se no mesmo princípio com o qual o rei Abdullah e Golda Meir tinham concordado em novembro de 1947, a partilha da Palestina à custa dos palestinos.

### **1956: Derrota militar, vitória política do Egito**

Apesar dos armistícios, a convivência entre Israel e os Estados Árabes estava longe de ser pacífica. A derrota militar dos árabes levou ao poder **regimes militares nacionalistas** na **Síria** e no **Egito**, sendo o coronel **Gamal Abdel Nasser**, do Egito, o mais famoso, por chamar para si a **bandeira do pan-arabismo**. Essa bandeira foi ganhando força com o enfraquecimento do Império Otomano e a ascensão dos Jovens Turcos (militares reformadores do Império), tomando forma na oposição aos **Acordos Sykes-Picot** e os Estados árabes formados na sua esteira. Perceba que Hussein ibn Ali já lutava para unir os povos árabes num Estado árabe independente. **Com a formação de Israel, o pan-arabismo centrou-se na luta pela expulsão dos sionistas da Palestina.** Nasser fracassou no embrião de um Estado árabe independente ao ver malogrado sua união junto à Síria na República Árabe Unida, em 1961.

O embargo comercial imposto pelos países árabes a Israel levaria a um conflito em questão de pouco tempo. Seria uma gestão desafiadora, pois Washington queria evitar a polarização do conflito, uma vez que Moscou apoiava e armava os novos regimes árabes. Completando o quadro instável, observada a complacência de Ben-Gurion, Dayan e Shimon Peres costuravam uma aliança com a França, que pretendia atacar o Egito pelo apoio do Cairo aos guerrilheiros da Frente de Libertação Nacional da Argélia, à época, uma colônia francesa. O recebimento de armamento francês faria com que o balanço de poder pendesse para o lado israelense.

**Nesse contexto, em 26 de julho de 1956, Nasser anunciou a nacionalização do Canal de Suez, em resposta à recusa dos EUA de financiar a construção da represa de Assuã. A nacionalização do canal** **2020** **atingia diretamente a França e a Grã-Bretanha, principais acionistas da Companhia que operava o Canal.** Isso fez com que Paris e Londres iniciassem discussões para uma operação combinada contra o Egito, em resposta à ação de Nasser, embora os ingleses quisessem manter Israel fora das discussões.

Em outubro, após negociações em Paris envolvendo Ben-Gurion, Dayan e Peres, junto ao Primeiro-Ministro francês Guy Mollet e o secretário de exterior britânico Selwyn Lloyd, foi acordada uma ação militar combinada para retomar o controle do Canal de Suez. **Os israelenses conseguiram ainda um acordo para a construção de um reator nuclear e o fornecimento de urâno enriquecido, o que foi revelado bem depois, em 1995, nas memórias de Shimon Peres.**

**2024** A campanha foi lançada em 29 de outubro de 1956, quando um destacamento de paraquedistas aterrou na península do Sinai, obrigando os egípcios a mobilizarem tropas. Como combinado, **França e Grã-Bretanha** exigiram a retirada de ambas as forças da região. A FDI se retirou, mas as tropas de Nasser não, o que dava o pretexto esperado para a intervenção das tropas franco-inglesas. Após intenso bombardeio, as forças israelenses empurraram as egípcias para oeste do Canal de Suez. **Contudo, a vitória militar não se traduziu em vitória diplomática, pois EUA e URSS pressionaram duramente Israel para se retirar da Faixa de Gaza e do Sinai.** Os EUA não queriam aventuras de aliados que pudessem colocar em risco o equilíbrio de poder da

**Guerra Fria.** O governo americano ameaçou cortar toda a ajuda oficial e privada a Israel, além de eventualmente apoiar a expulsão do país da ONU. Em 9 de novembro, Israel anunciava a retirada do Sinai e da Faixa de Gaza.

**2024** No plano militar, Israel alcançou seus objetivos, **pois derrotou o Exército egípcio, abriu o estreito de Tiran à navegação e pôs fim aos ataques de guerrilheiros palestinos fedayin, destruindo suas instalações na Faixa de Gaza.**

**A vitória militar israelense não se traduziu em conquistas políticas. Israel não conseguiu derrubar o regime nasserista, expandir seu território ou estabelecer nova ordem política no Oriente Médio.**

**2024** Isso fez com que o prestígio de Nasser crescesse, fazendo-o despontar como líder árabe capaz de enfrentar Israel, **gerando aumento da força do discurso pan-arabista. A campanha foi desastrosa ao sionismo, tendo em vista a associação incômoda com o imperialismo anglo-francês no mundo árabe.** Desse momento em diante, França e Grã-Bretanha não teriam mais tanta liberdade no cenário político internacional.

### **Da autodefesa à expansão: a Guerra dos Seis Dias, 1967 (5 a 10 de junho de 1967)**

Foram onze anos de relações difíceis entre árabes e israelenses, mas sem recorrerem à guerra. Diplomaticamente, entretanto, a beligerância era total. Na Conferência do Cairo, em 1964, a **Liga Árabe declarou pela primeira vez que o seu objetivo final era a destruição do Estado de Israel**, tendo sido estabelecida a **Organização para a Libertação da Palestina (OLP)**, cujo braço militar era o **Exército de Libertação da Palestina** e estava sob o comando de vários países árabes. A exceção era a organização guerrilheira palestina **Al Fatah**, que existia desde 1958 e foi incorporada à OLP, agindo de forma independente.

Contudo, somente na **Síria**, governada por um regime nacionalista pró-soviético, **Al Fatah** agia livre, o que fez Israel empreender, em **abril de 1967**, represálias à Síria, abatendo seis MIG-21 em Damasco. Pressionado pela **Jordânia e Síria**, mesmo não desejando, **Nasser** foi obrigado a tomar atitudes para preservar sua liderança no mundo árabe. Tropas árabes ingressaram no Sinai exigindo a retirada da Força de Emergência da ONU, ali presente desde 1956, além disso, **o Egito fechou o estreito de Tiran, no Golfo de Ácaba, à navegação de Israel.**

Nesse quadro, Levi Eshkol (PM de Israel), após consentimento da Casa Branca, empreende uma **blitzkrieg** (ofensiva poderosa, realizada de surpresa por força aérea e de infantarias coordenadas; **guerra-relâmpago**) contra o Egito, **destruindo no solo, quase todos os aviões de combate egípcios**. Daí os avanços foram ditados pelo ritmo do conflito, fazendo Israel ganhar posições e terreno de forma extremamente rápida. No final da guerra relâmpago, Israel estava amplamente vitorioso, ocupando **Cisjordânia, Gaza, Jerusalém Oriental, as colinas do Golã e a Península do Sinai.**

A guerra dos seis dias careceu de planejamento político e estratégico por parte de Israel, o que se comprova pelas conquistas que antes não estavam nos planos dos estrategistas israelenses. Adicionalmente, houve tentativa de um acordo de Paz por Israel **ao propor a retirada de suas tropas de áreas ocupadas, caso fosse garantida a navegação no estreito de Tiran e no Canal de Suez; a desmilitarização das Colinas do Golã e do Sinai; e a não-interferência no escoamento de água das nascentes do rio Jordão.**

A Conferência de **Cúpula Árabe**, 28 de agosto de 1967, reunida em Cartum, no Sudão, aprovou a desastrosa resolução dos **“TRÊS NÃO”**:

- não ao reconhecimento de Israel,
- não à negociação de paz; e
- não à paz.

O Conselho de Segurança da ONU votou a **resolução 242**, que pedia a “retirada das Forças Armadas israelenses dos territórios ocupados” e o “respeito ao direito de cada Estado na área de viver em paz dentro das fronteiras seguras e reconhecidas, livres de ameaças ou atos de força”. **A Síria não aceitou.**

O impasse começaria a ser rompido dez anos depois, quando Egito e Israel iniciaram conversações que terminariam num acordo de paz patrocinado pelos Estados Unidos no ano seguinte (**1978: Assinado Acordo de Paz entre Egito e Israel**, com mediação do presidente americano Carter). Mas antes disso, árabes e israelenses teriam de se enfrentar em outro decisivo conflito.

### **Yom Kippur, 1973: a guerra para romper o impasse**

O período de *Golda Meir* à frente de Israel, entre 1969 e 1974, foi de relativo imobilismo israelense, rompido por um ataque de surpresa dos árabes em outubro de 1973, durante as festividades do **Yom Kippur (o Dia do Perdão para os judeus)**. O imobilismo era devido à intransigência de Golda, que só aceitava negociar com os árabes nos termos de Israel, não aceitando a mudança do *status quo* alcançado com a Guerra dos Seis Dias. Não se queria um tratado de paz que resultasse na retirada israelense dos territórios ocupados, sendo chamado de **Plano Alon**.

Secretamente, era iniciado a construção de um pequeno arsenal nuclear, enquanto Israel resistia a uma “guerra de atrito” por parte dos egípcios, que consistia em um bombardeio de artilharia às posições de Israel no canal de Suez, ataques aéreos e por terra, seguidos de rápida retirada. Para os EUA, Israel contrabalançava a influência soviética no mundo árabe naquela região.

A morte de Nasser em 1970 e a chegada ao poder de *Anuar Sadat* sinalizou a disposição do Cairo em **assinar um tratado de paz com Israel nos termos da resolução 242 da ONU**. As tentativas, no entanto, fracassaram, à medida que Israel se aferrava na sua força não querendo mudanças significativas. A única concessão que a primeira-ministra admitia fazer era em relação à Jordânia, cujo rei, *Hussein*, tinha grande interesse em cooperar com Israel.

*Moshe Dayan*, ministro da Defesa, chegou a pontuar que os americanos proviam dinheiro, armas e conselhos e os israelenses pegavam apenas os dois primeiros, recusando o último. Nesse quadro *Sadat* se viu obrigado a optar por uma ação militar a fim de romper o impasse. Imaginou a realização de um ataque surpresa que produzisse as condições de levar Israel para a **mesa de negociações, mesmo sabendo que não poderia vencer a FDI**.

Assim, às 14 horas de 6 de outubro de 1973, um sábado, durante o Yom Kippur, forças sírias e egípcias desferiam um ataque contra Israel, **inicialmente no Sinai e no Canal de Suez, passando depois para as Colinas de Golã**.

O curso da guerra começou a mudar em 14 de outubro, quando a ofensiva egípcia avançou demais dentro do Sinai e foi contida por uma poderosa contraofensiva israelense. Grande parte das forças blindadas egípcias foi destruída e a FDI entrou na margem oeste do canal de Suez. Com isso, o Terceiro Exército egípcio ficou isolado na margem leste do canal e o Cairo ficou à mercê das tropas israelenses. Simultaneamente, a FDI conseguiu abrir caminho para a Síria, chegando a ameaçar a capital, Damasco. Com a intervenção dos Estados Unidos e da União Soviética, preocupados com a generalização do conflito, foi firmada uma **trégua em 22 de outubro**.

Apesar de derrotar os atacantes árabes, Israel foi tomado de surpresa e, pela primeira vez, **provou-se que a FDI não era invencível**. Os israelenses tiveram perdas consideráveis. Israel não optou por um ataque preventivo, como em 1967. (“Guerra terminou empatada → 1º Round para os Árabes e 2º Round para Israel)

A Guerra do *Yom Kippur* induziu uma mudança de postura por parte dos EUA com relação a sua política externa, buscando envolver mais os países árabes nas negociações. Em janeiro de 1974, foram firmados acordos de desocupação militar entre Egito e Israel, bem como entre Síria e Israel, em maio. Israel retirou-se do lado ocidental do canal de Suez e uma área de 30 quilômetros do lado oriental do canal foi dividida em três zonas: Israel, Egito e forças da ONU.

A guerra abriu caminho para que, em 1978, o Egito de Anuar Sadat e Israel, liderado pelo ex-terrorista Menachem Begin assinassem um acordo de paz mediado pelo presidente americano Jimmy Carter.

Em termos políticos, a Guerra do *Yom Kippur* enterrou o pan-arabismo e a herança política de Nasser. Estavam plantadas as sementes do fundamentalismo islâmico do **Hamas (Movimento de Resistência Islâmica) e da Jihad (Guerra Santa)**, que cresceria nos territórios ocupados de Gaza e Cisjordânia.

### **A paz é possível no Oriente Médio?**

Ao longo da década de 1980, ficou claro que a superioridade bélica de Israel não era suficiente para garantir a segurança a seus cidadãos. Em 1987, surgiram distúrbios generalizados nos territórios ocupados de Gaza e Cisjordânia, num movimento conhecido como **INTIFADA** (levante, em árabe), onde Jovens movidos pelo **Hamas e a Jihad** enfrentavam o Exército israelense com paus e pedras.

**2014** Em 1993, os **Acordos de Oslo** levaram a uma negociação histórica de paz mediada pelo presidente dos EUA, Bill Clinton, envolvendo Yitzhak Rabin e o líder da OLP, Yasser Arafat, embora as questões do **status de Jerusalém e a formação do Estado palestino tivessem sido adiadas**.

No ano de 2000, tentativas de aprofundar os acordos de paz fracassaram e uma **nova Intifada** foi lançada, dessa vez com o apoio de **Arafat**, fazendo com que Israel empreendesse uma violenta repressão aos territórios ocupados, além da reocupação de áreas controladas pelos palestinos e o confinamento de Arafat em seu QG em Ramalá, na Cisjordânia. A eleição do conservador *Ariel Sharon* como premiê em Israel agravou mais a situação, que só desvaneceu com a nova invasão do Iraque pelos EUA em 2003, e a morte de Arafat, no final de 2004, abrindo novamente as perspectivas de negociações, as quais ainda se arrastam até os dias de hoje.

Com a eleição do moderado Abu Mazen para a presidência da Autoridade Nacional Palestina em 2005, o governo israelense, pressionado pelos EUA, começou a elaborar um plano de desocupação da Faixa de Gaza.

### **A grande transformação**

As guerras árabes-israelenses (GAI) seguiram esse roteiro, superioridade de força para os israelenses. Por sua vez, os árabes, apesar de suas derrotas, muitas vezes fragorosas, ainda eram capazes de empreender grandes campanhas militares, e econômicas, como se viu quando a Organização dos Países Produtores de Petróleo (Opep) aumentou os preços do petróleo depois da Guerra do *Yom Kippur*, mergulhando o Ocidente na primeira grande crise de energia.

A Guerra dos Seis Dias fortaleceu a convicção de lideranças palestinas, Yasser Arafat à frente, de que as guerras convencionais não seriam capazes de abalar a fortaleza israelense. Daí a opção da OLP pelas espetaculares ações **terroristas** para chamar a atenção do mundo sobre o drama do povo palestino. A questão ganha relevância maior com a entrada em cena do **fundamentalismo islâmico**, que deixou há muito de ser um problema regional.

Militarmente, as GAI conferiram novas perspectivas aos conflitos, mudando de vez os paradigmas observados desde a II GM, baseada em grande mobilização de **blindados**, demonstrando a importância da **aviação** e das atividades de **inteligência**.

## Divórcio antes da paz

Com os impasses sucessivos, o fundamentalismo ganha força na medida em que é gerada **uma nova estratégia da contenção, desta vez contra o terror**. O fato é que a estabilidade do Oriente Médio é premissa fundamental embora não exclusiva, para se combater as contendas geopolíticas pós-Guerra Fria. A sobrevivência de Israel perpassa pela resolução, mesmo que parcial, do caso da Palestina, pois o moderno Oriente Médio, criado em 1967, é uma região de perspectivas incipientes e perigos iminentes. É perceptível a fragilidade que pode ser vivenciada a nível global. Um exemplo disso foi a primeira crise do petróleo, empreendida pela OPEP, após a Guerra do Yom Kippur, em 1973.

## PARTE III - GUERRAS DO GOLFO

### Um novo paradigma

As lições aprendidas pelos EUA nas décadas anteriores produziram novos conceitos acerca do emprego da **inteligência**, das **operações especiais** e, principalmente, da **aviação**, como vetores de projeção de poder, ao mesmo tempo em que buscavam **reduzir o número de perdas de vidas** a um mínimo aceitável, e se perseguia a consecução do efeito desejado almejado. As Guerras do Golfo trouxeram em seu bojo esse novo paradigma, ao demonstrar ao mundo **a força dos ataques cirúrgicos, com armamento de ponta, amplo emprego da tecnologia da informação, de dados de inteligência e uso efetivo de meios dissuasórios**.

A guerra de 1991 começara num mundo que estava deixando de existir, o da Guerra Fria e seus dois claros contendores. **Era impossível imaginar a coligação de forças montadas para desalojar Saddam do Kuwait sem o impacto causado em novembro de 1989, pela queda do Muro de Berlim**. Também era difícil esperar que focos de conflitos regionais, em vez de se tornarem estopins de uma conflagração entre as duas superpotências, pudessem ser eliminados através da cooperação de ex-poderosos adversários.

### A primeira Guerra do Golfo (1991)

A primeira Guerra do Golfo (I GG) **pode ser entendida como a primeira parte de outra guerra que ocorreria na mesma região em 2003**. No caso da primeira, a **motivação foi a invasão iraquiana ao Kuwait**, oriunda de um longo período no qual a preocupação estratégica das principais potências envolvidas na região - sendo os EUA em primeiro lugar - **foi sempre a de conter os atores locais, em especial aqueles que pudessem propalar instabilidade, como o Irã, após a Revolução Islâmica de 1979**. O segundo evento, que teve início com a **invasão estadunidense ao Afeganistão em outubro de 2001**, consequência dos atentados do 11 de setembro, **é parte da estratégia dos EUA para redesenhar o mapa político do Oriente Médio**.

Com relação ao primeiro caso, é curioso verificar que **Saddam Hussein**, cortejado durante uma década por compradores de petróleo e lobistas da indústria bélica (entre eles o Brasil), foi importante no esforço de **contenção do Irã**, a qual ele comprometeu graças ao seu primeiro trágico erro de cálculo. Nesse caso, o ataque surpresa à Jovem República Islâmica do Irã, em outubro de 1980, **tinha a pretensão de ser rápido, valendo-se da visualizada desorganização das Forças Armadas iranianas – fruto da retirada do poder do xá Reza Pahlevi**. Isso permitiria a **Saddam Hussein** controlar, sem grande esforço militar, a vital região do **Shatt al Arab**, por onde passa grande parte das exportações de petróleo dos dois países.

Em vez de um rápido e vitorioso avanço rumo a Teerã (pela difícil região montanhosa do Curdistão iraniano) e aos importantes campos de petróleo do Sul (através de ataques à maior refinaria do mundo), a guerra acabou durando oito anos e ceifando a vida de mais de um milhão de pessoas. **Alguns autores afirmam que se tratou do mais longo conflito do século XX**. Saddam poderia ser derrotado na verdade, não fossem as generosas ajudas de países vizinhos, essencialmente o **Kuwait e a Arábia Saudita**, além das vendas de armas modernas

por parte da França, da Rússia, da Grã-Bretanha, dos Estados Unidos, da Itália, da Alemanha e, em menor escala, do **Brasil** (em determinado momento, sem recursos próprios para financiar programas em casa, o governo militar brasileiro incentivou a ida de técnicos e engenheiros para trabalhar em programas de armamentos no Iraque, especialmente mísseis para aviões).

Paradoxalmente, Saddam achava-se protegido, em parte, pelos EUA. **Seu regime não teria sobrevivido se Washington não tivesse organizado uma operação de salvamento durante a primeira metade da guerra contra o Irã.** A condescendência americana levou o Iraque a receber não apenas armas, mas também informações e elementos para o desenvolvimento de armas de destruição em massa, em especial químicas e biológicas.

A invasão do Kuwait parecia, do ponto de vista de Saddam, uma operação lógica. Quando acabou o desastre iraniano, em 1990, **o Iraque tinha a necessidade imediata de recomposição de reservas internacionais**, o que poderia ser obtido pela manipulação do preço do petróleo, permitindo o aumento rápido do barril do petróleo. **Ademais, os sheiks do Kuwait eram os principais responsáveis por ultrapassar a cota de cada membro da OPEP, além de cobrarem volumosos empréstimos feitos a Saddam no decorrer do conflito contra o Irã.**

Havia um velho contencioso entre o Iraque e o Kuwait, que os iraquianos consideravam como parte de seu território. Além disso, Saddam achava que o Kuwait estava “roubando” petróleo de campos situados muito próximos, entre os dois países. Mas o que o ditador iraquiano **não podia tolerar** era o fato de que o Kuwait, além da Arábia Saudita, estivesse cobrando o pagamento de créditos por um “serviço”, **o enfraquecimento da revolução islâmica xiita (iraniana), que Saddam julgava ter feito em benefício de todos os países árabes da região. Ao decidir atacar o Kuwait, Saddam julgava, erroneamente, que os Estados Unidos não intervirem.**

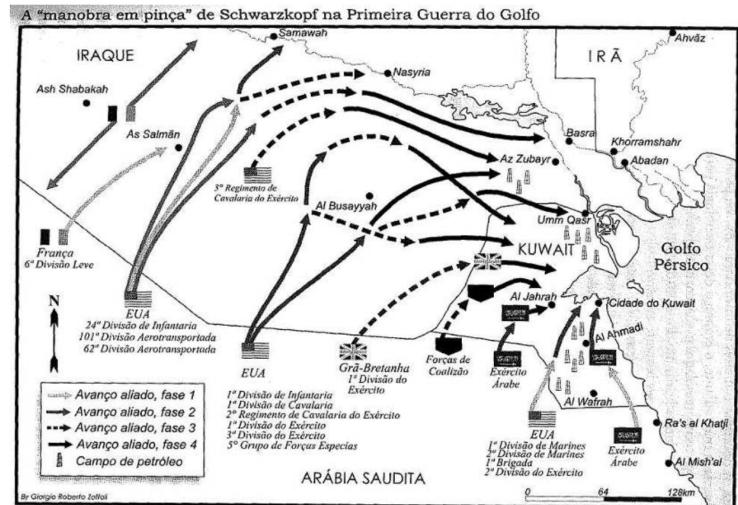
Mas a visão rasa de Saddam custou caro, impediu-o de imaginar que os EUA, como potência hegemônica global, não viessem a interferir no conflito. **Os EUA não aceitariam o fato de o Iraque controlar a maior parte do petróleo da região, revestindo-se de ameaça real à monarquia reacionária da Arábia Saudita, maior produtora de petróleo do Oriente Médio.** A ordem final para a invasão do Kuwait partiu após conversa entre Saddam e a embaixadora americana em Bagdá, onde **Saddam entendeu que os EUA optariam pela neutralidade.**

A invasão foi rápida e as tropas iraquianas adentraram ao Kuwait. O mundo não sabia ao certo, quais seriam as intenções do Iraque, qual seja pressionar o Kuwait ou avançar até a Arábia Saudita. Bem ao modo da região, a um golpe de força segue-se um período de negociação e barganha, no qual o reconhecimento da força de um lado normalmente deveria levar o outro lado a concessões ou à submissão.

De qualquer modo, em poucos dias, uma força de coalizão foi formada e concentrada no Golfo Pérsico, com, pelo menos, meio milhão de militares. Naquele momento as forças iraquianas, em número, representavam o dobro da coalizão e com, aparentemente, larga experiência em combate. Contudo, **seu armamento e táticas militares oriundos da doutrina soviética pós-II GM, não permitia a reação rápida para responder à guerra relâmpago da coalizão.** Sua estrutura extremamente centralizada não permitia a tomada de decisões rápidas. Outro ponto que minava a força do exército iraquiano era a divisão feita por Saddam em tropas de elite, especialmente a Guarda Republicana, equipada com material mais novo e de melhor

**qualidade, e as outras formações do exército convencional, recrutadas sobretudo entre as faixas de população mais pobres da periferia de Bagdá (com grande contingente xiita) e do sul do país, também de predominância xiita.** Saddam não considerava estas últimas confiáveis. (*Saddam era sunita*)

Péssimo comandante militar, Saddam acreditou até o final que os aliados tentariam desembarcar no Kuwait pelo mar, onde a faixa de uma provável operação militar é muito estreita, e as dificuldades muito maiores. Os aliados jamais pensaram em desembarcar frontalmente, no lugar, utilizariam a **estratégia de grande pinça de envolvimento**, a inspiração para a manobra o general Schwarzkopf foi buscar na célebre **Batalha de Cannae**, na qual **Aníbal** liquidou um exército romano várias vezes superior em número, assim tentaria “fechar o portão” pelo menos 300 quilômetros atrás de onde se posicionavam as principais unidades da Guarda Republicana. Dessa forma, a coalizão cruzou larga extensão do deserto a oeste do Kuwait com elevada mobilidade de blindados americanos pesados e apoio da tecnologia de ponta.



**A Primeira Guerra do Golfo, como ficou conhecida a conflagração militar de janeiro a março de 1991,** foi uma lição de que, em guerras convencionais modernas, o peso da tecnologia favorece de forma decisiva os exércitos “ocidentais”.

**Como outrora, as forças israelenses demonstraram nas GAI como a integração de diversas armas foi decisiva, ao interagir o poder de combate com a informação em tempo real.** **Essa foi a 1ª vez que os EUA testaram em campo de batalha as doutrinas militares de informação em tempo real.** Outras questões importantes foram: **a importância do poderio aéreo** - seja com o emprego de aviões espiões, de guerra eletrônica; e da precisão das **armas inteligentes** - a eficácia dessas armas na eliminação de pontos nevrálgicos do inimigo não pode ser contestada. Entretanto, os danos colaterais das armas inteligentes ficaram claros em dois episódios durante a guerra aérea que precedeu os combates por terra:

1. **um em Bagdá**, com a destruição de um *bunker*, que abrigava civis no centro de Bagdá, incorretamente identificado como uma instalação de comunicação das Forças Armadas iraquianas. Resultado, centenas de mulheres e crianças foram incinerados;
2. **o outro em Fallujah**, pequena cidade a oeste da capital que voltaria a ser tristemente célebre depois da invasão de 2003, por erro técnico na iluminação do alvo, um míssil atingiu, no lugar de uma ponte, o centro do mercado local na hora de maior movimento, matando mais de 200 civis inocentes.

A precisão dos mísseis capazes de perfurar grossas paredes de concreto puderam ser comprovadas pela primeira vez em situação real, e superou em muito a expectativa que se colocava nesse tipo de arma. Disparado de grande distância (em alguns casos a mais de 60 km do objetivo), esse tipo de míssil apresentou precisão de centímetros. Destaca-se, também, o “**profissionalismo**” dos modernos exércitos ocidentais na arte de matar: a força armada era composta por profissionais bem pagos e treinados, com notável (em comparação com guerras anteriores) margem de manobra para decisões locais, motivados por um senso de missão e camaradagem inculcados em longos anos de treinamento e preparação. Do outro lado se via uma tropa mal preparada, mal alimentada e mal-armada, além do cansaço das tropas iraquianas depois de oito anos de conflito contra o Irã.

**A revolta xiita**, iniciada ainda nos últimos momentos das 100 horas de combate por terra, merece ser tratada aqui não pelos seus méritos políticos e militares, mas pelas consequências que esses eventos teriam para a condução do planejamento político e militar da Segunda Guerra do Golfo, 12 anos depois. A revolta teria começado quando a tripulação de um tanque, voltando da derrota do Kuwait, destruiu a tiros de canhão um dos retratos de Saddam pintados em monumentos espalhados por todas as praças e edifícios do país. Chegou-se inclusive, nas várias revoltas, a ser proferido o lema “queremos uma república islâmica”, ao arrepiado dos EUA.

**2022 Perceba que o Iraque fundado após a I GM foi a fusão de xiitas (Basra), sunitas (Bagdá) e curdos (Mossul)**, que antes jamais haviam se identificado como partes de um só país. Essa unificação se deu sob influência de interesses britânicos escusos, voltados à exploração de petróleo.

O predomínio dos sunitas na administração do Iraque, inspirado no que era feito na Índia, não surtiu efeito, pois à medida que o país foi se modernizando e se urbanizando, especialmente após a II GM, o nacionalismo árabe e os interesses próprios de grupos políticos no país fundiram-se em uma organização, a princípio clandestina e de caráter quase secreto, o partido **Baath (Renascimento)**, que evoluiu rapidamente para um sistema de controle e de direção de massas.

O partido Baath chegou ao poder e transformou-se, de fato, num importante fator de articulação e controle da população. Mesmo com um tipo de organização de controle como o Partido Baath, apoiado num genuíno **nacionalismo árabe**, Saddam Hussein jamais conseguiu resolver a questão fundamental de um país que nunca se sentiu unido, a não ser pela violência imposta sucessivamente por vários tipos de regime que o precederam.

Dessa vez Saddam não cometeu erros de cálculo. Embora os **curdos** tivessem se rebelado poucas horas depois dos xiitas, foi no Sul que ele concentrou os esforços de repressão. Saddam sabia que o componente xiita poderia desestabilizar completamente o regime mantido com a ajuda decisiva da estrutura civil do partido Baath. Se a revolta passasse para os 2 milhões de xiitas que moravam na então Saddam City, o regime estaria perdido. Tropas especiais transferidas dos bastiões sunitas no centro do Iraque, engajaram-se em combates com vários grupos rebeldes, mas seu sucesso final deveu-se a fatores externos:

- 1- **O Irã deu menos apoio material do que sugeriam as inflamadas palavras revolucionárias pronunciadas em Teerã.**
- 2- **Os sauditas assustados com a possibilidade de uma república islâmica proclamada agora em sua fronteira, preferia um ditador conhecido a fundamentalistas dispostos a espalhar a revolução (islâmica xiita) para o restante da região; e**
- 3- **Os Estados Unidos, apavorados com a perspectiva do envolvimento do Irã e uma secessão ao sul do Iraque, desistiram de permanecer com suas poderosas unidades blindadas (as que haviam efetuado o movimento de pinça planejado por Schwarzkopf) entre os rebeldes e as forças da repressão.**

O resultado era previsível: as forças sunitas, empregando selvageria e ferocidade inéditas até mesmo para uma ditadura sanguinária, massacraram os rebeldes no sul do Iraque. As feridas abertas no seio do Iraque, fruto das dissensões entre xiitas, sunitas e curdos criou as condições para a II GG.

### Segunda Guerra do Golfo (2003)

Para entender as motivações que levaram a II Guerra do Golfo é importante entender as transformações vividas pelo mundo na década que separa ambos os conflitos. Para começar, um dos principais parceiros comerciais para a aquisição de armas por parte dos iraquianos, a URSS, havia desaparecido no final de 1991; e os acordos de paz de Oslo entre israelenses e palestinos, consequência da primeira guerra do golfo.

A evolução do mundo com os chamados “Dividendos da Paz” transformou Saddam num ditador encurralado. Resoluções da ONU permitiram que inspetores encontrassem e destruíssem três programas para aquisição de armas de destruição em massa no seio do Iraque, com a colaboração semiaberta de empresas privadas ocidentais. Foram estabelecidas pelos EUA e Inglaterra duas zonas de exclusão de voo, uma no norte e outra no sul do Iraque. O resultado foi o estabelecimento de uma área curda no Norte - que desfrutava de autonomia *de facto*, um fator essencial nas articulações da Segunda Guerra do Golfo; enquanto, no Sul, com certa regularidade, os aviões de combate americanos e britânicos se engajaram em ataques contra baterias antiaéreas iraquianas.

Em abril de 1991, a ONU estabeleceu um regime de sanções contra o Iraque, obrigando a admitir a presença de grupos de inspetores que desmantelariam os programas de armas químicas, bacteriológicas e nucleares. Foi imposto também um boicote com congelamento de bens do Iraque no exterior, além da proibição de comércio exterior, a não ser para importação de alimentos e remédios dentro de um programa conhecido como *oil for food* (“petróleo por comida”), iniciado em 1995. O programa “petróleo por comida” durou 7 anos e foi um dos programas mais draconianos impostos a um país derrotado. A principal vítima foi a população civil do Iraque, que registravam altos níveis de desnutrição e de mortalidade infantil, em contraponto ao que vinha sendo observado no primeiro período da ditadura de Saddam Hussein. Com o programa de troca de petróleo por compras humanitárias, o governo viu uma oportunidade de comprar armas, de facilitar o enriquecimento dos clãs com os quais Saddam reconstituiu sua base de poder, permitindo uma reestruturação parcial das Forças Armadas iraquianas. Mas o efeito das sanções foi rigoroso, e se parecia ao famoso *catch 22* (antagônico): não haveria suspensão das sanções enquanto as reparações de guerra não fossem pagas, mas as reparações de guerra não poderiam ser pagas se as sanções não fossem suspensas.

As novas feições dos conflitos entre israelenses e palestinos foram trágicas, gerando instabilidade para a região ao final da década de 1990. Além disso, os atentados terroristas de 11 de setembro de 2001 foram mal interpretados por Saddam. Aliou-se a isso a eleição de George W. Bush como presidente dos EUA (ano 2000) e a adoção de uma política conservadora e fundamentada na região, que permaneceria inalterada até o episódio do 11 de setembro de 2001.

As decisões importantes de cada país nascem não só dos seus interesses declarados e manifestados: econômicos, políticos, geopolíticos. **Nascem, sobretudo, de suas visões de mundo e crenças, dos traumas coletivos e da interpretação da realidade internacional.** No caso dos Estados Unidos pós-atentados de 11 de setembro, as principais consequências das tragédias em Nova York e Washington foram o reforço à ideia de que as causas do terrorismo teriam de ser eliminadas pela mudança da forma de pensar dos outros.

**2020** **Pensadores neoconservadores republicanos impuseram à política americana no Afeganistão e no Iraque uma ideia fixa: a de que basta remover os tiranos para que os cidadãos do país e suas organizações implantem a liberdade e a democracia que o tirano impedia.** Vencer a parte militar do conflito foi sempre muito fácil, mas conquistar o que se define como **“paz”** mostrou-se, como muitos previam, impossível. Desde a invasão do Afeganistão em 2001, em resposta ao 11 de setembro, a invasão ao Iraque e a retirada de Saddam do poder era algo almejado pelos EUA.

De fato, houve falhas, e até mesmo manipulações, nas agências de inteligência quanto a existência de armas de destruição em massa no Iraque. O principal argumento para o convencimento da opinião pública era fraco e carecia de embasamento material que oferecesse substância à ação militar. Ademais, Saddam **não possuía: capacidade militar para atacar seus vizinhos; ligações comprovadas com grupos terroristas, inclusive a Al Qaeda; nem armas de destruição em massa.**

Mesmo assim, a operação foi deflagrada, com amplo uso de informações em tempo real e armas inteligentes (muito mais que no primeiro conflito), agora sem oposição antiaérea. Uma revolução na **doutrina militar americana**, a extraordinária capacidade de **integração** de vários sistemas, e da capacidade de transmissão de informações em **tempo real** do campo de batalha para qualquer dos níveis envolvidos em **decisões bélicas**. Donald Rumsfeld, secretário de Defesa, afirmou que as operações ofensivas convencionais poderiam, naquele momento, ser feitas com efetivos muito menores. As armas inteligentes, providas de autocorreção, conferiam precisão jamais vista, aumentando sobremaneira a eficácia do poder de fogo.

O planejamento inicial americano previa o uso de duas forças blindadas de primeira linha, ambas apoiadas no uso extensivo de carros de combate pesados, uma prosseguindo do Sul para o Norte, utilizando o Kuwait como ponto de partida, e a outra descendo do Norte para o Sul, utilizando território da **Turquia** como base de lançamento das operações. A recusa do governo turco, porém, em permitir a passagem de nutridos contingentes americanos obrigou a uma rápida alteração dos planos.

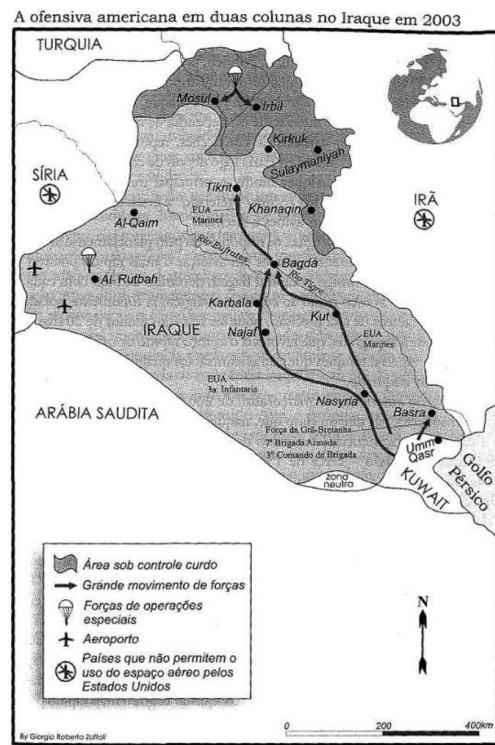
Na prática, os **americanos travaram duas guerras**. No Sul, de acordo ao planejamento original, lançaram um ataque combinando unidades pesadas **blindadas**, **infantaria convencional** e os **marines**, a tropa mais agressiva de que dispõe. No Norte, apoiados em grande parte por **guerrilheiros** e **paramilitares curdos**, infiltraram bom número de **tropas especiais** vindas do Exército e da Marinha. Os blindados chegaram à Bagdá em 20 dias.

**A invasão americana de março/abril de 2003 foi uma espetacular lição de guerra moderna. Ela deixou claro que, naquele momento, não havia adversário à altura da megapotência.** O número de militares empregados diretamente na invasão, cerca de 150 mil, seria pequeno para as tarefas de policiamento que se seguiram à derrubada do regime, mas suficiente para desequilibrar um poucas horas a resistência iraquiana. **Pode ser visto que na atualidade, o essencial em uma guerra é a escolha do centro de gravidade (Bagdá) e a concentração de recursos nos pontos de ataque.**

Vale ressaltar que, na doutrina militar “clássica”, costuma-se afirmar que uma tropa só pode ter chance de êxito se o contingente atacante superar em pelo menos três vezes o que defende, mas esse é o tipo de lição desmentida, de novo, em outros casos “clássicos” (como o ataque alemão à França em 1940 e, novamente, à União Soviética em 1941).

Além disso, pela primeira vez viu-se o emprego maciço de **três níveis de aviação de combate, bombardeios de maior alcance e helicópteros**. De fato, houve aperfeiçoamento na integração entre os instrumentos de bombardeio estratégico, contra alvos importantes da infraestrutura do inimigo, ataques táticos, destinados a destruir oponentes nos campos de batalha e aviação atuando diretamente em conjunto com forças terrestres.

O terreno desértico, como na I GG, não ofereceu qualquer resistência. A extensa **cauda logística até Bagdá** - com possibilidade de ações pontuais do inimigo - não foi quebrada, mantendo-se o poder de combate com o ímpeto necessário às ações, provendo infraestrutura invejável até mesmo para os elementos em primeiro escalão. Nesse sentido, o Iraque foi um risco, mas não um grande desafio.



Um dos eventos mais surpreendentes no começo da invasão foi a renúncia dos **iraquianos** em escalar a defesa em profundidade, apoiadas em **centros urbanos**, nessa primeira fase do conflito, que poderiam causar muitas baixas. A principal batalha urbana que os americanos travariam ocorreria apenas um ano e meio depois da invasão, em outubro de 2004, quando pelo menos oito batalhões de *marines* conquistaram cada quarteirão de Fallujah, uma cidade a 60 km a oeste de Bagdá e, então, notória pela concentração de elementos da insurgência armada contra a ocupação americana.

Na verdade, os vinte dias de combates que levaram **à conquista da capital e à queda do regime**, grande parte das forças iraquianas simplesmente sumiu, incluindo a Guarda Republicana. Soldados foram embora para casa, carregando suas armas e equipamentos, os quais seriam empregados em movimentos insurgentes, anos depois.

**O mais relevante, porém, foi o que não aconteceu na parte política da guerra.** O avanço pelos mais de 500 km da fronteira com o Kuwait até Bagdá ocorreu sem a esperada participação entusiasmada da população xiita, que embora não tenha criado oposição, não acolheram os americanos, fruto do “abandono” que sofreram da coalizão formada 12 anos antes. O sinal estava claro: os americanos foram considerados um mal necessário para se livrar de um ditador sanguinário, mas não como libertadores. Em pouco tempo, aliás, os agrupamentos xiitas, alguns com fortes ligações com o Irã, passariam a organizar milícias que travariam com os americanos as piores batalhas de rua no sul do país.

As forças invasoras americanas **não lograram conquistar corações e mentes**. O que foi visto após a invasão foram cidades inteiras mergulhadas no caos. A inaptidão dos invasores americanos em lidar com uma cultura diversa e tradicional em Bagdá fazia com que o processo de paz ficasse cada vez mais distante. Os britânicos na cidade xiita de Basra, no Sul, lograram um pouco mais de êxito nesse tipo de relacionamento, embora tenham sofrido com ataques suicidas e desorganizados.

**Foi muito mais fácil para os americanos a parte exclusivamente militar da empreitada do que a reorganização política, econômica e social do país.** A eliminação do partido Baath, sob a argumentação da suposta eliminação de armas de destruição em massa, se transformou em um processo de estabilização complexo para as forças invasoras, sujeitas quase que diariamente a levantes de insurgentes que fustigavam as tropas e causavam ainda mais dificuldade de relacionamento entre iraquianos e invasores.

**A mesma revolução da informação**, que reescreveu como comandantes podem ter noção do que acontece no campo de batalha, permitiu que o mundo inteiro soubesse - através de fotos tomadas por aparelhos celulares - das sevícias (maus-tratos físicos e morais), abusos e torturas que carcereiros americanos infligiam a prisioneiros iraquianos.

O resultado foi a pior derrota que um exército invasor pode sofrer: a **desmoralização pública** de quem entra em um país para trazer valores como **liberdade e democracia** e finda por promover o **ódio e o desrespeito aos princípios de humanidade e direito que dizia defender**. **O que parecia uma missão inacabada ao final da I GG, ao final da II GG, parecia uma missão impossível.**

#### LIVRO – MARINHA DO BRASIL: UMA SÍNTESE HISTÓRICA (2018)

##### D) MARINHA DO BRASIL: UMA SÍNTESE HISTÓRICA

###### PARTE I - A MARINHA DO BRASIL NA PRIMEIRA GUERRA MUNDIAL (CAP IX)

###### A Marinha do Brasil na IGM

No dia 28 de junho de 1914, em Sarajevo, o herdeiro do trono do Império Austro-Húngaro, o **Arquiduque Francisco Ferdinando e sua mulher Sofia foram assassinados por um nacionalista de origem sérvia**, provocando uma sequência de eventos que culminaram na chamada **Grande Guerra**, posteriormente chamada de Primeira Guerra Mundial. As razões para esse grande conflito foram diversas:

- 1- A exacerbção do nacionalismo**, principalmente **nos Balcãs** ocupados pelos austríacos, como na Bósnia e Herzegovina. A Sérvia, que fazia fronteira com a Bósnia, tinha um real interesse nesse local como parte de uma grande nação eslava, sem a ingerência da Áustria-Hungria, isso com o total apoio da Rússia, que se considerava a protetora de todos os povos eslavos. Assim, por meio de grupos de nacionalistas bósnios-sérvios, apoiados pelo serviço secreto sérvio, o atentado foi cuidadosamente preparado e executado, resultando na morte do herdeiro do Imperador Francisco José.
- 2- A corrida armamentista entre o Reino Unido e a Alemanha**, em especial a corrida naval, que trouxe grande intranquilidade para os britânicos, já preocupados com a ascensão de uma grande nação industrializada como o Império alemão, que ameaçava a hegemonia do Reino Unido no mar de mais de 200 anos, e alterava a balança de poder mundial.
- 3- A disputa por mercados e colônias na África e na Ásia**. O Império alemão considerava que, como uma potência emergente, tinha o direito a possuir colônias nos continentes africano e asiático, tal como os outros países europeus, como o Reino Unido, a França, a Itália, a Espanha, a Bélgica e Portugal. Esse desejo alemão trouxe mais tensão na relação entre os países europeus.
- 4- A inflexibilidade dos acordos militares e da política de alianças entre os países europeus**, fazendo com que uma crise pudesse escalar para um conflito armado, sem possibilidades de negociação e entendimento. Dois desses acordos encontravam-se em franca oposição, de um lado a chamada **Tríplice Entente**, congregando o Reino Unido, a França e a Rússia e, de outro lado, a **Tríplice Aliança composta do Império Alemão, o Império Áustro-Húngaro e a Itália**. Respirava-se um clima de paz armada que podia se transformar em uma guerra incontrolável.
- 5- Um sentimento de revanchismo de parte expressiva da população francesa**, ainda agastada pela derrota na Guerra Franco-Prussiana de 1870, quando foi perdida a região da Alsácia-Lorena para os alemães.

Pouco tempo após o assassinato de Francisco Ferdinando, a Europa se viu envolvida em uma guerra que ultrapassou todos os conflitos anteriores em número de mortos, capacidade de destruição e em abrangência. **A chamada guerra total teve seu ápice na Grande Guerra, até aquele momento.**

O Brasil desde o início das hostilidades declarou-se neutro. Em 4 de agosto de 1914, foi publicado um decreto que fixou as regras de neutralidade com 27 artigos, destacando-se:

- não prestação de qualquer auxílio militar aos beligerantes;
- não exportação de material de guerra para as nações engajadas no conflito;
- não permissão de instalação de órgãos de apoio ou de estações radio-telegráficas dos combatentes em nosso território; e
- regras específicas para a permanência, reparos, arribada forçada e emergência de navios de estados beligerantes.

A desobediência a essas regras resultaria no arresto do navio e no internamento das respectivas guarnições, ocorrido de fato com a **canhoneira alemã Eber**, que arribou em Salvador e trouxe material para transformar

um navio mercante em corsário. Nos primeiros três anos de guerra, entre 1914 e 1917, a neutralidade brasileira foi respeitada pelos contendores.

Nesse período, a guerra terrestre transformou-se em uma luta estática ao longo de uma **linha entrincheirada** que ia da Suíça até o Canal da Mancha, onde milhares de combatentes morriam para conquistar pequenas porções de terreno sem nenhuma vantagem tática ou estratégica. No mar, continuou o predomínio da Marinha Real britânica, realizando um bloqueio afastado da costa alemã. Os britânicos, por serem mais poderosos, tinham como meta forçar uma batalha decisiva contra os alemães. Os germânicos, por outro lado, desejavam a batalha em condições favoráveis e não se expunham à possibilidade de destruição em um combate definitivo.

Por outro lado, os alemães também utilizaram uma **nova arma considerada estratégica**, os seus **submarinos**, para **atacar o comércio marítimo** dos franceses e britânicos com uma **guerra de corso**, que tinha o **propósito de estrangular o abastecimento para o Reino Unido**. Até o início de 1917, os submarinos alemães procuraram respeitar os navios mercantes neutros, salvo alguns incidentes pontuais.

No dia **31 de janeiro de 1917**, o Império alemão **estabeleceu a guerra submarina irrestrita**, na qual não haveria mais intimação prévia, verificação de carga e auxílio aos naufragos que estavam a serviço direto, indireto ou suspeito do inimigo. O propósito principal dos germânicos era impedir a chegada de sobressalentes, matérias-primas e abastecimentos para as ilhas britânicas, por meio de um bloqueio submarino.

O **Brasil enviou**, em seguida ao estabelecimento da guerra submarina irrestrita, **uma nota de protesto**, frisando que "tal bloqueio não seria regular nem efetivo e desobedeceria aos princípios do Direito e cláusulas convencionais estabelecidas para operações militares desta natureza [...] sente-se no dever de protestar **contra este bloqueio**". A nota pouco adiantou.

No dia **5 de abril de 1917**, o **Navio Mercante nacional Paraná**, da Companhia de Comércio e Navegação, foi **afundado na costa ocidental francesa**, morrendo três foguistas brasileiros. O mais grave era que o navio estava iluminado com a palavra Brasil pintada no casco e a bandeira brasileira içada no mastro. Imediatamente, em **11 de abril**, o **Governo brasileiro rompeu relações diplomáticas com o Império Alemão**. O decreto que estabeleceu esse rompimento declarou sem efeito o *exequátor* dos funcionários consulares alemães e **assumiu a posse fiscal dos navios mercantes alemães e austriacos** surtos nos portos nacionais, **não havendo, contudo, o confisco**, cabendo à Marinha do Brasil a sua guarda.

O Brasil naquele período já vinha se aproximando dos Estados Unidos da América que, logo depois, em razão do torpedeamento de dois de seus navios, declarou guerra à Alemanha. Além disso, existia no Brasil grande simpatia pelos aliados, em especial com o passado cultural da França e intercâmbio comercial e tecnológico com o Reino Unido. Contudo, ainda mantinha a sua neutralidade.

Os acontecimentos se precipitaram rapidamente. No dia **20 de maio**, o **Vapor Tijucas** foi afundado perto de *Brest*, na França, e, logo em seguida, o **Lapa** foi também **afundado** próximo ao Cabo Trafalgar, não havendo perdas humanas nos dois ataques. O **Governo brasileiro imediatamente revogou a neutralidade e determinou a utilização dos 45 navios alemães que haviam sido apresados em portos nacionais**. A **opinião pública nacional exigia nas ruas ações mais efetivas contra os alemães**.

No dia **18 de outubro de 1917**, ocorreu o **quarto afundamento de navio mercante nacional**. Dessa feita a vítima foi o **Macau**, a cerca de 200 milhas do Cabo *Finisterre*. Naquela oportunidade, o submarino alemão parou o vapor brasileiro e aprisionou o seu comandante e despenseiro, dos quais não se tiveram mais notícias. Em **26 de outubro de 1917**, o **governo de Venceslau Braz**, não tendo o que fazer, **reconheceu e proclamou o estado de guerra** contra a Tríplice Aliança, iniciado pelo Império alemão contra o Brasil.

## O Brasil na Guerra

Antes da I GM, existiam duas correntes de pensamento naval no Brasil que eram diametralmente opostas:

- A primeira apregoava o **domínio do mar pleno, com a constituição de uma grande e poderosa Marinha**, composta de grandes navios, seguindo os princípios que *Alfred Mahan* expressara no seu livro de 1910, *The influence of sea power upon history 1660-1783*, que era o domínio do mar por meio de uma batalha decisiva.
- Uma segunda concepção estratégica imaginava **concentrar os poucos recursos nacionais em maior número de navios capazes de proteger não só as linhas de comunicação como o extenso litoral**.

Prevaleceu a segunda opção defendida pelo **Ministro da Marinha de Rodrigues Alves, o Almirante Júlio de Noronha**, que imaginou uma Esquadra mais numerosa, composta de **3 encouraçados** de 13 mil toneladas, **3 cruzadores couraçados** de 9.500 toneladas, **6 caça-torpedeiros** de 400 toneladas, **6 torpedeiros** de 130 toneladas, outros **6 torpedeiros menores** de 50 toneladas, **3 submersíveis** e **1 navio carvoeiro** de 6 mil toneladas. **O grande diferencial desse projeto de força foi a construção do chamado porto militar**.

Contudo, em viagem de inspeção para a escolha do local a ser construído o porto, na Baía da Ilha Grande, devido a uma **explosão de munição nos paióis do Encouraçado Aquidabã**, o navio afundou com a perda de quase a totalidade da tripulação, incluindo o filho e ajudante de ordens do Ministro da Marinha, Alte Júlio de Noronha, que inconsolável abandonou os planos de construção do futuro porto militar.

Ao final daquele ano de 1906, assumiu o Ministério da Marinha o **Almirante Alexandrino Faria de Alencar**, que defendia a ideia da constituição de Esquadras compostas por grandes e poderosos navios, um retorno à primeira concepção estratégica naval. Alexandrino – novo MM – conseguiu alterar a constituição do programa de 1904 formulado por Júlio de Noronha, por uma Esquadra considerada mais poderosa formada por **2 encouraçados** de 20 mil toneladas, **2 cruzadores** de 3.200 toneladas e **10 contratorpedeiros** de 650 toneladas. Sua construção se daria no Reino Unido. Os encouraçados do tipo **Dreadnought** com maior tonelagem, maior poder de fogo e maior velocidade em relação aos encouraçados anteriores.

Em 1910, essa nova Esquadra chegou ao Brasil e ela foi o núcleo básico do Poder Naval brasileiro em 1917, logo depois da declaração de guerra contra a Alemanha.

**A grande preocupação estratégica do Brasil continuava a ser a região platina na fronteira com a Argentina.** No campo naval, também foi dada atenção ao controle e a manutenção das linhas de comunicação na costa brasileira contra corsários de superfície e submarinos inimigos e a vigilância e defesa de costa contra ações inimigas.

No dia **2 de novembro de 1917**, isto é pouco mais de uma semana após a declaração do estado de guerra com a Alemanha, **dois navios mercantes brasileiros foram atacados** quando se encontravam no Porto Grande na Ilha de São Vicente, em Cabo Verde, o **Guaíba** e o **Acari**. A defesa da ilha estava a cargo da Marinha portuguesa, porém as canhoneiras lusitanas fundeadas no porto pouco puderam fazer contra o submarino atacante, que se evadiu da área. Eram o **quinto e sexto ataques a navios nacionais na guerra**. A guerra submarina prosseguiu com extrema violência.

## A Marinha do Brasil atuando na costa Brasileira

Antes mesmo da declaração de guerra do Brasil à Alemanha, a Marinha do Brasil já vinha patrulhando a costa com a missão de vigilância para manter a neutralidade e, depois da entrada no conflito, mantendo a vigilância de atividades inimigas na fronteira marítima brasileira. Foram **constituídas três divisões navais**, cada uma delas comandada por um contra-almirante:

- (1) **Divisão Naval do Norte, com sede em Belém, sob o comando do Contra-Almirante João Carlos Mourão dos Santos** - composta de 2 Encouraçados (*Deodoro* e *Floriano*), 2 Cruzadores (*República* e *Tiradentes*), os 2 Contratorpedeiros (*Piauí* e *Santa Catarina*) e unidades da Flotilha do Amazonas.
- (2) **Divisão Naval do Centro, com sede no Rio de Janeiro, sob o comando do Contra-Almirante Francisco de Matos, substituído a partir de dezembro de 1917 pelo Contra-Almirante Afonso de Fonseca Rodrigues** - composta de 2 Encouraçados (*Minas Gerais* e *São Paulo*) e 5 Contratorpedeiros (*Amazonas*, *Pará*, *Paraíba*, *Alagoas* e *Paraná*).
- (3) **Divisão Naval do Sul, com sede em São Francisco do Sul, sob o comando do Contra-Almirante Pedro Max Fernando de Frontin** - composta de 3 Cruzadores (*Barroso*, *Bahia* e *Rio Grande do Sul*), 2 Contratorpedeiros (*Rio Grande do Norte* e *Sergipe*) e *Iate José Bonifácio*, atuando como navio-tênder.

A maioria dos navios, embora novos em atividade, com apenas sete anos de operações, já era considerada obsoleta em razão da aceleração da tecnologia naval em decorrência da própria guerra. Além disso, inexistiam bases de apoio no Norte e Sul do País. A cidade do Rio de Janeiro também era motivo de preocupações do

**2023 Almirantado**, pois além de ser a capital federal era o centro político, econômico e cultural do País. Foram estabelecidos **campos minados na entrada da barra**, entre as Fortalezas de Lage e Santa Cruz, e **seções de redes com cabos de aço na aproximação da Baía de Guanabara**, para minimizar a probabilidade de ataques de submarinos no interior da baía. Ao mesmo tempo foi estabelecida **uma rotina de patrulhas de dois contratorpedeiros nas proximidades da barra**. As Ilhas de Trindade e Fernando de Noronha também foram reforçadas militarmente com efetivos da Marinha e com visitas e patrulhas periódicas de navios de guerra.

Em razão das pressões da opinião pública nacional, que exigia de *Venceslau Brás* maior participação no esforço aliado contra o Império alemão, o MRE ofertou, na Conferência Interaliada que se reuniu em Paris de **20 de novembro a 3 de dezembro de 1917**, quatro contribuições ao esforço de guerra que foram aceitas pelos aliados:

- (1) **envio de uma missão médica** chefiada pelo doutor Nabuco de Gouveia, que atuaria na França. Regressou apenas em 1919, ao término da guerra.
- (2) **envio de um grupo de aviadores militares**, a maior parte deles da Marinha, para se agregarem às Forças Aéreas aliadas na Inglaterra em missões de patrulha no Canal da Mancha.
- (3) **Agregação de um grupo de oficiais do Exército**, que atuou junto às Forças Terrestres francesas na frente ocidental.
- (4) **constituição de uma Divisão Naval (DNOG)** que operou no triângulo formado por **Dacar, Cabo Verde e Gibraltar**.

### **A Divisão Naval em Operações de Guerra (DNOG)**

Após os esforços de guerra ofertados serem aceitos, o Ministro da Marinha, Alte Alexandrino, determinou a preparação de uma **Divisão Naval** "para seguir para mares europeus, reunindo-se à Esquadra oportunamente indicada". Essa divisão seria comandada por um almirante e composta por **2 Cruzadores**

(*Bahia e Rio Grande do Sul*), **4 Contratorpedeiros** (*Piauí, Santa Catarina, Paraíba e Rio Grande do Norte*). Posteriormente, foram incorporados à divisão o **Cruzador Auxiliar e Tênder Belmonte**, **1 navio alemão**, o **Valesia**, que fazia parte da lista dos navios arrestados quando da declaração de guerra e o **Rebocador de Alto-Mar Laurindo Pitta**.

2024

Para o comando da DNOG (Divisão Naval em Operações de Guerra), Alexandrino escolheu o **Contralmirante Pedro Max Fernando de Frontin**, comandante da Divisão Naval do Sul. Oficial dinâmico e competente, Frontin gozava de total confiança do Ministro Alexandrino.

Os navios da DNOG eram os mais modernos que a Marinha dispunha, apesar de apresentarem uma notável obsolescência e muitos problemas na condução de suas máquinas. O Arsenal de Marinha do Rio de Janeiro dispunha de antiquadas instalações de reparos, além de carência de funcionários especializados e de materiais (*também por conta do próprio conflito*), assim, o adestramento das tripulações teve que ser acelerado.

Um dos itens que mais preocupou o Almirante Frontin foi o **suprimento de carvão para a divisão**, uma vez que o carvão nacional era contraindicado por possuir grande quantidade de enxofre. O carvão de melhor qualidade, o Cardiff, proveniente do Reino Unido, estava sob rígido controle desse país que ainda possuía navios que utilizavam aquele combustível. Outro ponto preocupante foi o **estado dos tubos das caldeiras e condensadores, principalmente dos cruzadores**. Muitos desses tubos apresentaram **altos índices de corrosão** que poderiam afetar os navios em operações de combate

No dia **7 de maio de 1918**, suspenderam do Rio de Janeiro os **Contratorpedeiros Piauí e Paraíba e, dois dias depois**, o *Rio Grande do Norte* e o *Santa Catarina* em direção a Salvador. Os **dois cruzadores**, por sua vez, suspenderam do Rio de Janeiro no **dia 11 de maio** e seguiram para Recife. Depois de melhorarem as condições materiais e de adestramento nesses portos, os contratorpedeiros e cruzadores seguiram para o ponto de encontro em Fernando de Noronha. O Cruzador Auxiliar e Tênder Belmonte, carregado de carvão e sobressalentes, suspendeu do Rio de Janeiro em **6 de julho**, enquanto o Rebocador de Alto-Mar Laurindo Pitta largou do Rio de Janeiro **dois dias depois**, parando em Salvador e de lá seguindo para **Fernando de Noronha** para se juntar aos demais navios. Desse ponto, a divisão completa com os oito navios seguiu em direção a **Freetown, na Serra Leoa**. A guerra começou para a DNOG.

### As travessias e o perigo submarino

Antes de realizar a travessia de Fernando de Noronha a *Freetown*, o Almirante Frontin publicou uma Ordem do Dia na qual disse:

"Esta Divisão representa a Marinha do Brasil nesta Grande Guerra. Esta divisão naval representa hoje a contribuição das Forças Militares do Brasil na batalha [...] a história gloriosa de nossa Marinha de Guerra pode ser continuada, pode ser interrompida. Isto depende dos feitos gloriosos ou não desta Divisão Naval. Vamos deixar o Brasil, que nesta partida haja, em todos os corações, o forte desejo de vencer e a segura esperança de vitória."

A área de operações determinada pelo Comando Aliado para a atuação da DNOG incluía um **triângulo**, cujos vértices eram **Dacar, Ilhas de Cabo Verde e Gibraltar**. A base de operações estava localizada nesse último porto (**Gibraltar**). À DNOG competiria patrulhar esse triângulo contra submarinos inimigos, liberando assim navios franceses e britânicos que se agregariam aos comboios que demandavam **Gibraltar, Freetown e Dacar**. A divisão, também, apoiaria a **Marinha portuguesa** que protegia as linhas de comunicação de Portugal para os Açores, Cabo Verde e Ilha da Madeira. Dessa maneira, a **atuação principal da divisão brasileira era a GUERRA ANTISSUBMARINO**.

Foram estabelecidas instruções especiais de segurança para o deslocamento dos oito navios, considerando a área em que eles iriam transitar, dividindo em "área de perigo possível", onde a atuação de submarinos

inimigos era esporádica e os procedimentos seriam menos rígidos, e "áreas de perigo provável", onde se esperava maior atuação de unidades inimigas com procedimentos mais rígidos e rigorosos.

**A travessia Fernando de Noronha a Freetown iniciou-se no princípio do mês de agosto**, e levou cerca de 9 dias. No dia 9 de agosto, a DNOG encontrou o Encouraçado *Britannia*, da Marinha britânica, próximo a Freetown. Esse navio acompanhou a divisão até os locais de fundeo nesse porto, onde **Frontin** se apresentou ao **Almirante Sheppard**, comandante da divisão de cruzadores que operava no Oeste africano.

Em Freetown, os navios permaneceram por 14 dias, reabastecendo-se de carvão e víveres e executando pequenos reparos. No **dia 23 de agosto**, os oito navios **suspenderam de Freetown em direção de Dacar**, no Senegal, ponto de apoio francês no ocidente africano.

Na véspera da chegada a Dacar, **na noite de 25 de agosto**, a DNOG sentiu pela primeira vez o perigo de um suposto ataque submarino. Por volta das 20h15, o Cruzador *Bahia*, o Contratorpedeiro *Rio Grande do Norte* e o Rebocador *Laurindo Pitta* perceberam um submarino na superfície. Imediatamente, abriram fogo contra esse inimigo. Foi observada uma esteira fosforescente como se fosse um torpedo lançado por esse submarino, que passou a cerca de 20 metros da popa do *Belmonte*. O Rio Grande do Norte realizou um contra-ataque contra esse suposto inimigo, que logo depois não foi mais avistado.

No **dia 26 de agosto**, a DNOG finalmente fundeu em Dacar, uma possessão francesa importante e ponto de chegada e saída de comboios na África Ocidental. **As patrulhas antissubmarino iriam começar**. No entanto, novas provações estavam a caminho para as tripulações brasileiras.

### A terrível gripe espanhola

Em setembro, começou um novo surto de gripe que atingiu todo o mundo. Já no início daquele ano de 1918 ocorreu uma epidemia de gripe que ceifara a vida de milhares de pessoas da Europa, Américas, Ásia, África e Oceania. Essa primeira onda fora relativamente branda se comparada ao que viria a partir de setembro.

Nesse mês, iniciou-se **uma segunda onda muito mais mortífera**, de grande virulência, que passou a ser chamada de **"gripe espanhola"** por terem sido difundidos pela imprensa os seus efeitos na Espanha, não submetida à censura em razão da guerra. Não se sabe exatamente onde se iniciou essa pandemia. Acredita-se que tenha sido nos Estados Unidos da América. Os sintomas eram febre alta, congestão pulmonar evoluindo para pneumonia grave, expectoração com grande quantidade de sangue, alucinações e morte. A transmissão era por via oral e altamente contagiosa. O Noroeste africano, onde se encontrava a divisão, foi particularmente vulnerável a essa epidemia mortal.

A partir do **dia 6 de setembro**, os **dóentes começaram a sobrecarregar os serviços de saúde dos navios que não previram a gripe com tal intensidade**. Nesse dia, o *Bahia* teve 70 infectados, passando para 200 no dia seguinte, um contágio surpreendente. Os demais navios seriam infectados nos dias posteriores de igual forma, com cerca de 90% das tripulações prostradas e prejudicando a condução do serviço de bordo. As mortes começaram a aumentar rapidamente, perturbando os militares brasileiros.

Por cerca de um mês, a pandemia grassou nos navios atracados e fundeados em Dacar. Subitamente, **a partir de outubro a gripe começou a arrefecer e, em novembro, os casos passaram a ser esporádicos**. Ao final, **morreram de gripe 156 tripulantes da DNOG**, com um **percentual de mortalidade de 10,2%**, a maior em qualquer divisão naval aliada que se tem notícia durante a Grande Guerra.

Finalmente, no **dia 3 de novembro**, a DNOG suspendeu de Dacar em direção a Gibraltar, base onde se encontrava o **Almirante Heathcoat Grant**, que assumiria o comando operacional da divisão. O *Rio Grande do Sul* permaneceu no Senegal para a **retubulação de seus condensadores**. O *Belmonte* recebeu a incumbência

de transportar trigo para a Europa, em razão da falta de cargueiros nos países aliados. O *Laurindo Pitta* regressou ao Brasil por não ser mais necessário os seus serviços.

Em **10 de novembro**, os navios chegaram a Gibraltar a tempo de assistir ao sepultamento das vítimas do *Britannia*, afundado por um submarino alemão dias antes, na entrada do Mediterrâneo. **No dia 11 de novembro, finalmente foi assinado o armistício que deu fim à Grande Guerra.**

### **A função diplomática e o regresso da DNOG**

Após o armistício, a divisão foi convidada, por alguns países aliados, para participar dos festejos pela vitória contra as forças alemãs. Assim, cinco navios da divisão, o *Bahia*, acompanhado pelos quatro contratorpedeiros, se dirigiram à cidade de **Portsmouth** no Reino Unido, onde tiveram a oportunidade de visitar diferentes organizações navais da Marinha britânica, e posteriormente, campos de batalha franceses em *Cherbourg*.

Por cerca de três meses, os navios da divisão receberam efusivas homenagens por onde passaram, em uma clara demonstração de apreço dos países aliados pelo apoio e desempenho da DNOG na parte final do conflito. **A DNOG cumpriu nesse período uma das mais nobres funções do Poder Naval em tempos de paz, que foi "mostrar a bandeira" do Brasil em uma tarefa de diplomacia naval.**

No dia **28 de abril de 1919**, a DNOG partiu de Gibraltar com destino ao Brasil. Foi recebida festivamente em Recife, em 23 de maio. Após 12 dias nesse porto, a divisão seguiu para o seu porto sede, o **Rio de Janeiro, chegando a 9 de junho de 1919**, tendo sido saudada e escoltada por diversas unidades navais que se encontravam próximas à entrada do porto. Depois de receber as homenagens de diversas autoridades, a **DNOG foi dissolvida**.

**A participação da Marinha do Brasil no grande conflito de 1914 e 1918 pode ser considerada modesta, no entanto, foi um fator importante e fundamental para o Brasil, pois possibilitou participar, junto com os vencedores da Conferência de Versalhes, quando se discutiu a nova ordem mundial.**

Apesar de contar com poucos meios de combate, a Marinha, composta de 1.500 tripulantes, se fez presente conduzindo **patrulhas antissubmarino** na costa noroeste africana em apoio às Marinhas do Reino Unido, França e Portugal. Tratou-se da **primeira experiência internacional da Marinha do Brasil no Período Republicano** e, apesar de todas as dificuldades encontradas, pode ser considerada relevante.

## **PARTE II - A MARINHA DO BRASIL NA SEGUNDA GUERRA MUNDIAL (CAP X)**

### **A participação da MB na II GM**

**A atuação da Marinha do Brasil na Segunda Guerra Mundial** ocorreu na campanha que entrou para a história como a **Batalha do Atlântico**. O objetivo dessa campanha era a **manutenção das linhas de comunicação marítimas entre o continente americano, a Europa e a costa ocidental da África**.

Os Aliados buscavam sustentar o contínuo abastecimento das tropas que lutavam no Norte da África e na Europa ocidental, enquanto as Marinhas e Forças Aéreas nazifascistas tentavam negar o uso do oceano às Marinhas de Guerra e, principalmente, aos navios mercantes aliados. Primeiro, com o emprego de seus navios de guerra e da aviação baseada em terra e, depois, por meio da crescente utilização dos submarinos.

### **A esquadra brasileira e suas limitações no período entre guerras**

Para entendermos as limitações da Esquadra brasileira, faz-se necessário abordar o contexto específico do Brasil nas décadas anteriores. No período que conhecemos como **República Velha (1889 a 1930), tanto a Marinha de Guerra quanto praticamente toda a atividade nacional, relacionada com o mar foi, de certa forma, abandonada**. A decadência atingiu a Marinha de Guerra, as companhias de navegação e os estaleiros

nacionais. Este **processo de estagnação teve um pequeno e importante intervalo** com a **aquisição de uma nova Esquadra**, constituída por **14 navios de guerra** construídos em estaleiros britânicos, durante os **Governos Afonso Pena e Hermes da Fonseca**.

Porém, a compra desses navios não foi acompanhada pela capacitação para repará-los e atualizá-los, justamente em um período de rápidos avanços tecnológicos nas principais Marinhas de Guerra do mundo. Esses navios entraram em um **processo de obsolescência** ao mesmo tempo em que declinava o aprestamento das tripulações, por **falta de recursos orçamentários**. A Esquadra brasileira **perdia sua capacidade operativa**. Foram nessas condições que a Marinha operou no período entre os dois conflitos mundiais.

O "renascimento do Poder Naval sob bases permanentes e voluntárias", clamado pelo Ministro da Marinha, Vice-Almirante Protógenes Pereira Guimarães, em 1932, foi de fato iniciado nos anos 30.

Embora o programa naval estabelecido em 1932, e modificado em 1936, tenha sido elaborado **sem obedecer a nenhum planejamento estratégico ou político**, sua implementação **possibilitou a construção de uma Força Naval modesta**, consubstanciada às possibilidades e limitações técnicas do País, em um período marcado por severas restrições econômicas, ainda, decorrentes do colapso financeiro da Bolsa de Valores de Nova Iorque, em 1929. Por outro lado, tal iniciativa possibilitou a **retomada dos adestramentos** minimamente satisfatórios e da **capacidade de realizar operações** limitadas no campo interno.

Com uma solução completamente oposta à imediata e fácil compra de uma Esquadra em estaleiros estrangeiros, conforme ocorreu no início do século XX (em 1910, durante a gestão do Alte Alexandrino), o Poder Naval brasileiro renasceria com uma base sólida e perene. Para garantir os **reparos e as modernizações de máquinas complexas** existentes nos navios de guerra foi imprescindível o **domínio da tecnologia empregada** na construção desses meios, **fomentando a incipiente indústria brasileira**, na tentativa de se reconstruir, no País, um **Poder Naval com alguma credibilidade**. Porém, o investimento na indústria naval nacional, além de ser uma solução que demanda continuidade, sempre é cara e demora a apresentar resultados.

Em 1936, no **principal estaleiro mantido pela Marinha, o Arsenal de Marinha do Rio de Janeiro**, iniciou-se a **construção** de um pequeno navio de guerra de projeto nacional, o **Monitor Parnaíba**. Seguiram-se outras construções, com um grau crescente de tamanho e de complexidade: outro monitor, navios mineiros e, finalmente, três contratorpedeiros, que só ficariam prontos com a guerra em andamento.

**Em 1940, a Força Naval brasileira era assim constituída:**

- **Uma Divisão de Encouraçados:** com o *Minas Gerais* e o *São Paulo*, os grandes encouraçados tipo *Dreadnought* recebidos entre 1908 e 1910. Embora tenham sofrido atualizações pontuais, já se mostravam ultrapassados pelo desenvolvimento tecnológico e, principalmente, pela introdução das aeronaves na guerra naval, entre as muitas inovações que aquela nova e diferente guerra impôs;
- **Uma Divisão de Cruzadores:** com o *Rio Grande do Sul* e o *Bahia*, recebidos no mesmo período dos encouraçados e que, embora ainda tivessem algum poder de combate contra outros navios, não contavam com armamento atualizado para ameaças aéreas e praticamente nenhum contra submarinos;
- **Uma Flotilha de Contratorpedeiros:** *Piauí*, *Rio Grande do Norte*, *Sergipe*, *Santa Catarina* e *Mato Grosso*, da Esquadra de 1910, e o *Maranhão* (ex--britânico HMS *Porpoise*, lançado em 1913 e incorporado à Marinha do Brasil em 1922), todos obsoletos. Seu combustível ainda era o carvão e o armamento praticamente não sofrera atualização, desde suas incorporações;
- **Uma Flotilha de Submarinos:** com quatro submersíveis adquiridos de estaleiros italianos e incorporados entre 1929 e 1937. Eram eles: *Humaitá*, *Tupi*, *Timbira* e *Tamoio*;

- **O Trem da Esquadra:** com os Tênderes *Belmonte* e *Ceará*; os Navios-Tanque *Novais de Abreu* e *Marajó*; e quatro Rebocadores (*Aníbal de Mendonça*, *Muniz Freire*, *Heitor Perdigão* e *DNOG*);
- **Uma Flotilha de Navios Mineiros Varredores:** com dez navios, sendo seis da Classe Carioca (recém-incorporados, projetados e construídos no Brasil, nos anos 1930);
- **Uma Flotilha da Diretoria de Hidrografia e Navegação:** composta por três navios hidrográficos e dois navios faroleiros;
- **Um navio isolado:** o Navio-Escola Saldanha da Gama; e
- **As Flotilhas Fluviais:** que operavam nas principais bacias fluviais brasileiras e que sempre representaram um papel importante na nossa concepção estratégica. A Flotilha do Amazonas: com o Aviso *Amapá* e Rebocador *Mário Alves*; e a Flotilha de Mato Grosso: com os Monitores *Parnaíba*, *Paraguaçu* e *Pernambuco*, os Avisos *Oiapoque* e *Voluntários*, e o Navio-Tanque *Potengi*.

**Em 1940, a Marinha do Brasil estava desatualizada** se comparada com as Marinhas europeias e com a ascendente Força Naval norte-americana. Era clara a **vulnerabilidade** do Poder Naval brasileiro para o enfrentamento da **guerra antissubmarino**. A doutrina antissubmarino era baseada, ainda, nas lições aprendidas com a participação da DNOG, na Grande Guerra, muito diferente do que se executava, desde 1939, nas águas do Atlântico Norte e do Mar Mediterrâneo.

Os estrategistas navais brasileiros esperavam **outro tipo de confrontação** (combate entre navios por grandes encouraçados) que se vislumbrava no cenário sul-americano, principalmente em uma hipótese de conflito contra a Argentina, em decorrência das disputas e das concorrências características daquele período.

### **Capacidades no imediato pré-guerra**

Como vimos, a Esquadra brasileira possuía limitações operacionais importantes. Quando da eclosão da Segunda Guerra Mundial, na Europa, em 1939, a Esquadra brasileira contava com praticamente os mesmos navios que dispunha na Grande Guerra.

Os grandes desafios impostos à Marinha do Brasil eram a **(1) defesa da extensa e desprotegida costa** e a **(2) proteção das linhas de comunicação marítimas**, vitais para a conservação das vias comerciais com o exterior e para manutenção da navegação de cabotagem. Ao analisarmos as capacidades da Esquadra brasileira, devemos considerar que **as ameaças** que se configuravam dentro do contexto da II GM e, particularmente, da **Batalha do Atlântico**, eram os **submarinos alemães e italianos** utilizados contra navios mercantes e que conseguiam escapar do bloqueio naval imposto pelos Aliados.

Nessa ótica, a Esquadra **não possuía equipamentos de detecção e armamento para localizar e destruir submarinos**, bem como **não conhecia os novos procedimentos de combate antissubmarino**, baseados no **emprego do sonar**, para a detecção dos submarinos enquanto submersos.

Cabe ressaltar que o sonar era uma inovação tecnológica, na época, e, por ocasião da entrada dos Estados Unidos no conflito, em dezembro de 1941, nem mesmo sua Marinha (USN) estava preparada para combater submarinos, sendo adestrados por militares da Marinha britânica, na Base Naval da US Navy em Key West.

A Força Naval brasileira teria condições de enfrentar alguns dos corsários alemães (navios mercantes armados) que atacavam com surpresa a navegação mercante aliada, mas teria dificuldade para se opor aos modernos **encouraçados de bolso e cruzadores de batalha alemães**.

## **Início das hostilidades e os ataques aos navios mercantes brasileiros**

A Marinha Mercante brasileira, que somava 650 mil toneladas brutas de arqueação no início da guerra, exercia papel fundamental na economia nacional, não só no transporte das exportações brasileiras, mas também na navegação de cabotagem, que executava o transporte entre os centros econômicos regionais, isolados pela deficiência das redes rodoviárias e ferroviárias. No decorrer da guerra, foram perdidos por ação dos submarinos alemães e italianos 31 navios mercantes, de um total de 33 ataques sofridos, que somaram a perda cerca de 140 mil toneladas de arqueação (21% do total) e a morte de 480 tripulantes e 502 passageiros.

Os primeiros ataques à Marinha Mercante ocorreram quando o Brasil ainda se mantinha neutro. Em **22 de março de 1941**, no Mar Mediterrâneo, o **Navio Mercante (NM) Taubaté**, que exibia clara sinalização de navio neutro, foi **metralhado pela Força Aérea alemã**, causando a morte do conferente de bordo *José Francisco Fraga* - o **primeiro brasileiro morto** em decorrência do conflito - deixando **13 tripulantes feridos**. Com a entrada dos Estados Unidos na guerra (DEZ1941), os submarinos alemães passaram a operar no Atlântico Ocidental, ameaçando todos os navios de bandeiras neutras que se dirigissem aos portos norte-americanos.

A primeira perda brasileira foi o **Navio Mercante Cabedelo**, que deixou o porto da Filadélfia, com carga de carvão, em 14 de fevereiro de 1942, e desapareceu sem dar sinais. Uma série de navios mercantes foram atacados na costa dos EUA ou no Mar das Antilhas no decorrer do ano de 1942. O NM *Barbacena* e NM *Piave*, torpedeados pelo Submarino alemão U-155 ao largo da Ilha de Trinidad, em **28 de julho de 1942**, foram as **últimas perdas** ocorridas enquanto o Brasil mantinha formalmente a neutralidade.

As atitudes cada vez mais claras de alinhamento do Brasil com os Aliados levaram o Alto Comando alemão a planejar uma operação contra os principais portos nacionais, sendo enviados submarinos ao litoral brasileiro com ordens para atacar a navegação de longo curso e de cabotagem. Entre 15 e 19 de agosto, um único submarino (U-507) atuando no litoral brasileiro afundou 6 navios dedicados às linhas de cabotagem, vitimando 607 pessoas. Essas perdas causaram forte comoção nacional, reverberada pelas manchetes dos jornais e por manifestações de rua nas maiores capitais, todas clamando pela guerra.

Se ao Governo Vargas, ainda interessava em manter uma posição dúbia em relação a sua participação efetiva na guerra, a violência dos ataques de agosto de 1942 levou à **declaração de Estado de Beligerância** com a Alemanha e a Itália em **22** daquele mês e, finalmente, ao **Estado de Guerra no último dia de agosto**.

A primeira ação foi a organização dos comboios nos portos nacionais, prática já comum no Atlântico Norte. O **comboio constituía a reunião de um grande número de NM, que navegavam escoltados por navios de guerra com capacidade de detectar e atacar submarinos**. Quando navegavam próximos ao litoral, também recebiam cobertura da aviação baseada em terra.

O emprego do **sistema de comboios** e a intensa **patrulha antissubmarino** empreendida pelas **Forças Aeronavais Aliadas** levaram a uma drástica diminuição nas perdas de navios mercantes brasileiros em 1943, com 8 torpedeamentos, comparados aos 24 ocorridos ao longo do ano anterior. A maioria dos navios mercantes brasileiros vitimados por submarinos alemães, em 1943, navegava isolada, fora dos comboios.

## **A lei de Empréstimos e Arrendamentos e as modernizações dos meios navais**

Para a compreensão da efetiva participação da MB na II GM, é importante destacar a instituição do **Lend-Lease Act, Lei de Empréstimos e Arrendamentos**, em **março de 1941**, que permitiu que os Estados Unidos fornecessem os materiais necessários ao esforço de guerra dos países Aliados, **sem a necessidade de pagamentos imediatos**. Era o fim do freio burocrático financeiro para a indústria bélica norte-americana, liberando todo o seu potencial de produção para mobiliar o esforço de guerra aliado.

No acordo firmado em **1º de outubro de 1941**, o Brasil obteve créditos de 200 milhões de dólares, dos quais couberam ao Exército cem milhões, e à Marinha e à Força Aérea, **50 milhões cada**. Essa divisão do crédito **deixou de fora** os **navios de guerra da US Navy repassados à Marinha do Brasil**, que seriam computados numa linha de crédito em separado.

Os primeiros navios recebidos pelo Brasil depois da declaração de guerra foram os caça-submarinos da Classe G (o *Guaporé* e o *Gurupi*), entregues em Natal, em 24 de setembro de 1942. Em seguida, foram incorporados à MB, em Miami, oito dos pequenos caça-submarinos da Classe J: *Javari*, *Jutaí*, *Juruá*, *Juruena*, *Jaguarão*, *Jaguaribe*, *Jacuí* e *Jundiaí*.

No ano de 1943, foram entregues mais seis unidades da Classe G: *Guaíba*, *Gurupá*, *Guajará*, *Goiana*, *Grajaú* e *Graúna*. Nos anos de 1944 e 1945, mais oito unidades foram entregues, dessa vez, os muito mais capazes contratorpedeiros de escolta produzidos em larga escala nos estaleiros norte-americanos: *Bertioga*, *Beberibe*, *Bracuí*, *Bauru*, *Baependi*, *Benevente*, *Babitonga* e *Bocaina*.

Após o término da guerra na Europa, a Marinha recebeu dos Estados Unidos, em 16 de julho de 1945, em Tampa, na Flórida, o Navio-Transporte de Tropas *Duque de Caxias*.

Em 15 de abril de 1948, Brasil e Estados Unidos firmaram acordo sobre o pagamento do *Lend-Lease*. **Contudo, o valor do aluguel dos navios incorporados à MB, e que deveria ser restituído ao final da guerra, não foi incluído na dívida brasileira**. Mais tarde, a cessão desses navios foi tornada permanente, porém com o compromisso de que **não fossem repassados a outros países**.

Quanto às **construções navais aqui no Brasil**, declarada a guerra, foi desenvolvido um trabalho intenso para adaptar os antigos navios existentes contra a nova ameaça que se apresentava: o submarino. Terminava-se a **construção dos três contratorpedeiros da Classe Marcílio Dias** (*Marcílio Dias*, *Mariz e Barros* e *Greenhalgh*) no Arsenal de Marinha do Rio de Janeiro, enquanto eram batidas as quilhas dos **seis novos contratorpedeiros** que constituiriam a **Classe Amazonas**, mas estes só ficariam prontos depois do conflito. Além disso, seis navios de pesca em alto-mar foram adaptados para a guerra antissubmarino, renomeados **corvetas** e incorporados à MB com os seguintes nomes: *Vidal de Negreiros*, *Matias de Albuquerque*, *Felipe Camarão*, *Henrique Dias*, *Fernandes Vieira* e *Barreto de Menezes*.

A maioria dos navios mais antigos recebeu **sonares**, **calhas na popa para o lançamento de bombas de profundidade** - que era a principal arma antissubmarino naquele momento, e outras armas secundárias, como os **lançadores de bombas-foguete**. Canhões e metralhadoras dos navios foram incrementados, não somente para se contrapor à improvável ameaça aérea ou de superfície, mas, principalmente, para fustigar submarinos navegando na superfície, quando realimentavam suas baterias.

**As aquisições permitidas pelo Lend-Lease** e os aperfeiçoamentos implantados na Força Naval **aumentaram em muito a capacidade de reagir de forma adequada aos novos desafios** que aquela guerra impunha à Marinha do Brasil. Além disso, **uma quantidade expressiva de militares** foi enviada para os **programas de instrução emergencial** criados na **US Navy**, para serem instruídos nas **táticas antissubmarino e no uso e manutenção dos novos navios, equipamentos e armas**.

### **A Força Naval do Nordeste**

**A missão da MB na II GM** foi patrulhar o Atlântico Sul e proteger os comboios de navios mercantes que trafegavam entre o Mar do Caribe e o litoral sul brasileiro contra a ação dos submarinos e navios corsários germânicos e italianos.

Ingressaríamos em uma guerra antissubmarino sem equipamentos para detecção e armamento apropriado, porém este obstáculo não impediu que navios e tripulações estivessem patrulhando nossas águas, mesmo antes do envolvimento oficial do Governo brasileiro no conflito, apesar de todos os perigos.

A criação da **Força Naval do Nordeste**, em 5 de outubro de 1942, foi parte de um rápido e intenso processo de reorganização das Forças Navais para adequar-se à situação de conflito. Sob o comando do Capitão de mar e Guerra Alfredo Carlos Soares Dutra, a recém-criada Força foi inicialmente composta pelos: Cruzadores *Bahia* e *Rio Grande do Sul*, Navios Mineiros *Carioca*, *Caravelas*, *Camaquã* e *Cabedelo* (posteriormente reclassificados como corvetas) e os Caça-Submarinos *Guaporé* e *Gurupi*. Posteriormente, esta Força seria acrescida do Tênder *Belmonte*, caça-submarinos, contratorpedeiros de escolta, contratorpedeiros Classe M e submarinos Classe T, constituindo a **Força-Tarefa 46** do **Comando do Atlântico Sul, subordinada ao Comando da 4ª Esquadra da US Navy**.

Além de patrulhar o Atlântico Sul e proteger os comboios de NM, uma das **missões** mais importantes durante a guerra foi **escortar os navios que transportaram para os campos europeus a Força Expedicionária Brasileira (FEB)**.

Como já mencionado antes, a atuação conjunta com os norte-americanos possibilitou a **aquisição de novos meios navais e armamentos adequados à guerra antissubmarino**, bem como proporcionou o necessário treinamento para o **nossa pessoal**, com a **integração operacional entre as duas Marinhas (MB e EUA)** onde foram aperfeiçoados procedimentos comuns e táticas eficazes na guerra antissubmarino.

### **Perdas da MB**

Apesar dos ganhos operacional e material provenientes da participação na II GM, deve-se reconhecer que aqueles anos de combate custaram muitas vidas. Foram perdidos **31 NM** em 33 ataques sofridos pela Marinha Mercante, e morreram **982 pessoas**. Além disso, **3 navios de guerra** brasileiros, **Navio-Auxiliar Vital de Oliveira, Corveta Camaquã e Cruzador Bahia**, foram a pique em consequência de um ataque submarino e das fatigantes operações no mar, quando morreram **3 civis, 4 marinheiros americanos e 464 homens da MB**.

O **pior desastre** enfrentado pela Marinha durante a II GM foi o **afundamento do Cruzador Bahia**, no dia **4 de julho de 1945**. O acidente, ocorrido já depois do término da guerra na Europa, quando o navio guarnecia um ponto de apoio SAR (Search and Rescue) para a ponte aérea que repatriava tropas e equipamentos norte-americanos, foi causado por um **disparo acidental durante um treinamento** com metralhadoras em alvos flutuantes que **acertou uma das bombas de profundidade**, instaladas na popa. O **acidente decorrente de uma falha humana causada, em grande monta, pela exaustiva permanência das tripulações no mar e pela necessidade de constante adestramento**, consumiu a vida de 332 marinheiros brasileiros.

Três infortúnios e 464 mortos, sem contar os 22 falecidos em ataques e acidentes em outros navios de guerra e em navios mercantes, elevando o total a 486 militares da Marinha do Brasil mortos. Na Segunda Guerra Mundial, na necessária defesa da Nação brasileira, da liberdade e da democracia, o País **perdeu mais homens** de suas Forças Armadas atuando **na Batalha do Atlântico que no Teatro de Operações Europeu**.

### **Considerações finais**

A **Força Naval do Nordeste concluiu a sua missão em 7 de novembro de 1945**, quando regressou ao Rio de Janeiro em seu último cruzeiro. A sua árdua e intensa vida operativa contribuiu para a livre circulação nas linhas de navegação do Atlântico Sul e, certamente, contribuiu em muito para o esforço de guerra aliado.

Foram comboiados 3.164 navios, entre os quais 1.577 brasileiros e 1.041 norte-americanos, totalizando 575 comboios. Considerando esse número de navios e as perdas em comboios, chega-se à conclusão de que cerca

de 99% dos navios protegidos **atingiram** os seus destinos. Mesmo assim, principalmente pelos afundamentos anteriores à declaração de guerra, 21% da Marinha Mercante brasileira foi perdida por torpedeamentos.

**2023** Assim, as seguintes **CONCLUSÕES** podem ser tiradas da participação da Marinha do Brasil no último conflito mundial:

1. a Marinha adquiriu maior **capacidade para controlar áreas marítimas e maior poder dissuasório**.
2. a **intensificação da profissionalização do pessoal da Marinha**, a partir da **mudança de mentalidade na Marinha**, com a assimilação de novas técnicas de combate e a incorporação de meios modernos para as Forças Navais.
3. a **oportunidade de participar de ações de guerra e adquirir a experiência do combate**.
4. a **percepção de que a logística ocupa um lugar fundamental na manutenção de uma Força combatente**. Esse tipo de percepção refletiu-se na **construção de bases, estações navais e outros pontos de apoio logístico no litoral brasileiro**.
5. a **aproximação com a Marinha dos Estados Unidos**. Essa associação alinhou o Brasil diretamente com as doutrinas navais norte-americanas, com ênfase na guerra antissubmarino.
6. a **percepção da necessidade de proceder a uma reorganização administrativa da Marinha do Brasil**, a qual foi implementada nas décadas posteriores à guerra, a partir das experiências obtidas pela atuação daqueles homens no conflito, além das práticas observadas em outras Marinhas e das novas doutrinas incorporadas.
7. a **guerra no mar mostrou que**, no caso do Brasil, em um conflito generalizado, **as linhas de comunicação serão os alvos prioritários**. Assim aconteceu em 1917 e em 1942. O Brasil é dependente do comércio marítimo, e não pode estar despreparado mais uma vez. **Essa constatação é estratégica e histórica**.

### **PARTE III - A MARINHA EM APOIO À POLÍTICA EXTERNA BRASILEIRA (CAP XI)**

#### **A Marinha em Apoio à Política Externa Brasileira**

As tarefas de Militares e Diplomatas estão intrinsecamente ligadas. No entanto, esta relação nem sempre é percebida, por se conferir ênfase ao discurso "política externa sem segurança ou defesa", onde os formuladores imaginam escudar-se na fórmula "*soft power*" (poder suave ou brando), ainda que a história e o acompanhamento do noticiário no dia a dia indiquem que, infelizmente, os conflitos façam parte da realidade humana e assim continuarão por muito tempo.

O **Barão do Rio Branco** assinalava que o diplomata e o militar "*são sócios que se prestam mútuo auxílio. Um expõe o direito e argumenta com ele em prol da comunidade, o outro bate-se para vingar o direito agredido, respondendo a violência com violência*". Este argumento, entretanto, não atende plenamente à relação entre os dois segmentos, pois **pressupõe o fracasso de um para que o outro possa atuar**.

O próprio Barão nos oferece exemplos para tal, pois, na leitura de seus feitos, constata-se que não se limitava a atuar fundamentado no Direito e no poder coercitivo, visto que se escudava em seu **profundo conhecimento e capacidade de persuasão, além de recorrer ao poder econômico**. Exercia aquilo que se convencionou chamar "*smart power*".

A Marinha, em particular, por suas características, historicamente tem atuação relevante no apoio à política externa brasileira.

## **Os instrumentos da Política Externa**

**2023** Neste ponto, torna-se oportuno categorizar os instrumentos de que dispõe uma nação, de modo a facilitar a percepção das possibilidades e amplitude de atuação do setor defesa em proveito da política externa, cabendo destacar que, eventualmente, as atividades descritas poderão atender a mais de uma categoria:

### **a) Instrumentos Não Militares:**

- A **Diplomacia** - a Diplomacia Tradicional, a Diplomacia Paralela, a Diplomacia Pública e a atuação em Organizações Internacionais; e
- **Instrumentos Econômicos**

### **b) Instrumentos Políticos-Militares:**

- **Base Tecnológica e Produtiva;**
- **Controle de Armas;**
- **Atuação do Sistema de Defesa em Período de Paz;**
- **Assistência Militar;**
- **Educação Militar;** e

**2023** ➤ **Diplomacia Militar** - Ações de Presença (Mostrar a Bandeira), Exercícios com Forças Armadas Estrangeiras, Operações de Paz e Operações de Apoio Humanitário.

### **c) Instrumentos Militares:**

- Exceto no caso dos denominados **Instrumentos Militares Emergentes**, os **Instrumentos Militares** são aqueles que **implicam uso ou ameaça de uso de força**, tanto compelindo quanto em violência declarada.

## **A Diplomacia**

A atividade diplomática tornou-se cada vez mais complexa, dinâmica e multidisciplinar, envolvendo uma diversidade de órgãos e agentes que podem e devem ser combinados para permitir alcançar os efeitos desejados. Por óbvio, o **coração do sistema é o Ministério das Relações Exteriores (MRE)**.

Neste ambiente, as Forças Armadas:

- **atuam desde a dissuasão à assistência a países em dificuldade** (tarefas humanitárias e operações de paz);
- contribuem tanto para a **execução de ações de coerção** quanto para o **desenvolvimento de medidas de confiança mútua**;
- conduzem **atividades de assessoria e de apoio tecnológico, logístico e de segurança** aos empreendimentos e missões; e
- **representam o Brasil em órgãos internacionais**, como: na Junta Interamericana de Defesa (JID), na Organização Marítima Internacional (IMO), na Missão de Assessoria Naval na Namíbia, na Missão Naval em Cabo Verde, como Conselheiro Militar junto à Organização das Nações Unidas, em Nova Iorque e em Genebra; entre outros.

Destacam-se, ainda, as **relevantes ações da Marinha e do Exército na delimitação de nossas fronteiras terrestres**, no passado. No presente, ressalta-se a **atuação persistente da Marinha no estabelecimento dos limites da Plataforma Continental**, propiciando que, em pleno século XXI, no mar, tracemos a nossa última

fronteira - os limites da rica Amazônia Azul - e na condução do Programa Antártico Brasileiro, gerenciado pela Secretaria da Comissão Interministerial para Recursos do Mar (SECIRM).

A Marinha contribui, ainda, para a **boa imagem do País**, ao exercer com proficiência as **tarefas atribuídas ao Brasil por acordos internacionais**, como é o caso da responsabilidade pela **busca e salvamento (SAR)** em extensa área marítima, equivalente a **1,5 vezes o território nacional**.

### A Amazônia Azul: O mar que nos pertence

A Convenção das Nações Unidas sobre o Direito do Mar (CNUDM) originou-se da Terceira Conferência das Nações Unidas sobre o Direito do Mar, realizada em Montego Bay, na Jamaica, em 1982. Nela foram definidos os espaços marítimos: o Mar Territorial, que não deve ultrapassar o limite de 12 milhas náuticas (MN); a Zona Contígua, adjacente ao mar territorial, cujo limite máximo é de 24MN; a Zona Econômica Exclusiva (ZEE), medida a partir das linhas de base do mar territorial e que não deve exceder a distância de 200MN, e a Plataforma Continental, que compreende o solo e o subsolo das áreas submarinas, além do mar territorial, podendo estender-se além das 200 milhas até o bordo exterior da margem continental. A distância máxima está limitada a 350 milhas, a contar da linha de base a partir da qual se mede a largura do mar territorial.

Uma parte importante da Convenção é o artigo 4, onde encontramos que, quando um Estado costeiro tiver a intenção de estabelecer o limite exterior de sua Plataforma Continental (PC) além das 200 milhas marítimas, apresentará à **Comissão de Limites da Plataforma Continental (CLPC)** da **ONU** as características de tal limite, juntamente com informações científicas e técnicas de apoio. Estabeleceu-se o prazo de até dez anos, após a entrada em vigor da Convenção, para que fosse apresentada a reivindicação à CLPC, posteriormente prorrogado.

Ao longo de dez anos, desde 1987, a Marinha e a Petrobras, com o auxílio da comunidade científica, desenvolveram um trabalho de levantamento intenso e acurado, denominado **Levantamento da Plataforma Continental (LEPLAC)**, de modo a delimitar o relevo submarino, para que o Brasil pudesse reivindicar essa área excedente à linha de 200 milhas.

O somatório das áreas inseridas no contorno das duzentas milhas em relação ao continente e ilhas oceânicas, acrescido da área adicional reivindicada entre 200 e 350 milhas, perfaz cerca de 4.500.000 km<sup>2</sup>, da mesma ordem potencialidades econômicas relevantes por de grandeza da área da Amazônia Verde. É como se tivéssemos uma outra Amazônia! E esta Amazônia é Azul.

Trata-se de uma região imensamente rica e de grande influência na economia do País, em função do fluxo de comércio marítimo, tanto exterior quanto doméstico, da extração de hidrocarbonetos, da pesca e do turismo. Além disso, apresenta potencialidades econômicas relevantes por explorar, como as relacionadas à geração de energia, a exploração de recursos minerais de vários tipos e a produção de fármacos derivados da biodiversidade marinha.

### Diplomacia Paralela e Diplomacia Pública

A expressão **Diplomacia Paralela** está associada ao relacionamento externo, em caráter oficial ou informal, exercido por organizações públicas e privadas e indivíduos não vinculados diretamente ao MRE. Em todo o mundo, a atuação do Ministério ou Departamento de Defesa, normalmente, é expressiva neste segmento.

No Brasil, o vulto da atuação do Ministério da Defesa (MD) no relacionamento com o exterior é atestado pelo grande número de interações registradas na rubrica "**Medidas de Fortalecimento de Confiança Mútua e Segurança de Caráter Militar**". A **Marinha**, por sua natural propensão ao relacionamento externo, tem

atuação expressiva neste segmento, que compreende **reuniões de alto nível, visitas de autoridades e delegações, operações com Forças Armadas estrangeiras, intercâmbios, estágios, cursos**, etc.

### **Base tecnológica e produtiva**

A capacidade de influenciar a agenda internacional depende em larga escala da **riqueza da nação**. Os países desenvolvidos, em maior ou menor grau, atuam no segmento, controlando o acesso ao mercado e à **tecnologia**. A Marinha, ao desenvolver projetos de alta tecnologia, particularmente no que se refere à construção naval, com destaque para a **construção de submarinos convencionais e de propulsão nuclear**, contribui sobremaneira para o desenvolvimento da base tecnológica e produtiva nacional, ampliando a capacitação da indústria, em decorrência do arraste que proporciona.

### **Controle de armas**

Envolve cooperação, controle de armas convencionais, construção de medidas de confiança mútua e de segurança, embargos à proliferação de certos tipos de armamento e controles de exportação, inclusive com imposição de restrições de uso, **em relação às quais um país do porte do Brasil deve precatar-se**.

Na crise com a França, denominada **Guerra da Lagosta** (1963), o Governo dos Estados Unidos tentou demover o emprego de navios de guerra brasileiros de origem norte-americana, baseados em uma cláusula do contrato de cessão, que impedia o seu uso contra aliados dos EUA.

A existência de uma indústria nacional de equipamentos militares contribui para uma **maior autonomia** do país, tanto em aspectos de ordem **logística quanto política**.

### **Assistência militar e educação militar**

Eventuais parcerias com as Marinhas de outros países também contribuem para o melhor relacionamento e desenvolvimentos de confiança mútua. Um bom exemplo foi a realização de manutenção de meia-vida do Submarino argentino *Santa Cruz*, no Arsenal de Marinha do Rio de Janeiro, sinalizando o reconhecimento internacional da capacitação técnica da MB em manter e reparar submarinos, tendo como contrapartida a manutenção das turbinas a gás das fragatas brasileiras no Arsenal Aeronaval argentino.

Quanto à educação militar, há mais de um século é oferecida a oportunidade de militares de dezenas de países, bem como de civis vinculados à área da Defesa, obterem ou aprimorarem a sua formação profissional no Brasil. Essas pessoas possuem propensão a atingirem elevados postos de natureza militar ou civil em seus países, propiciando relacionamentos importantes para a condução de nossa política externa.

### **Diplomacia militar**

A expressão Diplomacia Militar é usada para englobar as ações em que **se mobilizem meios militares**, que **impliquem ou não emprego de força ou ameaça do uso de força**. Esses meios militares podem ser utilizados em diversas tarefas de apoio ou de representação (mostrar a bandeira, exemplo mais tradicional de emprego das Forças Navais, em situação de normalidade); ou posicionando-os de modo a negociar a partir de uma situação de força, por ocasião de uma crise (o que pode ser atendido pela realização de exercícios em áreas de interesse).

Assim, a **Diplomacia Militar** pode estar enquadrada como **Instrumento Político-Militar** e como **Instrumento Militar**.

Tanto como Instrumento Político-Militar como Instrumento Militar, historicamente, a **Diplomacia Naval**, em síntese, **consiste no emprego de navios de guerra em apoio à Diplomacia, persuadindo, coibindo, apoiando ou compelindo outros atores**. É a que tem maior tradição, haja vista que, em tempo de paz, os

navios de guerra, a despeito de todo armamento que dispõem, podem visitar portos estrangeiros sem provocar comoção. Há uma ampla gama de registros históricos a respeito do emprego da Diplomacia Naval, por vezes envolvendo situações marcantes.

a) Mostrando a Bandeira:

A atividade denominada "mostrar a bandeira" **consiste na visita a portos estrangeiros, com o propósito de ativar ou estimular o relacionamento entre as nações**, angariar prestígio, promover intercâmbio e mostrar o nível de desenvolvimento do Poder Militar nacional, além dos aspectos sociais da nação como as características do povo, os costumes, as tradições e os hábitos externados pelas tripulações.

Eventos dessa natureza são comuns na história de nossa Marinha. Alguns merecem destaque, por sua singularidade, como, por exemplo, a visita do Rei dos Belgas, Alberto I, ao Brasil, em 1920, transportado pelo Encouraçado *São Paulo*. Já no ano seguinte, os resultados da visita começariam a aparecer, com a criação da **Companhia Siderúrgica Belgo-Mineira**.

Neste contexto, são inúmeras as possibilidades de intercâmbio e de aproximação entre países e de fomento à confiança mútua, a partir da **interação entre suas Marinas**, como nos exemplos a seguir, que representam marcos históricos importantes, como:

➤ **Operação Unitas**, que é realizada anualmente por iniciativa da Marinha norte-americana, praticamente sem interrupções desde 1959, constituindo oportunidade continuada de aproximação das Marinhas do continente.

➤ **Operação Fraterno**, realizada pela Marinha do Brasil e pela Armada da República Argentina (ARA), ora em águas brasileiras, ora em águas austrais, anualmente (com raras interrupções) desde 1978, antecedendo, deste modo, a Declaração de Iguacu (1985), que levaria a criação do Mercosul.

➤ **Visita da Fragata Niterói a Walvis Bay, em 1994**, por ocasião da passagem daquela localidade ao controle da **Namíbia**, assinalando o coroamento do processo de independência do país (iniciado em 1990). O Brasil ainda apoiou a formação e organização da Marinha da Namíbia e mantém assessores permanentes naquele país.

➤ Estreitamento de laços com outros países, como os nossos parceiros da **Comunidade dos Países de Língua Portuguesa (CPLP)**.

➤ **Operação ATLASUR**, com as Marinhas da África do Sul, Argentina, Brasil e Uruguai, iniciada em 1993. É realizada em águas sul-americanas e sul-africanas, a cada dois anos, cabendo a cada um dos países participantes, em rodízio, atuar como anfitrião, organizando a operação em suas águas. Em 2018, foi realizada a sua 11ª edição. Desde 1995 (ATLASUR II), passou a contar com a participação do Brasil. A operação configurou um marco na aproximação entre a África do Sul e o Brasil, após o fim do *apartheid*.

➤ **IBSAMAR**, no contexto da materialização dos BRICS, a partir de 2008, passaram a ser realizados exercícios envolvendo as Marinhas da África do Sul, do Brasil, e da Índia, a cada dois anos, em águas indianas (2016) ou sul-africanas (as demais).

➤ **Viagens de Instrução de Guardas-Marinha (VIGM)**, propiciando, a cada ano, a oportunidade de interação com outros povos, por ocasião das visitas a diversos países; bem como o desenvolvimento de relacionamento com outras Marinhas, particularmente em função do convívio dos nossos guardas-marinha com os congêneres convidados estrangeiros.

➤ **Navio-Veleiro *Cisne Branco***, e suas tradicionais viagens anuais, contribui para a formação marinheira do pessoal da Marinha e é empregado na difusão da mentalidade marítima junto à sociedade brasileira e em atividades de representação nacionais e internacionais.

➤ **Exercícios com marinhas amigas**, revestem-se de peculiaridades relacionadas à conjuntura regional, como é o caso dos frequentemente realizados **na costa ocidental africana com as Marinhas lindéiras**, voltados ao controle e proteção do **tráfego marítimo**, com vistas à capacitação SAR e ao combate a atividades ilícitas, como a pirataria.

b) **Intimidando em situação de crise ou como demonstração de interesse:**

A presença de uma Força Naval em determinada área marítima exerce **dissuasão** em uma situação de crise ou demonstra sólido interesse em determinada região. Mantida como **força potencial**, não realiza, em princípio, ações diretas. Por vezes, a simples notícia da existência pode influenciar o processo decisório. A História do Brasil oferece bons exemplos:

1. **Amazônia brasileira** foi mantida graças ao controle do acesso ao Rio Amazonas, por meio de fortificações nas margens e de uma Força Naval na região da foz e área marítima adjacente.
2. Na **Guerra da Independência**, o Almirante Cochrane chegou a São Luís, Maranhão (capitania então fiel à Coroa portuguesa), com um único navio. Mesmo sem ver a Força Naval, que ainda estaria além do horizonte, as autoridades locais capitularam sem resistência.
3. Na crise com a França, denominada **Guerra da Lagosta (1963)**, o envio do **Contratorpedeiro Tartu** para proteger os barcos de pesca franceses foi imediatamente respondido pelo Brasil, que despachou navios de guerra para as proximidades da belonave francesa, apesar das preocupações pela existência de uma FT francesa realizando exercícios na costa africana, próximo ao local.

c) **Operações de Paz:**

A **participação em operações de paz**, além de **atender aos interesses nacionais**, propicia o **estreitamento do relacionamento com outros países**, a acumulação de conhecimentos, a identificação de oportunidades para negócios e a demonstração de capacitação militar e tecnológica; bem como contribui para a **obtenção de prestígio internacional**. Salvo situações específicas, a participação em uma operação de paz é um ato voluntário, cujos resultados impactam a imagem da nação.

Ao longo da história, a MB enviou militares para participarem dos contingentes brasileiros ou como observadores nas operações de paz, bem como provedor apoio logístico a tais operações, usualmente em locais distantes, como:

- **São Domingos** (1965), Força Interamericana de Paz, sob a égide da OEA;
- **Moçambique e Angola**, nos anos 90, conduzidas por iniciativa da ONU; e
- 2023 ➤ **Haiti**, de 2004 a 2017, também da ONU. Nesta missão de Paz, a **Marinha manteve um Grupamento Operativo de Fuzileiros Navais, em regime de rodízio, ao longo dos 13 anos da missão**, além de regularmente enviar navios-transporte para o recompletamento de material e substituição de equipamentos. Durante a operação, o bom relacionamento com a população civil foi efetivo.
- **Força-Tarefa Marítima da Missão das Nações Unidas no Líbano (FTM-UNIFIL)**, iniciada em 2011. A FTM conta com navios de seis diferentes países: Alemanha, Bangladesh, Grécia, Indonésia e Turquia, além do Brasil. A Força brasileira, em **rodízio**, é composta por uma **fragata ou corveta**, dotada de um **helicóptero Super Lynx (AH-11A) / Wild Lynx (AH-11B)**, que conta com um destacamento de mergulhadores de combate (**DstMeC**), empregado na reação a **ameaças assimétricas** e em **abordagens**. Além disso, um destacamento de **fuzileiros** navais compõe o Grupo de Proteção ao Comandante da FTM e seu estado-maior, sendo empregado, também, em eventuais escoltas ou deslocamentos terrestres (atualmente a MB participa apenas do EM). A **missão da FTM-UNIFIL abrange duas tarefas principais: Apoiar a Marinha do Líbano no patrulhamento e no monitoramento do seu mar**.

**territorial, por meio de operações de interdição marítima, prevenindo a entrada não autorizada de armas e materiais relacionados, por via marítima, no seu território; e treinar o pessoal da Marinha do Líbano para que, no futuro, seja capaz de assumir o controle de suas águas territoriais.**

d) Operações de Apoio Humanitário:

**Apoiar outros países em momentos de dificuldade** constitui uma boa ocasião para promover a aproximação entre povos e a construção de relações capazes de gerar oportunidades em proveito mútuo, bem como de se **obter prestígio internacional**. Mesmo operações em menor escala podem ter grandes resultados e repercussão.

Para execução desse apoio, os recursos e a capacitação disponíveis nas Forças Armadas são extremamente úteis, circunstância que as tornam atores tradicionais nas tarefas de apoio humanitário. Alguns exemplos são:

- socorro prestado pelo Brasil à **Nicarágua**, após o **terremoto** de 22 de dezembro de **1972**;
- o proporcionado ao **Haiti**, após o **terremoto** de 14 de janeiro de **2010**;
- apoio ao **Chile**, após o **terremoto** de 27 de fevereiro de **2010**, onde o auxílio de maior visibilidade foi a instalação de um hospital de campanha da Marinha do Brasil, na região metropolitana de Santiago;
- Ações humanitárias relacionadas à assistência a **refugiados** também se inserem neste contexto.

**Instrumentos militares**

Enquadram-se nesta categoria os empreendimentos que **impliquem uso ou ameaça de uso de força, em vários níveis, até alcançar o extremo, que é a GUERRA**. Há um significativo arcabouço legal a orientar e regular, no Brasil, o emprego dos instrumentos militares na política externa, começando pela **Constituição da República**.

Cabe ressaltar que a América Latina e países adjacentes que ocupam uma zona periférica não tem abrigado pontos de conflitos significativos ao longo da história, comparativamente com o vulto dos verificados no hemisfério Norte. Na atualidade, temos a prevalência de relações pacíficas entre Estados. A combinação com outros fatores e não levando em conta a extrema diversidade de expressão dos diversos países da região, criaram, em alguns segmentos, a falsa impressão de que estes países, entre eles o Brasil, pudessem prescindir de Forças Armadas.

No entanto, uma análise mais detalhada do tema identifica múltiplos fatores que recomendam, para o Brasil, a existência de Forças Armadas adequadamente aprestadas e dimensionadas para o que se tem a proteger e o que se deseja empreender.

a) Intimidando em situação de crise ou negociação:

Consiste na **presença de uma Força Militar em determinada área, com o propósito de exercer a dissuasão por ocasião de uma crise**. Não realiza, em princípio, ações diretas. (Exemplo da **Guerra da Lagosta** em 1963, ocasião em que a França enviou um navio de guerra para o litoral do Nordeste).

b) Intervenção militar limitada:

As **operações de apoio (não combatente) a aliados** em conflito e **operações de evacuação e resgate de cidadãos em zona de risco**, entre outras, enquadram-se neste tópico. Destaca-se que tais operações podem ser relativamente simples, limitando-se à logística de transporte; mas também de grande envergadura, envolvendo a necessidade de proteção armada e coordenação com outros países. A literatura aponta a expectativa de que operações de evacuação e resgate tornem-se cada vez mais frequentes neste início de século.

c) **Emprego do Poder Militar em Conflito Externo:**

Chegamos ao **extremo do emprego do Poder Militar que é a guerra**. O Brasil foi o único país latino-americano a participar, com algum relevo, dos **dois conflitos mundiais**. Essas participações tiveram como motivação primária os ataques ao tráfego mercante, mas outros considerados estratégicos, como a posição geográfica e a disponibilidade de matérias-primas e de uma frota mercante expressiva (e necessária para o esforço de guerra dos Aliados) influenciaram o processo. **Apesar da participação limitada em ambos os conflitos, as nossas perdas no mar foram sensíveis.**

Uma análise detalhada indicaria que, nessas duas oportunidades em que o Governo brasileiro decidiu雇用在 large escala as Forças Armadas, observou-se:

- **Prontidão operacional** das Forças Armadas **inadequada** para o tipo de missão.
- **Demora no processo decisório**, em decorrência tanto de sua complexidade quanto dos múltiplos atores e fatores envolvidos.
- **Não atendimento tempestivo das necessidades apresentadas pelas Forças Armadas**, seja por insuficiente percepção ou debilidade conjuntural, decorrente de limitações do próprio país. **Forças Armadas, não se improvisam!**
- **Conhecimentos profissionais militares defasados** em relação ao estado da arte.
- A **despeito das dificuldades**, as **Forças Armadas sempre cumpriram as missões** que lhes foram atribuídas.

Essas são **constatações importantes**, que chamam a atenção para a **necessidade de atualização e de preparo da Marinha para o enfrentamento de uma conjuntura adversa extrema**, que pode materializar-se **a qualquer tempo**.

**Conclusão**

A frase de Kofi Annan, Secretário-Geral da ONU entre 1997 e 2006, “*Você pode fazer muito com a diplomacia, mas, é claro, você pode fazer muito mais com diplomacia respaldada na determinação e na força*”, representa uma evolução no conceito de diplomacia, que se tornou muito complexa, seja pelo número de atores envolvidos, seja pela velocidade de nosso tempo.

O Brasil vem atuando em vários ambientes com o propósito de aumentar a sua inserção no cenário internacional. Mesmo considerando as nossas tradições pacíficas, tal postura aumentará a possibilidade de que ocorram eventos em que seja necessário empregar as Forças Armadas em proveito da política externa, uma vez que, para um país do porte do Brasil, **é simplesmente inviável um processo desmilitarizado de inserção internacional**.

Assim, no que se refere à **componente militar do Poder Nacional**, é **imprescindível dispor de Forças Armadas modernas, adestradas e com prontidão operacional compatível com o que se tem a proteger**; bem como capacitadas a se conformarem adequadamente aos desígnios de nossa política externa. Caso contrário, o insucesso em seu emprego, no mínimo, configurará situações danosas para a imagem do País.

**Forças Armadas equipadas, adestradas e com credibilidade compõem a boa imagem do país, atributo essencial para o exercício do denominado Poder Suave (Soft Power).**

**A Guerra da Lagosta e a diplomacia naval**

Citada como exemplo em várias passagens deste capítulo, torna-se oportuno ampliar alguns tópicos relacionados à **Guerra da Lagosta (1963)**, **ocasião em que o Brasil impediu que barcos franceses**

**continuassem capturando lagostas em nossa plataforma continental.** Destaca-se que foi um **confronto relacionado** a um **tema ambiental**, possivelmente, o primeiro com essa característica em que o Brasil se envolveu.

O nosso País dispôs-se ao enfrentamento bélico, **não só para preservar um recurso econômico**, mas também, à luz dos argumentos empregados, para **proteger da destruição a lagosta e a biota de seu habitat**, que pescadores franceses já teriam dizimado em outras áreas, **devido às técnicas de captura que empregavam**.

A crise foi um problema potencialmente grave. O seu desencadeamento pode ser atribuído ao próprio Presidente da República, que a precipitou, ao autorizar a atividade de barcos franceses "**em caráter excepcional**", em desacordo com as tratativas ainda em andamento no âmbito ministerial; e, em poucos dias, voltar atrás, provocando indignação do governante francês.

Se, por um lado, o Presidente *João Goulart* aparentava considerar o assunto **sem importância**, por outro lado, o Presidente *Charles de Gaulle* teve comportamento oposto, sensibilizado com as críticas a ele e à França. De fato, a postura brasileira irreverente, às vésperas do Carnaval, contaminara o tema: publicaram-se caricaturas na imprensa, as máscaras retratando uma lagosta estilizada popularizaram-se, e até um samba chamado "A Lagosta é Nossa" foi inspirado na crise.

A decisão francesa de enviar um dos navios de guerra que participavam de exercício nas costas do Senegal para o Nordeste brasileiro, com o propósito de proteger 16 os barcos franceses, sinalizou a disposição de compelir pela força o Governo brasileiro a se retrair, representando uma **escalada na crise**. Salienta-se que a FT francesa em adestramento na costa africana era nucleada no Porta-Aviões *Clemenceau* e possuía um poder combatente expressivo, o que causou grande preocupação às autoridades navais brasileiras.

Por outro lado, a reação agressiva - e inesperada - do Governo brasileiro de enviar navios de guerra e unidades da Força Aérea Brasileira para a cena de ação, sinalizou a disposição para o enfrentamento. Por fim, prevaleceu o bom senso e os países passaram à mesa de negociações.

O presidente francês levara a sério o incidente. Isto fica evidente por suas atitudes à época e por sua visita ao Brasil, em 1964, durante uma **longa viagem** realizada no contexto da condução de uma política que mirava o engrandecimento da França e que passou a ser conhecida como "**política de grandeza**" (*politique de grandeur*). Evento que, assim como a Guerra da Lagosta, insere em seu contexto o **emprego da Diplomacia Naval**.

A Chegada de *Charles de Gaulle* a bordo do Cruzador *Colbert* - uma demonstração de força, em função do meio empregado - evidentemente está vinculada à crise do ano anterior e aparenta ter sido temperada pela irritação do presidente francês em face de outros contenciosos e das matérias desagradáveis veiculadas pela mídia antes da viagem. O Cruzador *Colbert* era **um dos navios mais modernos e poderosos da Marinha Nacional Francesa**. A sua presença era uma amostra do desenvolvimento e da capacidade de projeção do **Poder Militar francês**, bem como, simbolicamente, do **Poder Nacional**, aspecto que remete a visita ao âmbito da **Diplomacia Naval**.

O presidente do Brasil, à época, era o Marechal Castelo Branco. Um homem culto e preparado, que nunca se entregava de improviso aos assuntos governamentais. **Castelo Branco** se preparou para a visita do General *De Gaulle*. Os eventos por ocasião da chegada e as conversas travadas no voo e em Brasília aparentam ter mudado a percepção do dignitário francês quanto ao Brasil e seu presidente.

O objetivo francês nas visitas era o de criar, ampliar ou reforçar a cooperação econômica, científica e política com os países em vias de desenvolvimento e o de assumir um papel crescente no mundo. A América Latina ocupava, a este respeito, um lugar essencial para os franceses.

É interessante observar como esta visita, um marco da Diplomacia de ambos os países, em sequência a uma crise relevante relacionada a um recurso do mar, pode contar com **um meio naval**, seja como símbolo de poder intimidante, como cenário ou como apoio à Diplomacia Presidencial.

## PARTE IV – CAP XII - DO CARVÃO AO PETRÓLEO E À ENERGIA NUCLEAR: A MARINHA SE TRANSFORMA

### A corrida pela conquista do mar

O século XX irrompeu navegando a 32 nós (59,2km/h). Essa fora a velocidade desenvolvida por um pequeno navio, o **Turbinia**, na parada naval britânica de 1897, por ocasião do jubileu de Diamante da Rainha Vitória. O impacto sobre o público que testemunhava aquela efeméride prenunciava uma era de desenvolvimentos que impulsionaria as aventuras humanas no mar.

A herança científica e tecnológica da modernidade, notadamente ao longo do século XIX, dera origem a sucessivos avanços na indústria marítima. A **máquina a vapor**, símbolo da **Revolução Industrial**, embarcara para **transformar a propulsão naval**. A energia do combustível da época, o carvão, era transformada nas caldeiras, que geravam o vapor necessário para mover grandes máquinas alternativas e, posteriormente, turbinas. As rodas laterais de pás foram substituídas pela hélice propulsora, o que **liberava espaço nas praças de máquinas, melhorava a manobrabilidade e reduzia vulnerabilidades**. O resultado foi, por um lado, a paulatina **independência das velas e dos ventos e, por outro, a possibilidade de navios maiores, mais velozes e de maior confiabilidade**.

Paralelamente, a **evolução da siderurgia e da metalurgia** fazia com que as **ligas metálicas ferrosas** passassem a ser a **matéria-prima** por excelência **da construção naval**. Couraças foram incorporadas às **laterais do navio**, na tentativa de fazer frente ao surgimento das munições explosivas que destroçavam os cascos de madeira.

O engenheiro britânico **Robert Whitehead** havia **desenvolvido**, em 1866, uma arma submarina que se tornaria o pesadelo dos grandes navios: o **torpedo autopropulsado**. As **comunicações** deram um **salto** com a passagem dos **primeiros cabos submarinos transatlânticos nos anos 1850/60**, de modo que, no limiar do século XX, já configuravam uma malha mundial a **revolucionar o modo de se comunicar** e, consequentemente, a **capacidade de comando e controle sobre Forças operando a grandes distâncias**.

Na construção naval, as **embarcações aumentaram sucessivamente de tamanho, capacidade e raio de ação**, de modo a dar resposta às demandas da expansão de mercados e da busca por fontes de matérias-primas.

Era o **processo de globalização**, onde a **tecnologia expandiu e acelerou a complexa dinâmica das relações internacionais**. Em apenas uma década, a **turbina a vapor** transformara a **propulsão naval**, tanto no uso civil quanto militar!

### Ciência, energia e materiais para novas aventuras

Após a energia eólica ter predominado pelos séculos da Marinha a vela, a **propulsão mecânica pela máquina a vapor**, no início do século XIX, fez ascender o **carvão mineral** como fonte de energia por excelência para a utilização em caldeiras geradoras de vapor. **Essa nova fonte era encontrada em abundância e qualidade na Grã-Bretanha, berço da maior potência naval da época**.

Contudo, o **carvão representava desafios logísticos** consideráveis, entre os quais sua **disponibilização em portos pelo mundo**, as **extenuantes fainas de carregamento** do navio e a inevitável **poluição** que causava a bordo.

Assim, mesmo contrariando o Almirantado britânico (trocar o carvão, um material abundante no Reino Unido, por outro de menor disponibilidade, o petróleo e seus derivados), os **primeiros esforços de mudança para o óleo combustível** se deram ao **início do século XX**. A realidade se impôs, pelas enormes **vantagens do óleo combustível**: que possuía **maior teor energético** e permitia o **abastecimento e o transporte com maior facilidade**. A paulatina **mudança** foi sendo **implementada nos navios**, tendo o **óleo** se tornado o **combustível prioritário**, já na **primeira metade do século XX**.

Essa sequência de avanços percebida nos séculos XIX e XX, não era sem estímulos, pois seguiam as bases da **teoria do domínio do mar**, de *Alfred Thayer Mahan*, alertando para a **importância de as potências mundiais possuírem grandes Marinhas**, publicada na obra “*A influência do Poder Marítimo na história, 1660-1783*” (1890).

Uma classe de navio considerada revolucionária, que bem representa esse período, foi o **HMS Dreadnought**, extraordinária plataforma naval, com deslocamento de 18.120t, propulsão com quatro eixos e hélices movidos por turbinas 23.000hp e 18 caldeiras, era capaz de desenvolver 21 nós (39km/h), com raio de ação de 6.620mn. Tinha como armamento 10 canhões de 12pol., 24 de 3pol. e quatro tubos de torpedos de 5x 18 polegadas. Usava como combustível o **carvão, pulverizado com óleo**. Tamanho poder tornou-se o novo paradigma em termos de navio de guerra, tornando obsoletos os seus **precursores**, que passaram a compor o grupo pré-*Dreadnought*.

No Brasil, o governo da então recente República acompanhava com interesse os desenvolvimentos científicos e tecnológicos da época, que se refletiam nos **programas de modernização da MB**, de **1910**, proposto pelo Ministro da Marinha, Alte **Alexandrino** (como já visto), foram recebidos os novos navios *Dreadnoughts*, os **encouraçados Minas Gerais e São Paulo**, de 19.280 toneladas, com canhões de 12 polegadas.

Ainda com relação aos avanços da tecnologia naval, convém destacar o advento dos **motores diesel**, que ocupariam local de destaque na propulsão naval **a partir da primeira metade do século XX**. Utilizavam-se navios à **diesel** (engrenagem redutora acoplada ao eixo) ou **diesel-elétricos** (gerador que aciona um motor elétrico acoplado ao eixo), como eram os Contratorpedeiros de Escolta Classe *Bertioga*, empregados pela Marinha do Brasil a partir da Segunda Guerra Mundial, dos quais um remanescente é **conservado como navio-museu, o Bauru**.

Posteriormente, as **turbinas a gás** também tornar-se-iam opção para a propulsão em navios de guerra, principalmente **a partir** dos anos **1960**. São empregadas em várias combinações, existindo:

- propulsão exclusivamente com **turbinas a gás** de tipos diferentes combinadas (**COGOG**), como é o caso das **Fragatas Classe Greenhalgh**;
- combinação de **motores diesel-turbinas a gás** (**CODOG**), como ocorre nas **Fragatas Classe Niterói** e nas **Corvetas Classe Inhaúma e Barroso**;
- associação do sistema **diesel-elétrico com turbinas** (**CODLAG**), as quais são empregadas para altas velocidades, adotada nas **Fragatas britânicas MK-23**;
- modernos **contratorpedeiros britânicos Tipo 45** adotou-se um **sistema integrado de propulsão elétrica**, uma combinação de geradores acionados por motores diesel e turbinas a gás. **A utilização de motores elétricos para a propulsão** destes navios apresenta **vantagens significativas**, por **reduzir a assinatura acústica** (nível de ruído), característica relevante na guerra antissubmarino;

➤ combinação de sistema de propulsão que adota hélices, acionadas por motores diesel, para velocidades de cruzeiro, cujo efeito pode ser reforçado, quando se necessita de altas velocidades, pela propulsão a **jato d'água (hidrojet)** acionada por **turbina a gás**. É empregado nas **Fragatas Meko A-200SAN**, da Marinha sul-africana, construídas na Alemanha.

## A Aviação

Ao longo do século XX, os aviões foram continuamente aprimorados para o uso civil e para o uso militar. O impacto desse novo meio despertou intensos debates e o desenvolvimento de teorias sobre o Poder Aéreo.

Em apenas uma década os aviões já demonstravam seu valor **estratégico e tático** na Grande Guerra (1914-1918). Na Grande Guerra, como precursores dos porta-aviões, navios de passageiros foram adaptados para conduzir **hidroplanos e caças**, estes últimos operando de um curto convés na proa; enquanto **encouraçados e cruzadores** transportavam até dois aviões: um *biplace* de reconhecimento e um monoplano de caça.

Acompanhando essa evolução, a **MB criou, em 1916, a sua Escola de Aviação Naval**, na Ilha das Enxadas (Rio de Janeiro). Era o **ponto de partida** de um longo processo de reestruturação para acolher e desenvolver a **aviação naval no Brasil**.

Nos países que lideravam a corrida tecnológica, logo surgiria a ideia de **combinar Poder Aéreo e Poder Naval**, no sentido de criar uma **base aérea móvel**. Em outras palavras, embarcar os aviões em navios especialmente desenhados para esse fim, o que contribuiria para o surgimento dos primeiros **porta-aviões**, navios de grandes proporções, dotados de uma **pista de pouso e decolagem, o convés de voo**.

Em 1917, surgiu o primeiro porta-aviões capaz de realizar decolagem e pouso de aviões, o **HMS Argus**, um navio mercante convertido, de modo a possuir um convés corrido em toda a sua extensão. A partir de então, os projetos de engenharia naval sofisticaram-se até o **estágio atual**, em que **grandes e poderosos porta-aviões nucleiam Forças Navais**, com amplo espectro de emprego. Esse tipo de meio, que **consiste em verdadeira base aérea móvel, com elevado potencial de contribuir para as tarefas básicas do Poder Naval**, notadamente o **controle de área marítima e a projecção de poder a longas distâncias**.

Combates na II GM, especialmente no Teatro de Operações do Pacífico, forneceram evidências de que aquelas **bases aéreas móveis** seriam **determinantes na estratégia naval**, gerando continuamente **novas doutrinas** e dando origem a outros **desenvolvimentos tecnológicos**. Contudo, tal meio era **altamente custoso, intensivo em tecnologias e exigia enorme capacidade de apoio logístico**, demandava **contingentes expressivos de pessoal** muito **qualificado**. Essa tecnicidade **limitou** o número de **países capazes de operar um navio complexo como o porta-aviões**.

Nos anos 40, o surgimento da aeronave de asa rotativa, o helicóptero (He), conferiu maior flexibilidade à aviação embarcada, visto que o novo meio poderia operar a partir de navios menores, não mais necessitando extensos convéses corridos. Os He possuem emprego no **clareamento, ataque - inclusive na guerra antissubmarino - e na busca e salvamento**. A **ampliação e a versatilidade do helicóptero trouxeram a necessidade de novos tipos de navio: o porta-helicópteros e sua variante, o navio de assalto anfíbio**.

O **primeiro pouso de um helicóptero em navio da MB** ocorreu no **Navio Hidrográfico Sirius**, em Kobe (Japão), em 1957, quando de seu recebimento, sendo ainda o primeiro navio da MB a ser dotado de aeronave orgânica. No ano seguinte, alguns dias após a sua chegada ao Brasil, o Presidente da República, *Juscelino Kubitschek*, embarcaria em um helicóptero pela primeira vez, decolando do convés do *Sirius*, quando visitou o navio acompanhado pelo Ministro da Marinha, 6 de junho de 1958.

A MB já cogitava dispor de um porta-aviões há longa data, fruto dos ensinamentos da GG, conseguido em 1960, com o Navio-Aeródromo Ligeiro *Minas Gerais* (A-11), ex-HMS *Vengeance*. A chegada do *Minas Gerais* gerou transformações significativas, reorganizando a aviação embarcada de asa fixa, com a criação do Grupo Aéreo Embarcado. O *Minas Gerais* permaneceu na ativa até 2001, tendo contribuído sobremaneira para **desenvolver a capacitação do Poder Naval**, notadamente no que tange ao **controle de área marítima**.

Com a aquisição de aeronaves modelo *A-4 Skyhawk*, foi criado o EsqdVF-1. Sendo necessário um novo porta-aviões, ocorreu a chegada do sucessor do *Minas*, o Navio-Aeródromo (NAe) *São Paulo* (A-12), ex-*Foch*, adquirido da Marinha Nacional da França.

O NAe *São Paulo*, por suas maiores dimensões, trouxe novas perspectivas e condições para o desenvolvimento de operações aéreas, particularmente com as aeronaves a reação. A **operação e a manutenção de porta-aviões** proporcionaram ao **Poder Naval brasileiro** capacitação tecnológica, industrial e experiência operacional, tendo sido considerado um meio naval de elevado valor estratégico-militar e de grande importância para o **apoio à política externa nacional**. O NAe *São Paulo* foi **desativado em 2017**. Recentemente, em 2018, foi **adquirido** junto ao Reino Unido um navio Porta-Helicópteros Multipropósito, o **PHM Atlântico**, ex-HMS *Ocean*, que atenderá às demandas da Esquadra brasileira em curto e médio prazo. (*Foi recentemente reclassificado para Navio-Aeródromo Multipropósito (NAM) Atlântico*).

#### **As 4 fases da Aviação Naval Brasileira:**

**1ª Fase:** Vai desde a criação da EAvN, em 23AGO1916, até 1941, com a criação do Ministério da Aeronáutica. Foi marcada por: primeiros raids aéreos; transporte das primeiras malas postais; primeiro voo noturno (9 de março de 1917); voos históricos com Santos Dumont (25JAN1917) e do PresRep Wenceslau Brás (02ABR1917) como passageiros; participação de aviadores navais brasileiros em operações de patrulha, na Europa, durante a I GM; a fabricação dos primeiros aviões no Brasil; o emprego em combate contra os movimentos revoltosos nessa fase conturbada da República; entre outros.

**2ª Fase:** Iniciada em 1952, com a criação da DAerM (necessidade da MB de dispor de aviação orgânica), e findada em 1965, com a assinatura de um decreto presidencial que determinou que os aviões embarcados seriam operados pela FAB, ficando a Marinha restrita a operar com helicópteros. Nesta fase, a Marinha passou a operar com helicópteros embarcados e adquiriu o Porta-Aviões *Minas Gerais*, capacitando a Força a operar aeronaves de asa fixa, motivo do impasse com a FAB.

**3ª Fase:** Vai desde o decreto de 1965 até 8 de abril de 1998 (com a assinatura do Decreto Presidencial nº 2.538, quando a Marinha passou, novamente, a poder operar aeronaves de asa fixa). Nesta terceira fase, foram criados o CIAAN (1955), diversos Esquadrões de helicópteros, a partir de 1961, ano de criação do EsqdHU-1, a BAeNSPA (1966) e destacamentos aéreos em Ladário, Manaus e Rio Grande. Foram adquiridas pela DAerM diversos modelos de ANV nessa fase, algumas em operações até os dias de hoje, como o *Lynx*, *Esquilos* e *Bell Jet Ranger*. A MB desenvolveu a capacidade de operações noturnas com ANV embarcadas, inclusive de He em navios relativamente pequenos, como as corvetas.

**4ª Fase:** Iniciada com decreto de 1998 que autorizou a MB operar aeronaves de asa fixa novamente, vai até os dias atuais. Esta fase iniciou com a aquisição de aviões *A-4KU Skyhawk* e a substituição do Porta-Aviões *Minas Gerais* pelo *São Paulo*. Nesta fase também destacam a aquisição / modernização das aeronaves da MB (He e A-4) e a recente aquisição do *SARP-E ScanEagle* e ativação do EsqdQE-1.

## **Novas opções para o uso da força no ambiente marinho**

Além dos porta-aviões e dos navios escoltas, uma variedade de soluções tecnológicas foram surgindo para os problemas de projeção de força a partir do mar. As inovações concebidas, em geral, implicavam o desenvolvimento e adaptação a novas doutrinas e táticas, nem sempre de fácil implementação.

A Campanha de *Galípoli* na I GM, por exemplo, terminou com o fracasso no desembarque anfíbio tentado por britânicos, franceses, neozelandeses e australianos. O estudo dessa campanha permitiu o repensar os desafios das projeções de poder vindas do mar, no movimento navio-terra. Navios anfíbios (desembarque de carros de combate e os navios de desembarque doca), com suas embarcações de desembarque orgânicas, foram ampliando a capacidade de projeção de força.

Com a evolução do contexto político estratégico, ganharam importância os **navios com maior flexibilidade de emprego**, podendo ser usado em **diferentes missões e com diferentes propósitos**. São meios que podem atuar em cumprimento às **tarefas básicas do Poder Naval ou em apoio**, por exemplo, no caso de assistência humanitária ou por ocasião de catástrofes.

### **Tecnologia abaixo d'água**

A Grande Guerra também viu evoluir e se afirmar outra poderosa arma para a guerra no mar: o **submarino**, juntamente com o **torpedo autopropulsado**, agregando mais uma dimensão à guerra naval. Tendo como **característica principal a capacidade de ocultação**, esse novo tipo de navio tinha um **poder de destruição** e capacidade de **impactar severamente o comércio internacional** e, consequentemente, os **esforços de guerra dos países**, obrigando-os a aumentar o controle e proteção do tráfego marítimo.

Entendendo o potencial dessa arma, a MB incluiu, já no seu plano de equipamento de 1904, a necessidade de três submersíveis. Em 1913, recebeu três da classe *F (Foca)*, construídos na Itália. Era o ponto de partida de uma tradição de operar submarinos que perdura até hoje e que se projeta para uma nova era, com a tecnologia de propulsão nuclear.

Nesse processo, pode-se destacar o salto de capacitação tecnológica e industrial representado pela construção no Brasil, pela primeira vez, de submarinos, a partir de uma parceria firmada com a Alemanha nos anos 1980, para a obtenção de submarinos Classe *Tupi*. O primeiro, o Submarino *Tupi* (S-30), que deu nome à classe, foi construído no estaleiro da HDW, em Kiel. Os três seguintes, no AMRJ, o *Tamoio* (S-31), o *Timbira* (S-32), o *Tapajó* (S-33). Posteriormente, lançou-se o Submarino *Tikuna* (S-34), com aprimoramentos de projeto.

O sucesso desses empreendimentos foi uma vitória para a engenharia brasileira e um importante passo na direção do projeto próprio para um submarino com propulsão nuclear.

### **A era nuclear**

O desenvolvimento exponencial da ciência e de suas aplicações tecnológicas ao longo do século XX, principalmente a partir da I GM, foi aposentando tecnologias até então tidas como no estado da arte, a exemplo dos *Dreadnoughts* substituídos por porta-aviões.

Ao final da II GM a comunidade internacional tomou conhecimento do **poder da energia nuclear**, com a explosão das bombas atômicas nas cidades de *Hiroshima* e *Nagasaki*, no Japão, em 1945, desencadeando uma corrida pelo **controle do conhecimento** capaz de causar tamanho grau de destruição.

Estudos e pesquisas possibilitaram **explorar essa forma de energia para outras aplicações**, entre elas a **geração de energia elétrica e a propulsão naval**. No caso, as instalações a vapor passaram a ter como fonte de energia para as caldeiras a energia nuclear e não mais a queima de combustível.

2024

O projeto do Submarino norte-americano ***Nautilus*** mostrou ao mundo o **potencial de aplicação da propulsão nuclear naval**. O salto alcançado no raio de ação e autonomia, o aprimoramento das características de **ocultação** (não era mais necessário vir à superfície operar esnórquel para recarregar baterias), entre outras características, alavancaram o potencial do submarino a um novo patamar de importância. **Plantas nucleares** também foram adotadas com sucesso para a **propulsão de porta-aviões** (EUA e França) e **navios quebra-gelo de grande porte** (Rússia).

2024

Cônscio da relevância da nova forma de energia, o **Almirante Álvaro Alberto da Motta e Silva** empenhou-se em defender os interesses brasileiros para o desenvolvimento nacional dessa tecnologia no País, tendo contribuído para a **institucionalização da ciência e tecnologia (C&T) no Brasil**, como, por exemplo, com a criação, em 1951, do Conselho Nacional de Pesquisas (**CNPq**), hoje Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico, que se tornou um órgão de grande importância para a formulação e condução das políticas de CT&I.

Em 1979, a Marinha iniciou um programa para o **desenvolvimento** de um **submarino com propulsão nuclear**. Para tal, foram **mobilizados meios e recursos** que levariam ao **domínio da fabricação do combustível nuclear**, incluindo o ciclo completo de **enriquecimento isotópico de urânio**. Trata-se de um projeto de longo prazo, de dimensão geracional, estratégico para o Brasil, com variados **efeitos de arrasto em diferentes campos** da atividade humana, como **medicina, indústria, agricultura**, entre outros. A construção do primeiro submarino com propulsão nuclear transcende a Marinha e representa um desafio para a sociedade brasileira.

O **Programa de Desenvolvimento de Submarinos (PROSUB)** engloba a **construção** de **4 submarinos convencionais da Classe Scorpene**, a partir de uma parceria estratégica firmada com a França. Um novo estaleiro e uma base naval foram incluídos no programa, tendo sido construídos no município de Itaguaí, Rio de Janeiro. À medida que o projeto avança, as instalações do **Laboratório de Geração de Energia Nucleoelétrica (LABGENE)** em terra vão sendo preparadas para os testes preliminares do que virá a ser a **planta propulsora do Submarino Alvaro Alberto**, que será o primeiro submarino de propulsão nuclear do Brasil.

No século XXI, os países e as comunidades científicas buscam ampliar os conhecimentos sobre os espaços oceânicos. Várias são as motivações, entre elas: a **importância** que esses espaços têm para o **clima, o meio ambiente e a saúde do planeta**; as **riquezas** que ocultam e a necessidade de **explorá-las e explotá-las de modo sustentável**; e o **valor** que tais conhecimentos representam **para as Marinhas e para as operações navais**.

Nesse sentido, um grande passo para o desenvolvimento da capacidade de pesquisa brasileira foi obtenção do **Navio Hidroceanográfico Vital de Oliveira (H39)**, fruto da **cooperação** entre os MD e MCT&I, MB e as empresas Petrobras e Vale. Subordinado à DHN, o navio é um dos mais avançados meios de pesquisa do hemisfério sul, equipado com modernos laboratórios, sensores e equipamentos (veículo remotamente operado, capaz de ser empregado em pesquisa em profundidades da ordem de quatro mil metros), sendo capaz de embarcar equipes de cientistas, pesquisadores e técnicos que atuam nos diversos domínios das ciências do mar.

#### A estrutura logística, administrativa e de pessoal

Transformações inerentes à Era do Conhecimento e aos avanços das tecnologias da informação e comunicações (TIC) exigem aprimoramento continuado da infraestrutura de apoio para os sofisticados sistemas

de defesa, equipamentos e plataformas, que demandam pessoal altamente qualificado, não somente para a operação, mas também para a manutenção.

Ao longo do século XX, a MB criou um conjunto de bases e organizações militares de apoio, distribuídas pelo território nacional, próximas às sedes dos respectivos Distritos Navais, de modo a atender às Forças Navais distritais. As bases estão capacitadas para prover manutenção e reparos, podendo ser complementadas por empresas e instituições componentes da Base Industrial de Defesa (BID), nas respectivas localidades ou mesmo fora delas. Alguns exemplos são: Base Naval de Val de Cães (4º DN, Belém-PA), Base Naval de Natal (3º DN, Natal- RN), Base Naval de Aratu (2ºDN, próxima a Salvador-BA). Também nas grandes bacias hidrográficas, a Base Fluvial de Ladário (6ºDN, Ladário-MS) e a Estação Naval do Rio Negro (9ºDN, Manaus-AM).

No Rio de Janeiro, área do Primeiro Distrito Naval (1ºDN), onde está concentrando a maior parte dos meios navais, aeronavais e de fuzileiros navais de alta tecnologia, existe o AMRJ que, criado em 1763, presta serviços importantes na área de construção naval, incluindo navios e submarinos, bem como para a manutenção de meios, sendo um pilar importante do aprestamento do Poder Naval brasileiro.

A construção recente do estaleiro e base naval em Itaguaí, voltados primordialmente a apoiar a construção e abrigar submarinos convencionais e de propulsão nuclear, representa mais um salto no desenvolvimento de infraestrutura logística e na capacitação industrial e tecnológica nacional, contribuindo sobremaneira para o suporte logístico aos meios da Esquadra. **Percebe-se que a existência e a presença de Forças Navais são indutoras do desenvolvimento e contribuem para a economia, à medida que geram demanda por produtos e serviços e estimulam a formação de clusters marítimos de avançada tecnologia.**

Na dimensão logística, ressalta-se a importância do sistema de abastecimento, capaz de lidar com demandas complexas de produtos e serviços necessários à manutenção do aprestamento dos meios navais, aeronavais e de fuzileiros navais. Nesse sentido, o Corpo de Intendentes da Marinha desenvolveu importantes conceitos e ferramentas de administração e de abastecimento.

No plano da gestão, modernas **ferramentas de TI combinadas com recursos de comunicação** instrumentalizam o trabalho administrativo das organizações militares, conectadas em **redes** com flexibilidade para **atender às diversas demandas da Forças**, com foco no Setor Operativo. Um **Centro de Comando do Teatro de Operações Marítimo (CCTOM)** combinado com diferentes **recursos de monitoramento e acompanhamento do tráfego marítimo** instrumentalizam o desenvolvimento da **consciência situacional marítima** e melhor informam o **processo decisório** voltado à **segurança marítima no Atlântico Sul** e áreas de interesse.

O Sistema de Ensino Naval se volta à formação do pessoal, **componente humano**, que **necessita ser educado, formado e qualificado** com **diferentes capacitações** para as diferentes tarefas. Outros profissionais de origem e formações diversas compõem o contingente de funcionários civis e os demais corpos e quadros de oficiais e praças da Marinha.

O **preparo do pessoal** se estende à **higiene e bem-estar físico, social e mental**. Nesse sentido, **sistemas** dedicados à **saúde** e à **assistência social** foram sendo desenvolvidos, com hospitais, policlínicas, odontoclínicas e postos de atendimento, com profissionais qualificados e equipamentos de alta tecnologia, acompanhando os avanços da medicina.

A criação do então Corpo Auxiliar Feminino da Reserva da Marinha (CAFMR), a partir da promulgação da Lei nº 6.807, de 7 de julho de 1980, na gestão do **Alte Esq Maximiano**, Ministro da Marinha. Dessa forma, a Marinha se alinhava aos anseios da sociedade brasileira para a maior participação da mulher no mercado de

trabalho e, ao mesmo tempo, dava um grande passo para o aprimoramento das práticas profissionais em diversos setores da Força.

### **A tecnologia naval em transformação: um olhar para o futuro.**

A importância da C&T ao longo dos últimos dois séculos só cresceu, gerando aplicações que instrumentalizaram a aventura humana no mar, transformando-o em arena de competição por espaços, mercados, riquezas e poder. Em pouco tempo a tecnologia naval passou da propulsão a vela para a propulsão mecânica, inicialmente a partir da máquina e da turbina a vapor, posteriormente, do motor diesel, do motor elétrico, das turbinas a gás e da propulsão nuclear.

Nessa dinâmica de avanços, surgiram novos meios navais, como encouraçados, submarinos, navios-escolta, navios anfíbios, porta-aviões e suas alas aéreas, todos com sistemas de combate e armamentos crescentemente sofisticados, que ampliaram em muito **o raio de ação e a letalidade do Poder Naval**, além de mudanças nas doutrinas operativas para acompanhar as evoluções. As corridas armamentistas navais observadas desde o início do século XX bem refletem esse processo, que parece prosseguir na atualidade.

Na Era do Conhecimento, abrem-se perspectivas de uso combinado de domínios do conhecimento, como a neurociência, a biologia sintética, a nanociência, a ciência dos materiais, a computação quântica, com amplo leque de aplicações. Novos desafios derivam da chamada Quarta Revolução Industrial, com métodos inovadores de produção que incluem a **robótica e a manufatura aditiva**, aliados à crescente conectividade em rede de pessoas, sistemas complexos e produtos, como a "**Internet das coisas**", e, ainda, com ampliação da capacidade de processamento e análise de grandes massas de dados (big data), entre outros fatores.

Esse contexto permite antever **inovações tecnológicas de ruptura**, com **aplicação militar ou dual**, que poderão alterar formas conhecidas de combater. Eis algumas das possibilidades que já deixaram o plano da ficção ou que despontam no horizonte:

- **Inteligência artificial** em sistemas robóticos e plataformas crescentemente autônomas;
- navios e aeronaves **não tripulados**;
- ciberarmas e **nanoarmas**;
- armas de energia direta;
- **hipervelocidade**;
- sistemas de processamento e análise de grandes massas de dados (**big data**).

Cabe notar que, ao longo da História, o fator humano permaneceu central e determinante para os resultados dos combates. Na Era do Conhecimento, contudo, essas novas perspectivas estão a desafiar o pensamento estratégico e o planejamento de forças, colocando em discussão o futuro das guerras e as guerras do futuro, bem como a centralidade humana no campo de batalha.

Acompanhar a evolução das tecnologias navais é um desafio crescente, especialmente para países emergentes, que nem sempre podem ter acesso ao estado da arte. **Não obstante, no século XXI, a relevância das Marinhais tende a crescer, juntamente com a importância dos oceanos e do comércio internacional no mundo globalizado.** Assim, convém lembrar que o Poder Naval ganha concretude em sua base humana e material, normalmente composta por meios navais, aeronavais e de fuzileiros navais intensivos em tecnologias, essas sujeitas à evolução ou à obsolescência.

O futuro de uma Marinha depende, pois, de vários fatores, em especial da **(1) Base Industrial de Defesa (BID) e da (2) capacidade científico-tecnológica nativas**.

Esse conjunto depende, por sua vez, do pensamento político-estratégico predominante, da valoração e dos estímulos que recebe, da infraestrutura de pesquisa e desenvolvimento, do grau de independência tecnológica conquistado, da formação e qualificação do pessoal e, sobretudo, da mentalidade marítima da nação e da determinação em superar óbices e buscar soluções inovadoras.

## PARTE V - A MARINHA DO BRASIL NO SÉCULO XXI (CAP XIII)

### A MB no século XXI

Na atualidade, a **evolução do Poder Naval** impõe, mais do que em outros períodos da história, a **existência, em diversos níveis**, de **líderes efetivos e assessores experientes**. A **dinâmica e a complexidade das relações internacionais** e do ambiente interno indicam que na **Era do Conhecimento** os **desafios** serão permanentes e alcançarão magnitude **crescente**, sendo, inicialmente o desafio mais importante, aquele voltado à **identificar e capacitar líderes em todos os níveis hierárquicos**, considerando, além dos conhecimentos científicos, tecnológicos e da área das ciências sociais e humanas, o estudo aprofundado da **Ética e da Rosa das Virtudes**.

Por oportuno, destacamos que os desafios apresentam interações; devendo ser admitida alguma dificuldade em delimitar, com exatidão, a causa ou efeito ou, em outras palavras, as consequências do equacionamento, ou não, de um determinado aspecto de um dos desafios nas capacidades pretendidas pela Marinha do Brasil. Para estudar os **desafios** a serem enfrentados, vamos segmentá-los, **considerando aspectos**:

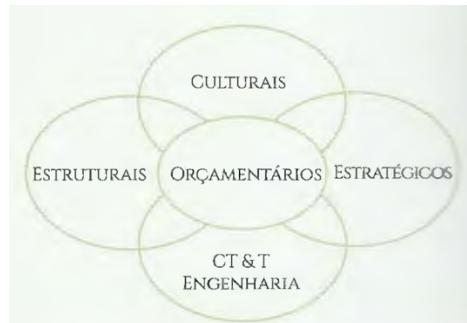
- **Culturais;**
- **Estratégicos;**
- **Estruturais;**
- **Ciência & Tecnologia & Inovação e Engenharia; e**
- **Orçamentários.**

### Desafios Culturais

A percepção da sociedade brasileira, ainda, nos remete para entendimento de um tipo de "**pacifismo unilateral**", que não contempla a possibilidade de ameaças ao Brasil. Pacifismo que não possui sustentação nas disputas, de diversas formas e níveis de letalidade, que ocorreram e ocorrem ao longo da história da civilização humana. É imprudente imaginar que um país com o potencial do Brasil não enfrente antagonismos ao buscar a consecução dos seus legítimos interesses.

No complexo cenário internacional, existe um amplo leque de **ameaças nem sempre percebidas**, que podem ser consequência de diversos fatores, isolados ou combinados, tais como:

- |  |  |
|--|--|
| <ul style="list-style-type: none"> <li>• Desastres naturais</li> <li>• Refugiados</li> <li>• Conflitos estatais</li> <li>• Crimes transnacionais</li> <li>• <b>Alterações climáticas</b></li> <li>• <b>Disputas por recursos naturais</b></li> </ul> | <ul style="list-style-type: none"> <li>• Pirataria</li> <li>• Terrorismo</li> <li>• <b>Ciberterrorismo</b></li> <li>• Imigração ilegal</li> <li>• Proliferação das armas de destruição em massa</li> </ul> |
|--|--|



### DESAFIOS A SEREM ENFRENTADOS |

*Os desafios, segmentados em aspectos Estruturais, Culturais, Orçamentários, Estratégicos e os de Ciência & Tecnologia & Informação e de Engenharia, são interdependentes.*

Na atual dinâmica e amplitude de emprego do Poder Naval, constatamos a **distância** existente entre o "pacifismo unilateral" e a **realidade das ameaças** que, além de atuantes, exigem crescentes níveis de amplitude de prontidão. Na verdade, é **fundamental identificar as ameaças ao Brasil e desenvolver uma mentalidade de defesa na sociedade brasileira**, de modo a sensibilizá-la acerca da **importância** das questões que envolvem ameaças aos **interesses nacionais**, em todas as suas vertentes, especialmente letalidade e temporalidade.

**Outro desafio cultural está relacionado com a Mentalidade Marítima.** Nossa País continental guarda relação inseparável com os **espaços oceânicos e ribeirinhos**, onde produtos e serviços vitais para o Brasil, como o transporte, o turismo, a exploração e exploração de petróleo e as atividades pesqueiras, dependem de vias marítimas seguras. **Nos oceanos e nas hidrovias estão a sobrevivência e a prosperidade de nosso País.**

Dessa forma, torna-se necessário aprimorar continuamente a **integração** das atividades da MB relacionadas à **proteção marítima (Poder Naval)** com as relacionadas à **segurança da navegação, à salvaguarda da vida humana no mar e à preservação ambiental (Poder Marítimo)**.

O desafio é convencer a sociedade acerca da importância do **Sistema de Proteção e Segurança Marítima**. Para sustentar as **argumentações** junto à sociedade brasileira, além dos exemplos históricos (Sagres e Grandes Navegações) e do predomínio dos países marítimos nas relações internacionais, temos diversos fatos que corroboram a **importância da influência da Mentalidade Marítima, tais como:**

- a majoritária participação dos **portos e terminais** no comércio exterior brasileiro e mundial;
- dos oceanos, por onde passam as **comunicações globais**;
- quanto à preservação do ambiente, como pulmão do mundo e condicionador da continuidade da vida humana; e
- pelo fato de o planeta ter 75% de sua superfície coberta pela água.

Nos dados atuais, em nossa **economia**, encontramos **informações** que também contribuem para fortalecer o entendimento de que as atividades nos oceanos têm elevado protagonismo em nosso bem-estar. Nesse contexto, o Brasil tem no mar:

- 95% do comércio exterior brasileiro;
- 94% da produção de petróleo;
- atividades de pesca e associadas;
- esporte e recreio;
- exploração de energia e minérios no leito do mar, onde estão situadas as maiores jazidas de gás natural.

**O intenso emprego de hidrovias**, com suas importantes vantagens competitivas, também caracteriza mais uma das atividades existentes em países com adequada mentalidade marítima. **Estimular o fortalecimento das hidrovias no Brasil, sem dúvida, é um desafio cultural. As vantagens são evidentes, sob quaisquer** sod parâmetros que possam ser empregados.

**A segurança desse importante patrimônio, existente no ambiente marítimo e fluvial, caracteriza as atribuições constitucionais da Marinha do Brasil**, envolvendo ampla gama de atividades econômicas, as infraestruturas estratégicas, meio ambiente, recursos minerais e, principalmente, a preservação desses recursos para as gerações futuras de brasileiros.

A MB, além da destinação constitucional de contribuir para a defesa da Pátria, também exerce, na figura do Comandante da Marinha, o papel de **Autoridade Marítima Brasileira (AMB)**. Neste aspecto, **propósitos**, bem visíveis para a sociedade em tempos de paz, **são**:

- **assegurar a salvaguarda da vida humana no mar,**
- **a segurança a navegação**, no mar aberto e hidrovias interiores,
- **prevenção da poluição ambiental** por parte de **embarcações, plataformas ou suas instalações de apoio.**

A AMB, para executar tais atribuições, possui diversos órgãos: EMA, ComOpNav, DGN, DPC, DHN, SECIRM, os DN e a rede de Capitanias dos Portos, Delegacias e Agências. Esses órgãos orientam e controlam a Marinha Mercante e suas atividades correlatas, no que interessa à defesa nacional; proveem a segurança da navegação aquaviária, por meio da normatização, regulamentação, conscientização e pelo estabelecimento de requisitos de segurança das atividades marítimas que ocorrem nas Águas Jurisdicionais Brasileiras (AJB); e fiscalizam o cumprimento das leis e regulamentos, no mar e águas interiores, em coordenação com outros órgãos do Poder Executivo, Federal ou Estadual.

As Capitanias dos Portos, Delegacias e Agências, espalhadas pelo território nacional, **são as organizações de maior visibilidade no âmbito da AMB**. Além de divulgarem as regras e cuidarem da segurança do tráfego aquaviário em nossas águas, elas realizam inspeção naval e operações de busca e salvamento, bem como oferecem diversos serviços à comunidade marítima e náutica.

A complexidade das ameaças e a magnitude do patrimônio a preservar, podemos identificar **mais um desafio** que contempla o constante fortalecimento de operações interagências, entre outros, temos o IBAMA, ANTAQ, ICMBio, PF, RF entre outras.

Além da relevância da **Mentalidade Marítima**, é importante destacar outros dois temas:

- **Territorialização do Mar** - é uma nova vertente das relações internacionais que vem demonstrando **interesse de Estados por áreas do Alto-Mar**, onde, sob diversos pretextos, pode ocorrer **indevida alteração de deveres e/ou direitos** em benefícios de alguns Estados e em detrimento de outros, os costeiros ou da própria comunidade internacional.
- **Economia Azul** (*aquela que envolve todas as atividades relacionadas direta ou indiretamente com o mar*) – é um modelo que propõe mudanças estruturais baseado no funcionamento dos ecossistemas marítimos. É calcado no uso inteligente e no aproveitamento total dos recursos naturais e no funcionamento dos ecossistemas, sem prejudicá-los.

2023

A convicção do papel decisivo do **Poder Marítimo**, junto à sociedade brasileira, contribui para a alteração essencial no *Status Quo*, saindo do pacifismo unilateral para aceitar a existência de ameaças ao Brasil. Para levar a termo esta alteração no *Status Quo*, o setor do pessoal da MB está atuando fortemente no processo de capacitação dos recursos humanos (**Força de Trabalho**), que demanda a valorização das atividades acadêmicas e o aprimoramento do desempenho profissional de oficiais, praças e servidores civis, em especial nas áreas operativa e de ensino.

A gestão por competências deve estar focada na determinação de necessidades de pessoal, com a identificação de pessoas qualificadas para exercer funções específicas.

A **Gestão Estratégica** da Marinha permite um amplo acompanhamento da execução do **Planejamento Estratégico**, identificando se a navegação selecionada está levando ao futuro desejado. É importante ressaltar

que a **Gestão Estratégica da MB** compreende, além da **Gestão do Conhecimento**, também, a **Gestão de Riscos**, que engloba, entre outros, os seguintes benefícios:

- Aumentar a probabilidade de atingir os objetivos;
- Melhorar a identificação de oportunidades e ameaças; e
- Estabelecer uma base confiável para a tomada de decisão e para o planejamento.

A MB tem um planejamento contínuo que aprimora o alinhamento estratégico da Marinha em todos os seus níveis, contribuindo para o alcance da Visão de Futuro da Força, com o uso racional dos recursos.

Para finalizar os desafios culturais, a disseminação dos valores éticos é fundamental em todos os níveis da formação militar, sendo a **Rosa das Virtudes** a fonte primeira para essa disseminação. A **liderança e a ética militar** precisam andar juntas, **orientando a formação do nosso pessoal**.

Em cenários com elevada dinâmica de alterações nas situações de conflito, com a ocorrência da redução das distâncias hierárquicas e a disseminação constante de valores diferentes daqueles que cultuamos, sempre será relevante fortalecer o estudo das virtudes e da ética.

### **Desafios Estratégicos**

Visando a aprofundar seu conhecimento estratégico, a MB interage com várias instituições que valorizam a obtenção e a aplicação do conhecimento, sendo uma forma de se aprimorar e buscar a excelência. Tais interações têm como vantagem o acesso à infraestrutura de instalações e ao potencial humano existentes nessas **universidades**, sem incorrer em custos de investimento elevado para obtenção de soluções tecnológicas, em projetos de Ciência, Tecnologia e Inovação (CT&I) da Marinha.

Um dos principais desafios estratégicos refere-se a manutenção dos recursos humanos (oficiais, praças e servidores civis) motivados e capacitados para lidar com as mais modernas tecnologias e ferramentas de gestão, a despeito de um possível cenário adverso em que o nível salarial da Força esteja em desvantagem em relação às demais categorias profissionais do Estado. Outro importante desafio estratégico a enfrentar é como cumprir a missão das OM em um ambiente em que a redução do efetivo caracteriza uma tendência de difícil reversão. Para não comprometer a qualidade dos serviços ou a segurança (do material e do pessoal), reiteramos a relevância da capacitação do pessoal e do emprego de modernos processos, e equipamentos e tecnologia.

A existência de **Base Industrial de Defesa** forte é importante para a capacidade logística e de mobilização de um país, além de ser um fator dissuasório. Nesse sentido, o **desafio será como contribuir para o seu fortalecimento**, capaz de reduzir o alto grau de dependência externa em um contexto orçamentário desfavorável.

A tendência mundial é o surgimento/desaparecimento cada vez mais rápido de produtos/tecnologias. Visando a evitar a obsolescência da Força, temos que **aprimorar a cadeia logística da Marinha do Brasil**, de modo a contar com itens de suprimento no estado da arte e, ainda, um planejamento que considere a disponibilidade de recursos orçamentários para o desenvolvimento e obtenção desse material, com tecnologias sensíveis incorporadas.

Como fazer isso é um desafio considerável! **Adequar a disponibilidade de recursos orçamentários as necessidades das atividades de pesquisa e desenvolvimento** demanda muita capacidade de gestão e criatividade.



O **Planejamento Estratégico da MB** visa a orientar os esforços, otimizar o orçamento e atingir os objetivos estratégicos, chamados de **Objetivos Navais**. Nesse momento, em que existem diversos programas e projetos em andamento, a chave é estabelecer critérios de prioridade, considerando as possibilidades de atuação do Poder Naval. Decorrente de decisão do Almirantado e ratificada pelo Comandante da Marinha, os seguintes **programas/projetos são prioritários:**

- Programa Nuclear da Marinha (PNM);
- Programa de Desenvolvimento de Submarinos (PROSUB); e
- Construção dos Navios da Classe Tamandaré (NCT) (*atualmente PFCT*).

No que se refere às **Atribuições Subsidiárias** (subsidiárias apenas devido à denominação legal) a **MB** coopera com o **desenvolvimento nacional** e, também, com a **defesa civil** por meio de participação em **campanhas institucionais de utilidade pública ou de interesse social**, e atua, por meio de ações **preventivas e repressivas**, na faixa de fronteira terrestre, no mar e nas águas interiores, contra delitos transfronteiriços e ambientais, isoladamente ou em coordenação com outros órgãos do Poder Executivo.

Visando à **Segurança do Tráfego Marítimo no Atlântico Sul**, no caso específico do Brasil, o Comando Local de Controle Operativo é exercido pelo Comando de Operações Marítimas e Proteção da Amazônia Azul (**COMPAAz**), criado em DEZ2021 a partir da fusão da Subchefia de Operações do ComOpNav e o CISMAR, antigo COMCONTRAM. Para a realização de suas tarefas, o COMPAAz recebe informações de fontes diversas, como navios de guerra e mercantes, aeronaves e de outros sistemas, que são **integradas no Sistema de Tráfego Marítimo**.

O desafio é a interação de informações com outras instituições, alimentando o Sistema de Gerenciamento da Amazônia Azul (**SisGAAz**) e possibilitando, desde agora, serviços de compilação do quadro tático. Esperase, assim, um adequado e contínuo incremento na **Consciência Situacional Marítima** e consequentemente da **segurança marítima**, nas vertentes de monitoramento, controle e proteção.

Um outro desafio estratégico relevante é a **associação da Inteligência Operacional** (que exige elevada velocidade de informações trafegadas por sistemas informatizados e banco de dados) **com a Inteligência Tecnológica** (que enfatiza a análise de informações e avaliação dos resultados, identificando tecnologias emergentes e as declinantes, e ainda os processos de Pesquisa e Desenvolvimento). Sempre é oportuno destacar que a **Inteligência Artificial** é uma **ferramenta útil tanto para apoio à decisão quanto para a execução de operações**.

Nessa tônica, a MB vem desenvolvendo o **Sistema de Inteligência Operacional Web (SIOp-Web)**, por meio do **CASNAV**, que será um sistema informatizado, com um banco de dados associado, para inserção e obtenção de dados para planejamento e execução de operações. Ademais, recentemente, estabeleceu-se, no EMA, o **Núcleo de Inteligência Tecnológica da Marinha**.

O delineamento da Força de Trabalho (FT), composta por militares de carreira, prestadores de tarefa por tempo certo, temporários, servidores civis e contratados, demandada para garantecer cada OM, constitui a determinação de necessidades que serve de base para o planejamento da gestão de pessoal, desde a obtenção até a distribuição, visando a colocar a pessoa certa, no lugar certo, no momento certo, bem como para o estabelecimento do fluxo de carreira e dos itinerários formativos, equilibrando os interesses da MB e dos integrantes da FT.

## **Desafios Estruturais**

A reestruturação **Organograma da MB**, com a desvinculação da DGN do ComOpNav (ganhando autonomia administrativa e tendo a DPC e DHN subordinadas a ela), decorreu da **necessidade de fortalecer a mentalidade marítima** e atender, em melhor forma, às **crescentes demandas** referentes à **Autoridade Marítima (AM)**, em especial aquelas relacionadas ao desenvolvimento nacional, como o aumento da movimentação de navios nos portos, da navegação nas hidrovias, dos pedidos de pesquisas científicas em Águas Jurisdicionais Brasileiras (AJB), da navegação de cabotagem e dos levantamentos hidrográficos pós-dragagens, que são validados pela AM.

As transformações que levaram à reformulação do Sistema de CT&I e Engenharia da Marinha foram motivadas pela necessidade premente de se **racionalizar a alocação de recursos humanos, financeiros e materiais**. Nesse processo a Coordenadoria-Geral do Programa de Desenvolvimento de Submarino com Propulsão Nuclear (COGESN) e o Centro Tecnológico da Marinha em São Paulo (CTMSP) foram transferidos do Setor do Material (DGMM) para a Diretoria-Geral de Desenvolvimento Nuclear e Tecnológico da Marinha (DGDNTM), ODS responsável pelo desenvolvimento nuclear e tecnológico da MB, que passou a ser a interlocutora da Marinha para todos os assuntos afetos à pesquisa e desenvolvimento com os demais setores e organizações, estatais e privados, que tratam do assunto.

Diversas ações estão sendo implementadas visando à necessidade de adaptarmos a estrutura da MB aos novos ordenamentos jurídicos e ao avanço da tecnologia. Podemos citar algumas:

- Aperfeiçoamento da Gestão dos Recursos Humanos necessário ao desenvolvimento de CT&I;
- Ativação da **Agência Naval de Segurança Nuclear e Qualidade** (AgNSNQ), órgão regulador e fiscalizador das atividades afetas à segurança e ao licenciamento nuclear, na Marinha, de meios navais e instalações terrestres, bem como supervisionar as atividades da área de qualidade da MB;
- Continuidade aos projetos de pesquisa que contribuam para aumentar o conhecimento das características ambientais fundamentais ao emprego do Poder Naval, com ênfase na **biotecnologia marinha, acústica e comunicações submarinas**;
- Fomento da BID, ligada à construção de submarinos e à área nuclear, por meio da Amazônia Azul Tecnologias de Defesa S.A (AMAZUL), complementando as tarefas previstas em seu estatuto; e
- Desenvolvimento, por meio da AMAZUL e supervisão da DGMM, da **Gestão do Conhecimento** nas áreas de projeto, desenvolvimento e engenharia de submarinos e utilização da energia nuclear.

Considerando que os custos totais de obtenção desses tipos de meios são bastante expressivos, torna-se um **grande desafio a obtenção de recursos orçamentários** para a continuidade dos grandes projetos, que, além da obtenção (cerca de 38% dos custos totais), ainda são necessários recursos para operação e apoio (manutenção, sobressalentes - representam cerca de 60% dos custos totais) desses meios, durante a vida útil, normalmente de 30 a 40 anos, além de gastos com o desfazimento (cerca de 2%), tomado por base a distribuição de custos de um navio de superfície.

**Outro desafio estrutural é a disponibilidade de áreas de adestramento**, que permitam a realização de tiro real com meios navais, aeronavais e orgânicos de fuzileiros navais, ao mesmo tempo com dimensões que permitam a condução das ações em terra, no mar e hidrovias. A **Operação em Formosa**, conduzida pelo CFN, atende em parte essas necessidades. Contudo, como não é uma área litorânea, não permite exercícios do Movimento Navio para Terra, que hoje é realizado na Ilha da Marambaia.

De modo a buscar a **superação** desses **desafios estruturais**, a MB possui, operando ou desenvolvendo, **diversos simuladores**, dentre os quais pode-se citar:

- Sistema de Simulação Tática e Treinamento para o CAAML (SSTT3) – operacional;
- Simulador de COC para o CAAML (SimCOC) - em desenvolvimento;
- Simulador de Periscópio para o CIAMA (SimPer) – operacional;
- Sistema de Jogos Didáticos do CIASC- operacional;
- Simulador de Navegação Eletrônica (SimNav), Simulador de Máquinas (SimMaq) e Simulador de Passadiço para o CIAGA - operacionais; e
- Sistema Simulador de Guerra Naval para a EGN – operacional.

Adicionalmente, no que se refere ao adestramento dos meios de superfície, o Centro de Apoio a Sistemas Navais está desenvolvendo a raia de tiro virtual, importante recurso de simulação da Ilha de Alcatrazes.

Outro segmento dos **desafios estruturais**, o Centro de Estudos Político Estratégicos da Marinha (CEPE-MB), foi reorganizado a fim de se tornar o Think Tank da Marinha, e contribui com os demais setores da MB na realização de estudos complexos, multifacetados, com implicações a longo prazo, difíceis de serem realizados pelo pessoal da ativa, sujeito a imposições de carreira e naturais limitações de seu dia a dia. O desafio para o CEPE-MB é consolidar, ampliar e disseminar os estudos desenvolvidos pela Marinha.

**Ainda como desafio estrutural**, no setor de pessoal, é contínuo o aprimoramento da prestação da Assistência Médica Hospitalar (AMH), no Sistema de Saúde da Marinha (SSM). Dentre outras iniciativas, foi criado o Saúde Naval que visa a implementar medidas destinadas a melhoria da qualidade de vida e prevenção de enfermidades dos usuários do SSM.

### **Desafios de Ciência, Tecnologia, Inovação e Engenharia**

Ao longo da história, a evolução da ciência, da tecnologia e da engenharia militar impactaram muitos aspectos dos conflitos. Atualmente, esses impactos permanecem, com a diferença no escopo e na velocidade de tal evolução. Os desdobramentos dessa evolução tecnológica são imprevisíveis e representam uma revolução no modo de condução das guerras.

A Escola de Guerra Naval (EGN) deve aprimorar os estudos sobre os conflitos, não somente aqueles do passado e da atualidade, mas as possibilidades de conflitos no futuro. Como parte desse processo de reduzir as incertezas do futuro, a EGN por meio do Centro de Jogos de Guerra pode testar e exercitar as possibilidades de atuação do Poder Naval e obter as melhores formas para o seu emprego.

A ocorrência do "navio mercante autônomo" poderá implicar novas necessidades de aplicação do Poder Naval e impactar o tráfego marítimo comercial. Em uma rápida visão, temos as demandas sobre navegação (e-Navigation, satélites, Sensoriamento remoto e comunicações). Especificamente sobre o **e-Navigation** - que tem como propósito a redução de erros, tornando a navegação nas áreas marítimas e nas vias navegáveis interiores mais confiáveis e mais simples - observamos que não é um tipo de equipamento, mas sim um "conceito", contemplando uma ampla gama de sistemas e serviços integrados de informação relacionados à navegação.

As tecnologias e a engenharia militar modernas mudaram o Ambiente Operacional. Nesse novo ambiente, as imagens de satélites dificultam a ocultação de Forças Navais e a Guerra Cibernética é uma realidade. Estamos sofrendo ataques, tanto em setores do governo como na iniciativa privada. Assim, considerando a guerra da informação, são exigidos marinheiros e fuzileiros altamente qualificados e motivados.

Os cabos submarinos de fibra óptica são fundamentais para a comunicação, interligam seis dos sete continentes da Terra (**exceção da Antártica**). Esses cabos atravessam os oceanos e fazem com que a troca de informações entre os países seja rápida e eficiente.

Para nos adaptarmos a essa nova realidade, **surgem novos desafios** para a **proteção cibernética** de nossas Forças e para o recrutamento e capacitação de pessoal capaz de operar nos novos domínios do Ambiente Operacional: **o espacial e o cibernético**. Percebe-se uma presença cada vez maior dos *drones* no campo de batalha, passando de poucas dezenas, no início do século, para milhares atualmente, conforme mencionado por Peter Singer em seu livro *Wired for War*, e ocupam os três ambientes: terra, mar e ar. As armas a laser e eletromagnéticas e as hipersônicas são uma nova alternativa para sistemas de armas.

Em que pese a importância dos desafios estratégicos apresentados, temos que considerar que a capacidade das Marinha cumprir os objetivos pretendidos está relacionada com o desenvolvimento científico, tecnológico e da engenharia dos respectivos países. Dessa maneira, posicionar a MB entre as Marinhas de maior destaque no cenário mundial é o maior desafio, que só poderá ser alcançado se houver avanços significativos nas áreas prioritárias indicadas na Estratégia de CT&I, elaborada no âmbito da nossa Marinha.

A definição de estratégias para colocá-las no mesmo nível com as Marinhas mais desenvolvidas depende da capacidade da MB em identificar fatos portadores de futuro e propor ferramentas que contribuam para a tomada de decisão sobre os investimentos a realizar. É necessário aumentar o dispêndio em pesquisa e desenvolvimento (P&D), incluindo parcerias com as academias e a BID, e ser capaz de atrair e manter os recursos humanos necessários.

Para atender às Marinhas do Amanhã e do Futuro, às necessidades do Poder Naval na Amazônia Azul, o Sistema de CT&I da MB enfrenta grandes desafios, **além da obtenção continuada de recursos financeiros**, de modo a dar prosseguimento aos projetos em desenvolvimento; e, o que reitero como mais importante, termos recursos humanos da carreira de engenharia para o amplo conhecimento sobre os diferentes ambientes operacionais de interesse da Marinha do Brasil.

Outro importante desafio é a redução do *gap* tecnológico e a obtenção da independência tecnológica da Marinha e do Brasil em produtos de defesa.

O investimento em meios navais atualizados representa buscar a capacidade técnica e gerencial para usar e operar tecnologias existentes. Daí a necessidade de uma maior participação do setor de ciência, tecnologia e engenharia nos contratos de **Offset**, de modo a:

- Manter a **capacitação de recursos humanos** na área de Propriedade Intelectual (PI);
- **Desenvolver tecnologias**, notadamente as "Tecnologias-Chave", que possam contribuir para a soberania tecnológica do País;
- **Domínio da Inteligência Tecnológica**; e
- Contribuição para a tomada de decisão do **Conselho de Ciência e Tecnologia da Marinha**.

## **Desafios Orçamentários**

A abrupta mudança da conjuntura econômica do País, em 2014 e a Emenda Constitucional (EC) nº 95/2016 instituiu o Novo Regime Fiscal (NRF) no âmbito do Orçamento Fiscal e da Seguridade Social da União, com o objetivo de conter a expansão da despesa pública primária (cresceu em média 6% acima da inflação entre 2008-2015), o que é considerado fundamental para reduzir a ascendente trajetória da dívida pública.

O NRF vigorará por vinte exercícios financeiros, com limites individualizados para as despesas primárias de cada um dos três Poderes, do MPU e da DPU, sendo que cada um dos limites equivalerá, ao valor do limite referente ao exercício imediatamente anterior, corrigido pela variação do IPCA.

Para se adaptar a nova realidade orçamentária, a Alta Administração Naval vem promovendo mudanças na estrutura administrativa da Marinha, por meio da Gestão Estratégica, no Controle Interno, visando mitigar riscos e garantir o *compliance*, na concentração logística, OM reestruturadas para otimizar os recursos humanos, materiais e financeiros.

O NRF foi determinante para a decisão de aprimorar a atribuição de prioridades dos programas e projetos da MB e do aperfeiçoamento da Gestão Orçamentária e de Pessoal da MB. Nessa tônica, a criação do **Plano de Metas YANKEE**, que concentra todas as **Metas Prioritárias da Marinha** e propicia um novo mecanismo, no Sistema do Plano Diretor, para a **prioridade e alocação** dos recursos disponibilizados à MB.

Apesar do NRF implicar na dificuldade no reaparelhamento da MB, percebeu-se que a EC nº 95/2016, permite que o aumento de capital de empresas estatais, não dependentes, esteja fora da base de cálculo e limites para o teto. Assim, foi idealizado o modelo de negócio, incluindo a EMGEPRON, como empresa pública não dependente, para viabilizar financeiramente o projeto dos Navios da Classe Tamandaré.

### **Considerações finais**

Para enfrentar os novos desafios para o Poder Naval, apesar de demandar recursos financeiros significativos, será necessário para o pessoal da MB perseverar na capacitação, sair da zona de conforto e, continuamente, atribuir a devida importância aos valores de nossa Marinha, tão bem representados na Rosa das Virtudes e na Ética.

As pesquisas relacionadas aos veículos autônomos (meios não tripulados), para emprego aéreo, terrestre ou marítimo (na superfície ou submerso), estão no caminho principal dos investimentos para os próximos anos. A filosofia é a redução de custos e riscos para os combatentes, permitindo, também, uma maior autonomia de emprego de meios nas cenas de ação. Temos a **robotização da guerra**. A primeira fase desse processo ocorreu com o emprego de Veículo Aéreo Não Tripulado, como vetor de atuação para realizar incursões perigosas ao território dominado pelo inimigo.

Na identificação das ameaças ao Brasil, com a superação do **"pacifismo unilateral"**, e o fortalecimento da **Mentalidade Marítima** temos os alicerces de um Brasil próspero, que viabiliza capacidades político-estratégicas equivalentes às suas potencialidades.

A MB por meio de sua **Rosa das Virtudes** apresenta valores organizacionais que representam os princípios que devem nortear as ações e a conduta do seu pessoal. Tais valores se traduzem por meio do conjunto dos princípios, costumes, tradições, normas estatutárias e regulamentos que regem o juízo de conduta do militar da Marinha e é entendido como **Ética Militar Naval**.

A história da civilização humana respalda o entendimento de que o Poder Marítimo prepondera nas relações internacionais; assim, podemos afirmar que a **Amazônia Azul representa o presente, o amanhã e o futuro do Brasil**.